



Vivências Solidárias na Busca pela Terra

Irmãs Missionárias
Scalabrinianas
junto aos Migrantes
Sem-Terra

Elda Broilo
Zenaide Ziliotto
Carmem Lussi
ORGANIZADORAS

**VIVÊNCIAS SOLIDÁRIAS
NA BUSCA PELA TERRA**

**IRMÃS MISSIONÁRIAS SCALABRINIANAS
JUNTO AOS MIGRANTES SEM-TERRA**

SÉRIE MEMÓRIAS

2021. Marivane Chiesa (Org.). **Bienvenu Shelter. 20 anos de acolhida, cuidado e empoderamento.**

2021. Marivane Chiesa (Org.). **Bienvenu Shelter. 20 years of welcoming, caring and empowering.**

2011. Laura Bondi. **Madre Assunta Marchetti. Uma vida missionária.**

2015. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1971/2001.**

2006. Província Maria, mãe dos migrantes – Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas (Org.). **Profecia Itinerância Caminho. 15 anos de Serviço aos Migrantes.**

2007. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1934-1971.**

2005. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1895-1934.**

ELDA BROILO | ZENAIDE ZILIOUO | CARMEM LUSSI
Organizadoras

**VIVÊNCIAS SOLIDÁRIAS
NA BUSCA PELA TERRA**
**IRMÃS MISSIONÁRIAS SCALABRINIANAS
JUNTO AOS MIGRANTES SEM-TERRA**



Brasília
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vivências solidárias na busca pela terra [livro eletrônico] : Irmãs Missionárias Scalabrinianas juntos aos migrantes sem-terra / organizadoras Elda Broilo, Zenaide Ziliotto, Carmem Lussi. -- Brasília, DF : CSEM, 2024. -- (Série memórias ; 8).

258 p.; il.; 22 cm.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85775-07-6

DOI: doi.org/10.61301/isbn.978-65-85775-07-6.2024.v08.256p

1. Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas – História. 2. Histórias de vidas. 3. Memórias. 4. Narrativas pessoais. 5. Reflexões. I. Broilo, Elda. II Ziliotto, Zenaide, III. Lussi, Carmem. VI. Série.

24-194738

CDD – 920

Índices para catálogo sistemático:

1. Histórias de vidas : Biografia 920

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB 1/3129



SRTVN 702 – Conj. P – Ed. Brasília Rádio
Center – Sobrelojas 01/02
70719-900 – Brasília/DF – Brasil
Tel. +55 61 3327 0669
E-mail: csem@csem.org.br
www.csem.org.br



Irmãs Missionárias Scalabrinianas
Via Monte del Gallo, 68
00165 – Roma – Itália
Tel. +39 06 393 773 320
E-mail: segreteria generale@scalabriniane.org
www.scalabriniane.org

*Sem Terra, retirante,
da vida amante,
não ande sozinho e sem rumo
pelos caminhos.*

*Junta-te a mais um
a mil a milhões deste País.
Avance, ocupe a “terra que esconde o pão”
e bendiz!*

*Busque da terra a madeira
hábil artista marceneiro!
Constrói a tua casa,
afague a tua amada,
aconchegue teus filhos.*

*Lavrador
prepare a terra,
deite a semente,
faça silêncio,
espere.*

*Chegado o tempo,
Alegra-te!
Eis o trigo!
Recolhe o fruto,
leve-o ao moinho!
Ele tritulará este grão,
fará dele farinha,
promessa de pão.*

*E tu mulher,
meiga e feminina,
mãe, irmã e amiga,
misture as porções,
amasse o pão, e
diligentemente
reparta-o para os teus e os que chegam,
mata-lhe a fome!
Coloque-o na sacola para os que partem
garantia feliz de sua chegada.*

TERRA, CASA E PÃO

Elda Broilo,

15/07/95

Organização: Elda Broilo; Zenaide Ziliotto; Carmem Lussi
Supervisão: Ir. Neusa de Fátima Mariano, Superiora Geral MSCS
Ideia original: Ir. Lice Maria Signor, mscs

Contribuíram para este volume:

Ir. Albertina Pauletti, mscs
Ir. Ana Maria Delazzeri, mscs
Ir. Claudina Scapini, mscs
Ir. Clotilde Pellegrini, mscs
Ir. Darcilla Antonioli, mscs
Ir. Deonilda Vígolo, mscs
Ir. Dinair Xavier, mscs
Ir. Elda Broilo, mscs
Ir. Elena Vígolo, mscs
Ir. Idalina Pellegrini, mscs
Ir. Isaura Paviani, mscs
Ir. Lucia Boniatti, mscs
Ir. Luciana Pitol, mscs
Ir. Maria do Rosário Onzi, mscs
Ir. Maria Helena Aparecida, mscs
Ir. Maria Tonello, mscs
Ir. Marilucia Bresolin, mscs
Ir. Norma Kleinubing, mscs
Ir. Oneide Potrich, mscs
Ir. Rosa Maria Smaniotto, mscs
Ir. Zenaide Ziliotto, mscs
Iracema Pietrobiasi
Maria Ozânia da Silva
Rita Zanotto

Revisão textual: Ir. Elena Ferrarini, mscs

Design da capa: Michael Starllone de Araujo Arquilino

Diagramação: Traço Diferencial

SUMÁRIO

PREFÁCIO / 11

APRESENTAÇÃO / 13

INTRODUÇÃO / 15

Capítulo 1 / 21

1 A luta pela terra e a renovação da orientação pastoral da igreja no Brasil / 22

1.1 A fase da contenção e a busca pela manutenção da ordem social, 1950 a 1970 / 23

1.2 A fase da renovação pastoral e o compromisso com a luta pela terra, 1970-1990 / 29

Capítulo 2 / 43

2 Itinerários de vida e missão / 44

2.1 Relato de Ir. Elda Broilo – Palmito, Novo Mundo, Goiânia, GO / 47

2.2 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – Itapirapua e Cidade de Goiás, GO / 49

2.3 Relato de Ir. Rosa Maria Smaniotto – Naviraí, MS / 50

2.4 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – Diocese de Goiás, GO / 52

2.5 Relato de Ir. Maria Helena Aparecida – Teodoro Sampaio, SP / 55

2.6 Relato de Ir. Elena Vigolo – Teodoro Sampaio, SP / 57

2.7 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – Sobre o compromisso na luta pela terra / 58

2.8 Relato de Ir. Elda Broilo – Evangelização e profetismo através da arte / 64

2.9 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – O acampamento na Fazenda Mosquito, GO / 70

- 2.10 Relato de Ir Elda Broilo – junto aos sem-terra no Rio Grande do Sul / 78
- 2.11 Relato de Ir. Elda Broilo – O massacre da Fazenda Santa Elmira, RS / 80
- 2.12 Relato de Ir. Elda Broilo – A Palavra de Deus e a Arte a serviço do povo / 83
- 2.13 Relatos de itinerância juntos aos sem-terra – presença em 11 estados / 90
- 2.14 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – após 20 anos de caminhada com os sem-terra / 92
- 2.15 Relato de Ir. Elda – do sonho à realidade / 94

Capítulo 3 / 97

3 Memórias de vivências marcantes / 98

- 3.1 Acampadas com os sem-terra em Palmeiras das Missões, RS / 99
- 3.2 Levantar acampamento e partir – Diocese de São Miguel das Missões, RS / 107
- 3.3 Carta escrita no acampamento para as coirmãs / 111
- 3.4 O contexto no qual a luta pela terra se estruturava / 116
- 3.5 A caminho da ocupação da Fazenda Buriti, RS / 117
- 3.6 A ocupação e a mística / 122
- 3.7 A gestão dos conflitos e a negociação / 129
- 3.8 Mais um acampamento e muitos desafios / 131
- 3.9 Acampamento no Salto do Jacuí, RS / 136
- 3.10 O acampamento São Carlos – Goiás, GO / 140
- 3.11 Os passos finais da conquista / 145
- 3.12 Relato de Ir Zenaide Ziliotto – Uma noite feliz que fez a diferença / 147
- 3.13 Ir. Elda Broilo na organização interna do acampamento em Tupanciretã, RS / 149

Capítulo 4 / 160

4 Novas estratégias de atuação a partir dos anos de 1990 / 151

- 4.1 Depois do acampamento, seguimos com eles / 161

- 4.2 Relato de Ir. Idalina Pellegrini – atuação em Fortaleza, com o MST / 163
- 4.3 Ir Elda Broilo, do Sul ao Nordeste – parcerias com o MST / 167
- 4.4 Relato de Ir. Luciana Pitol – Assentamento em Campos Novos, SC / 169
- 4.5 Solidariedade na luta por terra e dignidade em Rondônia e Mato Grosso do Sul / 173
- 4.6 Metodologia e a vocação na atuação MSCS junto aos sem-terra / 176
- 4.7 MST – Movimento Sem Terra e a fixação do camponês na terra / 180

Capítulo 5 / 183

5 Partilhando vida e fé junto aos Sem-Terra / 184

- 5.1 Mística na luta / 184
- 5.2 Caminhar com amor junto com o povo que canta sua fé na luta / 187
- 5.3 Nossa atuação como Irmãs MSCS junto aos acampados do MST / 190
- 5.4 O que nos sustentou nesta missão / 193
- 5.5 Aprendizagem para a vida e a missão / 197
- 5.6 Sobre a grandeza da missão junto aos sem-terra / 201
- 5.7 Lembrando e escrevendo hoje sobre aquela atuação / 203
- 5.8 Com a palavra, amigas/os e colaboradoras/es / 210
- 5.9 Compromisso e testemunho de libertação / 216

Capítulo 6 / 218

6 Memórias e significados da atuação mscs junto aos sem-terra elementos de análise / 219

- 6.1 No coração da igreja – uma eclesiologia libertadora / 223
- 6.2 A missionariedade scalabriniana em ação / 231
- 6.3 Uma espiritualidade encarnada / 237

PREFÁCIO

VIVÊNCIAS SOLIDÁRIAS NA LUTA POR TERRA E DIGNIDADE

Significado da arte

Este livro fala de vida!

“Vida vivida a Serviço da Vida” durante os anos que vivemos o rosto de Cristo estampado nos que desafiaram a ordem e começaram a lutar por um pedaço de terra para viver e produzir sua existência!...

Motivadas pelo Concílio Vaticano II, fomos convocadas a nos voltar para os pobres preferidos de Deus para construir uma nova igreja, a da libertação. E nos lançamos com o coração aberto para VIVER entre Eles, sendo UMA com eles!

A experiência do ROSTO DE DEUS NOS POBRES SEM TERRA se resume nesta arte:

A “MÃE-TERRA” é a nossa Casa Comum! A Pacha Mama!

A Fonte Criadora de tudo o QUE É, criou a Terra fértil, terna, fecunda, geradora e sustentadora de vida abundante, a criou livre e para todas as suas criaturas. A recebemos de presente! Somos parte dela.

A ganância, a cobiça, o poder, o domínio e a ambição, lhe impôs as terríveis e desumanas cercas de arame farpado e a chamam de “propriedade particular”. Eles a envenenam, a enfraquecem, forçam os pobres a migrarem e escondem as sementes que nos dão o pão da vida, da dignidade, do direito, da liberdade de ter terra, casa e pão.

Porém, a Tenda do Amor, o Sopro da Vida, da Justiça, da Verdade, da Dignidade e do Direito, se encarnou no coração dos pobres e sem-terra, que acampou, ocupou o latifúndio e o enfrentou:

- as cercas, derrubou,
- as sementes, na terra semeou, a fartura brotou,
- as bocas da fome, saciou,
- as famílias, juntou e aconchegou, e a partilha se instalou para todos!

A Mãe Terra feliz, a dignidade outra vez lhes entregou!

Na luta por este direito, muito sangue foi derramado, muita dor nos corações transpassou, o desânimo e o desespero quase se instalaram! Mas a força energética da Vida Daquele que por amor se entregou, deu sentido a este sangue que regou sonhos, teimosias, resistências, vitórias, abriu caminhos de sabedoria, de fortaleza, conhecimento, igualdade, respeito e acolhimento às diferenças, construtores da Paz!

Aos sem-terra a vista clareou e a solidariedade aos quatro cantos da terra espalhou!

O esperar desta gente abre caminhos do saber, do aprender, do fazer e do ser verdadeiros cidadãos.

A mística vivida no cotidiano nutre a espiritualidade, a fé, a coragem, a clareza, a determinação, o compromisso coletivo da intenção de seguir libertando a terra da cerca e do veneno, e socializá-la a milhões de empobrecidos da Nação, e devolvê-la limpa e rica aos povos originários.

Então podemos dizer que, a mais de 40 anos de luta pela Reforma Agrária, o céu desce à terra fazendo Novas todas as Coisas e da terra sobe ao céu a alegria, a festa, a dança, a arte, o júbilo, o louvor, a gratidão ao Sopro Cuidador da Vida!

Ir. Elda Broilo, mscs

Fevereiro de 2024

APRESENTAÇÃO

No momento histórico em que toda a Igreja vivia o *kairós* do período sucessivo à conclusão do Concílio Vaticano II, também nós Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinanas vivenciamos um período de forte impulso renovador, que deu vitalidade, fortaleceu a missionariedade, interpelou profundamente as Irmãs e a Congregação, em vista de uma resposta criativa, na fidelidade ao carisma scalabriniano.

Um dos movimentos desse dinamismo que o Espírito suscitou em nossa Congregação MSCS foi a participação no processo de implementação do Concílio que foi desenvolvido na América Latina. Com Medellín as Irmãs e comunidades MSCS do Brasil, em particular, se mobilizaram em unidade e colaboração com a Igreja local que abraçou a opção preferencial pelos pobres, especialmente no Centro-Oeste e Norte do país.

As presenças missionárias que, nos estados onde a Congregação estava presente até então no Sul e no Sudeste, partiram em missão para outras realidades eclesiais, socioeconômicas e culturais, iniciando por Goiás e ampliando para outros estados do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste, sucessivamente, a partir do ano de 1970, atuaram diretamente com migrantes sem-terra, na busca por vida, terra, pão e dignidade. Foram dezenas de Irmãs MSCS, algumas enviadas especificamente para o contexto da mobilização pela conquista da terra, e outras, como acolhida e participação na vida do povo e da Igreja local onde estavam inseridas, e onde pessoas sem-terra migravam em busca de melhores condições de vida ou se esforçavam para conseguir terra para não ter que migrar. Em assentamentos onde as Irmãs atuaram, contribuíram na integração e na promoção de muitos.

Este volume recolhe testemunhos, memórias, histórias, reflexões e partilha, após ao menos 50 anos de quando iniciou a missão junto aos sem-terra, no contexto brasileiro. Ainda podemos evidenciar a intensidade da vitalidade e a nostalgia, que permanecem vivas no coração e na mente de quem participou da atuação missionária MSCS, na caminhada em busca pela terra.

A itinerância, que marcou os passos de nossas missionárias, anima e interpela a Congregação ainda hoje. Nos desafia, nos impulsiona na vocação, na missionariedade e no serviço itinerante, alimentando em nós a capacidade de sair de nós mesmas, em direção às periferias humanas e existenciais. Lendo esse volume é possível escutar o chamado que as nossas Irmãs escutaram e contemplar a ação operosa de Deus em nossa história, nas etapas do caminho que percorremos, e acolher o dom do Espírito que nos nutre e fortalece a vivermos a missionariedade, sendo *migrantes com os migrantes*, na esperança.

É um movimento existencial, espiritual e pastoral, de dedicação no serviço junto aos migrantes e refugiados, especialmente os que vivem situações de maior vulnerabilidade. A leitura dessas memoráveis e significativas páginas possa fazer desabrochar em nossos corações e em nossa mente a gratidão pela história vivida, testemunhada e celebrada, que guardamos, partilhamos e queremos fazer frutificar, para colher e acolher o testemunho que o legado nos deixa.

Roma, 02 de fevereiro de 2024.

Dia mundial da vida religiosa consagrada.

Ir. Neusa de Fátima Mariano, mscs
Superiora Geral

INTRODUÇÃO

Memória, história e reconhecimento

No vasto campo da filosofia contemporânea, a interseção entre memória, história e reconhecimento emerge como uma arena fecunda para a reflexão sobre a condição humana e sua relação com o passado. E o que o/a leitor/a irá encontrar nesta obra é justamente essa experiência ontológica da história.

Para isso, a fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur (1913-2005) desponta como uma abordagem seminal, oferecendo *insights* profundos sobre como a experiência da memória molda nossa compreensão da história e, por sua vez, influencia os processos de reconhecimento mútuo.

Em sua obra magistral “A memória, a história e o esquecimento”¹, Ricoeur lança luz sobre os mecanismos pelos quais a memória individual e coletiva se entrelaçam, moldando narrativas históricas e construindo identidades sociais.

Para Ricoeur, a memória é entendida como um fenômeno complexo que envolve tanto aspectos individuais quanto coletivos, relacionados à experiência humana e à construção do conhecimento histórico. Ricoeur destaca que a memória não é simplesmente uma reprodução mecânica do passado, mas sim um processo interpretativo e criativo, permeado por significados e narrativas. A memória é inseparável da linguagem e da narrativa, pois é através delas que damos forma e sentido às nossas lembranças.

Outro aspecto relevante da interpretação de Ricoeur sobre a memória é sua dimensão temporal. Ele argumenta que a memória não é apenas um registro estático do passado, mas sim uma

¹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

reconstrução contínua e dinâmica, moldada pelo contexto presente e pelas expectativas futuras. A memória não está limitada ao passado, mas também se projeta no presente e no futuro, influenciando nossas ações e decisões. Nesse sentido, a memória não é apenas um depósito de lembranças, mas também uma fonte de identidade e de orientação para a ação.

Além disso, Ricoeur ressalta a dimensão ética da memória, alertando para os perigos do esquecimento seletivo e da manipulação da memória para servir a interesses políticos ou ideológicos. Ele argumenta que a memória autêntica requer um compromisso com a verdade e a justiça, buscando dar voz às experiências marginalizadas e construir uma narrativa inclusiva do passado.

Paul Ricoeur também estabelece uma relação profunda entre memória e historiografia, destacando que ambos os processos estão intrinsecamente ligados na construção do conhecimento histórico. Argumenta que a historiografia, enquanto disciplina acadêmica, depende da memória tanto como fonte quanto como objeto de estudo.

Em primeiro lugar, ele enfatiza que a memória é uma das principais fontes utilizadas pelos historiadores na reconstrução do passado. As narrativas individuais e coletivas produzidas pela memória fornecem dados e testemunhos que são essenciais para a elaboração de narrativas históricas. No entanto, ressalta que a memória não é uma fonte neutra e objetiva, mas sim uma construção interpretativa que reflete as perspectivas e os interesses dos sujeitos que a produzem. Portanto, os historiadores devem estar atentos aos processos de seleção, interpretação e reinterpretação que estão presentes na construção da memória, buscando compreender suas implicações para a produção do conhecimento histórico.

Por fim, Ricoeur destaca que a relação entre memória e historiografia não é apenas uma questão de fontes e metodologia, mas também de ética e política. Ele argumenta que os historiadores têm a responsabilidade de reconhecer e dar voz às diferentes memórias que coexistem na sociedade, buscando construir uma narrativa histórica inclusiva e plural. Isso implica em um constante diálogo entre as lembranças individuais e coletivas, e em uma reflexão crítica sobre os processos de esquecimento e silenciamento que podem obscurecer determinados aspectos do passado.

Assim, Ricoeur propõe uma abordagem hermenêutica da memória e da história, destacando a necessidade de uma reflexão ética e epistemológica sobre o processo de rememoração e narração do passado. Ele sugere que a intersecção entre memória e história não apenas enriquece nossa compreensão do passado, mas também nos permite refletir sobre as condições de possibilidade do conhecimento histórico e suas implicações para o presente e o futuro.

Ao contemplarmos a interconexão entre memória, história e reconhecimento, é notável como esses elementos se entrelaçam para dar forma à compreensão de quem somos como indivíduos e sociedade. A fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur oferece uma lente valiosa para analisar como as narrativas pessoais e coletivas moldam nossa relação com o passado, influenciando nossas identidades e percepções históricas.

Uma presença entre os sem-terra

O trabalho das Irmãs Missionárias Scalabrinianas junto aos trabalhadores sem-terra destaca-se como um exemplo vivo dessa tríade, onde a memória se entrelaça com a história e o reconhecimento emerge como elemento transformador. A memória, encarada não apenas como um arquivo do passado, mas como uma força ativa na construção de significado, torna-se uma ferramenta crucial para dar voz aos marginalizados, resgatar narrativas silenciadas e redefinir histórias coletivas.

O reconhecimento, por sua vez, emerge como um ato ético e político, possibilitando a valorização das experiências daqueles que foram historicamente excluídos. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas, ao trabalharem junto aos migrantes sem-terra, não apenas testemunharam as lutas dessas comunidades, mas também se comprometeram com o reconhecimento de suas dignidades, buscando transformações sociais e históricas profundas.

Assim, a conjugação desses elementos revela não apenas a importância da memória e da história, mas também a responsabilidade ética de reconhecer as vozes negligenciadas. Em um mundo permeado por desigualdades e injustiças, a abordagem de Ricoeur e a prática das Irmãs Missionárias Scalabrinianas destacam a necessidade de resgatar, reconstruir e reconhecer as narrativas esquecidas,

promovendo assim uma compreensão mais justa e inclusiva de nossa existência comum.

É nesse sentido que lemos e interpretamos os depoimentos das Irmãs Scalabrinianas em suas jornadas junto aos trabalhadores rurais sem-terra nos últimos 60 anos no Brasil.

Metodologia de pesquisa e resultados

Este volume é o resultado de um longo percurso construído a várias mãos. Há alguns anos, enquanto fazia coleta de fontes no processo de elaboração do Volume IV da História da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas (MSCS), a historiadora Ir. Lice Maria Signor convidou as Irmãs que haviam participado da experiência itinerante de atuação das Irmãs MSCS junto aos sem-terra, para escreverem memórias relevantes de suas vivências, que poderiam integrar o volume que estava sendo escrito. Algumas Irmãs enviaram suas anotações em breves parágrafos ou até uma ou duas páginas de texto. A Ir Elda Broilo mandou quase 100 páginas de seus registros de memórias e, sucessivamente, a Ir Zenaide Ziliotto enviou mais de 40 páginas também, com suas anotações. Textos densos, apaixonantes, muito ricos em conteúdos relativos às memórias das vivências, nas mais diferentes realidades, registrando significados e compartilhando aprendizagens sobre a atuação MSCS junto aos migrantes sem-terra, no contexto brasileiro.

A leitura do material recebido motivou a Superiora Geral e Conselho a confiar ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM a tarefa de coletar os dados das Irmãs MSCS que viveram experiências de atuação missionária junto aos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra, para poder publicar, em um livreto, pensava-se então, seus testemunhos, para partilhar aquelas memórias, com o objetivo de aprender da experiência vivida e beber da fonte daquelas vivências compartilhadas e interpretadas pelas próprias protagonistas. Um elã missionário que impulsionou a missionariedade scalabriniana na Congregação MSCS em décadas de trabalho junto aos sem-terra, que tem a força e a graça de fortalecer a missionariedade criativa e responsável também hoje e amanhã.

Todas as Irmãs que haviam enviado algum texto foram ouvidas, em entrevistas semiestruturadas, gravadas através da Plataforma Zoom, conduzidas conjuntamente por Carmem Lussi, assessora do

CSEM e Sergio Ricardo Coutinho, historiador, que colaborou como assessor na pesquisa e no livro. Cada uma indicou nomes e repassou contatos de outras Irmãs MSCS e ex-Irmãs que participaram de alguma forma na mesma atuação; e todas as que foram citadas, também foram contatadas pelo CSEM, e puderam falar ou enviar artigos ou anotações sobre suas vivências. Todo o material recebido faz parte dessa obra. As 10 entrevistas gravadas, todas de cerca de 1 hora de duração, passaram por transcrição das partes relativas ao tema em estudo.

Foram feitos contatos com as Irmãs encarregadas dos arquivos das ex-Províncias Nossa Senhora Aparecida, Imaculada Conceição, Cristo Rei e Maria, Mãe dos Migrantes. Gratidão ao trabalho preciso e à colaboração das Irmãs Inês Faccioli, Neli Basso, Jucélia Dall Bello e Lucilene Carolina de França. Algumas das próprias Irmãs consultadas também enviaram documentos de arquivo que dispunham, em formato digital ou impresso (no caso foi digitalizado). Cerca de 120 documentos de arquivo histórico foram coletados e devidamente catalogados, em sua maioria cartas manuscritas, que serão mantidos num dossiê, no CSEM. Um bom número de testemunhas dessa atuação específica havia anteriormente escrito e publicado sobre suas experiências, em revistas e em livros com resultados de eventos da congregação, publicados pelo CSEM, textos estes que foram recuperados e estão citados na bibliografia do último capítulo.

A elaboração do volume foi também uma construção lenta e circular. Muito diálogo e tentativas. Primeiro foi construída uma linha do tempo, para situar quem, quando e onde participou em atividades e projetos junto aos sem-terra, e sucessivamente também junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST. Algumas das Irmãs que deram seus testemunhos foram consultadas sucessivamente, para esclarecer dados que não estavam claros nos textos ou para completar informações que eram insuficientes para compor uma memória a ser narrada em modo de ser entendida. Nesse processo, por sugestão do Sergio Coutinho, optou-se por costurar todos os textos em um conjunto de narrativas que pudessem ser lidas para revisar aquelas vivências, mais do que ouvir relatos justapostos. E assim nasceram os quatro capítulos centrais, com os textos recolhidas durante a fase de busca de dados e escuta de testemunhas:

O capítulo 2 – Itinerários de vida e missão, em que se reconstrói, em grandes pinceladas, o percurso dos quase 50 anos dessa atuação MSCS; a seguir, o capítulo 3 – Memórias de vivências marcantes, recolhe alguns relatos mais detalhados, em que algumas Irmãs MSCS registraram eventos e sentimentos, significados e aprendizagens particularmente fortes. No capítulo 4 – Novas estratégias de atuação a partir dos anos de 1990, foram recolhidos textos que dão a visão ampla e variegada das muitas realidades e projetos em que as Irmãs atuaram na luta pela terra no Brasil, no contexto rural, mas também em áreas urbanas; já o capítulo 5 – Partilhando vida e fé junto aos sem-terra, recolhe memórias das Irmãs e de outras pessoas que com elas colaboraram, sobre a experiência transformadora para a vida, a fé, a vocação e a missionariedade scalabriniana que a partilhar da vida e o caminhar junto aos sem-terra, apoiando-os e fortalecendo suas lutas e o que isso significou para quem viveu aquela história.

Ao mesmo tempo, o Sergio Coutinho escreveu o capítulo 1, contextualizando o que foi e o que ainda representa a luta pela terra no Brasil, com particular atenção a como a igreja no Brasil viveu essa pauta. E a Carmem Lussi, no capítulo 6 traçou alguns elementos de análise, fazendo ecoar novamente as vozes e as interpretações que as próprias protagonistas atribuíram àquelas vivências.

Antes de concluir, uma gratidão especial não pode ser calada: a dedicação da Ir Elda Broilo em acompanhar, apoiar e colaborar nesta construção e interpretação coletiva de memórias missionárias scalabrinianas e femininas, que aqui são publicadas para que a missionariedade das Irmãs MSCS nunca pare de fortalecer-se e produzir frutos para a vida com dignidade para migrantes e refugiados/as, fazendo o Reino presente no meio de nós.

Carmem Lussi e Sergio Coutinho

Brasília, fevereiro de 2024.

"CAREQUEMOS, SIM
NO REINADO DA MAIS DIGNA ALEGRIA
E A FELICIDADE CONTINUARA SENDO
DIREITO DE CADA SER VIVO
E DE TODOS NÓS
... BRINDEMOS...
AO AMOR CRIANÇA
EM NOSSAS VEIAS !"

2010



CAPÍTULO 1

A LUTA PELA TERRA E A RENOVAÇÃO DA ORIENTAÇÃO PASTORAL DA IGREJA NO BRASIL

Sergio Ricardo Coutinho¹

Introdução

A luta pela terra no Brasil sempre foi expressão de ações de repressão, mortes, torturas e assassinatos de muitas lideranças, quando não muitas das iniciativas de organização popular ficaram sob as cinzas e/ou clandestinas.

A partir da segunda metade do século XX, a preocupação da Igreja Católica no Brasil com temas relativos ao campo, como, por exemplo, a reforma agrária, passou a ter contornos institucionais. Não se quer dizer que antes desse período não houvesse interesse da Instituição pelo tema, mas se tratava de outra conjuntura. A partir da década de 1950, houve uma mobilização das populações rurais em torno da reforma agrária, sobretudo sob influência de novos atores sociais, cabendo aos comunistas, sob a condução do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o papel de protagonistas na disputa pelo “controle” da população empobrecida do meio rural, tendo a Igreja Católica um papel concorrente neste processo.

As Ligas Camponesas começaram suas atividades no Nordeste brasileiro (Pernambuco) no início da década de 1950. A pauta da reforma agrária passou a ganhar espaço no interior da agremiação,

¹ Sergio Ricardo Coutinho. Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), docente do curso de História na UPIS – Faculdades Integradas (DF) e de História da Igreja no Instituto São Boaventura (ISB) do Franciscanos Conventuais de Brasília-DF. É historiador-consultor de “Kairós: serviços em História Pública” (DF). ORCID: 0000-0003-3662-7473.

principalmente, quando ela esteve sob a liderança de Gregório de Bezerra e de Francisco Julião. Esse último tornou-se uma grande expressão no interior do PCB, em particular, nas questões que envolviam transformações na estrutura fundiária brasileira. Em pouco tempo, as Ligas ganharam corpo maior, espalhando-se por várias regiões do país, formando sindicatos, organizando grupos de camponeses, em especial posseiros que historicamente foram excluídos e marginalizados do processo produtivo e da possibilidade de apropriação da terra.

Foi a partir desta mesma década que a Igreja Católica apoiou a reforma agrária, porém, ao seu modo. Sem dúvida, sua compreensão não estava em sintonia com as outras propostas que se fizeram sentir, seja através das Ligas Camponesas, que mencionamos, no Nordeste do país, seja por meio do MASTER (Movimento dos Agricultores Sem-Terra) no Rio Grande do Sul, esse último capitaneado pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) do governador Leonel Brizola.

É importante afirmar aqui que esse apoio que indicamos da Igreja Católica consistiu em duas fases bem distintas. No período anterior a 1964, a preocupação motiva-se pela prevenção às agitações que ameaçavam o campo (Lenz, 2002, p. 598). O segundo período, após a ruptura institucional com o Golpe Militar, as transformações provocadas pela aplicação das decisões do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín (1968), vemos uma Igreja bem mais engajada no compromisso com os trabalhadores do campo e com uma justa reforma agrária.

1.1 A fase da contenção e a busca pela manutenção da ordem social, 1950-1970

O bispo Dom Inocêncio Engelke, do município de Campanha (Minas Gerais), em 1950, inaugurou, de certa forma, a primeira proposta de reforma agrária da Igreja no Brasil, com o documento “Conosco, sem nós, ou contra nós, se fará a reforma agrária”, o qual sistematizou as discussões da Primeira Semana Ruralista da Diocese de Campanha, que contou com a participação de 60 párocos rurais, 250 fazendeiros, mais de 270 professoras rurais, religiosos e religiosas (CNBB, 1981a, p. 43-53).

Interessante dizer que nesse encontro, não esteve presente nenhum trabalhador rural, nenhum camponês. Foi feito sob orientação e inspiração da Ação Católica Brasileira. A Carta Pastoral de Dom Inocêncio é de teor nitidamente conservador. Sintomaticamente, o documento surgiu poucas semanas após o PCB ter lançado um manifesto em favor de uma reforma agrária radical. O documento daquele bispo é significativo, porque expõe sem procurar disfarçar o contexto ideológico, ideias e preocupações que se manterão no centro das inquietações da Igreja nas décadas seguintes: “os dias confusos em que vivemos”, o êxodo rural e o despovoamento do campo, os efeitos desagregadores da vida na cidade, o perigo do comunismo e a agitação política no campo.

É sabido que a situação do trabalhador rural é, em regra, infra-humana entre nós. Merecem o nome de casa os casebres que moram? É alimento a comida que dispões? Pode-se chamar de roupas os trapos com que se vestem? Pode-se chamar de vida a situação em que vegetam sem saúde, sem anseios, sem visão, sem ideais? [...]

O cristianismo não se contenta com nossas esmolas – exige de nós justiça. E isso não com o pavor da revolta, mas por uma questão de fé, pois a fé nos ensina que sendo todos filhos do mesmo Pai que está nos Céus, somos todos irmãos” (*Revista do Assistente Eclesiástico*, 1950, p. 76 apud Bandeira, 2000, p. 219).

O documento chamava a atenção para a necessidade de melhoria das condições de vida da população no campo, através da participação do trabalhador nos lucros da empresa agrícola e do acesso à propriedade privada. Esta proposta, procurava articular o “espaço de experiência” acumulado em passado recente e um “horizonte de expectativas” em relação a atuação da Igreja Católica diante do problema da terra, caso ela não percebesse em tempo o perigo iminente da penetração de “agitadores” no meio rural. O documento sentenciava: “Já perdemos os trabalhadores das cidades. Não cometamos a loucura de perder, também, o operariado rural” (CNBB, 1981a, p. 43-53).

No mesmo ano de 1950, em Jundiá, no Rio Grande do Norte, outra Semana Rural reuniu representantes das três dioceses desse

estado. Contou, também, com a presença dos bispos vizinhos, Dom Delgado e Dom Portocarrero Costa, e entre os organizadores estava o futuro cardeal do Rio de Janeiro, Pe. Eugenio Salles.

A “Carta Pastoral sobre o Problema Rural”, resultado dos estudos em Jundiá, retratava a crescente impaciência no episcopado local:

A politicagem, agravada pelo já denunciado emprego do próprio jogo como meio de agradar o cabo eleitoral, constitui, igualmente, infelicidade muito triste. Comprar o voto começa a ser uma praga. Homens, de alta posição social, praticam e mandam praticar tamanho atentado (Rev. do Assistente Eclesiástico, 1951, p. 93, *apud.* Idem).

A Carta Pastoral de Jundiá realçava a necessidade de melhor definir as atribuições da União, dos municípios e dos distritos e recomendava a organização de cooperativas que atuassem como intermediárias entre o pequeno produtor rural e o consumidor.

A partir de então, multiplicaram-se as Semanas Rurais promovidas pelo episcopado brasileiro e muitos bispos passaram a apoiar a criação de Escolas de Serviço Social para que pudessem atuar junto aos trabalhadores rurais (Bandeira, 2000, p. 219-220).

No período em questão, há um sentimento anticomunista fortíssimo e explícito nos documentos oficiais da CNBB. Na história da Igreja Católica no Brasil, talvez, esse período do final da década de 1950 e início da de 1960 tenha sido o mais intenso nas ações contra a presença de agremiações e de ideias comunistas. O contexto político do período, a efervescência social produzida por instituições políticas e movimentos sociais, mas acima de tudo pela realidade vivida por grande parte dos pequenos agricultores no país. Havia uma grande mobilização das massas rurais por agremiações consideradas progressistas, as quais politizavam a pobreza e as desigualdades sociais. Essa politização é que preocupava a elite religiosa e oficial da Igreja Católica. Havia Bispos que se declaravam a favor da reforma agrária, da necessidade de exigência de justiça social. Documentos da CNBB de 1954 deixavam clara a preocupação social com a dignidade do homem do campo, porém, sem condenar abertamente o latifúndio.

Essa posição foi mais nítida em relação aos bispos do Nordeste, que, durante os anos 1950, participaram da elaboração de uma política governamental que promoveria a direta interferência do Estado na economia da região. Teve em vista a aceleração da industrialização e do desenvolvimento econômico, mediante a concessão de incentivos fiscais às grandes empresas privadas. Em consequência, foi criada uma agência de desenvolvimento, a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste).

A IIª Assembleia Ordinária da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), por meio do documento “A Igreja e a reforma agrária”, em 1954, ressaltava a pertinência de uma reforma agrária, em especial no que diz respeito à posse e ao uso da terra e aos meios de vida da população empobrecida do meio rural, com identificação maior aos pequenos agricultores, nas suas várias manifestações regionais do país, com o objetivo de fixá-los a terra como proprietários. O documento apresentava o conceito de reforma agrária elaborado pela CNBB, o qual consistia num conjunto de medidas que modificavam o então estatuto jurídico-social da propriedade rural, e tinha como objetivo:

[...] vincular o homem à terra como seu proprietário; possibilitar em larga escala o acesso à terra àqueles que estejam aptos a se tornar proprietários e criar condições para que o homem obtenha, pela posse e uso adequado da terra, os meios de proporcionar uma existência digna a si e à família, sem ferir as legítimas exigências do bem comum (Paiva, 1985, p. 88).

Nesse amplo contexto de embates e posições, outro elemento histórico importante no processo de desenvolvimento da compreensão e ação da Igreja sobre a questão agrária no Brasil foi o Iº Encontro dos Bispos do Nordeste. Reunidos em Campina Grande (PB), durante dois dias, no mês de maio de 1956, o encontro substanciou o “Movimento Nordeste”, ou seja, “o conjunto do comportamento político que configurou a união regional entre as classes subalternas, setores médios e certas frações da classe dominante” (Paiva, 1985, p. 89). A essência do documento era o discurso sobre o Nordeste explorado, subdesenvolvido, e a proposta de um projeto de industrialização, via alteração da estrutura agrária. Cabe destacar que a repercussão

do referido encontro se fez ecoar não somente na sociedade, mas também sobre o Estado; diretrizes elaboradas no encontro foram incorporadas pelo governo Juscelino Kubitschek.

Conforme Albert Hirschman, as autoridades eclesiais receberam a sanção da Presidência da República para a execução de vários projetos para comunidades por meio de grupos de trabalho, composto por representantes de diferentes agências. Esses grupos de trabalho ocupavam-se com projetos que iam desde o abastecimento e a purificação da água na cidade de Campina Grande, no sertão, até a melhor utilização de açudes e projetos de povoamento agrícola (Hirschman, 1965, p. 104). Sem dúvida, a Operação Nordeste, denominação desse movimento que envolveu o poder público federal e a Igreja Católica, embrião da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), teve como um dos elementos constitutivos o Iº Encontro dos bispos do Nordeste (Paiva, 1985, p. 90).

Já no IIº Encontro dos Bispos do Nordeste, realizado em Natal, em 1959, o conjunto do Episcopado da região considerou grave a situação da população habitante na área rural em virtude do atraso técnico, da concentração fundiária e da insuficiência de crédito. Para alterar tal realidade social, os bispos sugeriram, entre diversas propostas, a fixação do homem ao meio através do lote agrícola.

Contudo, as considerações da Igreja Católica sobre a reforma agrária, diante da crescente influência do Partido Comunista e das Ligas Camponesas no interior do Nordeste brasileiro, a partir de 1961, ressaltaram o caráter defensivo da Igreja, cuja preocupação central de manter sua influência na sociedade tornava secundária a preocupação com a questão agrária. A Comissão Central da CNBB, em uma reunião extraordinária entre 03 e 05 de outubro de 1961, sob a presidência de D. Jaime de Barros Câmara, e com a presença do Núncio Apostólico, D. Armando Lombardi, elaborou a declaração “A Igreja e a situação do meio rural brasileiro”, o qual dava ênfase à lógica produtivista no meio rural e o pequeno agricultor como sócio desse processo.

Essa declaração episcopal destacava a necessidade de integrar a agricultura brasileira ao ritmo do desenvolvimento nacional, enfatizando os seguintes aspectos:

- a) melhoramento das condições de infraestrutura;

- b) transformações nas técnicas de produção;
- c) aproveitamento de mão-de-obra liberada pela modernização;
- d) promoção de uma política econômica, abrangendo o regime fiscal, o crédito seguro social, o controle dos preços e o desenvolvimento das indústrias de transformação, a modernização dos estabelecimentos agrícolas;
- e) reafirmação do estabelecimento familiar como ideal de estabelecimento agrícola;
- f) apoio à organização profissional dos agricultores;
- g) eliminação das disparidades regionais (CNBB, 1981c, p. 122-125).

Tanto a Revolução Cubana de 1959, quanto a eleição de Jânio Quadros (1961) e a posse de João Goulart (1963) contribuíram em muito para que houvesse uma “guinada conservadora” no interior da Igreja Católica (Beozzo, 1994). Foi um período, sem dúvida, de grande envolvimento da Igreja Católica com a dimensão política e ideológica dos rumos do país. Isso tudo vai se refletir na sua ação no meio rural e nos combates aos movimentos sociais que possuem certa base política de cunho marxista, ou que se imaginava que tinham dimensões nesse campo.

O sentimento anticomunista foi melhor representado, no campo católico, pelo grupo Tradição, Família e Propriedade (TFP). Também este grupo, como se percebe no próprio nome, se posicionou em relação ao tema da propriedade da terra e da reforma agrária. O livro “Reforma Agrária, Questão de Consciência”, de autoria de Dom Antônio de Castro Mayer (bispo de Campos-RJ), Dom Geraldo de Proença Sigaud (bispo de Jacarezinho-PR), Plínio Correa de Oliveira e Luís Mendonça de Freitas, foi publicado nessa ocasião.

Os autores argumentavam que a reforma agrária, longe de ser uma solução para as desigualdades sociais no campo, poderia resultar em consequências negativas, como a fragmentação da propriedade rural, a queda na produção agrícola e a desestabilização econômica. Eles enfatizavam a importância da propriedade privada e da livre iniciativa na organização da sociedade rural, rejeitando a ideia de coletivização da terra.

Além disso, os autores criticavam a influência marxista nos movimentos sociais rurais e nas propostas de reforma agrária, argumentando que tais abordagens representavam uma ameaça aos valores tradicionais da família e da propriedade. Eles defendiam uma abordagem mais conservadora e baseada na moral cristã para lidar com as questões agrárias, enfatizando a necessidade de respeitar os direitos dos proprietários rurais e promover o desenvolvimento rural sustentável.

Quanto à solução dos problemas agrários, o livro, que se baseou bastante em dados divulgados pelo economista Delfim Netto, propunha, além da recuperação moral e religiosa do povo, que, “havendo terras incultas do Estado, cuja doação a trabalhadores é capaz de atenuar o problema agrário, não se compreende como possa não distribuir o que lhe sobre” (Mayer *et alii*, 1960, apud Bandeira, 2000, p. 233).

A CNBB, em 1963, pronunciou-se na defesa da reforma agrária, ao apoiar a Emenda Constitucional que permitiria a desapropriação por interesse social com indenização total ou parcial em dinheiro ou em títulos da dívida pública (CNBB, 1981d). Formou-se um pequeno grupo contrário à reforma agrária e discordante das posições oficiais da CNBB, liderado pelos bispos Dom Proença Sigaud e Dom Castro Mayer (LENZ, 2002, p. 600).

Nesse período, anterior ao golpe militar de 1964, os documentos episcopais ainda indicavam que, para os bispos, o desenvolvimento econômico, e claramente o desenvolvimento capitalista, orientando-se no sentido da justa distribuição da riqueza, resolveria o problema da miséria rural e, conseqüentemente, suprimiria a possibilidade do proselitismo e da expansão comunista entre os camponeses. Foi justamente nesse sentido que o golpe de Estado, de 31 de março de 1964, foi interpretado e acolhido pela Igreja.

1.2 A fase da renovação pastoral e o compromisso com a luta pela terra, 1970-1990

As tensões no campo, a desordem que aparentemente decorria da ação rural dos comunistas e dos militantes das Ligas Camponesas, impondo aos católicos mais do que um confronto ideológico, apareciam aos olhos dos bispos como resultado da agitação deliberada

das esquerdas e não do agravamento das tradicionais práticas da oligarquia agrária que penalizavam profundamente os camponeses e os trabalhadores rurais.

O modo como a Igreja desenvolveu sua interpretação sobre a questão agrária, ainda no tempo em que os problemas mais graves eram os do Nordeste, foi profundamente golpeado pelo modo como se deu a entrada do grande capital no campo. A experiência do Nordeste ensinou à Igreja que a questão agrária era produto do atraso econômico, social e político. Esse atraso, aparentemente, poderia ser vencido com a intervenção do Estado, através de uma política de desenvolvimento econômico que estimulasse a presença modernizadora do capital nas regiões atrasadas. A pobreza e a injusta distribuição da terra não eram concebidas como resultados da ação do capital, mas da sua ausência ou da sua insuficiência.

Mesmo quando, em 1963, a Igreja já se convencera de que a reforma agrária era necessária e que talvez não houvesse possibilidade de indenizar em dinheiro os grandes proprietários, mesmo assim considerava o direito de propriedade um direito sagrado. Ainda aí, os bispos acreditavam que se podia contar com uma certa conversão dos fazendeiros.

Na década de 1960, com o evento do golpe militar que pôs fim ao governo constitucional de João Goulart, a CNBB, muito provavelmente, acreditou no compromisso dos ditadores de implementar uma reforma agrária como uma das razões para a sua posição benevolente em relação ao próprio golpe e às práticas iniciais da ditadura. O fato é que ela pouco se fez presente nos sofrimentos dos que foram reprimidos por supostas práticas subversivas, de modo especial, as lideranças dos movimentos sociais e dos sindicatos de trabalhadores rurais. Sua prática limitou-se a cobrar, e sem grande empenho, a realização do Estatuto da Terra, uma lei aprovada em 1964 e que previa a realização de políticas de reforma agrária, de desenvolvimento agrário e de justiça trabalhista.

Com o passar dos anos, e com o crescimento das violências e do desrespeito aos direitos humanos, a CNBB foi assumindo uma posição mais crítica em relação ao regime. O evento mais importante nesta direção da conversão da CNBB em relação ao campo e a luta pela terra, aconteceu em 1975. Foi neste ano que ela respaldou a

realização de um Encontro de Pastoral da Amazônia, no mês de junho, na cidade de Goiânia e acatou a proposta de apoiar a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Foi uma conversão por diversas razões: reconheceu e acatou propostas de algumas Igrejas diocesanas que há mais tempo, com grande sofrimento e perseguições, realizavam práticas pastorais a serviço dos homens e mulheres do campo, defendendo os seus direitos, incentivando sua organização; acolheu e deu apoio à Comissão Pastoral da Terra, como um organismo oficioso ligado pastoralmente à CNBB, mas autônomo em sua forma organizativa e administrativa; tornou-se acolhedora dos crescentes gritos de socorro levantados pelos camponeses atingidos pela violência do latifúndio e pelas ações governamentais, totalmente comprometidas com os interesses deste e com a voracidade do processo de modernização agrícola, especialmente na Amazônia, implementado em favor das grandes empresas capitalistas nacionais e internacionais.

Também não foi tranquila a relação entre a CNBB e a CPT. Prova disso foi que já no segundo semestre de 1976, a CPT, com um ano de trabalho efetivo, foi convocada juntamente com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a dar explicações sobre sua forma de atuação e de organização na Reunião do Conselho Permanente da CNBB.

De fato, havia oposições, algumas radicais, representadas, especialmente, pelos membros da TFP (Tradição, Família e Propriedade), muitos deles bispos e padres, além das pressões dos militares e grandes proprietários feitas em nome de sua fé católica e da tradição de defesa da propriedade pela Doutrina Social da Igreja.

Mas a CNBB manteve uma relação adulta e crítica, quando necessário, com a CPT. De fato, a confiança se assentava na objetividade com que a CPT fundamentava suas denúncias, no testemunho da sua ação e na reflexão teológico-social dos Pais da Igreja. Foi assim que a CNBB apoiou a participação de bispos, articulados pelas CPT, na primeira “CPI da Terra”, realizado pela Câmara Federal no final da década de 1970. Em seus depoimentos, além de detalhados relatos do que ocorria nas diferentes regiões do país, foram apresentadas análises críticas do processo, com denúncias das violências e do de respeito aos direitos dos camponeses especialmente em relação ao

acesso e ao uso da terra, bem como sugestões do que se deveria fazer para que o solo brasileiro fosse colocado a serviço da vida de toda a população do país e do mundo.

Como expressão disso, a 18 Assembleia Geral da CNBB produziu o documento “Igreja e Problemas da Terra” (CNBB,1980). Na primeira parte do documento, os bispos fazem uma crítica contundente ao modelo de modernização do campo implantado no país, a partir de 1973, que resultam na concentração do capital e do poder.

De fato, a migração do campo para a cidade apresentou uma série de desafios, tanto para os migrantes quanto para as comunidades de destino. Os migrantes frequentemente enfrentaram dificuldades de adaptação, falta de moradia adequada, acesso limitado a serviços básicos como saúde e educação, além da competição por empregos em setores urbanos muitas vezes saturados. Por outro lado, as cidades enfrentaram problemas como aumento da informalidade, crescimento desordenado e sobrecarga nos serviços públicos.

A concentração de terras e recursos nas mãos de poucos proprietários rurais foi um dos principais problemas enfrentados nas áreas rurais. Essa concentração resultou em condições de vida precárias para muitos trabalhadores rurais, falta de acesso à terra para agricultores familiares e comunidades tradicionais, além de ter contribuído para a degradação ambiental. Essa realidade muitas vezes levou à migração de pessoas do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho.

Dom Tomás Balduino foi uma figura proeminente na defesa dos direitos dos trabalhadores rurais e na luta pela reforma agrária no Brasil. Como bispo, ele dedicou sua vida a denunciar as injustiças sociais e a promover a dignidade e os direitos dos mais pobres. Sua atuação influenciou diretamente políticas públicas voltadas para o campo e inspirou movimentos sociais em todo o país.

A partir de 1980 a questão da terra seria tema recorrente nos pronunciamentos e documentos da CNBB, em âmbitos nacional e regional, assumindo-a também em suas Campanhas da Fraternidade e em outras iniciativas. Foi sem dúvida muito forte seu empenho, por exemplo, na campanha pelo abaixo-assinado em favor da proposta popular em relação à reforma agrária e ao direito de propriedade de terra para a Constituinte nos anos de 1987 e 1988. Mesmo derrotada

por força do domínio do poder econômico, bem como da truculência dos grandes proprietários arregimentados pela União Democrática Ruralista (UDR), essa proposta popular continua até os dias de hoje como um marco de luta das forças que apoiavam a realização da reforma agrária como passo indispensável para que houvesse justiça social e efetiva democratização de oportunidades no país.

A Campanha da Fraternidade “Para onde vais?”, lançada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1986, representou um marco significativo na atenção dada à migração no contexto brasileiro. Esta campanha teve como objetivo central refletir sobre a realidade da migração no país, destacando os desafios enfrentados pelos migrantes e promovendo a solidariedade e ações concretas em favor dessas populações.

Por meio da Campanha da Fraternidade, a Igreja Católica no Brasil chamou a atenção para as causas estruturais da migração, como a concentração de terras, a falta de oportunidades de trabalho no campo, a seca e a degradação ambiental, entre outros fatores. Além disso, a campanha buscou sensibilizar a sociedade brasileira para a realidade dos migrantes, muitas vezes marginalizados e vulneráveis, enfrentando discriminação e dificuldades de acesso a serviços básicos.

Passados 20 anos da ditadura militar, José Sarney, um civil latifundiário, chega ao poder e de imediato se compromete a levar a efeito a reforma agrária prometida pelos militares. Mas os anos do governo se passaram sem que houvesse efetividade. Para imprimir novo rumo à política agrária, investiu em medidas paliativas: extinguiu algumas entidades e criou outras para os mesmos fins. Lançou o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNR) que propunha eliminar o latifúndio.

Enquanto a notícia do PNR criou expectativas nos camponeses sem-terra, causou impacto e trouxe dúvidas aos latifundiários. Estes temiam que a força das organizações populares se sobrepusesse e viabilizasse uma alteração da estrutura agrária do país e que, em vista disso, o Presidente da República, embora um latifundiário, levasse a sério o Plano da Reforma Agrária. Foi diante dessas incertezas que os produtores rurais passaram a se articular. Procuraram formar um grupo coeso capaz de garantir a manutenção da estrutura agrária vigente.

Em fins de junho de 1985, os latifundiários realizaram em Brasília um Encontro Nacional de Produtores Rurais. Seus participantes formavam alas distintas: uns produtores “moderados”, defendiam a realização da reforma agrária, desde que comandada por eles; outros, “conservadores”, assumiam uma postura radicalmente contrária a reforma agrária e preveniam: “para cada fazenda invadida, um padre morto”. É deste grupo que surgiu a ideia de criar uma entidade inibidora do PNR e contendora da força proveniente de organizações e de movimentos sociais favoráveis ao plano (Panini, 1990, p. 167)

Assim, Ronaldo Caiado, oriundo de tradicional família política de Goiás, e Junqueira Júnior, descendente de antiga família de cafeicultores de São Paulo, diretor de cinco empresas agroindustriais, ao final do Encontro Nacional dos Produtores Rurais, se convenceram de que uma entidade classista, não atrelada ao Ministério do Trabalho, seria mais conveniente do que a criação de um partido político.

A entidade teria, assim, maior autonomia e independência para o tipo de ação que se propunha realizar: garantir o direito absoluto da propriedade da terra; defendiam que a propriedade deveria ser preservada sob pena de criar o caos para a economia do país; e não abriam mão do tamanho da propriedade, pois ela “era do tamanho da coragem e da competência do produtor”, afirmava o presidente da UDR do Paraná.

A UDR tinha objetivos bem definidos: 1) organizar os detentores de grandes extensões de terra em defesa da propriedade; 2) manter vigilância armada nas fazendas a fim de salvaguardá-los de possíveis invasores; 3) pressionar o governo no sentido de impedir que se executasse o PNR; 4) eleger o maior número de deputados Constituintes possível e ocupar outros cargos políticos; 5) combater a pastoral da Igreja no meio rural (!).

A crise provocada pelo êxodo rural e pela política de colonização e, por outro lado, a progressiva expropriação e empobrecimento das populações do campo, passaram a ser fatores decisivos na mudança de comportamento social e político dos camponeses diante da crise. Estes trabalhadores aproveitaram o espaço criado pelo processo de abertura política e se organizaram em lutas concretas pela conquista da terra. Da articulação entre diversos grupos de luta, as ocupações das fazendas de Macali e Brillhante no Rio Grande do Sul, em 1979,

da fazenda Primavera do Estado de São Paulo, em 1980, da fazenda Burro Branco, em Santa Catarina, também 1980, deram as condições para o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

As linhas condutoras de suas lutas foram formuladas em 1981, com o acampamento de Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul, e com a organização do MASTRO, Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Oeste do Paraná, formado pelos camponeses expropriados na construção da hidrelétrica de Itaipu, em julho de 1982 (Panini, 1990, p. 205).

A assessoria da Comissão Pastoral da Terra (CPT), realizou um encontro entre os trabalhadores sem-terra de cinco estados do sul do país: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Em setembro daquele mesmo ano, realizou-se seu primeiro encontro em nível nacional contando com a presença de representantes de dezesseis Estados. Formaram-se diversos grupos de estudo e discussão sobre o Estatuto da Terra e sobre formas de organização na conquista dos direitos. Em 1983, os sem-terra realizaram o encontro no Estado de Santa Catarina com o objetivo de avaliar a prática e elaborar novo plano. Nessa ocasião, decidiram desencadear: 1) amplo trabalho de conscientização e organização dos sem-terra; 2) procurar o apoio da Igreja comprometida com a luta dos camponeses; 3) articular-se de forma mais orgânica com os Sindicatos Rurais favoráveis à causa dos trabalhadores.

No encontro realizado em 1984, no Estado do Paraná, definiram a direção política das lutas, dos métodos de organização e da estrutura básica do movimento. Decidiram ampliar a organização e reforçar as formas de pressão concreta pela conquista da terra. Surgem novas ocupações em São Paulo e Rio Grande do Sul, e o movimento se organiza nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Rondônia.

O primeiro Congresso Nacional dos Sem-Terra ocorreu em 1985. Ele reuniu mais de 1500 delegados vindos de quase todos os Estados do país. No documento resultante do Congresso, denunciaram no Estatuto da Terra o sistema capitalista e concentrador da propriedade. Exigiam a reforma agrária, a desapropriação das terras em poder das multinacionais, dos latifundiários e das empresas rurais que ultrapassaram 500 ha propondo, assim, a fixação do módulo máximo.

Exigiam o fim da violência no campo, o direito de controlar o processo de planejamento de execução da reforma agrária e mantinham as formas concretas de luta pela terra: ocupações, acampamentos, manifestos, passeatas...

Desde o surgimento do MST na década de 1980, diversas instâncias da Igreja, incluindo bispos, padres, freiras, e membros de congregações religiosas, se engajaram ativamente com o movimento, tanto no âmbito local quanto nacional. Muitos líderes religiosos e comunidades eclesiais abriram suas portas para acolher e apoiar os sem-terra, oferecendo abrigo, alimentação, assistência jurídica e espiritual, além de se juntarem às mobilizações e ocupações de terras.

As pastorais sociais da Igreja Católica, como a Comissão Pastoral da Terra, desempenharam um papel fundamental na articulação e no apoio às lutas do MST, promovendo a conscientização, a organização comunitária e a defesa dos direitos dos trabalhadores rurais. Por meio de ações educativas, denúncias de violações de direitos humanos e mediação de conflitos, essas pastorais contribuíram para fortalecer a resistência e a capacidade de mobilização dos sem-terra.

Além disso, muitos líderes religiosos e teólogos progressistas se posicionaram publicamente em apoio ao MST, denunciando a injustiça da concentração de terras e defendendo o direito dos trabalhadores rurais à terra e à dignidade. Figuras como Dom Tomás Balduino e Frei Betto foram exemplos proeminentes desse engajamento, usando suas vozes e influência para advogar em favor das demandas do movimento.

No entanto, é importante reconhecer que nem toda a hierarquia da Igreja esteve alinhada com o MST. Houve resistência e até mesmo oposição por parte de alguns setores conservadores, que viam o movimento como uma ameaça à ordem estabelecida e à propriedade privada. No entanto, apesar dessas divergências internas, a Igreja como um todo desempenhou um papel significativo na legitimação e no fortalecimento do MST, contribuindo para ampliar sua base de apoio e sua influência na sociedade brasileira.

Nesse meio tempo, o presidente José Sarney proclamou no IVº Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, promovido pela CONTAG em Brasília, a proposta do Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), fundada em 22 de

dezembro de 1963, tinha como objetivo principal a defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores do campo, lutando por melhores condições de trabalho, acesso à terra, políticas agrícolas justas, entre outras demandas. Ela desempenhou um papel fundamental na articulação e mobilização dos trabalhadores rurais, promovendo a organização sindical em nível estadual e nacional, além de participar ativamente de debates e negociações sobre questões trabalhistas e agrárias. A entidade também desenvolveu atividades de formação política e sindical para fortalecer a capacidade de atuação e representação dos trabalhadores do campo. Por isso, os latifundiários e as alas conservadoras da sociedade reagiram com violência à proposta, por intermédio das entidades representativas da classe.

Diante da práxis conservadora e antipopular do governo da “aliança democrática”, os trabalhadores rurais intensificaram e ampliaram suas organizações e decidiram fazer ocupações em massa em todo o território nacional. Formaram-se, então, 42 acampamentos abrangendo mais de 11.000 famílias. Sobressaíram-se os acampamentos do Paraná, num total de 13, abrangendo 3.800 famílias, e a, talvez mais impactante, ocupação da Fazenda Anoni no Rio Grande do Sul, com 2.000 famílias, formando até 1986 o maior acampamento da história do movimento. No Mato Grosso do Sul surgem os acampamentos formados por contingentes de brasiguaios que retornam do Paraguai nas regiões de atuação do movimento.

Aproximadamente, 90% das terras conquistadas se deveram à sua organização e lutas. Em 1988 os acampados alcançaram um número aproximado de 14.000 famílias, das quais 70% estavam distribuídas nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul (Panini, 1990, p. 207).

Neste aspecto, não podemos esquecer da atuação da Pastoral do Migrante. Esta surgiu como uma resposta da Igreja Católica às crescentes demandas e desafios enfrentados pelos migrantes no Brasil, incluindo aqueles que se deslocavam devido às lutas pela terra e à expansão das fronteiras agrícolas. Ao longo das décadas, a Pastoral do Migrante desenvolveu uma atuação transversal, buscando compreender e enfrentar as múltiplas dimensões das migrações internas e externas.

No contexto das lutas pela terra, a migração se tornou uma estratégia de resistência e sobrevivência para muitas famílias

que foram despossuídas de seus meios de subsistência devido à concentração de terras e à expansão do agronegócio. A Pastoral do Migrante acompanhou de perto essas comunidades deslocadas, oferecendo apoio pastoral, jurídico e assistência social, além de denunciar as injustiças e violações de direitos humanos perpetradas contra essas populações.

A migração para as fronteiras agrícolas, como as áreas de cultivo de cana-de-açúcar, também foi um fenômeno significativo que demandou a atenção da Pastoral do Migrante. Muitos trabalhadores rurais, atraídos pelas promessas de emprego e melhores condições de vida, migraram para essas regiões em busca de trabalho nas grandes plantações. No entanto, encontraram condições de trabalho precárias, baixos salários e violações de direitos trabalhistas. A Pastoral do Migrante esteve presente nessas áreas, oferecendo apoio aos trabalhadores migrantes, denunciando as condições desumanas de trabalho e promovendo a conscientização sobre seus direitos.

1.3 Algumas considerações finais

Segundo Ivo Poletto (2002), os documentos da CNBB, sobre a questão da terra e suas consequências, atestavam claro processo de atenção crescente e crítica à realidade de conversão e de compromisso em favor das transformações urgentes e indispensáveis para que a terra estivesse a serviço da vida de todas as pessoas. E o compromisso estava ligado à coerência de ação dos bispos em relação às terras pertencentes à Igreja e de ação de toda a Igreja, especialmente das pastorais sociais ligadas a esse setor da vida, a serviço dos que são os sujeitos principais da conquista destas transformações: os sem-terra, posseiros, migrantes, pequenos agricultores familiares, ribeirinhos etc.

A palavra “CNBB”, especialmente expressa no documento “Igreja e problemas da Terra” (1980) foi sentida pelos grandes proprietários como uma forte voz profética, tanto foi assim que articularam todas as forças possíveis para condenar a doutrina e as propostas de ação presentes nele. O sangue de irmãs e irmãos mártires atestam a favor da palavra da CNBB e contra a prática dos que endureceram seu coração e preferiram servir à propriedade, à riqueza e ao poder de dominação como absolutos, assumindo-os como ídolos, oferecendo-lhes até o sacrifício de vidas humanas.

No entanto, sem entrar no mérito das razões morais, é preciso ter clareza de que um número razoável de bispos mudou pouco ou nada sua prática pastoral, colaborando para esvaziar o impacto evangelizador e a força do serviço eclesial à causa dos que lutavam para que a terra estivesse a serviço de todas as pessoas. Pelo contrário, houve quem continuasse preferindo a amizade de grandes proprietários à alegria de estar com quem nada podia oferecer em troca. Em alguns casos, bispos criticaram e até impediram a atuação da CPT na área de sua diocese, alegando radicalismo e falta de espírito cristão, enquanto, ela estava exatamente colocando em prática o que fora definido nos documentos da CNBB. De fato, a impressão de quem conhece os conteúdos dos documentos e a prática de muitos bispos é de que a prática esvaziou, ao menos relativamente, a palavra da CNBB.

Durante os anos 1980 e 1990, houve alguns casos em que bispos expressaram críticas à atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), alegando radicalismo e falta de alinhamento com os princípios cristãos. Aqui estão alguns exemplos de bispos que se manifestaram nesse sentido:

1. Dom Geraldo Fernandes Bijos, arcebispo de Londrina (PR), foi um dos críticos da atuação da CPT na região de Rondônia, especialmente em relação às ocupações de terras. Ele expressou preocupação com o que considerava excessos e confrontos que poderiam resultar em violência;
2. Dom Luiz Gonzaga Bergonzini, bispo de Guarulhos (SP), também criticou a atuação da CPT, particularmente em relação às ocupações de terras. Ele argumentou que a abordagem da CPT poderia levar a conflitos e desordens, questionando a eficácia de suas ações;
3. Dom José Cardoso Sobrinho, arcebispo de Olinda e Recife (PE), embora tenha reconhecido o trabalho da CPT em algumas áreas, expressou reservas quanto ao seu envolvimento em certas questões, como a demarcação de terras indígenas. Ele sugeriu que a atuação da CPT poderia ser mais equilibrada e menos politizada.

O que aqui está sendo questionado é a coerência entre palavra e ação de um conjunto de pessoas que constituem uma só entidade

pastoral, a CNBB, e que anunciavam ter em conjunto a missão de animar a Igreja Católica em nosso país, missão que se realiza também por meio de documentos aprovados e assinados praticamente pela totalidade do episcopado.

Mesmo reconhecendo o muito que a CNBB e a Igreja Católica fizeram pela democratização da terra, não podemos fugir ao desafio de encarar quanto se perdeu de possibilidade por causa do afastamento da prática em relação à palavra publicamente empenhada. O alerta evangélico, de que não é aquele que diz senhor que entrará no Reino, mas aquele que faz a vontade do Pai (Mt 7 21), vale para todas as pessoas, para todos os seguidores de Jesus, e de modo especial para os que assumem a missão de serem pastores.

Apesar das múltiplas lutas e conquistas ao longo das décadas, a questão da terra no Brasil permanece um desafio complexo e em constante evolução. Avanços significativos foram alcançados, como a criação de assentamentos rurais, a implementação de políticas de reforma agrária e o reconhecimento dos direitos das comunidades tradicionais. No entanto, muitos desafios persistem, incluindo a concentração de terras, os conflitos agrários, a violência no campo e a degradação ambiental.

Apartir de meados dos anos 2000, observou-se uma desaceleração no ritmo das políticas de reforma agrária e um aumento das pressões do agronegócio sobre as áreas rurais. O período também foi marcado por uma intensificação dos conflitos agrários e pela escalada da violência contra defensores dos direitos humanos e ambientais. Em 2016, o Brasil testemunhou um dos episódios mais trágicos de violência no campo, com o massacre de trabalhadores rurais em Pau D'Arco, no Pará, ressaltando a urgência de uma abordagem mais eficaz para lidar com os conflitos fundiários.

Hoje, a questão da terra continua sendo uma pauta central no cenário político e social do Brasil, com debates em torno da necessidade de promover a reforma agrária, garantir os direitos das populações rurais e indígenas, e conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental. A luta pela terra está intrinsecamente ligada a outras questões, como a justiça social, a segurança alimentar, o combate à pobreza e a sustentabilidade ambiental, exigindo abordagens integradas e soluções colaborativas.

Nesse sentido, é fundamental que as políticas públicas e as ações governamentais estejam alinhadas com os princípios da justiça social, da equidade e da promoção dos direitos humanos, garantindo o acesso à terra e aos recursos naturais para todos, e promovendo um desenvolvimento rural sustentável e inclusivo. O legado das lutas pela terra no Brasil é um testemunho da resistência e da determinação dos trabalhadores rurais e de suas organizações em busca de justiça e dignidade, e continua a inspirar as gerações presentes e futuras na construção de um país mais justo e igualitário para todos os seus cidadãos.

Referências bibliográficas

Documentos da CNBB

CNBB. *Estudos da CNBB – Pastoral da Terra*. São Paulo, Paulinas, 1976.

CNBB. *Exigências cristãs de uma ordem política*. São Paulo: Paulinas, 1977.

CNBB. *Estudos da CNBB – Pastoral da Terra*. São Paulo: Paulinas, 1979

CNBB. *Igreja e Problemas da Terra – Comunicado Mensal*, ano 29, nº 329, CNBB, Brasília, fevereiro de 1980.

CNBB. Dom Inocêncio Engelke. Conosco, sem nós ou contra nós se fará a reforma agrária. Campanha/MG. 1950. In: *Estudos da CNBB 11 – Pastoral da Terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981a.

CNBB. *Declaração dos Bispos do Nordeste. Pastoral da Terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981b.

CNBB. *Declaração da Comissão Central da CNBB. A Igreja e a situação do meio rural brasileiro. Pastoral da Terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981c.

CNBB. *Mensagem da Comissão Central da CNBB. Pastoral da Terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981d.

Livros, artigos e teses

BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na Virada da Questão Social (1930-1964)*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: EdUCAM, 2000.

HIRSCHMAN, Albert. *Política econômica na América Latina*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965.

BEOZZO, Oscar. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II; de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LENZ, Martinho Matias. *Movimentos sociais no contexto de globalização: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): identidade, contribuição para a reforma agrária e a igreja no Brasil*. 2002. Tese – Doutorado em Sociologia – Universidade Gregoriana, Roma, 2002.

MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: Hucitec, 1994.

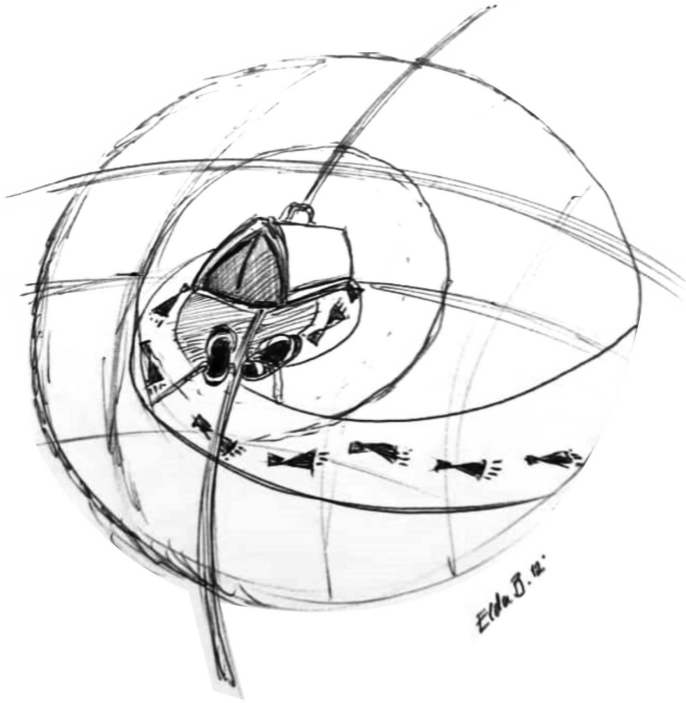
NOVAIS, Regina. Reyes. *De Corpo e Alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1997.

PAIVA, Vanilda. A Igreja moderna no Brasil. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *A Igreja e questão agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 45-76.

PANINI, Carmela. *Reforma agrária dentro e fora da lei: 500 anos de história inacabada*. São Paulo: Paulinas, 1990.

POLETTO, Ivo. A CNBB e a luta pela terra no Brasil. In: INP/CNBB (org.). *Presença Pública da Igreja no Brasil: Jubileu de Ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2002.

TEDESCO, João Carlos; SILVA, Emerson Neves da. Igreja Católica, questão agrária e a luta social no campo (1950-1980). In: *Cadernos do CEOM*, Chapecó (SC), v. 33, n. 52, p. 105-121 Jun/2020.



CAPÍTULO 2

2

ITINERÁRIOS DE VIDA E MISSÃO

Na partilha das memórias da atuação junto a migrantes sem-terra, as Irmãs retomam com mente e experiências vividas, emoções e até riscos assumidos pela causa. As narrativas se cruzam e se completam em sintonias envolventes.

Ir Elda Broilo¹, inicia sua trajetória no início da década, marcada pela primeira geração pós-Concílio Vaticano II. Depois dela, seja na atuação que no registro de seus testemunhos, outras Irmãs MSCS partilharam memórias de suas vivências junto a migrantes sem-terra, urbanos e rurais. Seus testemunhos foram organizados em um texto, a várias mãos, conforme segue.

Esse capítulo é fruto da documentação da memória oral e escrita de Irmãs Missionárias Scalabrinianas, que atuaram junto aos migrantes sem-terra, durante os anos de 1970 a 2017. O texto é uma composição de narrativas de Irmãs MSCS, que escreveram e compartilharam memórias de sua atuação junto a migrantes sem-terra, rurais e urbanos, vivenciados desde 1970 e que, para algumas, segue sendo uma atuação viva mesmo após o ano de 2017. Outros testemunhos citados neste capítulo foram coletados em publicações sobre o tema, editadas durante os anos em estudo, em fontes de arquivo da Congregação e de arquivos pessoais, assim como em entrevistas com as interessadas, que são identificadas no texto ou em notas de rodapé.

A importância destes relatos sobre a vivência e a prática pastoral das Irmãs MSCS no contexto sociocultural do Brasil a partir dos anos de 1970, acompanhando uma categoria específica de migrantes internos, trabalhadores sem-terra, está diretamente relacionada com o carisma scalabriniano e com o momento histórico da igreja

¹ BROILO, Elda. Dia a dia da missão junto aos migrantes internos do Brasil. Relato enviado à Ir. Luce Signor. Porto Alegre, 01.06.2020.

e da congregação no imediato período após o Concílio Ecumênico Vaticano II. Foi uma experiência ampla e diversificada de atuação direta e de incidência em processos sociais e eclesiais nas dioceses e nas organizações, onde as Irmãs se fizeram presentes. A referida atuação contém elementos de uma prática pastoral e missionária de vivência do carisma na itinerância, que caracteriza a espiritualidade vivida pela congregação das Irmãs MSCS, traduzindo concretamente uma das expressões mais características do carisma scalabriniano, o “ser migrante com os migrantes”.

O capítulo se propõe a resgatar memórias, modalidades e significados dos elementos fundantes de um modo próprio de interpretar, atuar e viver o carisma scalabriniano com o rosto feminino. O texto é composto por textos, que resgatam memórias pessoais das Irmãs: Ana Maria Delazzeri, Elena Vígolo, Idalina Pellegrini, Luciana Pitol, Maria Helena Aparecida, Maria Tonello, Rosa Maria Smaniotto, e em particular textos mais longos da Ir. Zenaide Ziliotto e, sobretudo, da Ir. Elda Broilo². Os textos foram elaborados e coletados durante o estudo realizado entre os anos de 2019 e 2022.

A construção do capítulo costura testemunhos escritos pelas Irmãs, que vivenciaram a prática missionária, junto aos migrantes sem-terra, em diferentes contextos e momentos históricos, junto a informações e comentários, que visam situar quem lê, na escuta e acolhida do testemunho desta vivência feminina, espiritual e missionária scalabriniana.

Uma poesia de autoria de Ir. Elda Broilo, de um certo modo, transmite a mística que acompanhou, iluminou e orientou a missão das Irmãs MSCS, junto aos migrantes que viviam nos acampamentos sem-terra. Irmã Elda, contemplando as migrações na ótica da fé,

² Apesar de terem sido citadas pelas Irmãs que enviaram textos ou forneceram entrevistas, outras Irmãs não puderam colaborar diretamente no estudo por limitações na saúde mental ou por terem falecido antes da conclusão do estudo: Ir. Aires Scapini (Bagé – RS), Ir. Danila Ferronato (ex-provincial), Ir. Adélia Werner (ex-irmã), Ir. Inês Boggio (ex-provincial), Ir. Eli Ana Rui (Rosana – SP), Ir. Joana Gasparin (Bagé), Ir. Anna Fascina (Campos Novos – SC), Ir. Melanie Marie Hester (Campos Novos – SC), Ir. Ana Masuti (Bagé – RS), Ir. Cristina Zanchet – (Fortaleza – CE). Também foram citadas pelas testemunhas ouvidas os nomes de: Amélia Pedó, Ester Chini, Lia Barbieri, Mafalda Seganfredo, Clair Zanotto, Maurília Silva, Salete Carollo, Ivoneide Minozzo como pessoas que participaram e/ou apoiaram a atuação MSCS junto aos sem-terra. Outras Irmãs contribuíram com este estudo, com aportes que aparecem identificados no texto ou em notas de rodapé.

elencas diversas imagens e símbolos da teologia do êxodo: o caminho, as sandálias, a tenda, o deserto, a aliança, o esvaziamento e como Moisés responde “Eis-me aqui, Senhor”, entregando a si mesma ao envio do Senhor, despojando-se de tudo que impede de caminhar com liberdade e desapego. A poesia celebra o deixar-se conduzir pela fé e confiança no Deus migrante, que arma a sua tenda e vem abitar com o seu povo no meio do acampamento, a fim de conduzi-lo:

O Espírito de Deus ilumina meu Ser com sua Palavra!
Veste a minha túnica com ternura, põe o anel no dedo com
paixão,
e as sandálias nos pés com firmeza!
Afasta-te das margens, entra na tenda, olha, inclina-te ao
MISTÉRIO, escute-o, toca-o, deixa-te amar!
Entrega-te, quero lavar teus pés; derrame ali o teu
PERFUME!
Disponha-te ao mínimo necessário, à simplicidade, à
dedicação,
à total solidão da cruz e do risco!
Senta-te junto a mim confiadamente, revigora-te de meu
pão, de minha Palavra,
e a cada dia busque e dê minha misericórdia!
Alegre, abandona-te em minhas mãos PROVIDENTES!
Não tenhas medo!
Levo-te ao DESERTO, te falarei ao coração e tu me
conhecerás!
Faço contigo uma ALIANÇA de amor eterno!
Olha para mim demorada e amavelmente,
EU SOU para ti o PRIMEIRO AMOR.
EU SOU TENDA e CAMINHO,
EU SOU ALIANÇA,
EU SOU OUVIDO do PAI e do REINO,
EU SOU ESVAZIAMENTO, CORPO DOADO, SANGUE
DERRAMADO!
FAÇO NOVAS TODAS AS COISAS!
Então, humildemente, Te falo: EIS-ME AQUI, SENHOR!
Toma e recebe a minha liberdade, minha memória, minha
inteligência, minha vontade, minha pobreza, minha dor e
meu sonho!
Mostra-me a minha verdade!
Esvazia-me do meu pecado!

Revista-me da tua humanidade!
Tudo o que tenho, possuo e sou, recebi de Ti, Senhor! Tudo é teu!
Disponha de mim inteiramente, segundo a tua vontade!
Mostra-me o Teu Rosto, e dá-me um grande Amor.
Envolve-me na tua graça e na tua paz, e isso me basta.
Amém!

2.1 Relato de Ir. Elda Broilo – Palmito, Novo Mundo, Goiânia, GO

O movimento de renovação na Igreja que levou à convocação do Concílio Vaticano II e o impulso para a vitalidade missionária que o grande evento eclesial trouxe para a vida religiosa, desencadeou movimentos de renovação e abertura missionária nas mais variadas organizações e realidades eclesiais. A Ir. Elda narra como se inseriu, nesse mesmo dinamismo, aquilo que depois se configurou como itinerância com os trabalhadores sem-terra, inicialmente no contexto urbano e a seguir, também no campo.

O Projeto de Vida é um ideal, é a meta, é o desejo mais profundo do que se quer alcançar, enquanto ser humano, é transformador. Este é o meu chamado. E este é o meu Projeto Pessoal de Vida: Caminho, Tenda e Escuta – Projeto Sagrado de vida. Essa relação é física, corpórea, de autocuidado. Uma relação emocional, afetiva, amorosa e sensível. Uma relação mental de consciência, de atenção, de busca, de conhecimento e de valores. Uma relação mística, espiritual, de utopia, de virtudes e transcendência. Uma relação social de cuidado com os pobres, os excluídos e os oprimidos, e de cuidado com a Mãe-Terra, a Casa Comum. Este projeto se revigora a partir e ao longo do mergulho feito junto aos pobres, migrantes, sem-teto e sem-terra. Partilho este Projeto de vida com humildade e gratidão à Fonte Divina Criadora de Tudo o Que É – Nosso Deus e para sua glória “que o pobre viva”, como nos alerta São Romero da América.

Em 1970, participei do Curso Internacional de Espiritualidade Pós Conciliar, ministrado pelo Movimento por um Mundo Melhor (MMM). Este curso de um mês me abriu os olhos para o mundo

da realidade dos pobres. Entendi que o Concílio Vaticano II (1962-1965), trouxe à Igreja uma forte renovação, a nova teologia, a da Libertação que direciona um novo olhar, um novo agir, um novo estar preferencialmente com os pobres. Uma tomada de consciência maior do mundo dos pobres entre nós.

Foi em 1970 que a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, pelo carisma especial de estar com os migrantes, as duas províncias do Sul, a da Imaculada Conceição na pessoa da Ir. Mafalda Seganfredo³ e da Província Cristo Rei na pessoa da Ir. Ester Chini⁴, receberam um forte incentivo dos bispos do Centro Oeste do Brasil, para atender ao grande êxodo rural que o Brasil vivia naquele momento⁵. Nesta região, as Irmãs MSCS marcaram uma forte presença missionária, abrindo comunidades em várias dioceses, para o serviço evangélico de acolher, estar junto, evangelizar, animar e integrar os migrantes na nova realidade.

Em 1977, fui enviada para a missão em Goiânia, GO, integrando a comunidade do Palmito, Mundo Novo, a trabalhar na formação de jovens que buscavam esclarecer sua vocação e conhecer o que é a Vida Consagrada; e atuar na pastoral da Arquidiocese de Goiânia.

A pastoral social urbana da Arquidiocese de Goiânia, especialmente com os sem-teto. Esta época, foi uma grande escola. Aprender a ver, ouvir, sentir, fazer e caminhar junto com este povo sofrido em busca do espaço para viver. E foi esta escola que alimentou subjetiva e secretamente o desejo de um dia estar com os migrantes sem-terra, rurais. Este sonho se concretizaria, dez anos depois.

³ A Ir. Mafalda Seganfredo (*1928 +2022), Superiora Provincial da Província Imaculada Conceição de 1967 a 1971.

³ A Ir. Ester Chini (*1928 +2017), Superiora Provincial da Província Cristo Rei de sua fundação em 1967 até 1971 e da Província Maria, Mãe dos Migrantes (Várzea Grande) de 02.12.1991 a 08.12.1994.

⁵ Pesquisas no arquivo histórico do Instituto São Carlos, Caxias do Sul, RS indicam que a comunicação com Bispos do Centro Oeste se manteve bilateralmente por mais de 10 anos sobre a missão MSCS naquela região. Ao menos 20 cartas foram conservadas com datas entre 1972 e 1983 entre a Superiora Provincial Ir. Jacira Onzi e Bispos da região – Dom Tomás Balduino de Goiás e Dom Fernando Gomes (*1910 +1985), de Goiânia, por exemplo, ou o pároco de São Sebastião de Palmeiras de Goiás ou ainda o Bispo da Prelazia de Rubiataba, entre outros. Ir. Jacira Onzi foi superiora provincial da Província Imaculada Conceição por dois mandatos: de 1971 a 1974 e de 1981 a 1983.

2.2 Relato de Ir. Zenaide Zilioto – Itapirapua e Cidade de Goiás, GO

No ano sucessivo à partida da Ir. Elda para o Centro-Oeste, foi a vez da Ir. Zenaide partir em missão. A abertura e o impulso missionário acolhido pelas Irmãs, então conhecidas por Carlistas, as fez deixar a região de presença consolidada, para acolher ao chamado da Igreja à missão e ao clamor dos filhos de Deus mais necessitados e marginalizados.

Foi um privilégio e uma alegria ter passado uns bons anos na Diocese de Goiás, na cidade de Goiás, tendo como bispo Dom Tomás Balduino (*1922 +2014)⁶, um pastor que assumiu com alma e corpo as decisões do Concílio Vaticano II, homem de Deus e do povo de Deus, sobretudo os preferidos, os pobres, os excluídos, os migrantes. Teve sua grande influência na Igreja, sobretudo no Centro-Oeste e Nordeste do Brasil, juntamente com outros bispos, que estavam em processo de colocar em prática as decisões do Concílio Vaticano II. Deus tem seus planos conosco. Foi uma experiência enriquecedora.

Tenho iniciado minha presença missionária na pequena cidade de Itapirapuã e, mais tarde, na cidade de Goiás, na antiga capital do estado de Goiás, na qual passei a viver mais intensamente a participação na luta pela terra, junto aos migrantes internos, vítimas do êxodo rural que os obrigava a viver nas periferias das cidades.

Parece-me importante relembrar como premissa, o meu envio missionário. Em janeiro de 1971, ainda como Juniorista, com apenas 23 anos, fui membro integrante do primeiro grupo de missionários e missionárias do sul do Brasil que partiram para Goiás. Fomos enviados, a pedido de Bispos da região, para um serviço de evangelização com os pobres que migravam para as cidades. Partimos Irmãs juntamente com umas leigas, que acompanharam as Irmãs em duas comunidades, uma na diocese de Goiás e outra na diocese de Crixas. Estas pertenciam à Província Imaculada Conceição. Estava também um padre que foi para a Diocese de São Luiz de Montes Belos, do qual não recordo a congregação.

⁶ Dom Tomás Balduino, Bispo da Diocese de Goiás, pertencia à Ordem dos Dominicanos.

A minha primeira comunidade foi em Itapirapuã. Éramos três Irmãs: Odete Spagnol (*22.03.1927 +09.09.2018), Maria Erotides Marques, que sucessivamente deixou a congregação MSCS, e Zenaide Ziliotto. Permanecemos em torno de 15 dias na sede da diocese, porque a casa não estava equipada suficientemente. Portanto, a partir de fevereiro de 1971, marcamos presença mais precisamente nesta cidade, na Diocese de Goiás, organizada em Pastoral de Conjunto, que começava a pôr em prática as decisões do Concílio Vaticano II. Em 1978, fui transferida para a cidade de Goiás, e a comunidade encerrou sua missão, no final de 1979.

Sim, uma nova realidade social, econômica, política e, sobretudo eclesial, que inspirava liberdade e participação, fé e esperança na construção de um caminho novo. Para mim foi muito importante, fez profundamente renascer o dom da minha vocação de doar a vida no serviço aos mais pobres, os preferidos de Deus. Ao me preparar para professar os votos perpétuos, depois de mais de ano vividos nesta realidade, assumi como lema: “Foi para vos conservar a vida que Deus me enviou adiante de vós” (Gn 45,7).

2.3 Relato de Ir. Rosa Maria Smaniotto – Naviraí, MS

Alguns anos depois, na narrativa partilhada pela Ir. Rosa Maria Smaniotto, fica o registro que aquele chamado que mobilizou as Irmãs MSCS do Sul ao Centro-Oeste, demandava mentes e corações abertos e dispostos a partir em missão. Era tempo de alargar o espaço da tenda MSCS, para outro estado.

Fui enviada em missão para Naviraí, MS, em fevereiro de 1976, formar comunidade com Ir. Maria Joana Pasa (*28.03.1928 + 21.04.2006) e Pe. Luiz Pasa⁷. Ao chegar à comunidade, tenho consciência, que não fui fazer experiência e, sim, somar forças junto ao povo, na Diocese de Dourados, MS.

⁷ Sacerdote da diocese de Caxias do Sul, RS, enviado como missionário para abrir a comunidade junto com as Irmãs, em Mato Grosso do Sul (*1929 +1989).

A realidade daquele momento era de pessoas (famílias), vindas do Paraná e São Paulo em busca de um chão – trabalho. E, ali, formando grandes arrendamentos, (não assentamentos), por tempos determinados. Arrendamentos com 200 famílias – 400 famílias. O que havia em comum, era a busca de um chão – trabalho – para sobreviver.

Diante da realidade, fomos assumindo, junto com a Pastoral Paroquial e a Pastoral da Terra, a luta pela conquista de um pedaço de chão, já que eram grandes fazendas (latifúndios). Nossa missão, eram encontros e formação, para conscientizar que a luta e a união eram ferramentas importantes para a conquista da terra. Quando digo nós, digo, porque uma pastoral envolve pessoas, entidades, Sindicato Rural, CPT, Igrejas Católica e Luterana. Também, muito expressiva era a participação dos jovens – TLC e cursilhistas.

Os desafios eram muitos, porém, com fé e esperança no Deus da vida e em Maria Mãe, continuamos em frente.

Devo lembrar – era o tempo da ditadura – éramos vigiados o tempo todo. O Canto do Magnificat incomodava... “Virá o dia em que todos – ao levantar a vista, veremos nesta terra, reinar a liberdade...”. Numa celebração, a Polícia Federal nos mandou parar de cantar.

Essa era a realidade que nos envolvia. Erguendo as mãos aos céus – Pai Eterno e Mãe Maria – gratidão por nos sustentar nesta luta pelos sem voz e sem vez.

Missão e opção que me fez a cada dia mais irmã consagrada, não só como Scalabriniana, mas cima de tudo pela vocação cristã – batizada – opção livre e consciente da luta e da esperança, da fé e amor à vida. Minha profissão – professora – também era vigiada e devia todo mês enviar ao Secretário de Educação os conteúdos ministrados aos alunos – OSPB e Moral e Cívica.

Nesta missão foram 10 anos. Dali a transferência para Goiás, Paróquia de Heitorai, GO – Diocese de dom Tomás Balduino, continuando o tempo duro da ditadura. Realidade também rural em que os pequenos vendiam suas propriedades para o latifúndio. A luta de conscientização continua: Igreja, CPT, Sindicato, povo resgatando sua dignidade – ter voz e vez. Pequenas comunidades, entendendo que “Fé e Vida” andam juntas. “A fé sem obras é morta”.

2.4 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – Diocese de Goiás, GO

Na década de 1970, enquanto o chamado aquecia os corações e desafiava a congregação, em Goiás a abrangência da atuação na luta por terra, pão e dignidade ganhava força, conforme registros da Ir. Zenaide Ziliotto. Era a Igreja Local, nutrindo a missionariedade MSCS, junto aos migrantes sem-terra, ao mesmo tempo em que a dedicação e o compromisso das Irmãs MSCS, fortaleciam com a vitalidade do carisma scalabriniano e a radicalidade do seguimento de Jesus Cristo, aquela missão.

Um marco importante nesta caminhada missionária testemunhando a presença de Deus na história dos pobres da terra foi a participação, no ano de 1972, da V Assembleia Diocesana, na qual a Diocese de Goiás assumiu a opção preferencial pelos pobres, tendo como texto bíblico de referência o trecho de Lucas, 4,16-20: “O Espírito do Senhor está sobre mim e me enviou para anunciar a boa nova aos pobres... a anunciar”. Foi assessorada por Dom Pedro Casaldáliga (*1929 +2020), Bispo da Prelazia de São Félix, amigo e companheiro de caminhada eclesial da Diocese. Sua presença marcou a vida de todos os participantes daquela assembleia eclesial. A convicção de vida no Evangelho e a dimensão profética me fez sentir muito forte o apelo de Deus diante da realidade sofrida do povo com quem estava iniciando uma caminhada. Desde este primeiro tempo, a situação fundiária nos interpelava a conhecer mais a condição concreta em que vivia o povo do campo ou que era do campo e estava nas periferias da cidade, bem como as causas daquela realidade.

Em 1973, portanto, durante a ditadura, foram escritos documentos que se tornaram públicos, por parte de bispos do país, e que faziam referência à realidade que a população vivia. Recordo-me bem do documento escrito e assumido pelos bispos da Região Centro Oeste: Marginalização de um Povo, grito das Igrejas, onde denunciavam, entre outras situações, causas do sofrimento do povo, como a injusta distribuição e uso da propriedade agrícola, o latifúndio e a política agrária e agrícola que obrigava o pequeno lavrador a vender a terra.

Como efeito, a migração em massa do campo para a cidade e de uma cidade para a outra, em situação de extrema miséria, afetava todos os aspectos da vida do povo, desde a estabilidade familiar até a educação e a saúde.

Itapirapuã, minha primeira experiência de sentir-me missionária, foi um tempo de graça, de conhecimento, tempo de sentir forte a força da política da época, em plena ditadura militar. Uma jovem irmã dando aula no ginásio para ajudar o sustento da comunidade. Era vigiada durante as aulas por um juiz, que era o esposo da diretora. Andava no corredor da escola para escutar o que se falava. A verdade é que eu dava aula de Educação Moral e Cívica e OSPB e tinha que ter a licença para ensinar estas matérias. Eu a havia recebido.

Algo forte marcou minha presença em Itapirapuã. Foi em 1972, quando houve eleições municipais e ganhou o único partido de oposição, o MDB, contra ARENA⁸, que era o partido que apoiava a ditadura.

Na Igreja se atuava junto aos pobres, que era a grande maioria da população. Estávamos começando com muito ardor missionário a opção preferencial pelos pobres. Era a defesa da justiça, dos direitos do povo, o valor da participação. Faziam-se reuniões nas periferias, sempre iluminadas pelo Evangelho, onde se refletia sobre a realidade. O partido de oposição tinha um discurso que em muitas partes ia no mesmo sentido que o das lideranças e comunidades cristãs. Tudo indicou que o motivo foi suficiente para que eu não pudesse mais continuar como professora do Estado.

Tendo ido ao Rio Grande do Sul de férias, quando retornei o meu nome não constava mais na lista dos professores. Este foi meu primeiro impacto, o de sentir-me atuar contracorrente, na defesa da justiça, dos pobres e do Deus dos pobres.

“Quando se fecha uma porta, se abre uma janela”. Na comunidade éramos três irmãs, uma recebia um salário da paróquia e as outras duas tinham que encontrar um trabalho para sobreviver. Aonde iria eu buscar trabalho para colaborar? Foi quando o novo prefeito eleito, Paulo Cesar Cruz ofereceu-me a função de Secretária de Educação

⁸ MDB – Movimento Democrático Brasileiro. ARENA – Aliança Renovadora Nacional.

do Município. Que insegurança! Era um cargo de confiança. Logo busquei autorização da Ir. Tereza Benedetto, Superiora Provincial⁹ e do Bispo da diocese de Goiás, pois não sabia se podia desempenhar tal função. Senti como um grande desafio, pois, além de tudo, era algo novo para uma jovem inexperiente. A resposta das autorizações foi positiva.

Não vou me estender nisto, pois não é o foco da minha história, mas faço questão de registrar, pois foi muito abençoada minha experiência. Apesar da insegurança, sentia forte a mão de Deus que me conduzia e me iluminava a assumir esta função, que vivi como uma missão.

Creio que realmente Deus permitiu tudo isto acontecer, para que se pudesse alargar mais a nossa missão naquele município. Não me recordo quantas escolas rurais foram fundadas e ao mesmo tempo era grande minha alegria, pois conjuntamente com o trabalho na educação do município, fundava também Comunidades Eclesiais de Base, onde existiam as escolas e, também, em outras localidades. Em todo este percorrer educacional e missionário fui conhecendo mais de perto a realidade do campo e a verdade de que realmente os grandes latifúndios eram os provocadores do inchaço das cidades, pois havia muita terra sem gente e muita gente sem-terra. Vale destacar que consegui manter escolas com poucos alunos, que segundo as normas não podiam continuar. Não foi fácil, mas conseguimos graças também ao trabalho conjunto com o prefeito Paulo Cesar Cruz¹⁰. Tudo isto justamente para evitar que as famílias tivessem que migrar para a cidade para que seus filhos pudessem estudar, ou então deveriam permanecer sem estudo.

Terminado meu tempo atuando como Secretária de Educação, função que assumi por quatro anos, criei uma escolinha de alfabetização que funcionou por mais um ano, utilizando espaços físicos no salão, nos fundos da casa onde morávamos. Aquele salão foi construído com o material que sobrava de uma capela, que o

⁹ Ir. Thereza Rosa Benedetto foi Superiora Provincial da Província Cristo Rei no período de 1972 a 1974 e 1978 a 1980. Cf. CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO, SCALABRINIINAS. *Província Cristo rei. Uma abordagem sócio-pastoral*. Porto Alegre: Renascença, 1993.

¹⁰ Prefeito de Itapirapuã, mandato de 31.01.1973 a 31.01.1977.

fazendeiro tinha abandonado, em meio ao gado, pois não havia mais gente que a frequentava. Criar esta escolinha foi uma iniciativa, sobretudo, para ajudar na sustentabilidade da comunidade. Foi uma experiência única de alfabetização. Já me encontrei com vários profissionais que me recordaram que foram alfabetizados naquela escolinha. Uma psicóloga, já fazem mais ou menos uns cinco anos, cantou para mim, ao telefone, uma música que ensaiei com eles, a turma dos pequenos, para cantar no dia das mães, algo que eu não tenho mais a lembrança. São detalhes que muitas vezes fazem a diferença. Bonitas recordações.

No segundo semestre do ano de 1978, encerrada minha missão em Itapirapuã, fui enviada à cidade de Goiás. A partir deste ano, até 1998, estive presente na Diocese com uma atuação muito especial na luta pela terra, embora tenha participado e colaborado em várias organizações da própria diocese, tais como a Coordenação Regional de Pastoral, pois a diocese estava dividida em regiões e a Coordenação Diocesana de Catequese, além de atuar como Assessora Diocesana, junto com um sacerdote e uma leiga; e de forma mais expressiva, na Coordenação Diocesana da Comissão Pastoral da Terra. Destaco que além de agente de pastoral, fui professora estadual nomeada por concurso. O tempo era organizado de modo a responder aos apelos da missão específica na Igreja.

2.5 Relato de Ir. Maria Helena Aparecida – Teodoro Sampaio, SP

Enquanto em Goiás e em Mato Grosso do Sul a missão desabrochava e produzia frutos nas missionárias, nas igrejas locais e junto aos migrantes sem-terra, Ir. Maria Helena Aparecida¹¹ narra como também em São Paulo a atenção aos migrantes sem-terra interpelou a missionariedade MSCS e produziu frutos para o Reino.

¹¹ APARECIDA, Maria Helena. Sementes de esperança. Relato enviado ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM. Monte Alto, 01 de junho de 2021.

No período de 1982-1983 trabalhei com os sem-terra no município de Teodoro Sampaio, SP. No quadro do Centro Social Nossa Senhora Aparecida, Paróquia Nossa Senhora Aparecida. Neste período os sem-terra estavam concentrados em três Glebas: Santa Rita, Planalto e Ponte Branca. Visitava as famílias, os doentes e, se necessário fosse, os encaminhávamos para Presidente Prudente ou outros centros de saúde competentes para o caso. Quando das celebrações eucarísticas, enquanto o Padre Jésus Pereira dos Anjos, Pároco do vasto município do Pontal do Paranapanema, Diocese de Presidente Prudente, SP, atendia as confissões, com a comunidade ensaiava os cânticos para a missa.

E no período de 1984-1988, como diretora do mesmo Centro Social, além das minhas responsabilidades inerentes a essa função, acompanhei de perto os acampamentos que engrossavam cada dia mais, ao longo da estrada, com precárias barracas de plástico, com uma temperatura interna de uns 50°C, pois a região, no verão chegava facilmente os 45°C. Não tinham água, e nem o mínimo de condições básicas para um ser humano. Com o apoio da Secretaria Social Estadual e Promoção Humana, na pessoa da Diretora, Lourdes Azedo, foi possível conseguir carros pipas de água, vestimentas e alimentos e cuidar melhor da saúde de todos. Com o apoio do padre José Antonio de Lima, pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Teodoro Sampaio, por uns dois anos, a parte espiritual era assegurada. Em seguida retornou à Paróquia padre Jésus Pereira dos Anjos¹², dando continuidade com afinco e dedicação a essa missão. Formação para os catequistas e outras pastorais necessárias. Com uma equipe fundamos a Pastoral da Criança, em todo território do Pontal do Paranapanema. Nossa simples casa era de passagem e acolhida para quem batesse à nossa porta.

Desde sempre as Comunidades Eclesiais de Base foram muito importantes para o crescimento espiritual. As missas eram asseguradas mensalmente em lugares diferentes, facilitando a participação dos cristãos. Quando fui transferida de Teodoro Sampaio, em 16 de maio de 1988, os frutos do trabalho deles e da terra eram abundantes. Escolas foram criadas. Tivemos muito apoio do governo estadual e municipal.

¹² Ambos, sacerdotes da diocese de Presidente Prudente, SP.

2.6 Relato de Ir. Elena Vigolo – Teodoro Sampaio, SP

Na década de 1980, também a Ir. Elena Vígolo¹³ atuou em Teodoro Sampaio, SP, assumindo iniciativas e somando com outras lideranças eclesiais e sociais, na luta pela vida que os migrantes sem-terra acampados e/ou assentados na região viviam, sofriam e lutavam.

Fui enviada à Missão em Teodoro Sampaio, SP, na década de 80. Primeiramente, fui para ser Diretora do Centro Social Nossa Senhora Aparecida, da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Diocese de Presidente Prudente, SP. A Paróquia era muito extensa, pois o Município atingia o Pontal do Paranapanema. Além da creche, tínhamos mais quatro núcleos com atendimento a crianças e adolescentes nas regiões pobres do Município.

Participávamos da Pastoral Paroquial e no atendimento às famílias carentes com alimentação, roupas e Pastoral da Escuta. Havia também na região glebas (pessoas assentadas) e que estavam sendo perseguidas, presas e mortas por jagunços. Nós participávamos das reuniões, fazíamos as celebrações e visitas a estas famílias. Quando alguém precisava de atendimento médico à noite, só eram atendidos com a presença da Irmã (eu deixava um bilhete na cama dizendo: fui ao Hospital), pois os doentes deviam apresentar um cadastro do Sindicato (a Irmã era a segurança do hospital na apresentação do documento, caso a família do doente não o apresentasse no dia seguinte), então eles nos chamavam em casa e eu os acompanhava ao hospital até que fossem atendidos e depois voltava sozinha, qualquer hora da noite e, ou da madrugada.

Como todos os anos aconteciam as enchentes do Rio Paraná e Paranapanema, os moradores das ilhas perdiam tudo: casas, animais, plantações, etc., e ficavam alojados em barracas e no centro social. Surgiu então, com essas famílias e outras, que eram expulsas do seu pedacinho de chão, um acampamento à beira da estrada, não lembro

¹³ VÍGOLO, Elena. Missão com os Sem Terra em Teodoro Sampaio – SP. Relato enviado a Ir. Inês Faccioli, Secretária da Província Maria, Mãe dos Migrantes. Aparecida do Norte, 29.06.2021.

a quantidade, mas eram mais de 500 famílias. Nós acompanhamos estas famílias, desde cedo nas reuniões, tentando organizar um pouco aquela aglomeração e, acalmando os ânimos, pois tanta gente sem trabalho, precisando de tudo, como ficar tranquilas? Também fomos com eles para São Paulo conversar com o Governador, reivindicando terra para todas estas famílias, pois aquela região está cheia de terras da União, porém os que tem terra sobrando, foram tomando posses ilegais.

A Secretaria Estadual de Promoção Social e Humana de Presidente Prudente, representada pela Assistente Social Lourdes Azedo, que já visitava o Centro Social e os núcleos do Pontal do Paranapanema, ligados ao Centro, nos enviava caminhões de alimentação e roupas. Eles passavam em Teodoro e eu ia no caminhão para fazer a distribuição nos galpões que tinham sido preparados para este fim. Lá, também, atendíamos os doentes e a Kombi do Centro Social Nossa Senhora Aparecida levava 12 mulheres todas as semanas para Presidente Prudente fazer exames e tratamentos, se precisassem. O Curso Técnico de Enfermagem me ajudou muitíssimo nesta Missão. Todos os domingos íamos com o Pe. José Antonio, que rezava a Santa Missa e fazíamos a pastoral da escuta. Logo que fui transferida, as famílias começaram a ser assentadas.

2.7 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – Sobre o compromisso na luta pela terra

De volta, com o olhar da mente e o ouvido do coração, para a Diocese de Goiás, o testemunho de Ir. Zenaide Ziliotto traz outros passos daquela caminhada na luta pela Reforma Agrária, junto aos sem-terra, em Goiás.

Animar, organizar, partir, resistir, conquistar, celebrar, agradecer, amar. Um caminho com desafios, fé, esperança, conquistas... “Terra linda abençoada, terra amada dos meus pais. Terra de luz e de glória, terra amada dos meus Pais... É Goiás, Goiás, Goiás...”. Foi nesta terra assim cantada na cidade de Goiás, em serenatas nas noites goianas, tão abençoada e amada, que se inicia mais, ordenadamente, uma caminhada de luta pela conquista da terra, para quem dela necessitava para viver.

Refletindo, hoje, sobre minha atuação na luta pela terra, vivendo no coração da diocese, sentindo mais de perto o apoio de Dom Tomás, foi realmente um fator de confiança, segurança, tanto humana como espiritual, para assumir com coragem a missão que me foi confiada em algumas pastorais, coordenações, mas, sobretudo na participação e apoio na luta pela terra, para que o povo não perdesse o direito de não migrar a não ser para retornar ao campo, de onde era forçado a sair, para viver nas periferias das cidades.

No ano de 1975 foi criada, em Goiânia, a Comissão Pastoral da Terra – CPT, ligada à CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Nasceu por uma força e presença significativa da diocese de Goiás, que na Assembleia Diocesana daquele mesmo ano, viu a necessidade de fazer algo mais forte para fazer acontecer a Reforma Agrária.

A iniciativa se justificava pela presença de regiões com grandes latifúndios. A proposta de apoiar a Reforma Agrária era uma maneira de a Igreja ser um sinal do Reino, em defesa e promoção da vida de muitos marginalizados no interior do Estado.

É certo que não somente Goiás teria que lutar para que a terra, dom de Deus, fosse repartida para quem dela precisasse, mas em muitas outras partes do País. A CPT é uma Comissão Nacional e, portanto, teve, e tem até hoje, sua missão na Igreja de acompanhar, apoiar e celebrar a vida junto ao povo e as famílias do campo.

Portanto, por que entrar na luta pela Reforma Agrária, junto aos sem-terra, em Goiás? Por que assumir o desafio de uma luta dos pobres contra a força dos poderosos? Por causa do poder da fé e da esperança, movida pelo amor que vem do Alto e motivada pelo ensinamento de Jesus, o promotor da vida e da dignidade humana.

A missão junto ao povo do campo, sobretudo os expulsos das fazendas, foi o de apoiar, ajudar e tornar realidade a Reforma Agrária sonhada, para que o povo que necessitava da terra pudesse nela trabalhar e viver, sem ter que migrar.

Na verdade, quando concretamente se começou a missão em Goiás, antiga capital do estado de Goiás, na organização do povo na luta em busca da terra, a diocese de Goiás já havia feito uma caminhada expressiva no seu compromisso de opção preferencial pelos pobres. Relembrando aqueles passos, com o olhar de agora, sobretudo pelos

pobres da terra, reconheço uma voz profética da atuação da igreja, diante da realidade do homem do campo. O Movimento dos Sem Terra não havia chegado ainda em Goiás¹⁴.

Iniciamos no começo da década de 1980 um trabalho concreto de organização do povo nas periferias da cidade de Goiás, motivados pela própria opção preferencial pelos pobres e com o apoio da Comissão Nacional da Pastoral da Terra - CPT, que tinha sua sede em Goiânia.

A diocese de Goiás, embora tivesse participado intensamente na criação da CPT nacional, somente em fevereiro 1982 viu a necessidade de criar a CPT diocesana, da qual também participei como membro da coordenação.

Uma primeira atividade pensada e proposta foi a de elaborar uma ficha para conhecer quem era trabalhador do campo e porque teria vindo para a cidade. Organizei uma pequena equipe, e começamos o trabalho. Eram várias perguntas: Por que veio morar na cidade? Se pensava ou desejava retornar a viver no campo a cultivar a terra. Outras perguntas mais¹⁵.

Foi um trabalho intenso de conhecimento, sendo que a maioria vinha de fazendas onde o gado tomou conta e não tinha mais trabalho e nem lugar para viver. Outros, eram posseiros, que haviam perdido seu direito à terra. Lembro, como era grande o lamento do povo, o fato de não estar no campo e viver na periferia sem trabalho e ter que comprar de tudo para comer, pois na roça havia mais fartura.

A visita às famílias se realizava, normalmente, junto com outra pessoa e sempre tinha uma motivação de fé, uma oração, a partir da realidade que se apresentava.

Aos poucos, foi se criando uma rede entre os trabalhadores, que não necessitava mais fazer ficha, pois os que eram da terra, se passavam a notícia. Aos poucos, não só pessoas de Goiás se interessavam, mas também trabalhadores de outros municípios,

¹⁴ Passam da grafia sem-terra para Sem Terra quando se assumem como parte do Movimento Sem Terra (MST), constituído em 1984, mas gestado desde 1979, quando se deu a retomada da luta pela terra, pela Reforma Agrária.

¹⁵ Não tenho conhecimento de nenhuma outra cidade que tenha realizado tal atividade, com o objetivo de facilitar a organização do povo para reverter o êxodo do campo.

entendendo que organizados poderiam conquistar um pedaço de terra para viver e trabalhar.

Deste trabalho é que começamos os encontros de formação com os que se interessavam a participar da caminhada, inicialmente em algumas casas, e mais tarde no salão da comunidade. De certo modo, esta atividade deu início a uma caminhada de organização, de formação e favoreceu o processo de luta e conquista da terra em Goiás.

Sinto realmente alegria ao relembrar esta atividade, pois se vivia a fé com coragem e muita esperança de realizar o sonho de Deus, que era ajudar a construir seu Reino. O chamado a trabalhar para o Reino de Deus era muito forte e vivido com alegria e esperança na caminhada da Igreja, ou seja, “na Igreja da caminhada”, como se falava e se escrevia. Isto se referia a tudo o que a Igreja realizava, sobretudo nos grupos de Evangelho, onde a luz do Evangelho iluminava a realidade vivida do povo e fortalecia o compromisso em defesa da vida, da justiça e da luta pelos direitos e, para o homem do campo, o direito à Terra.

Enquanto se fazia este levantamento na periferia da cidade de Goiás, de modo especial no setor aeroporto, e se começava a reunir o povo a partir de uma leitura da Palavra de Deus, refletindo sobre a realidade que viviam os que estavam na periferia da cidade, no campo continuava a expulsão dos trabalhadores das fazendas, bem como os conflitos com posseiros, que há muito tempo viviam em terras que se diziam devolutas. Tenho lembrança que acontecia isto, especialmente nos municípios de Itapirapuã e Jussara.

Eu tenho acompanhado e apoiado como primeira experiência direta um grupo de posseiros numa região chamada Estiva, no município de Goiás. Eram apenas seis famílias que a partir do ano de 1980 sofreram ameaça de despejo, tiveram queimadas suas casinhas construídas há muitos anos. Foi uma luta que durou até 1984 e, por fim, os que resistiram reconquistaram definitivamente a terra, mesmo com demora em obter a documentação.

Esta experiência, na época, escrevi em verso e prosa. Para mim foi um impulso forte para assumir com coragem a luta pela terra. Entendi que Deus estava me pedindo algo que não devia temer para defender e promover a vida do povo, para evitar a migração. Não sei, mas acredito que era a força do carisma scalabriniano que me

chamava a seguir com muita fé, superando as ameaças que se faziam sentir e as que poderiam vir.

Quero destacar que estive presente em vários momentos, em reuniões, em audiências, em acampamento, animando caminhada, mas o momento mais tenso e que senti forte a presença de Deus protegendo e defendendo os pobres e a vida de quem se coloca ao seu lado, foi o dia em que se organizou um mutirão, juntamente com os Sindicatos dos Trabalhadores de Goiás e Itapuranga, para reconstruir ao menos um “barraco”, depois da segunda queimada das moradias, para que os posseiros pudessem estar ali e cuidar de sua plantação. Eu fiquei com um grupo de mulheres preparando o almoço, próximo a uma casinha queimada. Os homens partiram para a reconstrução de outra casa, a qual poderia estar vigiada e realmente estava, e foi onde aconteceu o enfrentamento. O soar dos tiros nos assustou. Mas a mão de Deus os protegeu do mal e os vigilantes abandonaram o espaço. Uma vitória onde sentimos muito medo, mas também a força do Deus dos pobres e injustiçados pela ambição e domínio dos poderosos da terra, sendo favorecidos em seus direitos.

Um momento forte, também nesta luta, foi a caminhada organizada em favor daqueles posseiros, que se encerrou com uma missa, na qual Dom Tomás fez uma homilia de apoio e de encorajamento à luta pela terra, que também favoreceu e encorajou os que estavam se organizando para ocupar e exigir do INCRA¹⁶ terra que era improdutiva no município, para poder trabalhar e viver.

Era o apoio da Igreja, da CPT e, também, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que em Goiás se havia criado apenas em 1980, mas já como um sindicato de oposição, pois a FETAEG¹⁷ não se comprometia nas lutas do povo e muitos sindicatos que seguiam suas ordens eram chamados de “Pelegos”¹⁸.

Penso que é importante referir, ao menos em parte, o que escrevi na época sobre a caminhada deste grupo de posseiros, pois com certeza estão mais expressos os sentimentos, as expressões de uma presença viva em uma história de luta e conquista da terra.

¹⁶ INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

¹⁷ FETAEG – Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura do Estado de Goiás.

¹⁸ A expressão “pelegos” significava aqueles que não defendiam os verdadeiros direitos do povo do campo e não se envolviam em sua luta.

[...] Uma comissão de posseiros e entidades de apoio vão à capital falar com o Governador.

Marcada a audiência
Para haver melhor solução,
Foi decidido discriminatória,
Para acabar com a confusão.

Até hoje estão esperando
Os técnicos medir o chão,
Mas isso não acontece,
Porque o grileiro perde a questão

Vencidos, mas não derrotados – Audiência perdida. No dia 06 de dezembro de 1984, realizou-se a audiência para julgar sobre a indenização, quanto à destruição da posse.

A esperança de conquistar um direito profanado era grande. Um considerável grupo de trabalhadores acompanharam no Fórum o desenrolar da audiência, aguardando com ansiedade uma resposta positiva. No coração do justo é inaceitável um julgamento injusto. Mas, é mais novidade a parcialidade dos juízes, a “justiça” a favor dos grandes e poderosos e a compra da lei.

Imagine você amigo
Qual o motivo apresentado
Pelo homem que se diz juiz
Para julgar o caso
Não há prova suficiente
Que o grileiro é o dono do estrago

Ó justiça injusta
É farsa julgar com iniquidade
Pois não escondes mais ao povo
A corrupção e a falsidade.

A força da esperança.
A perda deste direito
Não matou a esperança
A terra não será tomada
Pois a luta é de garra e confiança.

Assim vivem lutando
Sempre em comum união

Esperando que até a colheita
Possam ser donos definitivos do chão
Pedem aos amigos de luta
Que lhes estendam a mão.

Termino o relato desta experiência a caminho da vitória,
com toda a esperança que não tardará a se concretizar o
desejo dos posseiros.

A terra cativa um dia vai produzir na liberdade, o povo terá
fartura e cantará ao Senhor um hino de louvor.

(Ir Zenaide Ziliotto – CPT Diocesana¹⁹)

2.8 Relato de Ir. Elda Broilo – Evangelização e profetismo através da arte

Enquanto isso, em Goiânia, Ir. Elda Broilo desenvolvia seus dons artísticos a serviço da igreja, e atuava na missão junto aos migrantes sem-terra urbanos. Sua arte, do desenho à animação da mística, marcou décadas de presença itinerante, junto aos trabalhadores sem-terra e ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST.

Uns dos meus trabalhos pastorais na Arquidiocese de Goiânia era a ilustração de folhetos, de folders, a revista da Arquidiocese, cartazes, subsídios que a Arquidiocese utilizava para a evangelização, estudos bíblicos, eventos como foi o 6º Encontro Nacional das CEBs realizado em Trindade, GO, em 1986. Neste encontro nasceu o MARCA (Movimento de Artistas da Caminhada)²⁰. Falo, sobre este

¹⁹ ZILLOTTO, Zenaide. *Uma experiência de luta e vitória. Posseiros da Estiva – Goiás – GO*. Dezembro de 1984. Mimeo, p. 10-12.

²⁰ “O Movimento de Artistas da Caminhada – MARCA é uma articulação de artistas vinculados ao que se convencionou chamar de “Caminhada”, ou seja, as organizações populares: pastorais sociais da Igreja Católica (majoritariamente), movimentos sociais (como o MST), CEBs, etc. o MARCA nasceu [em 1990] com a intenção de ser um *espaço*, uma *referência* para identificar, reunir e organizar os artistas da música, artes plásticas, dança, teatro e de outras modalidades que atuam em sintonia com os ideais e as ações desenvolvidas a partir da Caminhada”. FONTELES, Babi. Entrevista a Zilma Pereira dos Santos. 1998, p. 1.

encontro, pois foi uma plataforma onde decolei com a ferramenta da “arte”, muito útil e poderosa, para a evangelização!

Para este encontro, a Arquidiocese convocou agentes pastorais para a sua organização. Precisava envolver ao máximo pessoas das CEBs, que se comprometessem em preparar e colocar-se a serviço para todo o necessário. Um deles, era a ambientação, que constituía em embelezar todo o ambiente do enorme ginásio onde aconteceria o Intereclesial.

Era preciso convocar os artistas do meio do povo, aqueles que sabiam fazer algo deste gênero, para tornar o ambiente belo, alegre e acolhedor. Uma vez formado e reunido o grupo da ambientação, planejamos trabalhar a visualização do tema – “Povo de Deus em busca da Terra Prometida”, e seus objetivos, fazendo isto através de um grande painel. Igualmente, era fundamental contar a história dos quatro encontrões intereclesiais anteriores das CEBS, realizados em outros Estados. Estes painéis deveriam ser grandes, de 15 a 30 metros quadrados, para serem vistos de longe. Não tínhamos técnicas para tanto. O que tínhamos, era papel e tintas. Era o que sabíamos e podíamos fazer. Era um grande desafio. Eu fiquei com a coordenação deste trabalho. Mas um Anjo artista chegou da Espanha até nós. Veio nos ensinar a trabalhar sobre tela, era o Padre Maximino Cerezo Barredo²¹, um grande artista painelista, da Congregação dos Claretianos e colega de Dom Pedro Casaldáliga, convidado por ele a participar deste 4º Encontro das Comunidades Intereclesiais de Base. Foi fantástico aprender a preparar tecnicamente todo processo para realizar um grande e belo painel desde a base, a pintura, a ampliação, a perspectiva, as luzes e sombras, o movimento, o volume, as expressões... tudo sobre a tela. Que beleza!

Era preciso um painel grande para um espaço grande, onde estariam presentes mais de mil pessoas. Era preciso atrair e concentrar o olhar coletivo, criando assim o foco de atenção no que se queria: o objetivo feito imagem. Foi emocionante aprender a produzir esta arte a serviço do povo de Deus, que tem fé/pé na caminhada, pois, a partir daí, os Artistas da Caminhada (MARCA) foram se multiplicando País a fora!

²¹ Maximino Cerezo Barredo, CMF (Villaviciosa, Astúrias, 4 de agosto de 1932), artista plástico espanhol.

Na Igreja de Goiânia. Vou descrever um pouco esta missão que realizei como missionária scalabriniana em Goiânia, para entender como aconteceu o desejo e a realização de estar com os Migrantes do Movimento Sem Terra.

A Igreja de Goiânia, com Dom Fernando Gomes dos Santos, que participou do Concílio Vaticano II, e fez parte do grupo de bispos, encabeçado por Dom Helder Câmara (*1909 +1999), que fizeram uma aliança, um pacto nas Catacumbas (1965), confirmado no Encontro latino-americano em Medellín (1968), na Colômbia, de estarem com os pobres. Dom Fernando, bispo da palavra e da lei, pois conhecia o direito constitucional do Brasil, se voltava carinhosa e determinadamente aos pobres, migrantes, desempregados, doentes, analfabetos adultos, jovens e crianças sem escola, homens e mulheres sem teto, desempregados e sem-terra para morar.

No perímetro urbano de Goiânia, havia muitas terras devolutas, e muita gente vivendo em aluguéis e em favelas.

A Igreja pós-conciliar aos poucos foi constituindo sua forma de ser, se reunir, participar e se expressar. E a Pastoral Social estava ali nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), e junto a elas, com a Teologia da Libertação que reúne Fé e Política. Este jeito novo de ser Igreja que o Concílio Vaticano II nos trouxe, foi tomando forma. Este jeito de ser Igreja, incluía todas as dimensões e necessidades do ser humano, principalmente a dimensão social, a mais urgente neste momento, que era ampliar o espaço da VIDA para os pobres, a partir de ter um pedaço de chão – terra, cuidando da Fé!

Esta realidade olhada, estudada e confrontada, refletida com a Palavra de Deus, era conduzida pelo método teórico do Ver, Julgar, Agir e Celebrar, que se encarna na prática e a partir da prática, testado pela Ação Católica, e aprovado pelo papa João XXIII, na Carta Encíclica *Mater et Magister* (1961):

VER a realidade desta gente, destas comunidades.

JULGAR a partir de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, dos profetas e da experiência libertadora do Êxodo, trazer para a comunidade presente que impulsionava o novo com o CELEBRAR a memória presente, viva e festiva.

E planejar como AGIR em favor da vida, transformando a realidade em Reino de Deus.

A caminhada, especialmente as conquistas, levavam a CELEBRAR a força que gera a comunhão, as conquistas que produzem os avanços, e celebrar também os retrocessos como espaços de maturação da luta. Celebrar os projetos e os sonhos de Deus. Era o Novo Pentecostes, “clareando a vista” deste povo migrante e para nós, a certeza de estarmos realizando o desejo de Deus. Esta era a Mística que nos alimentava a fé cotidiana, a nós Irmãs MSCS, e deste povo peregrino.

O êxodo. Mas, de onde vinha tanta gente para Goiânia? Como viviam no campo os que de lá migravam, e sobreviviam nas periferias urbanas estas multidões? Por que saíam do seu lugar de origem? O que experienciavam pelo caminho da travessia? O que encontravam no lugar de destino? O que buscavam? Quem escutava seus clamores silenciados pelo desconhecido, pela dor, pelo descaso? E por onde começar a atender tantas necessidades fundamentais? Eram estas e muitas outras perguntas que a cada dia nos fazíamos.

Recordo, que meu coração ficava apertado, ao ouvir estas experiências existenciais. As imagens, destas situações, fluíam dentro de mim, como ver sem entender!

Esta migração, procedia do avanço das fazendas na Indústria Agrícola para o gado, a plantação da soja, no estado de Goiás. O camponês era expulso de suas terras, de suas pequenas propriedades, ou terras alugadas, ou expulso de outras cidades e estados vizinhos. Não lhe restava outra saída, senão migrar em busca de um lugar para sobreviver. Consequentemente, se estabeleciam nas periferias da cidade grande na esperança de sobreviver, gerando as grandes e desumanas favelas.

Era lindo ver este “Novo jeito de ser Igreja - CEBs”, que saía ao encontro desta gente pobre e migrante, para encontrar-se mutuamente: Igreja e Povo, a fim de inteirar-se das suas necessidades. Era a Igreja em saída!

Fé e Política era um jeito novo de ser Igreja. Ela se ocupava com a formação do povo, reunindo as famílias, fazendo encontros de estudo, leitura e reflexão de grupo. Isso acontecia nas ruas, quarteirões, bairros, cidades, estendendo-se a toda a Arquidiocese.

As ocupações urbanas. Eram grandes massas, de duas a três mil pessoas, que da noite para o dia fundavam bairros e bairros,

com as ocupações destas terras devolutas na cidade de Goiânia. Isto acontecia por não suportarem os alugueis dos apertados barracos, em busca de um espaço para a vida e a liberdade. Certamente enfrentar e conseguir a ocupação de um terreno, ficaria mais fácil para superar as outras tantas necessidades e dificuldades de sobrevivência, como o desemprego, o transporte, a educação, a saúde, a alimentação, e outras necessidades básicas. Esta realidade, empurrava grandes massas de gente para estas ações. As ocupações eram previamente estudadas, em seus detalhes, para tudo dar certo.

Combinado o dia, a hora e o local da ocupação, ao chegarem, rapidamente, traçavam seus lotes, as ruas, demarcavam o espaço para a igreja, centro comunitário, a escola, o posto de saúde...

Era uma multidão feliz, rápida, alegre, entusiasmada, determinada com seu propósito, que estava dando certo. Também estavam previstos os desafios do enfrentamento com a polícia, que era paga pelo suposto dono da terra ou pelo Estado, e que vinham com seus cães, tratores e máquinas de destruição e despejo, que ali chegavam sem dó e sem piedade, ateando fogo nos barracos, o helicóptero levando ao espaço aqueles barracos de papelão, cachorros adestrados para atacar as pessoas, chicotadas, ferimentos, produzindo uma situação de gritos, especialmente das crianças, que sempre acompanhavam os pais, choros, prisões... Era um terror o ataque aos pobres, e era seu clamor que subia aos céus, pedindo partilha, solidariedade, direito, justiça, igualdade e paz!

Nossa presença e atuação. Este era o nosso chão, como Irmãs Scalabrinianas, junto a este povo migrante. Era estar ali, presente, ajudar, apoiar, animar, cuidar e muitas vezes, alimentar, fotografar, registrar atitudes desumanas que aconteciam contra os posseiros e, tomar as devidas providências, junto à Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese. O registro destas ações eram conteúdo da Revista da Arquidiocese. Era impossível, não desenhar tais imagens presenciadas, para ilustrar a matéria!

Isto era fruto de uma pastoral com formação bíblica, que ilumina, mobiliza, clareia a visão, destrava a ação e leva o povo a se organizar, se juntar e agir, coletivamente, sempre em favor da vida, da própria vida e da vida de todos! Era a formação de consciências, que se fazia através da Palavra de Deus e dos direitos constitucionais por

terra, casa, trabalho, educação, saúde... Era muito importante a nossa presença, o apoio e a solidariedade, o estar junto com eles!

Este era um jeito de estar junto do povo para evangelizar, abrir os olhos, para criar o espaço de direito, de promoção humana, de participação, de fortalecimento na fé, na esperança, no respeito à dignidade. Eles entendiam que estar junto uns dos outros, muita gente junta, era possível e mais fácil a vitória! Essa tarefa era imensa e intensa, juntamente com as demais pastorais. Depois, organizadamente, tudo se ajustava no novo lugar.

O Setor dos Direitos Humanos, Justiça e Paz, tinha muito que fazer!

Recordo, que em uma destas ocupações de uma área verde, perto de nossa casa, na Vila Brasília, fazíamos paneladas de comida como arroz, feijão e mandioca, e com o carrinho de mão, a levávamos até eles. Era a festa da partilha com sabor de vitória em meio à luta! Um esforço imenso para obter o direito de viver! Uma vez ocupada a área, deviam ali permanecer, para não perderem a terra, nem perdê-la por ser reintegrada ao suposto dono. A luta era grande, duradoura e contínua!

A pessoa, ao pisar um lugar assim, ao ver uma situação destas, ao permitir ser tocada pela realidade ali encontrada, sua espiritualidade, que trabalha no mais profundo do ser humano, desperta a compaixão, o amor e o compromisso.

E foi ali, neste envolvimento todo, nesta inserção, neste sujar os pés e as mãos junto com os pobres, que aprendi a voltar meu olhar para eles, sentir indignação e compaixão.

Nesta realidade onde meus pés pisavam, nasceu o desejo de estar mais e mais com eles, guardar na retina do meu olhar contemplativamente esta realidade, escutar suas histórias de dor, de fuga, de sonhos, de migração e deixar despertar a compaixão, o carinho por eles, em meu coração, e de reconhecer no rosto deles a Jesus de Nazaré, o Cristo, e enamorar-me deles!

Mas, *não foi tão simples assim*, participar de uma missão tão desafiadora, nova, nestes anos de fim da ditadura, em que as CEBs estavam corajosamente, iniciando e se fortalecendo a cada dia!

Este processo, lento e necessário, me levava a perceber quantas crenças limitantes e preconceitos eu carregava dentro de mim, da

minha formação e da minha cultura. Havia um desconhecimento e, conseqüentemente, um descompromisso com os pobres. Era preciso despir-me de mim mesma e acreditar, confiar, me entregar e deixar-me tocar pela ação criativa do Espírito. Era preciso aprender a entrar no movimento da paixão, que movia esta gente toda, entrar na sua dor e deixar-me despertar pela compaixão. Era preciso prestar atenção, como fazer parte da vida deles. Como servir? De que forma eu poderia ajudar, fazendo-me presença entre eles e com eles?

Percebi, que era preciso deixar nascer dentro de mim a empatia, além da simpatia de me sentir ao lado deles, sentindo o que sentiam. Eu estava sendo evangelizada por eles, a ter um olhar novo para a realidade, para a verdade, para o humano de sermos todos iguais, e que a vida precisava ser defendida.

2.9 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – O acampamento na Fazenda Mosquito, Go

Caminhando, o caminho se faz e as missionárias vivem a vida do povo ao qual são enviadas. A década de 1980, foi intensa na luta pela terra no norte de Goiás, onde a Ir.Zenaide colaborou intensamente. A vida do povo, o compromisso da igreja local, os desafios iam se transformando e a Missão seguia os mesmos passos.

Assumir a realidade de estar presente na luta pela terra, foi um ato de amor expresso na ACOLHIDA scalabriniana aos pobres, expulsos da terra. A luta, a caminhada, a organização do povo em busca da terra estava apenas começando.

O povo que se reunia para conquistar seu pedaço de chão se sente mais animado e corajoso após ouvir, ou mesmo participar, na defesa dos posseiros da Estiva e assim, se dá início, no município de Goiás, às ocupações de terra, sendo o primeiro acampamento na fazenda Mosquito, que exigia a desapropriação da terra, pois não era produtiva.

Este primeiro momento forte de luta se inicia na primeira semana do mês de maio de 1985. Ficaram parados dois dias para poder entrar na terra, porque souberam que tinha seguranças, conhecidos

por *jagunços*²², na área por onde queriam entrar e, por fim, com estratégia, entraram.

Por decisão do grupo, não era aconselhado que eu fosse acompanhar a ocupação. No momento da necessidade, ali estávamos para apoiar e ajudar no que fosse possível. Tudo organizado: equipe de coordenação, alimentação, oração e outras. Fizemos um momento de envio como normalmente, a seguir, o fizemos nas demais ocupações, organizando a oração com leitura bíblica que os animava a seguir com fé, suplicando a benção de Deus. Eram católicos e evangélicos, todos unidos com o mesmo objetivo. Ficávamos eu, as outras irmãs e pessoas que apoiavam, mesmo da CPT, rezando e aguardando a primeira notícia.

É bom lembrar que neste mesmo tempo, os fazendeiros criaram a UDR: União Democrática Ruralista. Eles se armaram muito bem para combater todas as ocupações de terra. Na boca do povo estava bem presente a luta pela terra e em contrapartida apareciam as ameaças da UDR. O clima foi se tornando difícil, mas desde o início a força da fé não enfraquecia a necessidade e a coragem de lutar pela vida, porque para as pessoas sem-terra a conquista dela lhe traria vida com dignidade e abundância, com os frutos que produziria.

Se não me falha a memória, não conseguiram iniciar a negociação para pedir a desapropriação da terra; foram despejados na mesma semana e foram acampar em frente da Prefeitura de Goiás. Lembrome que a notificação do despejo estava em nome de uma família que não estava no grupo. Algo estranho na justiça. No acampamento se juntaram mais pessoas, chegando a 53 famílias, que para aquele primeiro acampamento eram muitas.

Neste momento, nós iniciamos as campanhas de ajuda para alimentação, escutávamos suas histórias, fazíamos orações e reflexões junto a eles. O dono da terra improdutiva colocou máquinas e começou a lavar, para dizer que era produtiva, e os ocupantes pediram vistoria ao INCRA, que por sua vez não dava resposta.

²² Jagunços eram pessoas que se prestavam ao trabalho considerado paramilitar de segurança, por conta, normalmente, de latifundiários ou de empresas com interesses financeiros no campo, reconhecidamente hábeis na função de matadores por encomenda ou justiceiros, temidos pela população, pois executam assassinados, permanecendo, normalmente, impunes.

Então o grupo decidiu voltar à terra no final de junho e a equipe de negociação continuou assumindo sua tarefa, com apoio da CPT e do Sindicato.

O Movimento dos Sem Terra, que ainda não existia em Goiás, foi criado em janeiro de 1986. Nós, como apoio e ajuda, seguíamos acompanhando o grupo, marcando presença junto às famílias acampadas, tentando responder às necessidades básicas, levando alimentação, fruto das coletas com as comunidades da cidade, sempre como presença de Igreja, iluminando o grupo com a Palavra de Deus.

Infelizmente a negociação não conseguiu resultado favorável, ou seja, não avançou e, no dia 7 de agosto sofreram o segundo despejo. Lembro-me de que esta vez o despejo aconteceu com a participação de um grande grupo de policiais. Chegaram a Goiás, montaram seu acampamento no setor aeroporto da cidade, onde havíamos iniciado o levantamento das fichas para conhecer a realidade dos migrantes sem-terra da região. Ali ficaram por mais de dois meses. O acompanhamento foi mais fácil, pois a distância favorecia as visitas, os encontros, a formação e a oração. Muitos deles também buscavam fazer alguns serviços para ajudar a sobrevivência do grupo. Algumas famílias cozinhavam juntas, outras faziam sua comida. Distribuíamos a ajuda de acordo com a situação das famílias. Este período foi, por outro lado, também difícil, pois os que não apoiavam a luta faziam ameaças, chamavam os acampados de vagabundos e muitos nomes similares, e não viam com bons olhos aqueles que os estavam apoiando. Mas os pobres, que moravam na área, eram solidários com os acampados.

O que poderia acontecer depois de um segundo despejo? Era preciso pensar outras estratégias para pressionar o INCRA a desapropriar a terra que nada produzia. Depois de reflexões junto à CPT e ao Sindicato, decidiram transferir o acampamento para Goiânia, ou seja, para a Praça Cívica. Não foi fácil, mas a união faz a força. No dia 13 de outubro chegaram para fortalecer e visibilizar seu direito a ter um pedaço de chão, marcando agora presença na capital do estado de Goiás.

Realmente receberam apoio de mais instituições e a repercussão foi muito grande. Conseguiram permanecer lá por quase 50 dias. Neste período, pela distância, me recorro que fui visitá-los apenas poucas vezes. Acompanhava o processo desde a cidade de Goiás.

Foi chegando o Natal, brilha uma luz e renasce a esperança. Foram muitas as ameaças de despejo da praça, pois era costume o Estado montar um presépio naquela Praça. Através de várias negociações junto à Primeira-Dama do Estado, com a promessa de ajuda para conseguir a desapropriação da terra, aceitaram ser transferidos para uma fazenda experimental, EMGOPA.

Ali plantaram arroz, fizeram uma boa colheita e prepararam o celeiro para o futuro próximo. Permaneceram na área até conseguir a desapropriação. A esperança da conquista ia crescendo e a negociação teve sucesso. No dia 6 de março de 1986 a fazenda foi desapropriada, sendo publicada a decisão no Diário Oficial. Logo a notícia se espalharia e a alegria contagiaria a todos. A luta sofrida e cumprida alcançou a meta, a conquista, a “Terra Prometida”.

A festa da chegada. Não me recordo bem o dia que chegaram a Goiás para retornar à Terra, agora conquistada, mas foi uma festa celebrativa e desafiadora. Alegria e ao mesmo tempo tensão, porque realmente sabíamos que havia muita força contrária ao processo de realizar a Reforma Agrária, forçando desapropriação de terras que não fossem produtivas, os latifúndios improdutivos. Mesmo assim, a chegada em Goiás dos migrantes, que haviam recebido, finalmente a terra, foi um grande momento festivo, solidário e comprometedor.

Organizou-se uma recepção calorosa com faixas e som na entrada da cidade. Era necessário tornar público. Foi certamente um ato desafiador, um ato de política com letra Maiúscula, como dizia Dom Tomás. Tratava-se da busca de um bem comum conquistado para o bem das famílias necessitadas que confiaram na vitória. Aquele grupo havia dado início, no município de Goiás às ocupações de terra, chegando em 2020, segundo informações, ao número de 27 assentamentos rurais.

A chegada à terra, agora desapropriada, e a espera da divisão e de todo o processo de oficialidade dos lotes foi uma nova etapa, que também necessitou de muita unidade, coragem e fé para que a organização das famílias tivesse êxito e produzisse os frutos da caminhada realizada.

Conquistar a terra é uma etapa que exige muita coragem, fé e paciência, fortalecida pela esperança de alcançar o que se busca; porém, depois vem outra etapa, com outras exigências, que, também, requer as mesmas condições e, quem sabe, até mais. Não é nada fácil

iniciar uma ação que exige força e união para poder realizar um trabalho comunitário. A cultura ou o costume de trabalhar individualmente, normalmente, fala mais alto do que trabalhar comunitariamente. Foi um assentamento onde muito se trabalhou como equipe de CPT. Depois de mais ou menos oito meses de assentados, chegou o apoio do MST, que se criou, então, no estado de Goiás.

Sendo o primeiro assentamento no município, foi se realizando com várias experiências de produção. Merece destaque a experiência de projetos coletivos, realizados com um grupo que optou por trabalhar conjuntamente, ou seja, comunitariamente. Outro grupo optou por trabalhar em seus lotes, individualmente. Ajudávamos indistintamente, embora as ajudas mais pontuais, com pequenos projetos, eram voltadas para o grupo dos “comunitários”.

Fazíamos, periodicamente, reuniões de formação a partir das necessidades que fossem surgindo. Quanto à oração, embora tivesse gente de diferentes confissões religiosas, fazíamos com celebrações, momentos fortes de oração, festas religiosas e momentos de partilha.

Desde o início, foi um assentamento que tem organizado muitos eventos. Em junho de 2021 tomei conhecimento, através de amigos da caminhada, via Facebook, de uma significativa comemoração: “35 anos do Assentamento Mosquito é marcado pela retirada de pedra para compor o memorial da reforma agrária no Brasil”. Também no Facebook: “Uma Roda de conversa celebra os 35 anos de conquista do Assentamento Mosquito”.

Foi o assentamento mais falado e, poderíamos dizer, o que mais recebeu ajuda para diversas iniciativas. Lembro-me de um grupo que foi apoiado com o projeto de criação de peixes. Conseguiram um trator para o serviço comunitário. Como este, muitos outros projetos foram desenvolvidos no Assentamento Mosquito.

Sei que este assentamento, por ter sido o primeiro no município e por sua história de luta, foi sempre uma referência, sobretudo por ter realizado, ao menos por um tempo, uma experiência de produção comunitária. Isto não significa que não tenha tido seus grandes desafios, mas se tornaram oportunidades e produziram muitos frutos, sobretudo o valor do trabalho em conjunto.

Na conquista renasce a esperança de novas lutas e conquistas. O Mosquito foi o primeiro acampamento e, também, o assentamento

que motivou e encorajou muitas famílias trabalhadoras. Assim que muitos outros depois foram organizados e fizeram sua história. A diferença de cada grupo é sempre percebida, pois a particularidade do momento e das pessoas que se reuniam para conquistar uma terra era distinta. Mas uma característica era comum em todos os grupos: a coragem de lutar e a esperança sustentada pela fé de conseguir a terra que Deus deixou para todos.

Depois da experiência de defesa na luta dos posseiros de Estiva e a primeira luta na conquista da terra com uma história muito especial da ocupação, acampamento e assentamento do “Mosquito”, seguiram-se muitas outras ocupações, acampamentos e assentamentos, que marcaram muito minha vida e que poderia registrar. Vou tentar escrever algo do que me lembro das ocupações e assentamentos conquistados a partir de então. De modo especial aqueles que eu participei mais intensamente. Contar um pouco desta história de aventura, de luta, de trabalho, de festa, de oração, de mutirão, de estudo, de vida, enfim, de fé, esperança, caridade e gratidão.

Já se passou muito tempo...
A vida passa e a história se constrói.
Um dia se chega e outro se parte,
A semente lançada brota, nasce e, seus frutos aparecem.
No hoje da história a colheita é abundante
Viver por si é fazer história.
Reconstruir a história é fazer memória.
Fazer memória é reviver uma caminhada.
É agradecer o caminho percorrido
É gratidão a Deus por sua presença amiga e amorosa que
faz sentir a alegria de lutar por vida, por justiça, por “Teu
Reino Senhor”!

Valorizar a experiência de vida é algo muito importante, pois cada pessoa é distinta. Cada pessoa, cada homem, cada mulher, jovem ou criança nesta luta, tem partilhado muito sentimento e compreensões solidárias, porque a meta a alcançar era a mesma e isto imprime o caráter de sentir a força da unidade, a energia, a motivação, sobretudo espiritual, alimentada de modo especial por aquelas pessoas que eram oriundas das Comunidades de Base, dentro da Diocese, dos chamados grupos do Evangelho.

O Assentamento Mosquito fez um caminho e os demais grupos, em princípio, foram se constituindo de acordo com sua realidade, mas sabendo por conhecimento desta experiência, que a organização, a união, a fé e a confiança somada à esperança de conseguir a terra eram fundamentais para alcançar a meta desejada. Vários foram os grupos que acompanhei desde 1986.

Vale destacar aqui um grande evento realizado como atividade importante da Igreja: a primeira Romaria da Terra, no Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade, em 1986. Momento que recorro com muita emoção e reconheço profundamente a força e a luz de Deus que nos fazia sentir “povo de Deus a caminho da terra prometida”.

Minha alegria foi ter conseguido organizar sete caminhões para levar o povo que queria participar²³. Partimos para a Romaria com muita gente do campo, e também da cidade, pois Trindade inspirava força, esperança e, sobretudo muita fé. Lamento não ter comigo, ou seja, ter se perdido na história a letra da FOLIA DA TERRA, que escrevi e foi cantada por um grupo de foliões. Quando cantada no Santuário, a multidão se colocou de pé e acompanhou com tanta emoção. Inesquecível para mim. Não se apagou em minha memória a imagem e a vibração do povo de Deus diante do Pai Eterno.

A animação tomou conta do povo que sonhava com um pedaço de chão. Tenho certeza que a luta pela terra na diocese aconteceu e se fortaleceu pela fé e confiança na presença de Deus, conhecida na história da caminhada do Povo de Israel na Bíblia e, assim, se sentiam povo de Deus na construção de sua própria história.

Não tenho a sabedoria hoje, depois de tanto tempo e, com pouco tempo para escrever, para fazer memória da história de todos os acampamentos e de minha participação em cada um deles. Menos ainda de outros, fora do município de Goiás, que tenho acompanhado em momentos pontuais.

Um desejo, uma necessidade, uma organização. Tentarei elencar alguns passos em linhas gerais que ocorriam no processo da caminhada em busca da terra.

O número dos camponeses que chegavam às cidades, forçados pelo êxodo rural, engrossava as periferias do município de Goiás,

²³ Na época, com uma licença, se podia transportar pessoas em caminhão.

que atraia os do próprio município e de outros, como lugar que proporcionava condições para organizar e ir à luta.

Iniciamos com a organização a partir das fichas, como já descrito, para saber quem necessitava de terra. Com isso se constituiu o primeiro grupo, que foi o assentamento Mosquito.

A partir deste, se desencadeou um jeito próprio de organizar-se, onde o trabalhador, a trabalhadora buscavam outros conhecidos e, quando o grupo tinha um número significativo, começavam as reuniões, normalmente, em uma casa. À medida que aumentava o número de pessoas, os encontros já eram no salão da comunidade, o espaço próprio para preparar o caminho e partir em busca da realização do sonho. Era, sobretudo, neste momento, que eu entrava na caminhada como Irmã, como CPT, junto com outras pessoas, dependendo da realidade.

Muitos me buscavam para entrar em um grupo quando corria a notícia que havia gente se encontrando para organizar-se a fim de conquistar uma terra para viver e trabalhar.

Minhas perguntas para os que buscavam unir-se a um grupo eram:

- Está interessado mesmo em trabalhar na terra?
- Sabe que será trabalhador e, também, dono e o trabalho não termina às 5 horas da tarde?
- Você acredita que Deus está presente nesta caminhada?
- Que é uma luta comum, ou seja, todos por um e um por todos?

E outras perguntas mais. É uma luta de fé.

A reunião, era o espaço de conhecimento das pessoas, de alinhar os interesses, definir objetivos, metodologia, distribuir tarefas. A Palavra de Deus e a oração sempre estiveram presentes, mesmo que nem todos professassem a fé na mesma Igreja. Alguns, eram até mesmo pessoas sem nenhuma religião.

2.10 Relato de Ir Elda Broilo – junto aos sem-terra no Rio Grande do Sul

Antes de finalizar a década de 1980, as Irmãs MSCS já marcavam presença junto aos migrantes sem-terra, também no Rio Grande do Sul. A memória da Ir. Elda traz uma síntese das equipes, que atuaram naquele momento, juntamente com suas reflexões sobre o significado daquela presença.

A Ir. Adélia Werner e Ir. Elda Broilo atuaram junto aos Sem Terra, durante os anos de 1988 e 1989. Ir. Rita Zanotto e Ir. Elda Broilo, no Acampamento dos Pinheirinhos. Em fins de 1988 e 1989 as Irmãs Rita Zanotto e Clotilde Pellegrini, às quais depois se uniu também a Ir. Iracema Pietrobiasi, atuaram em Cruz Alta e, a seguir, em Bagé.

Esteve trabalhando no assentamento de Bagé, a Salete Carollo, que ainda irmã pertencia à comunidade de Bagé e que dava assistência aos assentados da região²⁴. Tanto a Salete Carollo como a Rita Zanotto continuam nesta organização. Em 2023 a Rita Zanotto fazia parte da Via Campesina Internacional e a Salete, atua como coordenadora responsável pelo Rio Grande do Sul, na direção nacional do MST.

A Ir. Adélia Werner, depois do massacre da Santa Elmira, onde sofreu muito, não se sentiu bem para retornar e assumir o acampamento, em 1989. Foi para o Amazonas, na missão pastoral junto à mulher marginalizada. Eu Ir. Elda, saí no final de 1988 do acampamento, para concluir o curso de desenho publicitário, iniciado em 1987. Retornei ao segundo acampamento em 1989, por alguns meses, de node parti para o Rio de Janeiro, para a CRB Nacional.

Quanto tempo ficamos com eles? Durante mais de um ano, em 1988, caminhamos com este grupo de quatro mil pessoas, que aos poucos foram sendo assentadas, e as restantes, ainda em acampamento, deviam prosseguir na luta.

²⁴ Sucessivamente, Rita Zanotto, Iracema Pietrobiasi e Salete Carolo deixaram a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas e assumiram estar a serviço dos Migrantes junto ao Movimento MST.

O Estado fez a proposta de assentar as demais famílias desde que aceitasse dividir o acampamento em dois. Estas áreas ficariam na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. O Movimento precisou aceitar para não estagnar. Porém os acampamentos ficaram menores e as forças de lideranças organizativas, enfraquecidas. Nossa Itinerância como Irmãs MSCS, para com este grupo, foi até a divisão que o Estado fez.

Alguns meses mais tarde, em 1989, surge um novo acampamento de 6000 (seis mil) pessoas. O Movimento nos convidou a acompanharmos também este novo grupo. Fomos a Ir. Rita Zanotto e eu. Eu Elda, fiquei alguns meses com este novo acampamento, e em 1990 assumi a coordenação do CETESP (Centro de Formação, Espiritualidade e Teologia para a vida Religiosa), RJ – Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional) por três anos. Seguiu a Irmã Rita Zanotto²⁵, depois a Irmã Clotilde Pellegrini. A Ir. Rita retornou a Porto Alegre para terminar seus estudos e entrou a Irmã Iracema Pietrobiasi²⁶.

Neste ano de 1989 fui convidada pela CRB a participar de um encontro Ibero-latino-americano, no Equador, organizado pela CLAR (Conferência Latino-americana de Religiosos) para partilharmos experiências da Vida Religiosa inserida junto aos “Pobres na luta pela terra”. Deste encontro nasceu o desenho deste painel, “A Escuta da Palavra”, já explicado acima!

Neste tempo de acampamento, na Fazenda da Barra, tivemos a visita da Ir. Nadir Contini, que fazia parte do conselho provincial e da Ir. Amélia Pedó, Superiora Provincial, em Tupanciretã. Suas visitas nos faziam muito bem e nos fortaleciam a seguir na missão.

²⁵ Rita Zanotto atuou junto aos sem-terra na Diocese de Cruz Alta e depois na diocese de Bagé entre 1990 e 1991.

²⁶ Iracema Pietrobiasi atuou junto aos sem-terra acampados nas Dioceses de Cruz Alta e de Bagé, RS, entre 1990 e 1991.

2.11 Relato de Ir. Elda Broilo – O massacre da Fazenda Santa Elmira, RS

Não é possível fazer memória do que foi a vivência itinerante junto aos trabalhadores sem-terra no Rio Grande do SI, sem narrar o que foi o massacre da Fazenda Santa Elmira, pelo impacto que registrou na missão MSCS e, sobretudo, na vida daquela população.

Era preciso outra vez, avançar. Feita a análise da conjuntura, previa-se ser muito desafiadora uma próxima ocupação, mas era preciso se levantar daí. A Fazenda Santa Elmira, com 3860 hectares, foi a escolhida.

E esta ocupação, em 7 março de 1989, foi o despejo mais violento para este grupo, no dia 11 do mesmo mês. Esta ocupação é contada no livro do Frei Sérgio Görden, sfm²⁷, *O Massacre da Fazenda Santa Elmira*. A polícia com armas, cassetetes e cães, machucaram mais de 400 pessoas. Houve despejo, prisões, torturas, roubo de alianças, correntinhas, relógios, colchões furados a bala. Ao serem despejados, tiveram que deixar todos os pertences no local, e forçados a subirem em caminhões, serem antes, farejados e mordidos por cães. Vinte e duas pessoas foram presas. Eram elas alguns líderes, o padre Paulo Ricardo Cerioli²⁸ e o Frei Sergio, e foram levados presos para a cadeia de Sobradinho, permanecendo lá mais de uma semana. Frei Sérgio e mais um líder, por estarem sangrando, foram levados ao hospital em camburão. Frei Sérgio escreveu com seu próprio sangue no assoalho do camburão “Reforma Agrária já”! Mais 7 lideranças, que tinham ido negociar, foram presas em Porto Alegre. Todos os demais, retornaram ao acampamento Rincão do Ivaí.

A Irmã Adélia Werner, que também participou no despejo, ficou sem o relógio e sem os óculos, sem seus pertences, retornando ao acampamento junto aos demais companheiros. Todos os pertences foram recolhidos pela polícia e nunca mais foram devolvidos.

²⁷ Frei Sergio Antonio Görden, da Ordem Franciscana.

²⁸ Padre Paulo Ricardo Cerioli, da congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales.

A estrada que dava acesso ao acampamento estava bloqueada, por milícias pagas pelos fazendeiros. Os provinciais do padre Paulo Cerioli e do Frei Sérgio Görden, que foram ver e assistir seus confrades, pelo caminho foram barrados, e com as armas apontadas nas cabeças, revistaram o carro para ver se levavam algo que os identificassem como religiosos. Mas nada conseguiram felizmente.

Eu estava em Porto Alegre, nesta ocasião. O jornalista Rogério Mendelski, que tinha um programa na TV e Rádio Guaíba, ele mostrava a agenda da Ir. Adélia, recolhida na ocupação, chamando-a para que a fosse buscar. Estava entre os pertences que a polícia usurpou. Isto foi muito duro para a Ir. Adélia! Frei Sérgio me pediu para que fosse até o Jornal Zero Hora, que tinha dado ampla cobertura, para comprar fotos especiais do massacre, a fim de ilustrar o livro do massacre na Santa Elmira.

Estes obstáculos todos, fortificavam mais e mais este povo, com aquela resistência e força que vinha do alto. Acreditavam e punham fé (fidelidade) ao Deus Libertador e companheiro. Sim, é um Deus companheiro protegendo o seu povo na travessia do mar vermelho, caminhando para a terra prometida; que dá força para resistir à tortura, à maldade, à injúria, à humilhação; que acompanha e protege os oprimidos sem-terra.

Retornei ao acampamento, para estar junto à Ir. Adélia e demais companheiros machucados e feridos para ajudá-los. Fui avisada pelos provinciais dos padres presos, que me disfarçasse ao máximo, pois buscavam as irmãs e os padres que estavam junto aos sem-terra. Então minha comunidade de irmãs em Porto Alegre, João Paulo I, me ajudou ao disfarce. Saí de Porto Alegre de óculos escuros, lábios pintados, colar e brincos. Chegando em Sobradinho tínhamos que passar frente à cadeia, distante uns duzentos metros, onde estavam os companheiros presos. No ônibus sentia um clima tenso, pesado e de grande medo por parte dos passageiros, e muita desconfiança. Cheguei ao acampamento e constatei muita gente ferida, todos querendo contar e falar sobre a tragédia e, ao mesmo tempo, a alegria do reencontro e conforto, também, para a Ir. Adélia. A Ir. Adélia voltou para a comunidade um tempo, para refazer-se disso tudo.

A presença de religiosos/as na Santa Elmira, provocou uma reunião extraordinária de 12 bispos do Rio Grande do Sul, em

Cruz Alta, ainda em março, acolhida por Dom Jacó Hilgert (1926-2020). E no dia 24 do mesmo mês, aconteceu uma Via Sacra do Povo, no Acampamento, em Rincão do Ivaí; um grande momento de solidariedade.

No dia 27, aconteceu em Porto Alegre, um jejum de 51 horas. Quero destacar aqui o atendimento dado aos jejuandos, durante estes dias, pela comunidade das Irmãs do Hospital Mãe de Deus, na pessoa da presidenta na época, Irmã Jacira Onzi. Eu tomava emprestado do Hospital Mãe de Deus a balança e o papagaio para os médicos acompanharem os jejuandos.

Em abril, de 13 a 28, aconteceu uma Greve de Fome, em Porto Alegre, e em junho o lançamento do livro *Massacre da Fazenda Santa Elmira*, escrito por Frei Sérgio e com desenhos da Ir. Elda. O resultado é que mais algumas famílias foram assentadas, ainda em 1989, em Vacaria, Bagé, Dom Pedrito e Jaguari.

Depois de tanta repercussão nos meios de comunicação, rádios, jornais, e TVs, as coisas se acalmaram um pouco.

Curadas as feridas, refeito o ânimo, havia ainda 325 famílias acampadas. Em 04 de agosto de 1989 ocuparam a Fazenda Capela, em Canoas, e em Charqueadas. Foram assentadas em Bagé, na Hulha Negra e em Charqueadas, numa área do Estado ainda em 1989.

Entre 07 e 09 de setembro de 1989 aconteceu a celebração dos “10 anos de luta, conquista e resistência na terra” – na Encruzilhada Natalino. O cartaz convite, após debate, foi feito pela irmã Elda.

Em 12 de setembro de 1989, aconteceu a ocupação da Fazenda Bacaraí, em Cruz Alta, (feito por outra leva de Sem Terra), e como nem todos conseguiram chegar, surgiram outros acampamentos improvisados em várias regiões do Rio Grande do Sul. Um deles, em Palmeira das Missões. Cerca de 6 mil pessoas acamparam em Boa Vista do Inera; foram acampar nos “Pinheirinhos”, e entre eles, em novembro de 1989, chegaram a Irmã Elda Broilo e a Irmã Rita Zanotto para participar de um novo Êxodo, rumo à terra conquistada.

Neste mesmo tempo, foi elaborado o cartaz de convocação do II Congresso do MST: “Ocupar, Resistir e Produzir”, que virou em um grande painel pintado, coletivamente, numa das oficinas da cultura. Este Congresso se realizou em Brasília, em maio de 1990. Neste mesmo mês aconteceu uma reunião de avaliação da experiência.

2.12 Relato de Ir. Elda Broilo – A Palavra de Deus e a Arte a serviço do povo

A relevância da atuação das Irmãs MSCS junto aos migrantes sem-terra, depois de 20 anos de seu início, crescia e interpelava mais Irmãs MSCS, mobilizava a Instituição e revitalizava a missionariedade da vida consagrada scalabriniana. Migrantes urbanos são acolhidos, apoiados, empoderados em Goiás, mas também em Cariacica, no Espírito Santo, onde a liderança da Ir. Elena Vígolo fortaleceu suas lutas por terra e vida com dignidade. Presença itinerante junto aos sem-terra em ocupações e em assentamentos, no Rio Grande do Sul. Apoio, através do serviço pastoral de coordenação, a nível de diocese, na Diocese de Dourados, Mato Grosso do Sul²⁹. Engajamento junto ao MST – Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra... e, as estratégias de atuação se diversificavam e se multiplicavam, com a palavra a Ir. Elda Broilo.

A força da Palavra. Eu estava me deixando envolver por uma **coisa nova!** Um sentimento forte onde a dor, o sofrimento, a luta, o sonho por esta dignidade e a razão de existir, eram direitos iguais! Como pode a tristeza, o choro, a lágrima derramada e o corpo machucado se transformar em alegria? A saudade dava espaço para a presença! A pessoa desconhecida, em irmão, em amigo, em vizinho, em família, uma grande comunidade! “Veja que estou fazendo uma coisa nova: ela está brotando agora, e você não percebe? Estou abrindo um caminho no deserto, rios em lugar seco para matar a sede do meu povo escolhido” (Is 43,19).

A Palavra de Deus e a Arte a serviço do povo. Foi bebendo nestas fontes vitais, que despertou em mim uma modalidade concreta para colocar a Arte a serviço do povo, sua causa e alimento da sua mística.

Quando falo do Projeto de Deus aos migrantes sem-terra, encontro a razão do meu Projeto de Vida, que é também onde coloco

²⁹ De acordo com o estudo realizado por Freitas, citado por Ivoneide T. Minozzo e Alzira S. Menegat (2021, p. 73), no estado de Mato Grosso do Sul, entre 1984 e 2013 foram criados 203 assentamentos, o que indica a relevância da luta pela terra naquele estado, no referido período.

a minha arte a serviço do Projeto Social e coletivo. Por isso, eu digo que o Projeto de Deus é a razão de toda a minha arte. Este Projeto de Deus, recebe um novo vigor em Jesus Cristo histórico. O Projeto de Jesus, que é do Pai, leva Jesus a definir suas opções, quanto aos fins, e aos meios, atribuindo à sua vida uma finalidade. Conforme Lc 4,14-21: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos recuperar a vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor”.

Jesus sabia de todas as conversas, de todas as queixas e das esperanças do seu povo. Nele habitava a compaixão pelos oprimidos, a indignação e a misericórdia contra os opressores. Então, seguir Jesus é repetir a mesma trajetória, em todas as épocas da história. É no Projeto de Jesus que busco o *discernimento*, a luz, a clareza, a força, o entendimento do que é *seguimento* e que tomo a decisão de viver o meu projeto pessoal de Vida. Em meio ao simbólico, emerge a Palavra de Deus como envio:

Elda, minha amada, beijo de ternura

Volte ao primeiro amor.

Meu Espírito está sobre ti, eu te envolvo, fecundo, te consagro com a unção de vivenciar a Boa Notícia do Reino de Deus, junto aos pobres das Tendas.

Eu te envio a descer, ouvir, consolar e *CONVIVER com eles, hóspede na TENDA e peregrina no CAMINHO*.

Envio-te para o serviço evangélico da escuta, da formação, da mística e da arte; para aprenderes, junto com o povo, e escutar contemplativamente a Palavra e a Vida; a vivenciar a Mística da Terra; resgatar, respeitar e valorizar ecumenicamente as culturas; construir relações novas e humanizantes; ajudar a juventude a responder sua vocação existencial; e a cuidar das Fontes da Vida: o corpo, a alma e o espírito.

Rezo com o salmista: “Tu és o meu Deus, eu te agradeço. Meu Deus, eu te exalto! Agradecemos ao Senhor porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre! (Sl 118(117), 21-22). Busco passar para as gerações futuras o que nos diz o Salmo 78(77): “O que nós ouvimos e aprendemos, O que nos contaram nossos pais. Não o esconderemos

aos filhos deles. Nós o contaremos à geração futura: Os louvores de Javé, seu poder e as maravilhas que realizou.” Pois, sem memória, não há fidelidade!

Na vivência da espiritualidade da encarnação e do caminho que a Congregação vive pela força do carisma, tento descrever o “Caminho dos Discípulos de Emaús”, na arte que criei na capela do então Juniorato Congregacional, em Roma, no ano de 2003 ³⁰.



Primeira cena – Está em Jerusalém, o templo, uma luz entre as casas do povo e o caminho que leva a Emaús. A luz é a força evangélica da partilha do pão, da Palavra, do serviço, do perdão, da unidade, do “amai-vos uns aos outros”. Ali Jesus realizou a última ceia e deu as últimas recomendações. Os discípulos caminham decepcionados e com medo em direção à noite. A criança mantém o olhar voltado ao lugar da experiência de esperança e de possibilidade de vida. No caminho, Jesus se coloca no meio deles, recorda a história do povo de Israel, reaviva a memória, e o coração deles se aquece, arde, e O convidam a FICAR COM ELES, porque se faz noite.

Segunda cena – Jesus aceita, entra na casa, senta, toma o pão em suas mãos, o abençoa e o reparte entre eles. Repete o gesto da última ceia. Uma grande luz toma conta deles, e seus olhos se abrem. Os discípulos representam as duas posturas de quem segue Jesus. A primeira: rosto coberto, corpo inclinado, silencioso, entregue e contemplativo do

³⁰ A pintura foi realizada na parede da capela do imóvel sito na Via Alessandro Brisse, 27, em Roma, Itália.

Grande Outro, Jesus Cristo feito PÃO e PALAVRA. A segunda: rosto alegre, voltado à humanidade – mãos abertas para servir, pés prontos para retomar o caminho, sacola disponível fortificada pelo sagrado.

Terceira cena – Os discípulos estão envoltos numa grande e forte LUZ. Retornam apressadamente a Jerusalém para reencontrar-se com os outros companheiros e contar-lhes tudo o que lhes aconteceu. Nesta partilha, abandonam o medo, revigoram a experiência e se deixam tomar pela força de Jesus Cristo Ressuscitado. Compreendem que a eficácia da missão depende da profunda e consciente intimidade com o Senhor e da comunhão com os irmãos.

São símbolos neste painel:

- **Criança** – representa o migrante pobre e indefeso. Remete-nos ao CARISMA da Encarnação, da compaixão, da solidariedade, do cuidado, da acolhida, da universalidade, do dar e receber, desde a experiência na Estação de Milão – “o primeiro amor” – vivida pelo Fundador, São João Batista Scalabrini.
- **Pés** – caminha em atitude de discípulo; sendo hóspede na tenda e peregrina no caminho.
- **Círculo da luz** – dinâmica da unidade e da comunhão.

Nas três cenas há o movimento da luz. Em Jerusalém, a luz toca o “templo”. Na periferia de Emaús, a luz se revela na partilha do pão. E quando os discípulos retornam a Jerusalém, que é o Ressuscitado, devolve a esperança e anima a comunidade para a missão.

A Arte foi a forma feliz e prazerosa que encontrei para me colocar a serviço da missão, por onde quer que eu andasse, e com quem quer que eu estivesse. Um jeito de ajudar a humanidade.

A Arquidiocese de Goiânia, muito sensível a esta realidade e com este povo, utilizava-se de meios concretos para evangelizar. Tudo o que pudesse usar os sentidos do corpo e da alma: a música, o canto, o teatro, a poesia, as imagens, a palavra, tudo o que pudesse ser ouvido, visualizado, manipulado e expresso. Eram importantes as imagens, as formas, as cores, os movimentos, os sons, as luzes e sombras para uma maior compreensão, assimilação, comunicação,

interação da mensagem de Jesus onde eles se viam fortalecendo a fé e a vida. A arte como evangelização e terapia!

Nos encontros das comunidades de base, nos grupos de reflexão, de estudo, de partilha, estavam também os analfabetos, ouvintes atentos da Palavra, principalmente os idosos, que atentos ouviam a leitura do texto e o liam através das imagens que eu desenhava. A partilha era rica, porque falava a partir da experiência da vida. Era assim que se formava uma comunidade viva, participativa e comprometida.

Com a ilustração, a reflexão ficava mais rica e participativa, agregando as experiências e histórias de vida dos mais velhos com os mais jovens. Sentiam-se incluídos, participavam com alegria e entusiasmo. A cada dia aumentava o número de participantes. Era lindo de se ver o entusiasmo e a alegria de se sentirem em “CASA”!

Todo trabalho pastoral era feito em forma de mutirão, com responsabilidade e muita participação. Nada se fazia de cima para baixo. Era uma construção coletiva, circular e ativa. Faziam-se avaliações mensais sobre a vida da comunidade, e tudo o que se realizava ali. Como a comunidade estava se sentindo, a participação do povo, as coordenações dos diferentes serviços realizados na Comunidade, a animação dos grupos, os materiais gráficos produzidos, se estavam de acordo com a realidade. Enfim, tudo o que era produzido, para a vida da comunidade.

Dentro do material gráfico, eram avaliadas a linguagem e as imagens desenhadas. Ver se o pessoal se identificava, se estava de acordo com a realidade das pessoas e com a proposta do evangelho, se estava ajudando na participação e na conversa sobre o cotidiano da vida.

A linguagem escrita dos subsídios era de forma simples e compreensiva. Mas como fazer com os analfabetos? Como manter estas pessoas motivadas a participar? Passei, então, a ilustrar os textos para quem não sabia ler.

Mensalmente, tudo era avaliado pelas equipes responsáveis por essa formação de base. Avaliava-se os textos e as ilustrações. Sobre as ilustrações, que era a minha preocupação e interesse, os coordenadores me diziam: “Irmã, nós não somos feios assim! E por que não desenha negro? Nós somos negros, índios e brancos!”

Eu tomei um susto! Não me havia dado conta de que os desenhava verdadeiramente “feios”, e de que não havia percebido seus traços étnicos e culturais. Eu os desenhava com os traços fortes da fome, da magreza, cabisbaixos, dominados e submissos... Eu os via assim! Observava a realidade como quem está de fora. Era espectadora dos pobres. Não estava com eles, nem por eles, e muito menos neles, para que pudesse sentir a vibração pela vida em suas entranhas, o potencial da luta, do sonho, da esperança.

Aquelas impressões ficaram guardadas fortemente em mim, e eu as desenhava tal qual. Talvez, muitos já tinham superado aquela fase e já não se reconheciam nesta miséria. Queriam ver-se e serem vistos pelos demais e pela sociedade, como vencedores, cheios de beleza, de sonhos, de garra, com determinação, com alegria, em festa permanente. Queriam se ver desenhados com aquela força, capacidade e vontade de lutar e vencer que tiveram, e que transformaram em espaço vital, aquele novo lugar ocupado.

No entanto, quando consegui ser uma com eles, essa feiura se transformou numa força revolucionária da beleza da vida, que sabe ser luz, ser vida colorida. Quebrou-se o paradigma de eu estar cá e eles lá! Ali aconteceu minha conversão, minha mudança de direção. A partir dali, tudo mudou. Era como se eu tivesse entrado do lado de dentro da alma deles, da vida deles, e da sua força revolucionária incontida. Como se eles fossem meus e eu deles. Abriu-se o espaço Sagrado, que cada um o carrega dentro de si. Isso me faz lembrar de Leonardo Boff, quando ele fala do numinoso, como uma experiência onde a pessoa fica fascinada e, ao mesmo tempo, aterrorizada, porque não sente mais seus limites³¹.

Desde então, minhas mãos se juntaram para desenhar a alegria, a beleza, os sonhos, a esperança por uma sociedade justa, digna e solidária. Minha arte tomou uma nova forma, uma expressão social, política, mística e ética da vida a partir dos pobres. Uma abertura de consciência de classe, de uma nova consciência social. Pois a arte é sempre social.

Eles foram despertando o meu olhar para vê-los, escutá-los, pisar no chão deles e sentir com o coração deles. Sentir a força Invisível

³¹ BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol. III. Comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2012.

que estava por detrás de tudo isso, e em suas vidas. Ajudar através da imagem, a ver e mostrar o que os olhos não veem, mas que está ali com força vital, com fé, com esperança, com compromisso, com beleza e graça, vida, transformando tudo o que é feito em belo.

Eles foram os meus mais nobres mestres. Foram educando meu olhar, minha sensibilidade, minha percepção e meu estar e ser consagrada com eles. Eles conseguiram tirar de dentro de mim o que há de mais belo e nobre no ser humano e trazer à luz, a ternura, a compaixão, o amor incondicional, a bondade, o respeito e as gentilezas. E isto se tornou recíproco. Foi um tempo especial de conversão, de comprometimento e de graça para toda minha vida.

Estas periferias do mundo, a Galileia de Jesus hoje, são os lugares de salvação para todos os cristãos e, principalmente, para a Vida Consagrada a Deus, no serviço e vivência da missão. Os pobres me evangelizaram e me evangelizam sempre!

Tudo acontecia muito rapidamente. A terra ocupada, dura, seca e empoeirada se transformava em ruas, lotes, jardins, hortas, casas. Terra de prosperidade, terra de fartura, terra de vizinhança, terra livre! Caminhos solidários e de partilha entre eles. Da desesperança para o esperar! Era a concretização do Magnificat, das Bem-aventuranças, boa notícia do Reino de Deus para os pobres!

Não faltavam os desafios, as interrogações, as incertezas, as dúvidas, as perseguições. Era um vigiar e orar constante, pois estávamos ainda sob o tempo de ditadura (1964-1985), e encarnando a opção de Deus pelos pobres, assumida pela Igreja em Puebla (1979), como Teologia da Libertação dos Pobres! Que tempo forte, desafiador e rico em sinais do Reino de Deus acontecendo! Nesta imersão, pouco a pouco, descobri que podia dar mais de mim. Mas como?

Tu me seduziste Senhor e eu me deixei seduzir. Foste mais forte do que eu e venceste.

Era como se houvesse no meu coração um fogo ardente, fechado em meus ossos. A ti eu confiei a minha causa. Louvemos ao Senhor pois ele livrou a vida dos pobres das mãos dos malvados (Jr 20,7; 9;12-13).

2.13 Relatos de itinerância juntos aos sem-terra – presença em 11 estados

As décadas de 1970 e 1980 foram muito fecundas para a Igreja toda, e para a Igreja no Brasil, em particular. Muitas igrejas locais assumiram a espiritualidade da Igreja de comunhão que emergiu do Vaticano II e que tomou forma mais concreta para a realidade do Brasil, pela renovação acontecida nas igrejas do Brasil e da América Latina, especialmente com Puebla. E a vida religiosa missionária scalabriniana contribuiu e, ao mesmo tempo recebeu muito desse processo ³², como Ir. Elda explica.

Os camponeses rurais, que pertenciam a pequenas Comunidades Eclesiais de Base, começaram a se reunir para olhar a realidade difícil e penosa que estavam atravessando em suas vidas, para encontrar uma solução, uma saída digna à problemática da não posse da terra, ou então, da defesa da posse contra a grilagem.

Tanto as CEBs, como os sindicatos combativos, que são o conjunto de todos os trabalhadores da categoria, e o principal instrumento de organização e luta, com independência de patrões e Estado, autonomia frente aos partidos políticos, trabalho centrado na base e formação política como parte de sua política sindical, começaram a refletir sobre o que se poderia fazer. E nasceu, então, uma atitude coletiva dos que não tinham terra, que os levou a acampar numa terra à beira da estrada, para tornar visível à sociedade e ao Estado a situação que viviam.

Neste tempo, nasce o CIMI (Comissão Indigenista Missionária -1972) e, também, a Pastoral da Terra – CPT (1975). A CPT se espalha pelo Brasil a fora, formando muitas pequenas Comunidades de Base, de agricultores. Estas Comunidades do Campo, organizadas, buscam esclarecimento sobre Direitos Humanos, buscam iluminação na Palavra de Deus, buscam apoio no Ensino Social da Igreja, no Estatuto da Terra (1964), nos Direitos Constitucionais (1988),

³² Ao todo 11 artigos, citados nas referências bibliográficas no final deste capítulo, registram nesse volume estratégias, esforços e resultados, metodologia e contextos onde as Irmãs MSCS atuaram entre 1970 e 2017, junto a migrantes sem-terra, em 11 Estados do Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Goiás, Espírito Santo, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

nos Sindicatos Combativos, formando assim uma consciência de uma ação política e humanitária de direitos e deveres, de justiça e liberdade, de cidadania e solidariedade.

O vento que levou as cinzas que avivaram as brasas da retomada da luta pela terra, no Rio Grande do Sul, foi provocada pelos índios Kaingang, em 1978, quando expulsaram os camponeses que estavam vivendo ilegalmente, dentro de sua reserva.

Estes camponeses, sem-terra, migraram para a fronteira agrícola; e outros para a cidade. Mas os que queriam continuar camponeses, passaram a se organizar, no caso do Rio Grande do Sul, assim como em outros estados, com apoio da CPT, e ocuparam as fazendas Macali e Brilhante, em 1979. Esta conquista encorajou outros sem-terra, que passaram a formar um acampamento na Encruzilhada Natalino, entre dezembro de 1980 e fevereiro de 1981.

Eles eram meeiros ou camponeses, que perderam suas terras, por causa dos desastres naturais como a seca, os empréstimos bancários com juros altos, que aumentavam mais e mais as dívidas bancárias. Não havia como saldar as dívidas. Foram forçados a entregarem suas terras aos bancos, ou para quem tinha dinheiro, que compravam as terras em troca da dívida.

Agora, sem a terra para trabalhar e ganhar o sustento da família, era preciso migrar, ou trabalhar como boia-fria³³, ou tornar-se arrendatário da própria terra. De donos livres, a empregados escravos! Muitos passaram a trabalhar em terras alheias para viverem. Uma realidade triste e insustentável!

Mas, “povo ajuda povo”! Nasce, em 1981, o Acampamento na Encruzilhada Natalino, noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, já quase saindo da ditadura militar, pois já havia sido aprovada a lei da Anistia (1979). O governo militar mandou o coronel Curió terminar com o acampamento. Muitas famílias foram levadas para serem assentadas na via Transamazônica, sem as mínimas condições de sobrevivência. Muitas destas famílias retornaram e se juntaram aos

³³ “O termo boia-fria designa um indivíduo que executa um trabalho na zona rural sem a obtenção de vínculos empregatícios. /.../ “A expressão boia-fria é proveniente do modo como eles se alimentam, pois saem para o trabalho de madrugada e já levam suas marmitas, como não existem meios para esquentá-las, ingerem a comida fria.” Veja mais sobre “Boias-Frias” em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/boia-fria>.

que, resistindo, não foram transferidos. Para estes, a Igreja, através de uma campanha “povo ajuda povo”, os acampou, e depois foram assentados. Depois de duas décadas, ali é um dos “olho-d’água” de uma Organização de Luta pela Terra e, pelo direito a permanecer nela, para produzir alimentos.

A CPT promoveu o encontro dos sem-terra de vários estados do Brasil e eles decidiram criar o MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, em 1984, como um movimento autônomo. E esta realidade dentro da consciência coletiva, se multiplicava rapidamente, em todo território nacional.

2.14 Relato de Ir. Zenaide Ziliotto – após 20 anos de caminhada com os sem-terra

A Ir. Zenaide, reflete e partilha sobre os significados e frutos dos 20 anos de sua presença e atuação missionária, junto aos sem-terra.

Foram vários acampamentos e assentamentos em que estive muito presente, sobretudo na década de 1980, e parte de 1990, como Rio Vermelho, Lavrinha, Rancho Grande, São Felipe onde está minha comadre Divina³⁴, Retiro e Velha, Vereda Bonita, Acaba Vida, Salvador Bueno e Serra Branca de Itapirapuã. Os migrantes sem-terra eram provenientes de vários municípios. Estes assentamentos foram menores. Realmente foi um aprendizado para mim, para toda a equipe, para as demais irmãs que participaram em alguns momentos e para todos os que lutaram para conseguir seu pedaço de chão. Quase todos sofreram despejos. Havia os que, cansados, abandonavam a luta, mas outros se uniam e a coragem em prosseguir fez da luta uma conquista³⁵.

³⁴ Mulher casada tinha seis filhos. Era uma mulher muito espiritualizada. Muito iluminada. Seu envolvimento nos momentos celebrativos e de solidariedade era espetacular. Todos a buscavam para aconselhar-se. Fui madrinha de casamento de um de seus filhos. Participava na época também como Leiga Missionaria Scalabriniana.

³⁵ Não tenho condições de escrever a história de todos os acampamentos e assentamentos onde tenho exercido minha missão, mas não é por desmerecimento que não falo especificamente.

Com muita dificuldade consegui falar ao telefone com minha comadre Divina, que começou a luta no acampamento do Rio Vermelho e conseguiu a terra no Assentamento São Felipe. As primeiras palavras foram expressas na alegria de um reencontro, mesmo por telefone, depois de muito tempo. Vieram em nossa memória muitos momentos importantes desta caminhada, que fizemos juntas. Entre outras lembranças, disse que nesta caminhada pela conquista de seu pedaço de chão, ela aprendeu muito a ser humana, porque se sentiu tratada humanamente, que a luta foi muito boa e que sentia ainda, no seu dia a dia a alegria das pessoas que a ajudaram. Disse que a minha coragem, o espírito humano e a presença amiga davam força, para seguir na busca do que necessitava.

Ela fez questão de lembrar que chegava sempre na hora de maior precisão, por exemplo, em um despejo e quando não havia mais alimento, estava pronta para as campanhas de ajuda. Dizia ainda, que o momento de celebrações, a leitura da Palavra de Deus fortalecia a fé e a certeza de que Deus estava presente nesta caminhada, como esteve com o Povo de Deus na Bíblia. Tudo isto, junto com as reuniões de organização e de formação, foi muito importante para chegar onde está hoje.

Eu acredito, que muitas outras pessoas desses assentamentos, poderiam contar sua experiência e o significado desta caminhada, mas, por vários motivos, não me foi possível reconstituir a história.

Bom lembrar, que nesta missão, trabalhávamos em equipe, seja da CPT, bem como pessoas voluntárias e as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, conhecidas por Irmãs Carlistas, que somavam esforços para servir como podiam em momentos pontuais. Cada um com seu perfil e atividades concretas: Reuniões partilhadas, formação com Escola Bíblica, com ajuda do Antônio Baiano³⁶ da CPT Nacional, que animava com seu violão os cantos da caminhada e da luta pela terra.

Como não recordar aqui, os cantos que foram escritos pelos artistas do campo e da cidade sobre a caminhada da Igreja, com sua opção pelos pobres e os cantos muito específicos da luta pela terra.

³⁶ Leigo, com formação no Curso do CEBI- Centro de Estudos Bíblicos, membro da equipe da Pastoral da Terra em nível nacional, que marcava presença, sobretudo em momentos celebrativos e de formação.

Eram cantados com alma e muita confiança, principalmente pelos que participavam dos grupos de Evangelho, sementes das Comunidades de Base.

Tive a graça de participar de um dia de encontro da Semana Dom Tomás, em 2018³⁷. Foi muito bom ter participado neste momento, ter encontrado gente da caminhada da Igreja e da luta pela terra. Ter visto a riqueza das organizações produtivas dos trabalhadores do campo, ou seja, dos assentamentos do município, partilhando os frutos da terra, os produtos, a partir da riqueza, que brota da terra, que se tornou produtiva, que enriquece e abastece de forma significativa a cidade. Era o dia da memória da luta pela terra.

Hoje, os Assentamentos na Diocese de Goiás são expressão de comunidades que valorizaram e continuam valorizando sua luta, que tornam o município de Goiás um modelo de sucesso na agricultura familiar, reconhecido no estado e, também, em nível nacional. Isto dá alegria e contentamento em saber que a luta não foi em vão. Esperamos que possam continuar sendo, junto a outros assentamentos, de outros lugares, protagonistas de luta por trabalho e vida digna das famílias do campo.

2.15 Relato de Ir. Elda – do sonho à realidade

Com a liderança da Ir. Zenaide Ziliotto, na diocese de Goiás, a comunidade MSCS, presente naquela diocese assumia o compromisso junto aos sem-terra. Ao mesmo tempo, as Irmãs Deolinda e Elena Vígolo, junto com a Ir. Maria Helena Aparecida, em Teodoro Sampaio e em Euclides da Cunha, marcavam presença junto aos sem-terra na diocese de Presidente Prudente, em São Paulo. No mesmo período, com a liderança da Ir. Elda, no final dos anos de 1980, a atuação MSCS junto aos sem-terra ampliou abrangência e somou forças na parceria com o MST no Rio Grande do Sul, em várias dioceses. Em algumas Dioceses como Dourados, no Mato Grosso do Sul, ou Bagé, no Rio Grande

³⁷ Semana criada pela Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Goiás, a própria Diocese de Goiás e outras instituições para manter viva a memória de Dom Tomas, através de vários eventos e atividades durante uma semana de cada ano.

do Sul, a coordenação diocesana de pastoral, com a CPT, ou a catequese, ou a educação ou a Pastoral do Migrante foi oportunidade para atenção, formação e apoio aos esforços dos migrantes sem-terra nas respectivas regiões. Foi uma atuação que seguiu por décadas, diversificando estratégias de apoio recíproco e modalidades de colaboração. A narrativa da Ir. Elda ajuda a entender como isso aconteceu.

Eu estava em Goiânia, já havia nove anos. Era 1986. Num belo dia, estando eu na janela da minha casa de formação de aspirantes à Vida Consagrada em Vila Brasília, Aparecida de Goiânia, GO, escutando as notícias pelo rádio, ouvi que noticiavam que na região sul do país, trabalhadores rurais sem-terra iniciaram uma organização de ocupações de terras improdutivas para forçar a Reforma Agrária. Terras devolutas, terras excedentes de grandes latifundiários, terras do Estado. Uma vez que a lei da Reforma Agrária só estava no papel, era preciso forçar a execução desta lei, arrancando as cercas que escondiam o pão que faltava para tantas bocas famintas, o “pão nosso” de cada dia. Neste momento, senti um forte apelo, um forte desejo de estar com eles, de fazer uma experiência com os migrantes sem-terra da zona rural.

Como eu havia feito esta bela e forte experiência com os migrantes sem teto urbanos, agora poderia estar com estes camponeses, e aprender com eles um jeito novo de ser migrante camponês. Havia forças que me atraíam para estar com eles: minha raiz migrante italiana camponesa, o chamado bíblico do meu nome, a Congregação a que eu pertencia e a rica experiência na luta pela terra urbana.

Este desejo foi entregue ao Universo Divino, literalmente, como um projeto existencial, e Ele se encarregou de realizá-lo para mim!

Como já fazia dez anos que eu estava nesta missão em Goiânia, desde 1977, em 1987 eu voltava ao Rio grande do Sul com dois objetivos: estar mais perto da família, e fazer um curso de artes gráficas para aprimorar meus desenhos gráficos. A Ir. Amélia Pedó³⁸, então superiora provincial, me sugeriu fazer um Curso de Desenho Publicitário, em Porto Alegre, RS. Este curso tinha a duração de

³⁸ Ir. Amélia Pedó (*1934 +1995), Superiora Provincial da Província Imaculada Conceição de 1987 a 1992, por dois mandatos.

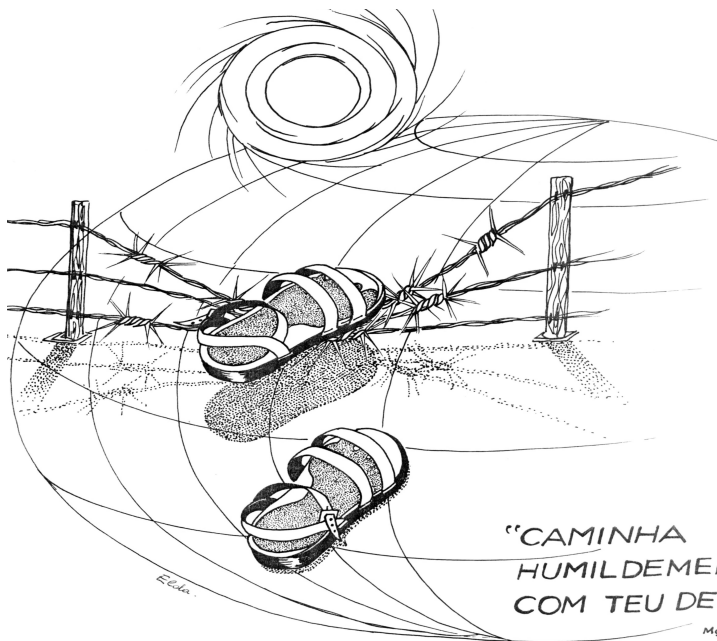
dois anos, 1987–1988. Só fiz um ano, pois em 1988 a Ir. Amélia me convidou se aceitava acompanhar o sem-terra acampados em Palmeira das Missões, RS. Iríamos em duas irmãs. Minha resposta foi Sim, imediatamente. Mas tive que esperar dois meses até que outra irmã se dispusesse a esta missão. Foi quando a Irmã Adélia Werner, que retornava da missão de Goiás, aceitou a proposta. E fomos as duas irmãs contentes e faceiras para o grande desafio itinerante de uma pastoral social, político e religiosa!

Como nasceu esta realidade. Em 29 de outubro de 1985, quase mil famílias ocuparam a Fazenda Anoni, em Sarandi, RS. Em 23 de novembro de 1987, mais de 500 famílias, ocuparam a fazenda Itati, em São Nicolau, e a fazenda do Salso, em Palmeira das Missões, com 800 famílias, que após serem despejados, os primeiros rumaram para Caaró, em Caiboaté, e os de Palmeira das Missões fizeram uma marcha e foram acolhidos num pedaço de terra cedido por um pequeno proprietário. Esta era a conjuntura dos acampados.

Os governos provinciais das duas Províncias do Rio Grande do Sul, o da Província Imaculada Conceição de Caxias do Sul, e o da Província Cristo Rei, de Porto Alegre, fizeram um estudo bíblico sobre o livro do Êxodo com o biblista Pe. Pedrinho Kramer³⁹. Feito o estudo, Pe. Pedrinho ofereceu às duas províncias a oportunidade de estar com os migrantes do Movimento dos Sem Terra, acampados em Palmeira das Missões, em local que pertencia à sua Paróquia.

A Ir. Amélia Pedó, motivada pelo “Êxodo”, pelos “migrantes sem-terra”, apoiou os acampamentos missionários, geradores de fortaleza, solidariedade e vida, aceitou o desafio e tratou de concretizar a Missão Itinerante.

³⁹ Padre Pedro Kramer, da congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales.



"CAMINHA
HUMILDEMENTE
COM TEU DEUS "

Mq. 6, 8

CAPÍTULO 3

MEMÓRIAS DE VIVÊNCIAS MARCANTES

Convidadas a narrar memórias significativas da atuação como Irmãs Missionárias Scalabrinianas na luta pela terra e por vida com dignidade, especialmente junto a trabalhadores sem-terra, algumas Irmãs enviaram textos com narrativas detalhadas, relativamente à vivências que foram importantes em sua caminhada. A seguir, os registros dessas partilhas de algumas Irmãs MSCS.

*“Para o migrante a Pátria é a terra que lhe dá o pão”
(Scalabrini)*

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas tem por carisma estar a serviço dos Migrantes e Refugiados/as. Como consagrada a Deus nesta Congregação, vivo o carisma no estar a serviço, partilhar, evangelizar e deixar-me evangelizar por eles, de modo muito especial, na convivência com os migrantes sem-terra, que buscam terra para morar, conviver, produzir alimentos, viver dignamente, construir novas relações humanas, sociais, solidárias de justiça, de direito, de dignidade e bem viver¹.

Neste relato² está a tentativa de escrever a memória de minha experiência de participação na luta pela terra, depois de um bom tempo,

¹ Sou Irmã Elda Broilo, e Radaelli - sobrenome materno. Elda, em hebraico, quer dizer: “Deus chamou”, “bem amada de Deus”, “aquela que dá Deus”. E no livro do Gênesis 25,4 - “Eldaa” é filha de Abraão, o patriarca migrante, o retirante, aquele que não tem terra, o sem-terra que levava seu rebanho a pastorear em terras públicas ou livres, o cuidador da Vida!

² ZILIOOTTO, Zenaide. *A presença de deus na história dos pobres da terra*. Relato enviado ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM. Santa Cruz de la Sierra, 01.06.2022. A Ir. Zenaide, no ano de 1971, iniciou sua missão fazendo-se migrante com os migrantes, do Rio Grande do Sul para Goiás, colocando-se a serviço na luta por terra, pão e dignidade.

sobre uma experiência que vivi há mais de 20 anos. No momento em que escrevo³, resido e atuo como Missionária Scalabriniana em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Espero que a Luz de Deus que iluminou esta caminhada possa me iluminar no registro desta história, pois tenho certeza de que a mão de Deus esteve presente; sempre me senti instrumento de Deus atuando na vida e luta do seu povo.

MÃE DE DEUS E MINHA MÃE

Receba-me no discipulado de teu Filho.
Quero permanecer nele, andar no caminho dele e com Ele
fazer o que ele fez,
na pobreza espiritual e na pobreza atual.
Acolho as humilhações e ofensas feitas a mim e feitas a
toda humanidade,
como teu Filho Jesus fez, sem julgar a ninguém,
Confiante em tua Misericórdia!
Mãe de Deus, alcança-me esta graça!
E tu, Pai, em Jesus, por teu Amor, realiza em mim este
DOM.
Amém!⁴

3.1 Acampadas com os sem-terra em Palmeiras das Missões, RS

As Irmãs Elda Broilo e Zenaide Ziliotto partilharam, em seus textos de memórias de vivências junto aos migrantes sem-terra, narrativas de alguns fatos particularmente importantes em suas trajetórias. Ir. Elda entra em detalhes, em sua narrativa sobre fatos vividos junto aos sem-terra, no Rio Grande do Sul, quando ela e Ir. Adélia acamparam com 719 famílias de trabalhadores sem-terra.

³ Meu nome é Irmã Zenaide Ziliotto, nasci em Serafina Correa, no Rio Grande do Sul. Sou filha de agricultor, com muito orgulho. De meu pai aprendi a valorizar, cultivar e admirar a natureza, uma beleza da criação de Deus, a terra, que produz os frutos e sua grande missão, a de sustentar os filhos e filhas deste planeta. Portanto, tem que ser respeitada e tratada com carinho e partilhada com justiça para quem dela também busca seu sustento.

⁴ Poesia de Ir. Elda Broilo.

No dia 22 de dezembro de 1988, eu, Ir. Elda Broilo, e a Irmã Adélia Werner, acampadas junto a 719 famílias, preparamos a celebração do Natal de Jesus, com uma grande e forte encenação, ilustrada com a realidade dos fatos *intra* e *extra* acampamento. Preparada de tal forma que o povo pudesse entender como seria hoje a vida de Maria e José, como seria o nascimento de Jesus, o Filho de Deus, numa situação de acampamento? Nesta hora da reflexão chegou o Frei Sergio Gorgen até o acampamento onde estávamos e anunciou que neste dia 22 de dezembro foi assassinado Chico Mendes, grande ativista e defensor dos povos e da floresta amazônica. Mais um líder tombava pelas mãos do latifúndio, por questionar o desmatamento irresponsável, colocando em risco de sobrevivência os povos indígenas, o Meio Ambiente, até o planeta, frente à Amazônia devastada e a falta da lei da Reforma Agrária no País.

Chegou o dia de partir. Partimos para Palmeira das Missões, na certeza de que o Espírito de Deus perpassa e conduz a história sempre!

As famílias acampadas em Palmeira das Missões, ali estavam há quase 4 meses, numa área cedida pelo pequeno agricultor cujo nome é Getúlio Vargas⁵, desde o despejo da ocupação em 26 de novembro 1987, da fazenda do Salso, terras não utilizadas, pertencentes aos herdeiros do caudilho Valsumiro Dutra. Caminharam dois dias até chegarem a uma área cedida para acampar.

Em 27 de março de 1988, a superiora provincial, Ir. Amélia Pedó assumiu a missão com o Pe. Paulo Ricardo Cerioli. Neste dia, com a Ir. Marilúcia Bresolin,⁶ conselheira do apostolado, Ir. Adélia Werner e Ir. Elda Broilo, acompanhadas também por padre Pedrinho Kramer, com a pequena mudança de acampadas, com o mínimo necessário, dentro de um carro fusca, fomos até o povoado de Barreiro⁷, então

⁵ Não confundir o outro. Este Getúlio é Vargas por ter o sobrenome membro da família Vargas, de Palmeira, e Getúlio foi uma homenagem de seu pai ao Getúlio, que foi presidente.

⁶ A Ir. Marilúcia Bresolin, Conselheira Provincial e Responsável pelo Organismo do Apostolado de 1984 a 1989. Segundo a memória partilhada pela Ir. Marilúcia sobre aquela visita, o objetivo era buscar conhecer aquela realidade, fazer a leitura para buscar alternativas de como as Irmãs poderiam ser úteis e dar apoio a esse tipo de Movimento, ao mesmo tempo armando a tenda com os sem-terra para ajudar na luta.

⁷ Município de Novo Barreiro desde 1992.

distrito de Palmeira das Missões. Padre Paulo Ricardo Cerioli nos acolheu com grande carinho, na casa paroquial da Paróquia São João Batista, já que o acampamento estava provisoriamente, em seu território.

A Paróquia, pertencente à Diocese de Frederico Westphalen, é atendida pela Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales, a mesma congregação do padre Pedro Kramer. Padre Paulo Cerioli, comprometido com o povo, inclusive com os trabalhadores rurais sem-terra, pastorais sociais e juventude rural, na sua formação, nos acolheu em sua casa paroquial, por dois meses. Dormíamos ali e cedinho pela manhã, depois do café, a pedido do Pe. Paulo, pegávamos algo como umas batatinhas, arroz, ovos, verduras etc, para agregar ao almoço, onde Ir. Adélia e eu iríamos almoçar naquele dia.

Tomando o ônibus de linha, íamos perto do acampamento⁸. Lá passávamos o dia todo, visitando as famílias, escutando suas histórias de vida, olhando tudo como quem não quer nada e regressando no final do dia. E assim, todos os dias, repetíamos este vai e vem, durante os dois meses que ali ficamos, para conhecermos esta realidade desafiadora e para uma maior inserção na Organização do MST.

Foi o tempo de enamorar-nos desta especial missão, uma aventura desejada, sonhada, querida e amada por Deus e por nós. Era com esta Palavra que nos aproximávamos desta realidade: “Eu vou chegar mais perto e ver esta coisa estranha”! E como que escutávamos uma voz que nos dizia: “Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado” (*Êx 3,3-5*).

A Palavra foi melhor compreendida, tendo nossos pés pisando este chão e o nosso coração, que experienciava a compaixão ao ouvir as histórias de vida. Ali estava a promessa de Deus, por Bênção, por Terra e Descendência feliz. O Deus da Vida, o Deus de Jesus Cristo é o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, de Moisés, de todos os profetas, que hoje continuam realizando a mesma promessa, junto àqueles que

⁸ Acampamento é o lugar provisório onde as famílias que lutam pela terra se estabelecem enquanto a Reforma Agrária não acontece, ou a terra de assentamento não chega. Assentamento é a terra conquistada, na qual constroem suas casas, nelas habitam, plantam e continuam lutando pelos direitos fundamentais de cidadãos brasileiros.

compreendem e se comprometem com Seu Projeto – O Projeto de Deus anunciado em Êx 3,7-12: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu clamor contra os seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e fazê-los subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, onde corre leite e mel... Eu envio você. Eu estou com você”. Éramos provocadas pela Palavra, e seguimos nessa atitude de “caminhar humildemente com este seu Povo” (Miq 6,8).

E foi assim mesmo que vivemos!

A Ir. Marilúcia ficou conosco até o dia seguinte, quando Pe. Paulo nos levou todas três até o acampamento que distava uns 15 km da paróquia do Barreiro, em direção à cidade de Palmeira das Missões.

O pessoal do acampamento, umas 800 famílias, já nos esperavam e prepararam uma linda acolhida. Era uma multidão de pessoas acampadas que vieram nos acolher, juntamente com um grande número de crianças e adultos, que formavam um longo corredor, cantando, batendo palmas, dando-nos as boas-vindas, enquanto nós passávamos entre elas, para chegar até o palco – um tablado debaixo de uma árvore.

Em seus rostos havia muita alegria, e se podia ler a surpresa, a novidade e o contentamento de estarmos chegando para estar com eles. Em nós também, a alegria desta acolhida, a surpresa do novo, a interrogação do desconhecido, acolhendo desde já, aquela multidão de gente, que a partir dali, seria o nosso cotidiano. Éramos a novidade, quebrando a sua rotina cotidiana. Entenderíamos, mais tarde, a força, o sentido e o significado de receber visitas no acampamento.

É claro, que passava por nossa cabeça e coração a interrogação, sobre o quê, e como seria esta experiência.

Estávamos entregues, *Aquele* que nos chamou, para estar ali, confiadas e confiantes na atitude itinerante. E com eles ficamos todos os dias. Este, era o primeiro dia!

Aos poucos, fomos aprendendo a mergulhar junto a esta realidade, vivida por eles, de conhecer, escutar, conviver, partilhar desde a palavra à comida.

Nossa primeira tarefa foi aprender a estar com eles. Aprender a ver, ouvir, sentir, perceber, quebrar paradigmas, crenças limitantes,

aprendidas como: “Pobre sim, mas sujo não”! Vimos e aprendemos a descer até eles e nos darmos conta de que as condições em que viviam, não tinham outra forma se não essa, e que eles não eram “sujos”, mas o contexto em que viviam era de sobrevivência, limitado, para viver como gostariam viver, ter uma casa ordenada e digna.

Era humano-divino saber escutar as suas histórias de vida! Por que saíram de sua terra natal! Em quantos lugares já haviam passado! Que dificuldades já os haviam provado, até chegarem ali!

Também, já era tempo de dar-nos a conhecer, mutuamente, dizer quem éramos e porque estávamos ali com eles, todos os dias. Isto criava proximidade, amizade, afinidade, confiança.

Observar e entender, como se dava a convivência entre as diferentes culturas, que ali estavam, a fim de juntos alcançarem o mesmo objetivo. Precisávamos conhecer a organização do acampamento e a estrutura de cada dia, marcar simplesmente presença nas reuniões, que aconteciam todos os dias. Estávamos construindo a base sobre a rocha!

Este processo se fez passo a passo, lentamente, sem pressa, sem outras tarefas a cumprir, sem tempo marcado e sem prestar contas a ninguém. Era uma presença intensa e gratuita! Simplesmente entregues! Um tempo de profundo respeito ao sagrado, que ali estávamos adentrando.

Por que estar simplesmente para estar com eles? Por que não fazer o que sabíamos fazer? Víamos que necessitavam de algo que nós sabíamos fazer por eles! Era preciso dar passos juntos, e de preferência, um passo atrás deles! Afinal, nós estávamos nos inserindo, e eles eram os protagonistas da história!

Aos poucos, eles começaram a nos pedir algumas tarefas para fazermos juntos com eles, como organizar uma equipe para preparar as missas, as celebrações, os cantos, a liturgia do domingo, quando o padre iria celebrar no acampamento. Então, começávamos encontrar os animadores das CEBs, que atuavam nas liturgias em suas comunidades de base, antes de saírem para acamparem. Encontrávamos as lideranças dos diferentes ministérios de uma CEBs como, os leitores, os violeiros, os ministros, os cantores, as catequistas, os acolhedores, etc. Era a oportunidade deles se conhecerem, se encontrarem e se recolocarem ao serviço, nesta

grande e nova comunidade dos sem-terra, agora companheiros de acampamento. A preparação era muito animadora e o domingo era festivo!

Outra tarefa que nos deram, foi a de articular os jovens, para pensarmos juntos que frases deveriam ser escritas nas faixas, cartazes e painéis, a serem carregados na longa caminhada de mais ou menos 180 quilômetros, que seria feita, primeiro, para que o acampamento não estagnasse no local acampado e, segundo, para criar uma ação política e social, dizendo ao governo: estamos buscando a terra que precisamos para morar, plantar e viver. A atividade de pintar seria um aprendizado para os jovens começarem aprender a desenhar e pintar faixas e painéis.

A esta altura, já conhecíamos um pouco mais as famílias, seus sonhos e expectativas, seu desejo de avançar e conhecíamos os jovens destas famílias. Era mais fácil para convidar e descobrir talentos para essa tarefa.

Era difícil “esperar” até eles nos darem tarefas. Difícil ficar na dependência, difícil quebrar o esquema mental do ativismo, de que só se é útil se produzir algo. Esta foi a lição aprendida do “fazer para”, para o “fazer com”. Foi uma tomada de consciência de viver na espera, na provisoriedade, na aparente inutilidade do “fazer, fazer”, libertando-nos da ideia de não estarmos “fazendo nada”.

Durante estes dois meses com eles, interrogações assaltavam a nossa mente como: “Quando voltarmos à província, o que vamos dizer que fizemos durante dois meses com os acampados? Era muito pouco o que tínhamos para apresentar! Era como se não tivéssemos feito nada, e nada para apresentar. E se não fizemos nada até agora, o que mesmo viemos fazer entre eles?”

Ao mesmo tempo estava nascendo dentro de nós uma vontade de seguir acompanhando estes migrantes, onde quer que fossem. E se queríamos acompanhá-los, teríamos o que fazer? Seríamos aceitas para seguirmos junto com eles?

Nós tínhamos disposição e vontade de acompanhá-los, pois já podíamos visualizar o serviço pastoral e a vontade de simplesmente estarmos com eles. Isto, era mais importante para nós do que para eles!

Estas interrogações nos tomavam com frequência, na medida que o tempo ia passando, e sabíamos que o acampamento se levantaria outra vez, sem demora, para outro lugar.

Este “não fazer nada”, era verdadeiramente o tempo da “semente”: ser colocada na terra, esperar o seu tempo, o seu jeito, as suas demoras para a força misteriosa da Vida romper a casca, germinar, e trazer à luz seu rebento e produzir frutos. Um tempo significativo e determinante de aprendermos a respeitar o protagonismo do povo. Fomos ensinadas, que na missão devemos fazer tudo o que nós vemos que precisa ser feito, tudo o que sabemos fazer, fazer no lugar do outro, sem percebermos, sem tomarmos consciência que o outro também sabe, chegou ali antes de nós, e que deve ser respeitado, deve ser escutado nos seus saberes, nas suas verdades, seus sentimentos, suas razões mais profundas, e não querer ensinar antes de sermos ensinadas. Era preciso respeitar pacientemente as demoras do outro, como ele respeitara as nossas, perceber seu potencial transformador da realidade, entrar em EMPATIA com o outro, chegar ao seu coração empaticamente, não só, simpaticamente. Este tempo de aprender a “fazer com eles”, foi o mais precioso tempo de aprender a “ser migrante” com os migrantes!

É bom recordar aqui, que não foi fácil fazer esta travessia. Quantas lágrimas derramamos, e caíram principalmente do rosto de Ir. Adélia, por esta sensação do “não estar fazendo nada”! Era preciso quebrar paradigmas do aprendido, do fazer por eles, na postura de cima para baixo, e construir um “novo saber com eles”. Foi-nos muito difícil entender que não estávamos ali para prestar contas do tanto que devíamos fazer, para levar um relatório à província. O que valia era estarmos, gratuitamente ali com eles, aprender com eles, atentas a dar o que sabíamos, quando necessário.

Eu recordava as palavras que o padre Paulo Cerioli nos disse nos primeiros dias da missão: “Façam tudo e somente o que eles vos pedirem para fazer!” Este foi um sábio e evangélico ensinamento! Obrigada, Pe. Paulo!

Era preciso aprender a novidade dessa encarnação! Aprender a encarnar-se, a mergulhar, adentrar pacientemente, aprender sem pressa, e comprometer-se com eles nesta realidade. A Palavra de Deus se fazia viva e encarnada, chuva que cai na terra, fecundando a semente.

Dentro de dois meses o acampamento ia sair dali. Eles precisavam partir de novo, até chegar ao assentamento. Por isso, em “movimento”. Tendo passado a fase das interrogações, estávamos dispostas a acompanhá-los, fazer parte deste movimento migratório, desta sua Organização.

Isto, não só dependia de nós duas. Era preciso colocar-nos à disposição da coordenação do acampamento, para que avaliassem nossa atuação nestes dois meses. Era nosso desejo acompanhá-los, pois gostaríamos muito de continuarmos a caminhar juntos, até ao assentamento na terra conquistada.

A Coordenação não nos deu imediatamente uma resposta. Nem positiva e nem negativa. Nos disse que ia reunir-se para nos avaliar. E nos deixaram em suspense por uns quantos dias, até dar-nos sua resposta positiva. Fomos aceitas para partirmos com eles!

Antes, porém, nos perguntaram se estávamos realmente dispostas a acompanhá-los em tudo, no que der e vier, e em todas as suas atividades e riscos!

Creio, que isso foi mais uma destas delicadezas de Deus para nos provar na consistência do Projeto, sermos um pouco mais humildes e despreziosas, para participar deste “Reino de Deus em construção”. Adélia e eu acolhemos com alegria esta resposta, percebíamos que este era também o querer de Deus!

Vamos viver no acampamento com eles. Era preciso partir de novo, para não cairmos no esquecimento das autoridades. Era preciso colocar-se a caminho, pois a meta era a terra de assentamento.

O Estado não tinha interesse e nem pressa em dar a terra, e muito menos estava preocupado com as condições desta população migrante. Quantas vezes era preciso levantar tudo, partir, ocupar, confrontar, ser despejado, negociar, sair, acampar outra vez até chegar lá? Nós irmãs, antes de conhecermos de perto esta realidade, só conhecíamos a realidade dita e mostrada pela televisão, que escondia a real verdade. Uma visão e ótica dos interesses do capital, que os meios de comunicação social serviam e servem até hoje, contrários em mostrar a verdadeira realidade e razão do porquê migrar neste país tão rico e tão desigual.

A comissão executiva dos dois acampamentos, o de Caaró, em Santo Ângelo e o de Palmeira das Missões, fazendo uma avaliação

com todos os acampados, percebeu a disposição de continuar a luta na busca pela terra. Prepararam duas “Marchas pela terra” rumo a Cruz Alta, que iniciaria em 23 de abril de 1988. Esta equipe fez as devidas articulações com o Estado, onde o governo prometeu um assentamento, propondo a união dos dois acampamentos, transferindo-os em maio de 1988 para a Fazenda da Barra, no recém fundado município de São Miguel das Missões.

O desafio, agora, era a junção dos dois acampamentos. Organizadamente, começou-se o debate interno de como organizar este novo acampamento na junção dos dois, uma vez que já tinham a sua caminhada de meses, já estruturada e diferente no modo de ser uma da outra. Mas era preciso partir, se juntar e se reorganizar.

A primeira atitude foi organizar uma equipe para ir até o local na Fazenda da Barra, e preparar a base do acampamento: o desenho do traçado da área para acampar quatro mil pessoas, um traçado como se fosse uma mandala; uma rua central com ruas laterais; cada núcleo, eram 45, com um espaço para cada barraco ou família; no final, bem mais distante, os sanitários comuns. Era uma medida para evitar a aglomeração, a higiene, os cuidados básicos, e a facilidade de reunir as famílias do núcleo correspondente.

3.2 Levantar acampamento e partir – Diocese de São Miguel das Missões, RS

Em Palmeira, no dia 22 de maio aconteceu no acampamento uma linda e especial celebração de despedida do lugar, para agradecer a solidariedade da terra emprestada durante esse tempo todo, e fortalecer a caminhada para a nova etapa do acampamento. Nos dias 25 a 31 de maio, levantou-se todo o acampamento rumo a São Miguel das Missões, diocese de Santo Ângelo, a 30 quilômetros das ruínas e da cidade de São Miguel das Missões, fazendo junção com o acampamento de Caaró. Formávamos, assim, um só grande acampamento, num total de 723 famílias provenientes de muitos municípios do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Éramos mais de 4 mil pessoas. Uma cidade acampada!

Nós irmãs, saímos de Palmeiras das Missões para a Fazenda da Barra dia 31 de maio. O frio do inverno já estava forte. Este dia também era um dia muito frio. Pelo caminho, os pastos do campo

todos queimados pelo gelo e, brancas geadas que caíam sobre eles. O vento minuano soprando sem piedade. Chegamos na Fazenda da Barra à noite, num lugar descampado. A lua era nossa lanterna. Fomos buscar o básico para dormir naquela noite. Tudo estava num monte de pertences de todos, que o caminhão ali despejou. Só pegamos os colchonetes, os cobertores, que estavam amarrados, juntos e a sacola de roupas.

Nesta noite, deitamos sem comer nada, nós e todos os que havíamos chegado. Nos abrigamos no barracão improvisado, que foi instalado para todos os que iam chegando, desde o primeiro dia, até construírem seus barracos. Estendemos nossos colchonetes no chão, e ali tentamos dormir junto com mais de 40 pessoas, casais, homens, mulheres e crianças. Recordo que uma mãe grávida deitou sobre uma mesa que havia ali, pois o chão era muito frio. A lona do barracão era curta em todas as suas laterais, então o vento e o frio passavam correndo e livremente, entre nós, nos acariciando, durante toda noite. Era difícil de dormir.

Amanhecemos bem cedinho, antes de muita gente se levantar. Olhamos aquele galpão, cheio de gente deitada no duro chão, ao lado de suas sacolas. Era o dia 1º de junho, e recordamos ser o dia de João Batista Scalabrini. Irmã Adélia e eu recordávamos a Estação de Milão e a vida dos nossos imigrantes italianos, que dormiam no duro e frio chão na estação de Milão ou no porto de Genova, enquanto esperavam embarcar para a nova Pátria. Ali estavam nossas raízes, e hoje estávamos tocando nelas. Era muito forte estar experimentando hoje, esta realidade migratória.

Agora, nós também dormimos no chão duro, frio, úmido, por três noites seguidas. Nos sentíamos partícipes desta realidade, um século depois. Esta era uma nova estação.

Chegamos! Era preciso começar quebrar muitos paradigmas. Onde nos dirigir para encontrar o banheiro? Onde lavar o rosto? Com que água? Já não tínhamos água na garrafinha sequer, para tomar! Onde tomar café, quer dizer: comer algo?

Ao lado do galpão tínhamos um mato. Será ali o banheiro? Sim! Este era o banheiro improvisado para toda gente! Era preciso ter cuidado onde pisar! Era mais um outro desafio.

Depois disto, fomos buscar nossos pertences e as comidas que havíamos entregado a uma mãe que viajou na cabine do caminhão

com suas 4 crianças, a fim de que cuidasse destes alimentos até o dia seguinte, quando nós os buscaríamos para tomar café. Afinal a fome batia. Eram quase 24 horas sem comermos nada.

Do monte de pertences, separamos o nosso fogão de lenha, que já não tinha mais meio cano da chaminé, porque alguém havia levado o baú onde guardávamos alguns materiais e livros, a comida que havíamos comprado como bolachas, pão, salame, açúcar, leite e café em pó, ovos, papel higiênico, carnes defumadas, etc... para vivermos pelo menos os primeiros dias, nesta nova terra, tudo desconhecido, com a intensão de ter algo para partilhar nas famílias, onde iríamos comer nestes primeiros dias, até montarmos a nossa barraca. Até porque todos tinham os seus alimentos planejados e limitados, enquanto a equipe da alimentação se organizava. Encontramos tudo, inclusive as caixas dos alimentos, vazias, ao longo do caminho que nos levava ao monte dos pertences. Já os alimentos não estavam mais. Alguém os havia levado. Era o início, apenas, do aprendermos o desapego, a soltar e a entregar até mesmo o necessário, aprender a perder, desapegar-se de algo muito importante como a comida! Fomos até aonde estava a mãe das quatro crianças para buscarmos as bolachas que havíamos entregado a ela. Quando ela nos viu, disse às crianças: “diga para a irmã que nós comemos as bolachas”! E logo nos disse: - Irmãs, as crianças estavam com fome e eu dei as bolachas de vocês para elas. Então, com humildade e com vergonha, fomos pedir comida nas famílias por uns quantos dias. É claro, que cada família nos acolheu para as refeições, e o faziam com tanto carinho, repartindo do seu!

E agora, sim!?! Mãos à obra junto a esta “Escola da Vida”, a “Universidade” dos pobres na Luta pela Terra. Nós, irmãs, fomos adotadas por um dos 45 núcleos para, também, convivermos com eles.

No acampamento, era intenso o trabalho de montar as tantas barracas para as famílias se acomodarem com seus mínimos pertences. Pois o frio era intenso, a chuva ameaçava chegar. Nós dormíamos em qualquer um dos barracos, que nos convidassem, no qual se pudesse estender o colchonete no chão. Percebíamos então, que as gotas da transpiração da barraca, caíam sobre nós e nossas coisas.

A nossa barraca foi a última a ser montada no nosso núcleo, pois era prioritário as mães com crianças, as pessoas idosas e os doentes.

Três dias depois ficou pronta. Que alegria entrar na nossa “casa” e que necessidade de estar na privacidade, num cantinho nosso! A primeira coisa que fizemos, foi instalar o fogão para aquecer o ambiente, dormir sobre o lastro de bambu e não mais sobre a terra.

Foi instalado o pequeno fogão, nº 1, que compramos para levarmos junto conosco, que a província nos providenciou, a fim de aquecer as noites congeladas. Nossas camas com lastro de bambu, um colchonete de 5cm de espessura, foram montadas depois de dias dormindo no chão. Ansiávamos este lugar para dormir. Mas uma mãe com bebê de seis meses, cujo fogão não pode ser instalado até então, nos pediu para dormir na nossa barraca, quentinha. Eu cedi meu lugar, dormi no chão mais uma noite, mas com muita alegria e gratidão.

Em tudo isso havia uma certa magia, algo místico e prazeroso, gratificante, apesar do sacrifício. Sentíamos, que tínhamos uma troca energética, um dar e um receber contínuos. Afinal, estávamos ali para servir até nestes gestos imagináveis, e outros tantos pequenos detalhes, que iam surgindo no cotidiano.

Era muito frio lá fora. O gelo havia congelado o sereno da noite e dentro da barraca por causa do fogão aceso, a transpiração se convertia em gotas, como chuva, caindo sobre o papel em que estávamos escrevendo, sobre a cama que ainda não tínhamos colocado os papelões, sobre todas as coisas. Era o abençoado fogo, que também nos aquecia, mas ao mesmo tempo, deveríamos deitar logo para impedir maior transpiração e economizar o gás. Nossas roupas do corpo também faziam parte de nossas cobertas. E de manhã, olhando por cima das cobertas, havia transpiração sobre as roupas que parecia um orvalho! O desconhecido nos surpreendia a cada dia!

Agora, era preciso seguir os passos de quem já sabia como se vive debaixo de uma lona: ao levantar de manhã lavar a cara! Mas a água estava congelada, tanto a do balde como a da chaleira... Só tinha uma água líquida, a que estava na garrafa plástica, que aqueceu os meus pés durante a noite. Pensar em tomar banho, só pela tarde e precisava um novo ensaio mental de enfrentamento e aceitação. Lavar a roupa desde a viagem de Palmeiras a São Miguel, e dos três dias já acampadas, onde lavar? Como? Onde estender? Então as mulheres nos levavam junto a elas para onde lavar a roupa. Tudo era

um ajustar-se, mas com alegria e disposição! Tudo era uma aventura interessante!

Já estávamos na fase final da construção dos barracos de todos, no novo acampamento. Era preciso dar continuidade às atividades e serviços do acampamento e Organização. Participar das reuniões dos diferentes serviços durante o dia, visitar as famílias para ver, ouvir, sentir e saber se tudo ia bem. Em muitas famílias, era preciso ajudar a ajustar as relações, equilibrar as emoções que o desconhecido criava como a ansiedade, os medos, a saudade, as preocupações, e ajudar aos ajustes neste desconhecido e tudo novo, e focar na meta outra vez!

Participar das reuniões dos núcleos, na medida do possível, em todos. Caso houvesse alguma dificuldade, que pudéssemos ajudar a resolver, alguma situação de relações, manter a unidade nas partilhas de conversas dentro do serviço da equipe, o companheirismo, a participação e o entusiasmo do caminho à meta, lá estávamos.

De uma certa forma, nós irmãs, éramos alguém neutro no acampamento, confiável e as pessoas se sentiam confortáveis conosco. Pelo fato de escutar as pessoas, criava-se uma relação confiável. Podíamos ajudar a perceber as necessidades, clarear dúvidas ora pessoais, ora coletivas, e ajudar as pessoas a se dirigirem com confiança à pessoa ou líder responsável de cada serviço ou núcleo, para solucionar. Seja uma necessidade pequena ou grande!

Sentíamos um desejo muito forte de partilharmos à provincial e conselho, às nossas irmãs o que estávamos vivendo e experimentando, junto a estes migrantes sem-terra. E escrevemos nossa primeira carta.

3.3 Carta escrita no acampamento para as coirmãs

Acampamento da Barra, São Miguel,
diocese de Santo Ângelo, 24 de junho de 1988.

Queridas irmãs, a todas o nosso abraço fraterno.

“O Espírito do Senhor está sobre nós, Ele nos ungiu e nos enviou a evangelizar os pobres” e a deixar-nos evangelizar (Lc 4,16).

É noite. Iluminadas com a pequena chama de luz a gás do liquinho pendurado na estaca principal da barraca, enquanto o acampamento faz silêncio e dorme sob a preta lona que cobre as nossas tendas, queremos partilhar com vocês um pouco do que assumimos juntas a este povo migrante, acampado, a caminho da Terra Prometida.

Primeiramente a localização da área: a Fazenda da Barra fica a 30 km do município de São Miguel das Missões, na Diocese de Santo Ângelo, atravessando cinco fazendas, numa estrada de chão, deserta até chegar aqui.

Esta fazenda doada pelo MIRAD (Ministério da Reforma Agrária e Desenvolvimento), comporta 759 hectares, no meio de um grande latifúndio. É uma terra de campo aberto, cercado por rios e matas, privilegiada com animais raros como veados, pacas, jacús, tatús, avestruz, uma espécie de onça cujo nome não sabemos, e outros. Esta área já é conquista do povo nas negociações com o Estado.

Realidade humana:

O acampamento comporta 723 famílias, mais de 4 mil pessoas, organizadas em 45 núcleos. Cada núcleo, grupo, tem um líder e um vice-líder, e um líder e vice-líder para cada serviço do acampamento, para o melhor funcionamento do mesmo. A Organização é muito bem-feita. Os serviços de serem líderes dos grupos: direção interna e externa, segurança, alimentação, saúde, educação, transporte, religião, catequese, formação, educação, higiene, lenha, água, alimentação, lavoura, horta, finanças, comunicação, mulheres, caça e pesca e esporte. Todas elas são para atender todas as necessidades do todo. Cada núcleo tem duas pessoas responsáveis, para que toda a informação e necessidade seja levada da base para a coordenação geral, e vice-versa. Também, é de suma importância manter ocupada ao máximo, esta massa de gente em movimento.

Este acampamento é a junção do acampamento de Palmeira das Missões com o acampamento de Caaró, em São Miguel. O frio, o vento, a chuva nos castigam demais dentro e fora dos barracos. Desde os dias que saímos de Palmeiras, fins de maio a 15 de junho, múltiplas geadas fortes caíram sobre nós. O frio gelado congela a nossa transpiração interna do barraco.

Estamos longe de tudo e de todas as possibilidades de conseguir algo para comer e suprir outras necessidades básicas. Passam os dias e a fome do povo está se intensificando. As negociações por terra e alimento são quase sem resultado ou demoradas, ou arquivadas pelo Estado. E com um povo faminto, que sabe o porquê se colocou na estrada com este projeto: ir em busca da terra, é imprescindível o que pode acontecer.

Aqui se precisa de tudo. Remédios (chás), alimentação, assistência médica, materiais para educação, lonas, etc. Os recursos que o Estado prometeu, demoram chegar ou não chegam.

Como vivemos no meio deste povo.

Nossa moradia é simples, uma barraca igual a qualquer outra, talvez um pouco menor, pois somos duas pessoas. O tamanho do barraco é de 4m por 5m, coberto de lona plástica, repartida em duas partes. Uma parte de lona preta, o quarto, e outra de lona amarela, a cozinha. Sob a lona por dentro, colocamos papelão de caixas, para evitar o gotejamento da transpiração. Nossas camas são 4 paus fincados no chão e sobre eles, o lastro, de bambu; os bancos são cepos de lenha, promessa de fogo; as prateleiras de galhos de árvores; os cabides são pregos fincados nos paus da estrutura do barraco; o guarda-roupa são dois cabides de galhos de árvores pendurados sobre a cama, pois se encostarem na parede de lona se molham com a transpiração. Tanto é que a transpiração, onde não há papelão, enquanto o sol não bate, pinga como chuva. Nosso assoalho é a terra e o tapete é a grama seca; temos liquinho ou vela para iluminar a noite, onde se procura não usar muito, para que dure mais, pois será difícil buscar ou comprar outro. Nossa dispensa são 3 latas de 20 litros; a biblioteca é uma caixa de papelão; o banho é de bacia ou de chuveiro do vizinho, que é um balde com o chuveiro, onde se esquentam a água e se coloca neste balde. Este banheiro é cercado de plástico e fica ao ar livre; o WC fica bastante retirado dos barracos e cercado de lona. No começo os WCs com as demoras de serem construídos e a necessidade que nos levava para o mato, nos custou muito, e levou tempo para o corpo se adaptar com os ritmos e satisfazer as suas necessidades. Foi difícil!

Nossa vida com este povo migrante acampado, é dura e exigente, mas sentimos a acolhida, o carinho e a ternura dos pobres. Formamos uma grande família. Todos estão nos conhecendo e nós, os conhecendo. Percebemos uma admiração e uma aproximação cada vez maior porque vivemos com eles, com eles repartimos o que temos e o que eles têm é repartido conosco, e com eles comemos; buscamos água na fonte a quase 1 km, lavamos a roupa no rio; buscamos lenha no mato e a rachamos, carpimos na horta, partilhamos ferramentas, alimento, objetos, utensílios. Nossa maneira de sermos, de nos vestirmos e fazermos o que fazemos, procuramos ser como eles são. Nos convidam, e participamos ao máximo com eles em tudo. Vamos entrando e conhecendo cada vez mais sua organização, sua luta política, nos convidam e sentamos e refletimos juntos nas horas de impasse da organização e encaminhamentos do acampamento. Com eles celebramos a Vida e a Fé.

Nossa presença, o fato de estarmos aqui junto a eles, sentimos ser um serviço de solidariedade e testemunho, pelo simples fato de estarmos com eles. No serviço da celebração, ajudar a dar sentido, avançar, aprofundar e animar a fé, levantar os desanimados, fortalecer o propósito da luta. No serviço da catequese, preparando para os sacramentos, na reza do povo, tudo isto unifica as lideranças e o povo em geral, num jeito novo de vivermos a fé. Nos encontros Bíblicos, estudamos o Êxodo, pois é a situação que estamos vivendo juntos nesta hora necessária para animar, fortalecer e conhecer o Projeto de Deus, proposta de Jesus Cristo, que é também o projeto deles.

Nossa fé e nossa oração que fazemos entre nós duas, irmãs, acreditamos ser este um tempo de graça. Acreditamos que a nossa vida cristã e de consagradas é um tempo de total doação, de aprender em que consiste o Reino de Deus verdadeiramente, e sabemos, mas agora experimentamos, o que é a justiça, a solidariedade, a partilha, as relações fraternas. É um tempo de Encarnação, escolhermos vivenciar a pobreza que os pobres vivem e a vivem sem escolha, enquanto nós, a escolhemos e abraçamos experimentar a austeridade, a privação de coisas necessárias como a comida completa, várias vezes ao dia, um lugar descende para o banho, lavar a roupa, dormir etc. Aqui podemos, sem

distração, sentir-nos solidarias com milhões de irmãos que vivem essa privação de bens básicos, a negação do direito de viver dignamente. É a partilha-troca consciente e concreta do que se tem, já não dizemos e nem sentimos ser “meu-nosso” o que temos, mas tudo é de todos.

Nossa oração, nossa contemplação, a experiência de Deus, neste lugar onde pisamos, é concreta, é forte, nos dá um novo vigor e um novo sentido. Nesta realidade adoramos, bendizemos, lamentamos, choramos, suplicamos, escutamos e oferecemos a Deus nossas vidas, em comunhão com as nossas famílias e a família religiosa.

Nossa esperança está na fidelidade e justiça do Pai. Nossa certeza, está na generosidade de cada irmã consagrada, assumindo concretamente os empobrecidos e migrantes a caminho. Certamente nos dará um espírito de compaixão, de bondade, consciência atenta e aberta para avivarmos o Carisma do Serviço ao migrante na Congregação e na Igreja. Que este tempo se apresse, passe ligeiro para vermos a bondade de Deus se transformar em presença efetiva, em fartura de bens partilhados, e um povo feliz. Deus não falha nunca em sua promessa!

Estamos felizes, animadas e encorajadas nesta caminhada que não sabemos e nem prevemos até quando vai! O caminho é longo e desconhecido. A meta é segura e é clara! Quanto à saúde só apanhamos uma gripe e uma tosse, mas o xarope caseiro da farmácia popular de ervas, o carinho destas mulheres cuidadoras, que temos aqui, na já nos curou. Gostaríamos imensamente de receber visitas de vocês. Se você irmã, se animar a vir, traga apenas um cobertor para não passar frio. O resto a gente ajeita.

Concluindo, entendemos não ser uma casualidade, mas sim, uma causalidade a nossa vinda para estar com estes migrantes sem-terra, acampando justamente, no dia em que celebramos a festa de João Batista Scalabrini. Cremos ser este, um sinal do Espírito, para que a Congregação se fortaleça, na medida que fielmente, voltarmos ao fundamental dom, Carisma recebido: os migrantes!

Com carinho a vocês todas, o nosso abraço, nossa prece e comunhão no compromisso assumido.

Nós, Irmã Adélia Werner e Irmã Elda Broilo.

3.4 O contexto no qual a luta pela terra se estruturava

Enquanto nascia esta Organização dos Sem Terra, em contrapartida, nascia a organização da UDR - União Democrática Ruralista, formada por proprietários e empresários de grandes extensões de terras. São os latifundiários, fazendeiros, empresários pecuaristas e oligarquias. Desde os anos de 1970, ou mais, estes compravam as terras dos pequenos ou os cercavam a tal ponto que se viam obrigados a vender sua terrinha. Desta forma forçada, os expulsavam de suas pequenas propriedades. E muitos eram presos, torturados; muitos deles assassinados. Vale dizer que, igualmente, sofriam e sofrem os povos indígenas até hoje, em diferentes regiões do Brasil, especialmente no Centro-Oeste, aumentando assim o êxodo rural para as cidades, com o aumento das favelas. Essa população, organizada, fazia as ocupações de terras urbanas.

Quando os camponeses começam a organizarem-se, obrigam o Estado a cumprir a lei da Reforma Agrária, com a força desta meta: “Terra para quem nela trabalha”!

Eles ocupam as terras devolutas, improdutivas e as repartem entre as famílias de camponesas que as necessitam, dando-lhes o direito de uma vida digna e cidadã.

Como sempre, estes poderosos oligárquicos que também se apropriaram de terras griladas, invadindo-as em grande escala sob a proteção do Estado, não aceitam que se ocupe a terra da qual se apropriam. E começam os enfrentamentos violentos como os despejos, as perseguições, as prisões, as torturas, os desaparecimentos de trabalhadores, até os assassinatos de lideranças camponesas e indígenas. Como a Igreja estava comprometida com estes pobres trabalhadores, também foi muito perseguida e com mortes. É preciso dizer que muitos líderes do campo e das florestas, homens e mulheres, deram a vida nesta luta pela terra, como, Chico Mendes (1944-1988), Roseli Nunes (1954-1987), Margarida Alves (1933-1983), Ir. Doroty Stang (1931-2005), Pe. Ezequiel Ramin (1853-1985) e uma infinidade de outros tantos.

O tempo deste acampamento na Fazenda da Barra em São Miguel, havia chegado ao seu fim. Foram dois meses. Desde o dia 25 de maio a 25 de julho de 1988, dia do agricultor. Era preciso

sair deste lugar para não se tornar uma grande favela escondida no campo, longe de todas as possibilidades de viver. O planejamento para seguir adiante foi sendo organizado ao longo destes meses com os líderes de cada serviço com a base. Tudo estava pronto e todos sabiam que em algum momento deveríamos partir. Foi então, na madrugada do dia 25 de julho, que partíamos para ocupar a fazenda Buriti, 11 mil hectares de terra improdutivo, cuja proprietária era uma senhora solteira, sem herdeiros, e que não pagava os impostos ao governo desde muito tempo.

3.5 A caminho da ocupação da Fazenda Buriti, RS

Três mil pessoas iriam para a ocupação, a 40 Km da Fazenda da Barra, e mais de mil ficariam cuidando dos barracos e pertences de todos. Deus é fiel e está com seu povo.

O povo tem uma grande atitude de fé. Fé significa fidelidade! Fidelidade a Deus que estaria sempre junto! Por isso, o povo tem confiança nele, e parte para cuidar e proteger a Vida!

Todo o acampamento se preparava para celebrar com uma especial Mística este dia do agricultor. Um grande grupo participaria da Romaria da Terra, como de costume todos os anos. Para isto, alguns caminhões deveriam entrar no acampamento para levar este grupo à romaria. Isto foi dito a todos a fim de distrair a atenção do “movimento” para a ocupação.

No dia 24, apenas um caminhão entrou no acampamento. E à tardinha foi carregado de toda a infraestrutura básica como: alimentação, chapas, panelas, colchões, lonas, estacas, baldes, cobertores, os facões e as foices para a ocupação. Os pertences pessoais, cada pessoa devia carregá-los consigo, em sua mochila.

A coordenação geral reuniu a equipe da coordenação dos líderes dos núcleos, num lugar aberto, a uns cem metros do acampamento, para anunciar que esta era a noite da fuga. Eram 20h e lá permaneceram de pé, até 22h. O chão que pisavam, sobre o pasto, estava coberto de geada, e a lua cheia clareava aquela noite. “Esta noite sairemos daqui para a ocupação! E esta reunião é para saberem o passo a passo das linhas gerais da ocupação, para dar tudo certo. Sairemos dentro de três horas”.

A luz da lua refletia, intensamente, sobre o campo imóvel e branco de gelo, que cobria o chão, as lonas, as pedras. Assim como o povo de Israel, era guiado por uma coluna de nuvem na fuga do Egito, agora, Deus nos colocava uma lua brilhante, cheia de luz, cujo clarão se prestava como lanterna para a fuga.

Saindo desta reunião, cada líder e vice-líder, certamente congelados, também, deveriam reunir o pessoal do seu núcleo, para anunciar que a celebração do dia do agricultor seria a noite da ocupação, e seria nesta noite de 24 para 25 de julho. O tempo para recolher o necessário, eram apenas três horas. O núcleo devia escolher as pessoas para permanecerem e cuidarem dos pertences dos que partiam, e de preferência, deveriam ficar as mães de bebês pequenos, pessoas idosas e com dores. Colocar na mochila para levar somente o prioritário. O material coletivo já estava no caminhão, e a saída iniciaria em 01hora, no centro do acampamento. Dezessex caminhões nos aguardariam na estrada geral, a nove quilômetros da Barra, para nos levar à terra da ocupação. A chegada deles e a nossa deveria acontecer juntos. E que todos cuidássemos, para não fazer nenhum ruído com as coisas, nem entusiasmos e conversas em voz alta, pois a noite era muito silenciosa e tranquila e os vizinhos assentados, pertinho dali, poderiam escutar os ruídos estranhos e denunciarem nossa fuga.

É bom lembrar que o assentamento vizinho ficava perto do nosso acampamento da Barra, e estas famílias estavam assentadas pelo Estado, com a tarefa de avisar a polícia ou o capataz da fazenda caso observassem alguns movimentos e ruídos estranhos.

Era madrugada, 01h da manhã. Mais de três mil pessoas organizadas em duas filas. Os pais carregando seus filhinhos ao colo, todos com seus pertences, mochilas, foice, ou enxada ou facão, chapéu, e um cobertor nas costas como poncho, pois era muito frio, quando iniciou a saída organizada, silenciosa e rápida, para não sermos surpreendidos por ninguém.

Algumas pessoas usando seu cobertor em forma de poncho, vinham na nossa barraca, para que nós atássemos com agulha e barbante seus “ponchos”.

Nossas mochilas estavam prontas. Colocamos o mínimo necessário para três dias ou mais, sem imaginarmos o que haveríamos de precisar e por quanto tempo. Sinceramente, tínhamos medo do

desconhecido, dos enfrentamentos que poderiam acontecer, pois, revendo as ocupações feitas em outros grupos, uma ocupação é sempre um grande desafio e um grande risco. Este “estranho desconhecido” nos dava medo. Tanto é que nos faltavam duas horas para partirmos, e a Ir. Adélia se deitou um pouco. Chegada a hora, ela não conseguia acordar para partir. Lhe custou muito acordar. O medo protege! Mas devíamos partir!

Estava tudo pronto para partirmos. A equipe de segurança organizando a fila de três mil pessoas, deram algumas recomendações como: proibido fumar para evitar qualquer sinal luminoso. Proibido tossir, proibido conversar, caso uma criança chorasse devia ser pega ao colo, e com carinho e proteção afagá-la ao peito e acalmá-la, manter um ritmo de passos ordenados com o conjunto, onde todos podíamos caminhar juntos, pois a fila de dois em dois era imensa e se deveria caminhar por 9 quilômetros. Recordo que eu olhava para frente e não via o começo da marcha. Olhara para trás e não via o seu fim. A luz do luar à noite, fazia com que esta coluna humana, imensa fila, mais parecia uma grande serpente preta, arrastando-se segura e, tranquilamente, pelo chão batido do caminho deserto, que atravessava o grande latifúndio.

O aviso era este: caso aconteça algo no caminho, manter a calma e a colaboração mútua.

A natureza dormia, silenciosamente sob o brilho do luar, como tantas outras noites. Mas, nesta madrugada, algo rompia este silêncio selvagem. Eram as pisadas ritmadas de 3 mil pessoas em fuga, produzindo diferentes sons entre o pé e o tambor terra, o gelo pisado, o barro amassado, num compasso perfeito como: “vap, vap, vap...”, uma pisada que acordava o coração da mãe terra, avisando-a que seus filhos estavam em marcha, arriscando suas vidas, resgatando-a das cercas do latifúndio, para receber o cuidado e o carinho das mãos, que a fariam fecunda de sementes, de pão e de paz.

Olhos abertos, ouvidos atentos, boca calada, pisada firme e segura por sermos uma multidão.

Era uma película cinematográfica, impressionante, indescritível, única e inesquecível, que perpassava todos os nossos corpos físicos, mentais emocionais e espirituais, em todos os sentidos! Era visível, audível e palpável o desejo humano de migrar a qualquer preço pela busca da liberdade.

Juntos, éramos fortes, seguros, imbatíveis, porque o Senhor também marchava conosco!

Era a travessia do Mar Vermelho! O nosso Deus Libertador, o Eu Sou, o Eu Estou, aquele que pediu para tirar as sandálias, porque era Santo este chão pisado. Ele estava entre nós, com gestos tão concretos e perceptíveis!

Passadas algumas porteiras, das 9 que deveríamos atravessar, apareceu o primeiro grande obstáculo. No meio do campo uma boiada imensa, deitada no campo aberto, justo, onde devíamos atravessar. A boiada assustada pela imensa “serpente humana”, que ia em sua direção, a boiada se levantou assustada, se agitou num balanço, como quem se apruma para correr, o chamado “estouro da boiada”, que então perde a direção, ficando incontrolável, furiosa, perigosa e avançaria sobre nós. Certamente, os olhos de todos estavam espantados, surpresos com tudo o que estávamos vendo, pois era uma força incontida, caso acontecesse. Atrás de mim estava dona Eva, que percebendo e conhecendo este perigo, começou a rezar com tanta fé a Deus a meia voz, pedindo a sua proteção, para que o estouro não acontecesse. A boiada, milagrosamente, se dividiu em duas partes, deixando um caminho entre as partes, por onde passamos em segurança. Uma parte ficou de pé e a outra, aos poucos tornou a se deitar, tranquilamente.

Que surpreendente tudo isso que estava vendo e experimentando para minha fé! Estar com os que caminham, por caminhos desconhecidos, desafiadores, inesperados, mas juntos, tinha tudo para se ter medo. Era nítida a ação divina nos conduzindo nesta hora, com sua mão protetora. Este experienciar o Sagrado, não se explica!

Seguimos. Mais adiante, quase chegando na estrada geral, vivia o capataz da fazenda, que também tinha a tarefa de avisar a polícia caso percebesse algum movimento estranho dos acampados da fazenda da Barra. Mas esta madrugada era tão fria, que somente estava acordado quem estava nesta ação. Pior é que no campo, a natureza tem seus guardas. Assim como eles protegem, também acusam. Criava-se mais um obstáculo para nós. Era o pássaro Quero-queiro. Este pássaro vive no campo descampado, e gosta muito de estar perto das casas para cumprir sua missão de vigia. Quando vê ou percebe algo estranho, grita forte. E foi o que fez! Mas o capataz não o ouviu, não acordou, não nos percebeu passando pela sua porta.

Era frio demais para acordar. Outra vez dona Eva, conhecedora dos segredos do campo, convocou o nosso Guarda e Protetor Divino. Suplicava dizendo: “Ó Deus, cale este pássaro! Que não desperte o capataz desta fazenda, e nos deixe atravessar em segurança”! E de repente, como se alguém atasse o bico do quero-quero, se fez silêncio total! Um silêncio nativo! E passamos, livremente, ilesos.

Meu Deus, como és grande e poderoso, com os que fogem da terra da escravidão e buscam a terra livre!

Estas situações e obstáculos me remetiam ao povo de Israel, fugindo do Egito. Era o nosso Êxodo, nossa fuga, nossa travessia em busca da terra prometida. Para mim, uma grande experiência de fé – fidelidade de Deus, de confiança e entrega ao Deus da Liberdade, o Deus da promessa. O povo também experimentava tudo isso, mesmo sem saber desta História Sagrada.

Na insegurança do que ainda haveríamos de encontrar, mas na certeza de que o Deus Providente caminhava conosco, estas manifestações dos segredos ocultos e carinhosos de Deus, estavam sendo manifestados, para darmos glória e louvores por suas façanhas!

Eram mais ou menos 5h da manhã quando chegamos no local onde nós e os caminhões, deveríamos chegar juntos, na estrada geral que nos levariam à terra da ocupação, a Fazenda Buriti. Os 16 caminhões previamente combinados pela coordenação, pertenciam a sindicatos e amigos do Movimento, eles já estavam ali. Rapidamente subimos, pois estávamos numa via mais ou menos pública e alguém podia nos ver e denunciar.

Uma vez o comboio pronto, partimos. O caminho a partir dali, era curto e chegaríamos em pouco tempo. Porém houve um atraso do quarto caminhão do comboio que ia muito devagar e perdeu os companheiros que iam à sua frente. Ele perdeu o rumo, atrasando assim o restante dos caminhões que vinham atrás. Mais de meia hora ficamos ali parados. Que aflição! Aqui conto mais um desafio e um aprendizado do caminho.

Nos caminhões foi colocado o maior número de pessoas para que não sobrasse ninguém das três mil que éramos, para embarcar. O vento frio batia no rosto. Nos aquecíamos uns com os outros por andarmos bem apertados. As crianças com o sacolejo do caminhão depois de uma longa caminhada e o frio, derramavam seu xixi que

escorria pelo chão. Mas neste trepidar do caminhão, não só as crianças sentiam vontade de fazer xixi, o meu corpo também ficou com vontade de urinar pois não o fiz durante a caminhada por vergonha. E agora era quase impossível segurar até chegarmos na fazenda! Eu só tinha mais uma muda de roupa na mochila. Que apuro, meu Deus! Tira-me desta situação! E o caminhão parou! Quanto tempo ficaria ali parado? Não sabia. Sabia que esta era a única chance, única saída que eu tinha, de esvaziar minha bexiga. Tirando o chapéu, o poncho, saltei do caminhão eu e outras mulheres, não tínhamos para onde ir se não urinar ali mesmo na frente de todos e demoradamente, por que foi assim! Por mais rápido que quisesse fazer, impossível. O corpo é quem mandava. Enquanto os homens o faziam rapidamente desde o caminhão! Que espetáculo na madrugada!

Isto aconteceu por não aceitar o combinado e programado que as mulheres fizeram, de forma simples, rápido e protegida, abrindo um cobertor em forma de “C”, abrigando cada mulher necessitada. Eu, porém, me sentia envergonhada e com nojo. Organizei mentalmente que ao chegar no local da saída, antes de subir ao caminhão, teria tempo de buscar um matinho. Mas me dei mal. Pois era acabar de chegar e subir no caminhão sem demoras, todos e todas.

São situações que só se experimenta e enfrenta no limite! Era preciso se desafiar com situações novas e tão diferentes. Detalhes humanos de ser e fazer na travessia de tamanha inserção.

Refeita a organização dos caminhões, partimos outra vez e chegamos na terra da ocupação em torno das 6h da manhã. Os caminhoneiros tinham a ordem de nos deixar com todos os nossos pertences e rapidamente saírem da área.

Estávamos três mil pessoas diante da cerca do latifúndio.

3.6 A ocupação e a mística

A primeira atitude dos encarregados era cortar os arames, que por sinal eram de aço, muito resistentes, entrar, plantar a Cruz na terra que a equipe da Religião havia preparado, pois este era o símbolo carregado de sentido da Organização - MST. Neste tempo ainda não existia a bandeira.

Avançamos um pouco para dentro da fazenda, e num lugar mais aberto, com capim seco queimado da geadada. Sacudimos o gelo, e

iniciamos a preparação do café da manhã. A equipe da lenha foi buscar lenha no meio do campo, e com um pouco de paciência esperar que o fogo secasse a lenha para acender o fogo. Organizamos as crianças e os idosos para ficarem perto do fogo pois fazia muito frio. A equipe da água providenciou a água, colocou-a em panelas e chaleiras sobre o fogo. A equipe da alimentação começou providenciar o café. Café?! Como seria este café para tanta gente? E cada um e uma começou tirar da bolsa o seu caneco ou xícara, e recebia uma colher de açúcar, uma brasa que queimaria o açúcar, e água quente. Esta água quente para enfrentar o frio e esquentar o corpo, caiu muito bem! Será que vamos comer algo? Só ao meio-dia. Este era o café!

Avançamos mais para o descampado limpo e aberto.

Os núcleos com seus líderes começaram pensar em preparar para o almoço, enquanto tudo estava mais tranquilo. Buscar pedras para apoiar as chapas de fogão, buscar água, colocar as panelas, preparar os alimentos de arroz, macarrão, feijão, batata... Tudo isso muito devagar, a seu tempo, porém muito atentos no conjunto maior, pois estávamos numa ocupação de terra.

Enquanto cada grupo preparava o almoço, as lideranças foram conhecendo a área da fazenda, e planejar os obstáculos que se poderia criar na hora do enfrentamento. Nós irmãs, com as mulheres e crianças, fomos até o cruzeiro para rezarmos. Estas mulheres, experienciadas de outras ocupações, rezavam com muita fé, pedindo a Deus a sua proteção para esta hora.

A equipe da comunicação, bem cedinho, já estava dando a notícia da ocupação em várias rádios da região. A ocupação era sobre um latifúndio improdutivo, que não pagava impostos ao Estado. Exigia-se que o Estado fizesse a Reforma Agrária desta terra, para as 723 famílias que queriam terra para o assentamento!

Almoçamos até de uma forma tranquila. Pela demora em aparecer a suposta dona da terra, tudo indicava que a demora deveria estar acontecendo por algo, que só se soube depois, que a dona estava sendo ajudada e apoiada pela UDR. Nos interrogávamos, porque tanta demora? Nos parecia estar num passeio. Este foi o primeiro dia, e nenhuma ação de enfrentamento.

Chegou a noite. Foi armada uma barraca para cada núcleo. No nosso, éramos 21 pessoas. Estendemos os colchões no chão, um

pertinho do outro, e tentamos dormir. Foi uma noite difícil para dormir. O medo e a insegurança nos colocavam vigilantes. Era muito frio e o vento corria solto por debaixo da lona curta. Resolvi colocar a cabeça na bolsa de couro, grande, que eu carregava meus pertences. Havia segurança vigiando a área, mas o desconhecido me fazia estar em alerta. Pela manhã, alguns da Coordenação Geral vieram nos perguntar se estava tudo bem! Eles nos cuidavam com carinho!

Amanhecia o segundo dia na terra ocupada. A ameaça da revanche era eminente. Era preciso impedir alguns caminhos que poderiam chegar a nós, para nos protegermos. Num destes caminhos, havia uma ponte de madeira que dava acesso à fazenda. Foi tomada a decisão de desmontar esta ponte! Restavam outros caminhos. Chegou o trator de um amigo do movimento que pertencia a um sindicato de agricultores, e tudo planejado, lavrou um pedaço de terra simbolicamente, como forma de dizer: queremos terra para plantar! E foi embora.

O atraso da chegada da fazendeira era porque não pagava os impostos dos seus 11 mil hectares de terra. Buscou assessoria e reforço com a UDR, para junto ao Juiz da comarca de Santo Ângelo, exigir que assinasse a proposta da organização latifundiária UDR, que pagaria os impostos atrasados dos últimos três anos, sobre apenas três mil hectares somente, ameaçando-o caso não aceitasse a proposta deles. Esta negociação levou todo o primeiro dia. Só então, no segundo dia, é que começou a operação de despejo. Eram muitas pequenas aeronaves pulverizadoras de veneno, sobrevoarem intensamente sobre nós. Ao longe, na estrada, via-se mais de 20 carretas boiadeiras prontas para o despejo, e a cruz que plantamos na entrada da fazenda quando chegamos, a polícia ateou fogo nela. Entendemos, que devíamos nos recolher no meio do mato, esconder-nos para não sermos mapeados de quantos éramos. E assim o fizemos.

Agora só tinha uma estrada de acesso até onde estávamos. A equipe de segurança montou guarda perto da cerca que dava acesso à sede da fazenda, distante a uns 500 metros ou mais, e todos deveríamos ficar bem atentos durante a noite. Esta era a segunda noite da ocupação. O ambiente estava ficando mais tenso. Em torno da meia noite ou mais, um dos nossos seguranças chegou na entrada do mato onde estávamos, assustado e avisando a todos que a polícia havia levado um dos nossos companheiros que estava na segurança.

O medo aumentou até por conta de não sabermos ainda quem haviam levado. Aumentou a tensão, a ansiedade, a angústia o pânico e já não se dormia mais. Passamos o resto da noite, em vigília e oração. No dia seguinte ele foi liberado.

Alguns jornalistas de rádio vieram até a ocupação para entrevistar as lideranças sobre o fato, confirmando aos jornalistas que não sairiam dali sem a posse da terra, e que resistiríamos até o fim, nem que houvesse derramamento de sangue.

Isto aumentou a tensão do Estado. Em torno das 11h da manhã chegaram três funcionários do MIRAD (Ministério da Reforma Agrária e Desenvolvimento) para negociar uma saída pacífica, fazendo algumas propostas. Na mesma proporção, os líderes do Movimento aceitariam as propostas de sair da área, se primeiro, o governo cumprisse com as seguintes propostas: entrega de alimentos para todo acampamento já; fazer uma vistoria desta fazenda, dando-nos o resultado dentro de uma semana e aplicar a RA; realizar os assentamentos das 723 famílias em trinta dias; e que saindo dali nos levasse para uma nova área de acampamento.

A coordenação exigiu também que dos três funcionários do MIRAD que ali estavam em nome do Estado, um ficasse conosco, como comprovante que as reivindicações seriam levadas ao governo. Dos três funcionários, dois deles apontaram o Dr. Claro que por ser comunista, ficasse entre nós e os outros dois se foram.

A equipe da coordenação do acampamento estava muito decidida a resistir até o fim, custasse o que custasse.

Os alimentos já estavam ficando escassos. E a providência continuava com seus pequenos gestos de presença carinhosa. Era importante percebê-los pois animava o pessoal. Um porco-espinho apareceu do nada e se confrontou com muitas mãos querendo pegá-lo, mas ele subiu numa árvore para se salvar. Mas que pouca sorte teve este pobre bichinho indefeso. Um companheiro não cogitou em subir na árvore para apanhá-lo, e o bichinho deu a vida pelos famintos. Seria a única carne a ser deliciada depois de tanto tempo. O bichinho era tão pequeno que depois de limpo, ficou do tamanho de um camundongo. Éramos 21 pessoas do núcleo para comer o tal ouriço, com polenta. Me perguntaram se era melhor cozinhá-lo assado ou com molho. Se com molho já não dava para reparti-

lo em 21 pedaços, imagine assado! Este foi o “maná providente e carinhoso” para com este núcleo.

Já se passava do meio-dia e os companheiros da direção que estavam com o Dr. Claro, todos com fome, comiam bolinhos fritos. Estes bolinhos eram uma alimentação básica e deliciosa no acampamento. Ofereceram então, ao Dr. Claro, que pegou um, examinou-o, e o jogou fora. Contou que fazia uma dieta, que devia tomar seus remédios, e que deveria sair dali o quanto antes. Os companheiros aproveitaram para dizer a ele que, no meio de nós havia doentes, sem poder alimentar-se conforme, nem remédios, adequadamente disponíveis e que era urgente resolver a situação dos sem-terra. Era importante para ele e para nós todos.

Na meia tarde, a coordenação foi informada que o Secretário da Agricultura do Estado, Dr. Odacir Klein estaria chegando no local. Chegou a hora decisiva, tensa, estressante e tão esperada da negociação do Movimento com o Estado. Ou o atendimento das reivindicações do MST feitas ao Estado, ou a reintegração da posse da terra para a latifundiária, e conseqüentemente, o despejo.

Antes, porém, em torno das 14h, para fortalecer o pessoal, baixar a ansiedade, nos colocar em sintonia e todos confiantes que tudo ia dar certo, para animar e fortalecer a fé e a certeza de que Deus está sempre com os que lutam por justiça social, realizamos uma forte celebração da Palavra preparada pela equipe da religião, e construímos uma outra cruz. Convocamos todos para fazermos a oração enquanto as autoridades não chegavam, e para plantarmos outra cruz na entrada do mato onde estávamos.

Foi um dos momentos mais fortes e tensos da ocupação.

Cabia a nós Irmãs e à equipe da religião, conduzirmos este momento místico espiritual com toda força e fé. Irmã Adélia e eu havíamos pensado muito antes de sairmos da Barra, como atuar se houvesse um momento como este, mas a hora ainda não havia chegado. Tentamos imaginar qual a Palavra de Deus mais oportuna para aquela hora, a fim de fortalecer os ânimos, a esperança e a certeza de estarmos no caminho e no desejo de Deus mais uma vez. Chegou a hora de rezar, proclamar a Palavra viva e fiel numa situação tão forte e desconhecida! Agora, ali estávamos atentas como nunca, costurando todos os fatos, confiantes Nele pois Ele era o Autor desta hora.

Haviam chegado para solidarizar-se conosco nesta hora, dois deputados estaduais: Adão Pretto (PT) que para entrar na ocupação e estar conosco, a polícia tirou-lhe a sua arma pessoal, e Irani Muller (MDB). Iniciamos a oração fazendo primeiramente uma breve colocação da conjuntura deste momento, feita por um dos coordenadores do acampamento e por Adão Pretto. O Dr. Claro do MIRAD também estava presente.

Damos seguimento à celebração recitando as preces preparadas de manhã, e muitas outras foram espontâneas. Dona Norma rezou assim: “Ó Deus, tu que és o Deus dos pobres, atenda-nos e faça com que este avião que sobrevoa sobre nós, caia!” Não passou um minuto, e ouviu-se um forte estrondo, e poeira no ar, atrás da colina de onde estávamos em direção à casa da proprietária. Nelson, um dos nossos líderes, às pressas foi averiguar o sucedido. Voltou dizendo: “Vamos continuar rezando por que Deus está conosco!” O clima ficou tenso! Os olhares das pessoas se cruzavam cheios de interrogações pelo barulho ouvido depois da prece, e pelo pedido feito por Nelson! Uma energia forte se juntou aos três mil membros sem-terra desta ocupação. Era a hora derradeira para avançarmos para algo mais. Senti, então, que era chegada a hora de uma de nós duas irmãs, assumirmos o comando! Adélia me fez o sinal para eu seguir.

Então, “se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz, e me siga. Pois, quem quiser salvar sua vida, vai perdê-la; mas quem perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mt 16,24-25).

Com a mesma intensidade energética que estava o clima nesta hora, pedi, para que a cruz ali preparada em substituição da que a polícia queimou na entrada da fazenda, fosse erguida e plantada no lugar previamente preparado, no meio de nós!

Abri a Bíblia e fiz a leitura do livro do Deuteronômio 30,15-20 com profunda empatia:

Hoje coloco diante de vocês a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Se você obedecer ao que hoje lhe ordeno, amando ao seu Deus, andando em seus caminhos e observando seus estatutos, leis e normas, você viverá e se multiplicará. Deus

o abençoará na terra onde você vai entrar e tomar posse dela. Mas se o seu coração se desviar e você não obedecer e se deixar seduzir, é certo que vocês perecerão. Hoje eu tomo o céu e a terra como testemunha contra vocês: eu lhe proponho a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolha, portanto, a vida, para que vocês e seus descendentes possam viver, amando, obedecendo e apegando-se a Deus, porque Ele é a sua vida e o prolongamento de seus dias.

Fechei a Bíblia e com muita emoção e unção, tomada desta força divina que pairava entre nós, repeti, atualizando o texto do Deuteronômio com palavras simples e acessíveis para entendermos, profundamente o sentido da Palavra que Deus para esta hora, Palavra decisiva: Maldição ou Bênção! A MALDIÇÃO é voltar à estaca zero, perdendo todos os ganhos realizados até aqui. Deixar que o medo nos leve de volta ao lugar de donde viemos porque já não tínhamos como viver, lugar de passar fome, necessidades, enganos, pobreza, solidão, miséria, abandono, tristeza. E a BÊNÇÃO é a vida, é a terra que juntos iremos conquistar, uma terra livre, com fartura, prosperidade, a terra da solidariedade, da comunidade, a terra da felicidade, da Bênção para um povo justo, lutador, e companheiro, inaugurando um novo jeito de se viver em sociedade, um jeito onde a justiça, o direito, a participação, os valores, as capacidades individuais, o poder como serviço, serão socializados igualmente entre todos, e experimentaremos a Paz.

Escolher a VIDA é bênção, é ser feliz. É resistirmos até o fim, é comprometer-nos uns com os outros, até chegarmos na terra que viemos buscar, é seguirmos comprometidos uns com os outros. Mas se nos deixarmos levar pelo medo, confusão, pânico, se perdermos a coragem, nos desgarrando uns dos outros, se desistirmos, se fraquejarmos e voltarmos atrás, isto é escolher a Morte e morte aqui, é Maldição para a família e sua descendência. É perder a chance de construir o Reino de Deus que é uma nova sociedade de Filhos livres! É outra vez seguir sem-terra, sem roça, sem casa, sozinhos.

Será para isto que chegamos até aqui? Ou queremos o nosso por direito? Esta é a sua hora! Esta é a sua escolha! Ou a Vida com a Bênção, ou a Morte com a Maldição!

Agora, chegou a hora de tomarmos a decisão. Quem se compromete com este Deus que promete e cumpre o que diz, e ficarmos juntos para aumentar a força e a coragem, chegue até a cruz, tome um punhado de terra, e passe sobre o cruzeiro selando seu SIM, como uma tatuagem, mostrando para Deus e aos seus companheiros, que você se compromete com a vida, com a bênção e com a terra!

E um a um, todos foram assinalar seu compromisso com a vida, a bênção e a terra com muita firmeza, coragem e determinação! O Dr. Claro presente, aconselhado pela segurança, e forçado pela situação, foi, tocou a terra, tocou a cruz muito de leve e logo se limpou as mãos.

Quando toda a assembleia havia passado pela cruz, num misterioso e fecundo silêncio, pedi que todos nos juntássemos e ajoelássemos, um ajudando ao outro, e uma vez ajoelhados, colocarmos a mão esquerda no ombro do companheiro ou companheira que estava perto, e a mão direita, tocasse a terra da Bênção com carinho, na certeza de que Jesus Cristo, companheiro e irmão maior de luta, nos confirmasse a terra. E vamos rezar juntos a oração do Pai Nosso. E assim se fez!

Ainda ecoa nos meus ouvidos o impressionante som de 3 mil vozes uníssonas, rezando este Pai Nosso, e as imagens indescritíveis, desta hora!

Em seguida, um ajudando ao outro a nos erguer, selamos este compromisso, dando-nos um forte abraço, sentindo mais companheirismo ainda, e benzendo-nos com o sinal da cruz sobre nós mesmos. E encerramos este ato!

Este momento foi profundamente místico, nascido do Mistério do amor Divino, a mais pura Ação do Espírito Santo de Deus. Deus quis preparar e fortalecer o seu povo com a coragem, firmeza, lucidez, determinação e companheirismo, presenteando-nos com a paz e a fortaleza.

3.7 A gestão dos conflitos e a negociação

Terminada a celebração, o Secretário da Agricultura Dr. Odacir Klein chegou de Porto Alegre para negociar com os sem-terra e a proprietária. O secretário, escoltado por autoridades e mais de 800 policiais, chegaram até bem perto de nós, num campo aberto. Todos

nós acampados, fomos organizados em filas horizontais. A primeira da frente, os líderes e segurança; logo atrás os demais homens, mulheres e a juventude; finalmente os idosos, as mães com as crianças e pessoas debilitadas. Sem ser a primeira fila, todos os demais com suas ferramentas de trabalho.

O Secretário Odacir Klein, escutando as reivindicações dos sem-terra, logo foi acolhendo e respondendo que nossos pedidos seriam atendidos, prometeu a alimentação para todos os acampados no dia seguinte, e as demais reivindicações, seriam atendidas dentro dos prazos estabelecidos com a Organização, oferecendo-nos um frigorífico desativado em Tupanciretã, perto de Cruz Alta, para acamparmos. Este lugar ficava a 70 quilômetros dali; quem nos levaria seriam as 20 carretas transportadoras de gado pertencentes aos fazendeiros da região, já prontas e enfileiradas na estrada fora da fazenda.

A imprensa estava presente com muitos repórteres, com suas máquinas filmadoras, registrando tudo em detalhes.

Alguns da direção que carregavam sua arma pessoal, se aproximaram de mim, que tinha uma grande bolça de couro com os meus pertences, e me pediram para nela guardar suas armas. Eram três armas, que eu carregava na minha bolsa naquela hora.

É claro que a imprensa devia ter visto este lance.

Eu e a jovem Pita de braços dados dando-nos apoio uma à outra, um repórter veio atrás de nós fazendo menção “psiu, psiu”... para que olhássemos para trás onde ele estava. Como havíamos percebido seu lance, baixamos a aba do chapéu que carregávamos, ficamos firmes e neutras. Ele não conseguiu fotografar-nos.

Feitas as devidas negociações, na santa Paz, ficamos liberados para no dia seguinte sairmos, bem cedo, transportados por estas 20 carretas, até Tupanciretã. O ato mais importante foi a vinda do Secretário da Agricultura até nós, e diante de três mil pessoas, receber nossas reivindicações, e assinarmos suas promessas. Nisto, sentimos a presença divina presente na ocupação, podendo resolver, pacificamente, esta ação. Numa grande alegria e contentamento, homens, mulheres e crianças, tratamos de nos preparar para a saída. Tomar banho, lavar roupa, organizar os pertences, comer algo para passar a noite.

Na manhã seguinte, quarto dia, antes do sol nascer, preparamos os bolinhos para partilhar com as pessoas próximas antes de partirmos. Mas, não deu tempo se quer, de aquecer o azeite que chegou a ordem do embarque. Colocamos a massa numa panela, esta, num saco de rafia e o levamos junto, quem sabe poderia ser este o único alimento do dia.

Uma vez, todos prontos, partimos. A estrada era de chão, muita poeira, pois o tempo estava seco. A poeira que um caminhão levantava para o outro em corredor de fazendas, quem ia atrás, era insuportável respirar. Imagine como cada um de nós chegou em Tupanciretã, desde as 8h da manhã até às 12h da tarde. Nossos rostos, cabelos, roupas, mochilas e pertences, ficamos irreconhecíveis. Afinal, eram 70 quilômetros de estrada de chão, e carretas, que arrancam poeira até onde não tinha. Eu, jamais imaginava que houvesse tanta terra para o gado e sem produção alguma, no Rio Grande do Sul.

3.8 Mais um acampamento e muitos desafios

Chegamos em Tupanciretã. As carretas nos despejaram a um quilômetro donde deveríamos acampar, num terreno muito inclinado. Enquanto as equipes responsáveis procuravam saber onde estabeleceríamos o acampamento, tiramos do saco a massa para fritar os bolinhos. Já era meio-dia e sem comer nem beber nada. Nem água!

A equipe da água encontrou um córrego e dela tomamos. Sentados na grama, sob um sol forte, não tinha uma árvore sequer para sombra. De repente, uma lebre aparece e se atravessa no meio de nós. Todos se apuraram para agarrá-la. Mas ela driblou a todos e escapou. O desejo de comer carne, acabou.

Já era a meia tarde quando fomos informados onde deveríamos acampar e arrumar nossas barracas. Deveríamos andar a pé nesta distância de um quilômetro, sujos, famintos e sedentos, carregando todos os nossos pertences.

Chegando no local, a pastoral da saúde de Santa Maria, Diocese de Dom Ivo Lorscheiter (1927-2007), se fez presente com 7 sacos de alface para fazer chá-calmante a todos nós. As irmãs do Coração de Maria, vieram ao nosso encontro nos acolher e buscar a nós irmãs, para um banho reparador e comer algo. Um privilégio!

O lugar de estabelecer o acampamento, era muito irregular, declinado, com pedras e raízes superficiais, muito pasto alto e muita umidade. Não tinha muito que escolher, e as famílias iam buscando seus lugares e erguendo suas barracas, mas nem todos conseguiram fazê-lo neste fim de tarde. Pois a noite e o frio vinham chegando. Nos estabeleceríamos neste lugar até o próximo “voo”.

A noite vinha chegando, cada qual buscava onde e como passar a noite. Nós irmãs, chegamos no acampamento refeitas! Também buscamos um lugar para passar a noite. Recordo que estendi o meu saco de dormir no chão, debaixo de uma árvore bastante inclinado. Éramos vários neste possível lugarzinho, ficando, porém, um atrás do outro com uma pequena distância, para que os pés não tocassem a cabeça do outro, mas sem muita escolha. Pela manhã ao acordar depois desta odisseia, estávamos todos uns com os pés sobre a cabeça dos outros, amontoados. Era o cansaço, a distensão, o relaxamento que nos permitiu dormir, profundamente algumas horas, ao relento, ao frio, e no úmido.

Agora começar tudo de novo na montagem das barracas. Lugar muito difícil, íngreme, cheio de buracos. Difícil de encontrar um espaço plano para tanta gente.

Dia seguinte, precisou -se começar a buscar os companheiros e todos os pertences que ficaram na Fazenda da Barra, e reconstruir as barracas. Levou-se tempo.

Amanhecemos com grande alegria, pois a área da Fazenda da Barra foi aprovada para a Reforma Agrária. Entrou no sorteio dos grupos de famílias que cabiam no tamanho desta área. Este era o primeiro assentamento, desta luta toda, para algumas famílias. A bênção foi que não choveu até aprontarmos tudo.

Quando se desarmam as barracas, as estacas são juntadas e misturadas com as de todas. Chegando em Tupanciretã, desta vez, as estacas eram poucas e as lonas eram curtas, ficando a barraca bem menor. Na nossa barraca só conseguimos armar uma cama para nós duas, e bem estreita porque já não havia bambus. Foram dois meses difíceis de nos acertarmos para dormir.

Neste acampamento atravessamos várias situações difíceis. A primeira, foi a alimentação prometida pelo Estado, ficou trancada na cooperativa de Tupã. A primeira vez a buscamos. Depois, como

vinha por etapas, a entregavam aos poucos, insuficiente, alguns caminhões vieram entregar as bolsas de alimentos sem o cadastro das famílias, entregando-as individualmente a algumas famílias, com o claro objetivo de desarticular o acampamento e a construção do coletivo.

A segunda, foi que uma noite nos acordamos com um som aterrador. Era um forte furacão passando perto do acampamento, que arrasou uma grande plantação de grossos eucaliptos, destelhou muitas casas na cidade, e no acampamento nenhum acidente, a não ser um vento forte que os pais tiveram que segurar algumas das barracas, para que não voassem e colocar os filhos em proteção. A cruz ficava no centro do acampamento, entre as barracas. Esta caiu, porém, sem danificar nada e ninguém. A grande quantidade de granizo danificou a lona de vários barracos. Porém, ninguém se machucou. Deus continuava mostrando sua proteção, proteção esta, reconhecida pelos acampados.

Na entrada do acampamento se havia estabelecido a polícia, para controlar tudo e todos. Irmã Adélia que tinha ido para a província, já não podia retornar ao acampamento, pois a polícia procurava pelas irmãs. Todas as pessoas eram revistadas tirando-lhes o que lhes parecia. Era uma tortura. Na noite do furacão, rodopiaram as barracas dos policiais e todo o seu fichário de controle foi para o espaço. Os três policiais se salvaram entrando no seu carro, um fusca, muito balançado pelo furacão. No dia seguinte, quando uns dos nossos passaram por lá, os policiais perguntaram:” O é que vocês têm que nem o furacão pegou vocês”? A resposta do dirigente foi: “Porque Deus está conosco, e nós somos abençoados”! Tal afirmação contada a todos no acampamento, se tornou palavra de Fé para tudo o que nos acontecia!

Ao pé da cruz, em Tupã era muito frio, e um lugar muito úmido, pois chovia muito. As crianças gripavam com frequência. Era preciso levá-las ao hospital, na vizinha cidade de Cruz Alta. Os médicos, na sua maioria filhos de fazendeiros, haviam combinado entre si em assustar os pais, dizendo-lhes que estava acontecendo um surto de meningite em Cruz Alta, jogando a responsabilidade sobre os pais, por estarem vivendo sob estas condições limitantes, com seus filhos, caso não tomassem as devidas providências em saírem deste lugar insalubre e contaminado. O medo, a apreensão pela força da

palavra do “doutor-médico”, alguns casos começaram a se agravar, e se multiplicarem. Os pais, já estavam entrando em pânico no acampamento.

Iniciamos então, uma longa novena ao pé do cruzeiro que havíamos plantado, outra vez, no acampamento, e todos os dias em torno das 16 horas, nos reuníamos para rezar a Palavra de Deus, acreditando que ela cumpre o que diz: “Benção ou Maldição”, dizíamos: “Ó Deus, se este mal está entre nós, te pedimos que o afastes, e nos permitais viver com saúde. E se este mal está sendo planejado por alguém, para desarticular-nos, te pedimos que retorne sobre quem o desejou”! É a lei do retorno!

No sexto dia da novena, estávamos assim rezando ao pé da cruz, e uma mãe que retornava do hospital com seu filho, nos contou que o médico reforçou a ideia da irresponsabilidade dos pais para com os filhos, diante do surto da meningite. “Disse-me que meu filho também estava com início de meningite”. Ela disse ao médico e à enfermeira: “Doutor, nós no acampamento, estamos rezando todos os dias e não estamos acreditando nisso”! E percebeu que quando o médico escutou isso, sutilmente cutucou o pé da enfermeira. “Então companheiros e companheiras, eles estão querendo colocar medo entre nós. É uma mentira. E Deus cuida de nós!” Foi o suficiente para começar a desarmar esta crença que vinha dos médicos. E em pouco tempo já não tínhamos que ir ao hospital com as crianças e escutar esta mentira.

Já se passava mais de um mês que estávamos ali acampados, e tudo era muito difícil. Era dia 25 de agosto. Toda gente estava desanimada, já quase sem comida, algumas lideranças presas, e os líderes internos sem ter como planejar alguma ação pelo cerco policial. Era preciso fazer algo, colocar atenção a esta urgência, suplicar ao Senhor que nos socorresse, ajudando-nos a perceber sua ação criativa no meio de nós. Na nossa oração matinal, o Espírito do Senhor nos recordou que era 25 de agosto, dia do soldado. Veio-nos à luz de celebrar com eles esta data. Vamos fazer uma homenagem à polícia que nos cerca!

A Missão das crianças no dia do soldado. Levamos a ideia à coordenação executiva e logo os ânimos se refizeram: preparar a notícia para as rádios; preparar uma faixa: “Salve o dia do Soldado”, raminhos verdes, pois não havia flores, e frases que as crianças

proclamariam na homenagem, entregando o ramo verde a todos os policiais, preparar o encontro de todos os demais acampados ao pé da cruz, para acompanhar a missão das crianças e rezar.

Eram mais de 500 crianças e ninguém devia voltar com o raminho verde na mão. O comandante aceitou a homenagem, porém não aceitava a presença de adultos junto com as crianças.

Ao pé da cruz, contemplávamos estas crianças subindo a ladeira para a grande missão. Enquanto, era lido o Evangelho da visita de Maria a sua prima Isabel: “...Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança se agitou no ventre de Isabel, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Com um grande grito exclamou: ‘você é bendita entre as mulheres, e é bendito o fruto do teu ventre!’” (Lc 1,39 – 45).

E refletíamos juntos: Qual a cena mais forte deste encontro das duas mães, Isabel e Maria? Qual a palavra que você destaca? E a resposta quase unânime foi: “quando a CRIANÇA SE AGITOU NO SEU VENTRE”! As mães recordaram a gravidez deste seu filho que agora estava realizando sua primeira missão em favor da VIDA. E foram tantas as preces dirigidas a Jesus na cruz!

As crianças, ao voltarem de sua missão, desciam saltitando como cabritos, alegres, felizes, entusiasmadas para contar aos pais que ao entregar os ramos aos soldados, estes choraram! Depois deste ato, percebeu-se uma nova energia, uma energia divina em todo o acampamento.

Agora era possível pensar uma nova ação, porque todos estavam de alma elevada.

Enquanto a homenagem estava acontecendo, o comandante que desconfiou da homenagem dos sem terrinhas, talvez pensando que seria uma tática de fuga dos acampados, o comandante enviou um grupo de soldados, como guardas no fundo do acampamento. Percebemos isto, quando o botijão de gás que haviam levado consigo, explodiu. Outra vez nosso povo: Isto é Bênção e Maldição!

Visita da Ir. Amélia Pedó, a provincial, no dia da pressão da UDR. Já se haviam passado quase dois meses ali acampados. Vivíamos tensos dias, porque a UDR voltava a sobrevoar o nosso acampamento em Tupanciretã. E a notícia nas rádios desde a capital, aumentava o pânico. Nossa provincial, Ir. Amélia Pedó veio nos ver, passar o dia conosco, saber como estávamos, sentir um pouco da

aflição que vivíamos, pois nos meios de comunicação, a perseguição e a difamação continuavam sobre nós. Ela teve que deixar na barreira policial, entrada do acampamento, seus documentos. A polícia ameaçava entrar no acampamento para tirar todas as “armas”, os livros “comunistas” que supunham que teríamos, escondidos numa só barraca. A direção do acampamento percebendo que a pressão externa aumentava, nos ordenou que enterrássemos os cadernos de anotações, os escritos e materiais de estudo e formação.

Aproveitando a visita da Ir. Amélia, damos a ela nossos cadernos de anotações que os escondeu na cintura para sair do acampamento. Ela pode passar na barreira sem ser revisada, pegar seus documentos, e seguir seu rumo para Caxias do Sul em segurança. Foi muito confortante e fortalecedora a visita da mãe nesta hora!

Ela nos trouxe verduras, cenouras e beterrabas. Estes legumes os plantamos no chão dentro da barraca, na parte da lona amarela que garantia maior luminosidade e quem sabe, maior duração. A beleza foi que produziam muitas folhas novas que podíamos aumentar o vigor da nossa alimentação, partilhada junto com o pessoal do núcleo a que pertencíamos. Isto durou várias semanas. Foi uma Bênção!

3.9 Acampamento no Salto do Jacuí, RS

Passado um mês, depois de sairmos de Tupanciretã, fomos para o Salto do Jacuí. Entre os acampados que tinham um rádio, numa determinada manhã, escutando as notícias da região, muitos ouviram: “Um surto de meningite em Cruz Alta, deixada pelos acampados dos sem-terra. Fecharam as escolas!” Confirmada a notícia ouvida entre nós, logo entendemos ser a ação de Deus com sua “Maldição para eles e Bênção para nós”.

Na manhã seguinte chegou ao nosso acampamento, um carro com um médico e um repórter, para averiguar como estaríamos diante da epidemia. Porém por surpresa deles, ninguém estava contaminado! E todos com uma saúde melhor, pois estávamos numa terra livre, e de assentamento. Não acreditavam no que estavam vendo. E o povo repetia: “Deus está conosco e somos abençoados!”

Um detalhe importante da Pastoral junto aos migrantes sem-terra. Em julho de 1988 aconteceu um, provavelmente o primeiro encontro de agentes de pastoral, que atuam em acampamentos e assentamentos,

em Ronda Alta. Foi tenso: uns queriam que o centro do acampamento fosse uma cruz com escoras (herança de encruzilhada Natalino); outros que a cruz fosse cravada no chão (herança do acampamento de Palmeira), como um marco de posse, e os que defendiam que fosse a bandeira do MST, aprovada em janeiro de 1987. Neste encontro se falou na Paróquia Especial dos Assentados, na Diocese de Cruz Alta, em Boa Vista do Inca, que foi instalada em 8 de janeiro de 1989.

As negociações com o Estado, seguiam, e a pressão dos fazendeiros aumentava. Até que o Estado negociaria lotes para os assentamentos, se saíssemos das terras do Estado, ou de fazendas, ou da beira de estradas. Foi quando o acampamento foi acolhido por um assentamento em Rincão do Ivaí (eles tinham sua origem no acampamento Encruzilhada Natalino), em Salto do Jacuí, agora Diocese de Cruz Alta⁹. E lá fomos, em setembro de 1988. Afinal, estávamos em “movimento”! Mas, antes de sairmos de Tupanciretã, teve um novo assentamento em Júlio de Castilhos, para 19 famílias, que aconteceu em 19 de agosto de 1988. A luta ia dando alguns frutos, mas ainda poucos, pois, a maioria continuava acampada.

As famílias sorteadas partiram felizes para o assentamento. Uns 15 dias depois, estes assentados, chamaram algumas lideranças do acampamento, para refletir como se começa um assentamento. Neste grupo a maioria das famílias vinham de serem capatazes de fazendas, sempre bem-mandados. Queriam também uma celebração, pois era domingo. Eu estava só, pois a Ir. Adélia não podia entrar no acampamento, por causa da polícia. E para eu sair, devia me disfarçar ao máximo. Então as mulheres me arrumaram do jeito que elas entendiam que estaria bem, e passaria por mulher do povo. Meu documento de identidade passou a ser o da esposa do líder que ia junto. Tirei os óculos, pois a maioria destas mulheres não usam óculos, devia passar na barreira de cabeça baixa sem olhar para os policiais, não podia levar comigo nada que fosse religioso, nem a Bíblia, nem folheto algum, nada. Fomos revistados, tanto na saída do

⁹ Relatório das irmãs (dez/88): Palmeira das Missões (28/03 a 01/06), na Diocese de Frederico Westphalen; São Miguel das Missões (1/06 a 25/07) na Barra e (25 a 29/07) na Buriti, na Diocese de Santo Ângelo; Tupanciretã (29/07 a 30/09), na Diocese de Santa Maria; Salto do Jacuí (30/09 a primeiros meses de 1989), na Diocese de Cruz Alta.

acampamento como no retorno. Depois da conversa com aquelas 19 famílias, a celebração foi bem participativa e fortalecedora.

Chegou o dia de levantarmos o acampamento e sairmos de Tupanciretã. Como a pressão continuava sobre nós, nesta região latifundiária, na saída, a polícia revistava os caminhões, as identidades das pessoas, e seus pertences. Tínhamos um certo medo que descobrissem a nossa identidade de irmãs, a quem tanto buscavam. Mas a proteção divina nos cobriu e passamos em segurança.

Chegamos tarde da noite no Rincão do Ivaí, Salto do Jacuí. Fincamos duas estacas no chão, amarramos um pau sobre as duas estacas, estendemos a lona, colocamos os colchonetes no chão, e ali dormimos sem comer nada pois naquelas horas, nada a fazer. Carregávamos conosco um quilo de açúcar “União” refinado, que nos acompanhava há tempo. Nesta noite não tendo o que comer, buscamos uma água quente para tomar e colocamos deste açúcar, e deitamos. Pela manhã, observamos que as formigas que haviam entrado no pacote estavam mortas. As formigas eram “ecológicas”, estavam numa terra limpa, elas estavam puras e limpas de agrotóxico, pois na terra não usavam venenos. Elas morreram envenenadas com o açúcar refinado. Que tal pensar nisto?

Neste assentamento do Salto do Jacuí as famílias nos acolheram com grande amor e solidariedade. Parecíamos ser todos uma só família! Viver a liberdade em terra livre, do espaço, da acolhida, da partilha, e a participação dos assentados em tudo. Muitos alimentos partilhados, trabalhos no roçado, plantação de trigo, milho, feijão e outros alimentos para alimentar todas as famílias, tanto dos assentados como dos acampados.

A formação dos valores que o Movimento ia promovendo, especialmente nas crianças, de nada pegar do que não fosse seu e sem pedir, de cuidar do alheio, de respeitar e agradecer por termos sido acolhidos por eles, e agora, convivermos em suas terras. Este era um ponto alto e vigoroso para a Organização.

Mas a formação trazida consigo, os desvalores que a sociedade imprime, por falta da educação e de tudo o mais, agora viver em terra livre, estes impulsos, quando não conscientizados aparecem, principalmente nas crianças, quando experimentam tamanha liberdade! O setor da educação da catequese, precisava aproveitar esta oportunidade para tomar consciência e afirmar estes valores

coletivos e de convivência social e fraterna. Programou-se, então, uma jornada de formação e responsabilidades assumidas juntos, acampados e assentados, e que faria através da arte do teatro de fantoches, desde as crianças até os adultos.

Precisava-se fazer algo, pois a criatividade das crianças andava solta e livre. Havia ali muitas árvores de cinamomo com muitas sementes. Debaixo de uma grande árvore destas, era o palco para as celebrações, as assembleias, encontros maiores etc. As crianças se desafiavam entre si, em quem conseguiria acertar o altar da missa, com uma destas sementes de cinamomo, e mais precisamente o cálice do padre. Imaginemos o que eram de sementes sobre o altar, sem percebermos quem as atirava. Quando então, foi preciso criar uma atividade para ocupar todas as crianças na hora da Celebração Eucarística. Coube a mim formar um coral com mais de 300 crianças para cantar com gestos, a fim entretê-las, e que no final, se tornou um lindo coral das crianças que entretinham a si e aos adultos. Foi muito positivo!

Outra observação combinada nos núcleos, era não pegar nada do alheio. E a tentação da fartura que brotava da terra, ali disponível! Era impossível entreter e acompanhar estas crianças em tudo! Eram muitas. Nem os pais podiam controlá-las. Nas casas dos assentados estavam todos os seus pertences, a criação, os ninhos das galinhas com ovos, o milho na espiga quase maduro, frutas, etc. E as queixas das famílias dos assentados era pelo estrago e falta de coisas. Foi preciso pensar alguma estratégia de correção a estas situações. E se fez um teatro de fantoches onde os próprios bonecos falassem a estas crianças e adultos, quem tinham pego: os tênis do vizinho, quem arrancou as espigas de milho sem pedir, quem apanhou e comeu os ovos dos ninhos...etc. Os bonecos apontavam para a plateia assistente dizendo: ‘olha aquela criança está com a boca suja de ovo! Olha, nos pés daquela estão os meus tênis!’ Ei, você ali, estava gostoso o milho verde, não é?! Que pena você pisar no meu canteiro, e esmagar aquela verdurinha linda que estava crescendo!!! E assim por diante! Era lindo de ver as reações das crianças que se sentiam acusadas pelos bonecos! A arte terapêuticamente sempre envolve e desvela. A criança que se sentia acusada pelo boneco, que apontava e dizia que aquela criança estava com a boca suja de ovo, logo limpava a sua boca sentindo-se de boca suja, porque o boneco apontava para ela.

Tudo era muito divertido e educativo! O resultado foi muito positivo. E assim esta formação com a arte se ampliou com o contar, desenhar, escrever as histórias, e as situações vividas no acampamento. Esta formação de valores valeu muito para todos e todas do acampamento ao assentamento. Eram as sementes do Reino sendo semeadas, na certeza que o bem as fecundaria. Hoje colhemos seus frutos!

Era tempo de colher e levar o trigo para o moinho. Faltavam alimentos no acampamento, principalmente as crianças estavam perdendo peso. Eu pedia à coordenação dos núcleos, que junto à farinha do trigo trouxessem o farelo, para fazermos pão e mingau para as crianças. Riram de mim, dizendo que com farelo se engordava os porcos. Então, numa das reuniões com eles, eu levei para que provassem, pão feito com farinha e farelo. Sem dúvida, o farelo veio todo para o acampamento, e foi distribuído às famílias, ensinado às mães a fazer o pão, colocando uma porção de farelo junto à farinha, e também colocar uma porção deste farelo mais fino, junto ao mingau de leite em pó para as crianças. Num mês se avaliou que as crianças aumentaram notavelmente de peso.

A constituição cidadã foi aprovada em outubro de 1988: se debateu a questão social da propriedade da terra, mas no final, a lei pendeu para os interesses do latifúndio. Em janeiro de 1989 mais algumas famílias do acampamento foram assentadas em Jaguari. O governo Sarney extinguiu o MIRAD e enterrou o Projeto Nacional de Reforma Agrária. Era preciso pôr-se em Movimento, outra vez, para não estagnar.

Os trigais do agronegócio que cercavam o acampamento estavam com as espigas quase prontas. Os aviões agrícolas resolveram dar uma passada de veneno. Só que a pulverizada de agrotóxico caiu sobre o acampamento, resultando a morte de quatro crianças por envenenamento. E nunca, ninguém do Estado, ou dos fazendeiros, se fez cargo destas mortes até hoje.

3.10 O acampamento São Carlos – Goiás, GO

Enquanto a Ir. Elda Broilo e a Ir. Adélia Werner assumiam a missão no Rio Grande do Sul, vivendo itinerantes junto aos migrantes sem-terra, as Irmãs MSCS, na diocese de Goiás, também atuavam comprometidas junto aos sem-terra, na

luta por terra, pão e dignidade. Assim segue a narrativa da Ir. Zenaide Ziliotto sobre sua presença e atuação missionária da Diocese de Goiás, onde atuava há mais de 20 anos.

Quero dar destaque a um dos últimos acampamentos e assentamentos que tenho participado na década de 1990: Acampamento São Carlos.

Tenho registrado, nesta memória, a história vivida no primeiro acampamento que foi o Assentamento Mosquito. Agora, finalizo também, com mais detalhes o último e o maior que tive participação, na caminhada de luta junto aos migrantes sem-terra.

No caminho entre o município de Goiás e o de Itapirapuã havia uma fazenda, relativamente grande, com o nome de São Carlos, onde já por bom tempo se falava que era improdutiva, que apenas havia umas poucas cabeças de gado e o dono morava em outro Estado. A expressão usada então para esse tipo de situação era: “o dono mora ausente”.

A história de uma fazenda improdutiva, considerada latifúndio, com o nome de São Carlos, tinha um significado especial para mim. Sempre me inspirava que poderia acontecer que, por intercessão de São Carlos, poderíamos ajudar a conseguir a desapropriação e serem acolhidas muitas famílias de migrantes internos de vários municípios para ocupar, resistir e produzir, como era o lema do Movimento.

Além disso, eu me sentia encorajada com a força do carisma scalabriniano para ajudar no direito a não migrar, pois seguia crescendo o número das famílias vítimas do êxodo rural, onde cada dia se via “muita gente da terra sem-terra e muita terra sem gente”.

Esta inspiração se tornou realidade com a organização do povo e a união das entidades de apoio, mesmo com a presença dos vários acampamentos e / ou assentamentos.

A Fazenda São Carlos estava, portanto, na mira de muitas famílias que até então não haviam conseguido realizar seu sonho. Este grupo começou a se organizar e realizar suas reuniões no salão Hangar¹⁰, no setor aeroporto, na cidade de Goiás. Na verdade, este

¹⁰ O nome do salão se devia ao fato que aquele espaço era o antigo local onde o bispo guardava seu aviãozinho, que, sobretudo, apoiava a missão junto aos indígenas.

espaço já tinha história com outros grupos, pois neste setor residiam muitos lavradores sem-terra.

Aqui entra a presença de Maria Torro, (em memória), mulher voluntária que apoiava a luta na sua simplicidade, coragem e fé. Era devota de São Carlos. Nas reuniões ela o invocava com muita devoção. Participava dos encontros do grupo de Evangelho, grupo de comunidade no Bairro. Viveu um tempo no acampamento apoiando a luta. Participei desde o início, animando e apoiando a organização deste grupo, que crescia a cada reunião. Recorda-me o jovem Gervasio Cardoso¹¹, hoje adulto, que participou desde o início da caminhada e é assentado no Assentamento São Carlos, de que a “Irmã Zenaide dava seu apoio a Maria Torro em prol da organização da luta para conquistar esta terra”¹².

Foram realizadas muitas reuniões com apoio de toda a equipe da CPT e mesmo alguma pessoa do MST¹³. Vale lembrar que neste grupo havia muita gente com formação religiosa, que participava da vida de comunidade. Isto teve uma influência muito forte na constituição do grupo, com características que lhe deu certa singularidade, de modo especial na organização.

Depois de toda a preparação necessária, com suas estratégias, partiram após oração e com a bênção extraída do livro de Números (Nm 6, 24): “Deus vos proteja, Deus vos abençoe e Deus vos dê a Paz”. Esta ocupação aconteceu no dia 7 de outubro de 1992, em um espaço de fácil acesso, para reivindicar o processo de desapropriação da terra, pois era provada na prática sua improdutividade. Porém foram apenas 07 os dias que ali permaneceram. No dia 14 do mesmo mês o povo foi despejado e levado às margens do rio Agapito. Eram em torno de 215 famílias, com muitas crianças e jovens, que ali permaneceram por 75 dias. Era relativamente perto da cidade de Goiás, o que facilitava o apoio, para ajudar nos seus trâmites legais e organizativos, e na ajuda para cobrir as necessidades de alimentação a um grupo tão grande de pessoas.

¹¹ Gervasio Cardoso era um jovem na época muito comprometido com a evangelização e assumiu com muito empenho e carinho a missão com a juventude do acampamento. Um líder nato que até hoje continua atuando com entusiasmo na vida da comunidade.

¹² Testemunho enviado à autora via WhatsApp em junho de 2021.

¹³ Do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra não cito nomes, pois que se alternavam e não saberia dizer seus nomes:

Diz Gervasio “que o apoio foi constante e que a Ir. Zenaide trazia pão e leite todos os dias para as crianças”. Recordo-me, sim, que muito nos ocupamos, mesmo como comunidade e equipe, com coletas de alimentos, momentos de encontro com crianças, jovens, mulheres, com as lideranças do grupo e com todo o grupo, para animar e encorajar a todos. Várias celebrações da Palavra e missas foram realizadas.

Os dias parados nestas margens do rio foram importantes para estudar os passos que iriam dar a fim de alcançar o que estavam querendo. A negociação não avançava. A estratégia que o grupo encontrou foi de transferir-se para uma terra que um agricultor cedeu, por comodato, e plantar roça para obter um pouco de arroz, mas, sobretudo para desviar a atenção e partir a uma reocupação, que foi acontecer no dia 15 de maio de 1993, em um lugar chamado furna, de difícil acesso, no interior da fazenda.

Hoje, escrevendo esta história e recordando o buraco onde foram levando seus pertences e montando suas barracas, creio que tenha tido realmente a intercessão de São Carlos, que estrategicamente os ajudou a permanecer na terra.

É bom lembrar que a partir de então aumentou o apoio da Diocese, sobretudo da CPT e do MST, para ajudar na organização e na formação. Foram constituídas várias equipes, que com muita autonomia desempenhavam suas funções.

O jovem Gervasio me recorda que tiveram um trabalho grande. “Éramos 82 jovens que moravam no acampamento e todos tinham seu trabalho de evangelização acompanhado por mim e coordenado pela Irmã Zenaide”. Ele era um jovem muito animado e com fé e não media esforços para reunir e promover atividades com os jovens, com as crianças e, também, com adultos.

Realizavam-se celebrações da Eucaristia e da Palavra. Não podíamos esquecer que São Carlos era o patrono. Mandamos fazer uma imagem com um jovem artista, de nome Marcos¹⁴, que estava no Mosteiro da Anunciação e celebramos a festa de São Carlos no dia 4 de novembro. Uma celebração muito bonita, com a presença de Frei

¹⁴ Jovem Goiano, em processo de formação no Mosteiro da Anunciação em Goiás, para ser Monge Beneditino, com dom artístico.

Domingos dos Santos¹⁵, (em memória) e muitas pessoas de apoio. Foi construída uma capela quando já conseguiram a desapropriação, com a colaboração de todos os assentados e uma pequena ajuda da nossa comunidade das Irmãs MSCS. Hoje já ampliaram com várias dependências, tornando-se um grande espaço para encontros, celebrações e festas.

Foram meses de formação, de plantação de hortaliças, de abóboras e outros alimentos. Foi um acampamento onde a organização era muito exigente e havia avaliação comunitária quando acontecia alguma infração mais significativa.

Nós, da equipe da CPT, e Irmãs permanecíamos uns dias no acampamento, nos alternando. Morava na comunidade, neste período, a Irmã Julieta da Silva, Juniorista, que foi para permanecer 8 dias, mas não conseguiu, pois o fato de estar no buraco passou mal, tendo queda de pressão e tiveram que carregá-la em uma rede para chegar onde tinha o carro e levá-la a Goiás. Foi um fato muito pitoresco, quando apareceu em casa, passando mal e, depressa busquei auxílio médico. Ela logo se recuperou.

Uma surpresa não esperada. Depois de mais de seis meses de vida de acampamento com toda sua organização, onde a equipe de negociação buscava conseguir a desapropriação, chegou a notícia de mais uma liminar de despejo. Tomamos conhecimento como equipe. O fato foi também comunicado a Dom Tomás.

Não lembro do dia exato, mas foi bem no início de 1994. Partimos bem cedinho, Dom Tomás e eu, na esperança de poder impedir esta ação. Nunca esqueci a lição que recebi dele durante o caminho. Eu lhe disse: “Mas se Deus é do lado dos pobres, como pode permitir ainda tanto sofrimento a este povo?”. Eu estava indignada. Ele simplesmente me respondeu: “A HORA DE DEUS NÃO É A NOSSA HORA”, e fomos seguindo de carro até onde a estrada permitia. Depois, partimos a pé com suporte nas mãos para descer o morro, pois era íngreme. Ainda no caminho, encontramos a pessoa

¹⁵ Frei Domingos dos Santos. Frei Dominicano, residia no convento dos dominicanos e normalmente celebrava nos acampamentos e assentamentos. Era músico e foi quem compôs o canto “Peregrino nas estradas de um mundo desigual”, entre outros... Homem de fé e de oração. Muito amigo das Irmãs.

que havia levado o mandato de despejo, policiais e alguns chapas¹⁶ e Dom Tomás perguntou o que havia acontecido. A resposta dele foi de que não ocorreu o despejo porque o povo se negou de carregar seus pertences, que já era muita coisa e os chapas eram poucos para carregar tudo o que tinham em seus barracos. Ele faria o contato com o dono para conseguir outros chapas.

Foi grande nossa alegria com esta notícia, sendo que eles seguiram seu caminho de volta e nós seguimos para chegar ao acampamento.

A surpresa de quando chegamos foi escutar o povo cantando e agradecendo a Deus por entender que haviam sido vitoriosos desta nova ação de despejo. Eram católicos e evangélicos, rezando e orando, agradecidos a Deus, e varrendo a poeira onde haviam pisado os que foram para executar o despejo. Foi uma imagem que ficou gravada em minha mente e coração. Lembrei-me do que havia escutado pelo caminho: “A hora de Deus não é a nossa”. Rezamos também com eles. A fé não se explica, se vive e se sente, não como um simples sentimento, mas uma presença do amor de Deus.

Retornamos imediatamente para Goiás, agora subindo pelo caminho íngreme, para buscar um meio com a assessoria jurídica, em um tempo mais breve possível, para pedir a suspensão da ordem de despejo. Foi o que aconteceu. E nunca mais foram despejados e o processo de desapropriação foi se concretizando.

3.11 Os passos finais da conquista

1. Não demorou muito tempo, saiu o Decreto de Desapropriação. Não me foi possível lembrar com precisão da data. Imagina a alegria do povo e de todos os que apoiavam este acampamento por este passo alcançado. Foram três dias de festa, com grandes louvores a Deus pela conquista da terra, mas ainda não era tudo. A esperança mantém o sonho, a fé fortalece a confiança no Deus providente, que não abandona seu povo.

¹⁶ Entendia-se por chapas as pessoas que exercem a função de carregar material quando chegam caminhões etc. que também eram contratados nos despejos pelo dono ou pretendo dono da terra, para carregar os pertences dos posseiros ou ocupantes nas fazendas que pediam ao INCRA desapropriação, por ser improdutiva.

2. Mas, tem uma data que não é esquecida pelo povo até hoje: O dia 24 de novembro, quando foi assinado o Decreto de Emissão da Posse. Agora sim, já era segura a conquista da terra sonhada, recebendo o nome de Assentamento São Carlos. A alegria e a gratidão a Deus ecoavam entre as plantações e as matas que compunham a paisagem de uma comunidade de fé e de luta que esquece o sofrimento do caminho realizado. Para marcar este momento aconteceu a celebração da Missa da Conquista, celebrada por Dom Tomás Balduino, com a presença de todas as Entidades de apoio e membros da Diocese. Foi uma celebração muito expressiva, alegre, animada com os cantos da caminhada, com muita emoção e no final a partilha da riqueza, que já se produzia na terra como ágape e agradecimento a todos os que apoiaram a luta. E o Viva São Carlos foi muito ecoado, bem como muitas outras vivas. Mais um passo necessitava-se, para chegar ao pedaço de terra sonhado para cada família. Foram mais uns meses de trabalho em conjunto, onde dava para plantar e colher e, ao mesmo tempo, preparar o material para chegar ao lugar definitivo.

3. Enfim chegou a hora esperada para o sorteio dos lotes, que aconteceu dia 10 de março de 1995. A partir deste dia, cada família mudou-se para a terra prometida e começou outra etapa da caminhada com a mesma fé e esperança, pois seria a concretização do sonho, no seu pedaço de Chão. Lembro o canto que se entoava nos encontros: “Eu só queria ter um pedaço de chão, onde eu pudesse ser livre pra trabalhar...”. Com certeza, não tão fácil, pois tudo estava para recomeçar e reconstruir, mas lutar não foi em vão e as casinhas foram se construindo, certo com a ajuda que também receberam.

É outro momento também no processo de apoio e Evangelização. Agora mais difícil para os encontros, pois as distâncias eram grandes. Se não me engano, a nível religioso foram constituídos três grupos, com seus animadores. As celebrações de missa e as escolas bíblicas aconteciam alternando os lugares, levando sempre o São Carlos protetor, que passaram a chamar de São Carlos Peregrino. Até hoje,

passa de casa em casa na novena, e retorna com muita alegria e emoção no dia da celebração na Capela.

Quanto à produção, foram várias as iniciativas, mesmo antes, de receber o lote de cada família. Os anos 94 e 95 foram dois anos em que o município de Goiás não tinha visto tanta colheita na agricultura familiar. Foram anos consagrados a colheitas comunitárias: arroz, milho, feijão, mandioca, abóbora e grandes hortas com vários tipos de hortaliças. Eu me recorro que trouxeram para a cidade e doaram alimentos, como agradecimento por todo o apoio que receberam. Gestos de gratidão com grande ensinamento.

Eu diria, como não perceber a presença de Deus nesta história e tantas outras de luta por um pedaço de chão? Isso é entender a luta com a consciência de que a terra é dom de Deus e é destinada a acolher as pessoas que dela necessitam para viver com a dignidade de Filhos de Deus. A fraqueza dos pequenos revela a força de Deus criador e libertador. A esperança ativa dos pobres faz o Reino de Deus acontecer.

3.12 Relato de Ir Zenaide Ziliotto – Uma noite feliz que fez a diferença

No resgate de elementos da atuação junto aos migrantes sem-terra, Ir. Zenaide narra como viveu o Natal com o povo acampado, concluindo a longa trajetória na missão junto aos sem-terra, antes de partir para armar sua tenda em outra missão.

Quero destacar um momento vivido que foi muito significativo para mim. Tive a inspiração e o desejo de celebrar meu último Natal, num acampamento, pois queria celebrar com eles, à luz das velas e lampiões, uma Noite Feliz. Foi no acampamento Rancho Grande. Parecia-me um tanto difícil não celebrá-lo na Igreja Santa Rita, em Goiás, que era minha comunidade amada, com a qual muito colaborei para a construção da Igreja viva e também da Igreja material. Mas o desejo de viver aquele Natal no acampamento foi mais forte. A sorte caiu no acampamento Rancho Grande, que era um dos mais próximos, pois iria sozinha para passar a noite com eles.

Isto aconteceu em 1998, pois em abril de 1999, iria partir para ser missionária em Goiânia. Uma tarde e uma noite especiais. Apenas cheguei, já me deram o lugar, o quarto, onde podia passar a noite depois de toda a celebração e a festa.

Foi uma alegria preparar junto a celebração a festa do Natal, envolvendo crianças, jovens, mulheres e homens para um momento muito especial, pois eles haviam realizado a novena de preparação. Foi um mutirão para tudo. Preparamos a encenação do nascimento de Jesus. Havia um bebê e os pais assumiram a missão de Maria e José. Fizemos tudo o que tínhamos direito numa celebração do Natal. A partilha da Palavra foi emocionante, pois a situação que viviam era o Belém da hora. Creio que para mim foi talvez mais significativo que para eles, pois sua vida era ali. Imagina a manjedoura num rancho que não era montagem para a festa. Enfim, celebramos com muitos cantos e orações.

Logo após o momento específico da celebração teve uma ceia comunitária onde todos colaboraram, para que fosse a mais natalina possível, dentro de suas condições. Foi abençoada e uma partilha maravilhosa aconteceu.

Agradecida a Deus por ter celebrado este Natal do Senhor, mesmo sem missa, na certeza de que o Príncipe da Paz, o Deus conosco, esteve bem presente e se alegrou pela memória feita de sua Encarnação, fazendo-se pobre entre os pobres. Noite Feliz, Noite de Paz, Noite de Amor!

É maravilhoso celebrar a Noite Feliz do Deus Menino, que nasceu em Belém, com os pobres da terra e reconhecer a grandeza do mistério da Encarnação que nos faz sentir “todos irmãos e irmãs”, na terra de irmãos, na terra de Deus.

Após uma longa noite de cantorias e contos de histórias, todos foram para os Ranchos, vamos dizer tendas, a dormir. Recordo as gotas d’água que caíam durante a noite da lona preta que me resguardava do sereno. Para mim era somente uma noite, mas para eles eram todas as noites, e durante o dia o calor imenso. Fazer a experiência faz a diferença na vida de missionários e missionárias. É diferente do que simplesmente conhecer uma realidade e ajudar. Gratidão a Deus por esta noite venturosa em que nasceu o Salvador, que tive a alegria de viver e celebrar.

Marcou a vida de todos os que estavam envolvidos na luta, direta ou indiretamente. Importante lembrar que houve muitas conquistas na luta pela terra de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, e muitos trabalhadores e trabalhadoras, lideranças, sindicalistas, religiosos/as, padres que deram a vida como mártires da luta pela terra, são recordados até hoje nas romarias da terra espalhadas pelo Brasil e na Romaria dos mártires, na Prelazia de São Félix.

Algo muito pitoresco. A história da Luta pela terra foi e será sempre, em qualquer país, uma história que provoca reações em muitos sentidos, sobretudo na estrutura agrária... Algo pitoresco aconteceu em 1986 em Ceres, um município da Diocese de Goiás que foi “um leilão de galinhas”. Em uma nota no Jornal Popular está escrito:

Em dezembro de 1986 aconteceu em Ceres um Leilão de Galinhas. Cerca de 1200 aves foram doadas por trabalhadores rurais de vários municípios da região e foram postas no leilão na feira da cidade. A renda obtida foi doada aos acampados da BR 153, saída para Anápolis. Otacílio Teixeira, então presidente do STR de Ceres, explica que a denominação “Leilão de Galinhas” foi uma referência satírica ao leilão de mil bois promovido pela UDR. Mas explica que os objetivos são diferentes: Eles arrecadavam dinheiro para impedir a Reforma Agrária e nós queremos ajudar a fazê-la.

3.13 Ir. Elda Broilo na organização interna do acampamento em Tupanciretã, RS

Enquanto isso, assessorando o MST, a Ir. Elda também participou da formulação da Organização e da elaboração do Regimento interno do acampamento. A participação que havia iniciado como uma experiência pontual e itinerante, cresceu como uma colaboração continuada e frutífera, para ambos os lados.

Uma atividade, fundamental e primeira, era organizar o regimento interno, a fim de que todos os acampados pudessem cumprir organizadamente, o que o coletivo se propôs a viver, evitando

problemas. Por exemplo, não podia entrar álcool no acampamento. Como a fonte ficava longe, os bêbados davam um jeito de buscar o seu combustível e carregá-lo escondido no balde de água. Já avisados, se eram pegos, eram expulsos do acampamento. Não podia fazer barulho ou ligar sons em volume alto a partir das 22h durante a semana, sendo liberado até às 23h, nos sábados e domingos. Quem fosse dono de uma galinha, cachorro ou um porco... devia mantê-lo amarrado para que não entrasse nos barracos. Quando o banho era no rio, os horários desde a manhã até 15h da tarde era para as mulheres por terem as roupas da família para lavar. Depois das 15h ficava liberado para os homens. E muitas outras normas desde as mais simples às mais severas, todas eram estudadas, discutidas, aprofundadas nos núcleos, esclarecidas e aprovadas em assembleia para a segurança de todos, bom funcionamento e bom andamento do todo. Em cada mudança de acampamento o regimento era revisado, mudado ou adaptado à nova realidade.

Era muito importante que cada núcleo tivesse seu líder e vice-líder para servir e representar o mesmo, um líder e vice-líder para cada serviço, atender assim a todas as necessidades das famílias do núcleo a que pertenciam, e manter o acampamento servido e atendido por todos em ordem e em segurança. Os serviços básicos eram constituídos conforme a necessidade de cada novo lugar em que se acampava.

1. **A Comissão Executiva ou Coordenação Geral**, era a equipe da coordenação, interna e externa de todo o acampamento.
2. **A equipe da coordenação interna**. Devia dar uma atenção ao todo internamente, acompanhar, assessorar, convocar, animar e manter organizada a função dos líderes e dos vice-líderes dos núcleos e de cada serviço. E no fim do dia, socializar a vivência do acampamento com toda coordenação, interna e externa, que estivesse no acampamento.
3. **A equipe da coordenação externa**. Esta era responsável pelas negociações com o Estado, manter o foco e acelerar a terra para os assentamentos, conseguir, sustentar e negociar a alimentação para o acampamento, a assistência médica ou de enfermeiro/a, o combustível para a saúde e a aquisição de lonas e outras necessidades externas que o acampamento precisasse.

4. **A equipe dos líderes dos núcleos.** Os núcleos se formavam em torno das famílias conhecidas ou próximas da região de onde saíram. Isto facilitava controlar a presença de pessoas estranhas ao acampamento, que poderiam ser pessoas infiltradas e disfarçadas de sem-terra, como acontecia. O número de participantes de cada núcleo dependia das famílias que se conheciam entre si e que podia ser, ao máximo, de até 30 famílias. Cada núcleo devia escolher o seu líder e vice-líder. Esta equipe se reunia todos os dias para partilhar o andamento dos seus núcleos. Depois da Coordenação Geral, esta equipe era a primeira responsável para o todo.
5. **A equipe da água.** Esta devia se responsabilizar pela água que seria consumida para humanos, para lavar roupa e para tomar banho. Deviam prever um poço ou uma fonte, ou examinar a qualidade da água do rio caso houvesse. Isto devia ser feito antes mesmo de chegarem os acampados no novo local. Uma vez escolhidas as duas pessoas, o líder e o vice-líder da água, a tarefa era de zelar pelas fontes da água, que não fosse esbanjada, sujada. A água, normalmente ficava longe das barracas. Era tarefa dos líderes ajudarem aos usuários, que não sujassem a água. Claro que os primeiros a buscarem água na fonte a obteriam mais limpa. Quem fosse mais tarde, a água já estava embarrada, pois os poços eram superficiais e a água nem sempre era abundante. Afinal, este poço tinha que abastecer 4 mil pessoas ao dia. A equipe devia averiguar e providenciar formas onde se podia lavar a roupa e tomar banho.
6. **A equipe da higiene.** Os líderes de cada núcleo eram responsáveis pela higiene de todo o acampamento. Ajudar aos participantes de cada núcleo manter, com consciência, limpo ao redor dos seus barracos, providenciar uma lixeira comum para colocar o lixo orgânico, o lixo descartável, deviam montar, vigiar e manter limpos os sanitários. Estes, deviam ser montados distantes dos barracos, para evitar a criação de insetos e animais, como ratos e moscas. A construção deles era muito simples e primária. Faziam um buraco fundo na terra, colocavam uns paus para pisar e lona ao redor de cada um. Normalmente, um sanitário para cada núcleo.

- 7. A equipe da formação.** Era formada por um líder e um vice-líder de cada núcleo, e tinha a tarefa de ler, estudar, aprofundar os artigos, as leituras do material vindo da Secretaria do Estado do MST, ou da Secretaria Nacional, bem como o jornal dos Sem Terra que o movimento enviava ao acampamento, e outros temas formativos.

Era tarefa desta equipe, também, formar os grupos para os sorteios, na medida em que o Estado liberasse a terra para os assentamentos. Os grupos se formavam por afinidades, por projeto de trabalhar a terra coletiva, semicoletiva ou individual. O Grupo formado podia ser de 7 a 100 famílias ou mais, onde todas as semanas, todos se reuniam para estudar as diferentes modalidades de trabalhar a terra e a produção. Assim que a terra fosse liberada pelo Estado, as famílias já saíam do acampamento para a sua terra.

Cabia também, a esta equipe, fazer o cadastro, o levantamento das pessoas que não tivessem o registro de nascimento, adultos e crianças, e deviam ser preparadas para quando o cartório viesse ao acampamento. Era surpreendente o número de pessoas desde crianças, adultos e anciãos, que ainda não tinham seu registro de nascimento.

- 8. A equipe de educação e Escola Itinerante.** Cada núcleo escolhia os líderes que tivessem condições e gosto de ensinar. Esta equipe devia manter, dentro do possível, o funcionamento das aulas para as crianças não perderem o ano letivo. A equipe trabalhava diariamente com as crianças, e com muita criatividade, usando mais a natureza do que materiais escolares, por falta destes, a fim de manter as crianças ocupadas, organizadas, animadas, dando-lhes diferentes tarefas e atividades de educação e formação a cada dia. A Ir. Adélia se identificou muito com esta equipe e o fazia com gosto, alegria e dedicação, juntamente com as educadoras ou educadores. A Escola Itinerante é uma escola que acompanha o Movimento enquanto acampamento. A oficialização da primeira escola do MST em acampamento, aconteceu na Fazenda Anoni, que contava com cerca de mil crianças acampadas, uma demanda significativa, que levaram à instituição das Escolas Itinerantes.

9. A equipe da catequese. Esta equipe preparava as crianças e adultos para os sacramentos do batismo, eucaristia, crisma, cujo conteúdo era preparado, dando o novo sentido e significado de camponês nesta luta. A catequese partia desde o aprofundamento do significado do sinal da cruz, do Pai Nosso, da Ave Maria e do Glória ao Pai. Irmã Adélia se dedicava a esta parte da catequese. Eu, Elda, juntamente com padre Paulo Cerioli, preparávamos os conteúdos, visualizando-os em cartazes e desenhos, numa linguagem catequética própria, a partir do Êxodo – o Projeto de Deus na busca e conquista da terra e da liberdade prometida, que entregávamos às catequistas, e para os pais e padrinhos, camponeses desta luta. Parte deste material foi editado no Cadernos de Educação do MST, “Ocupando a Bíblia”, em outubro de 2000.

10. A equipe da religião. Esta equipe, também, formada por um líder e um vice-líder de cada núcleo, se ocupava todo o sábado em preparar as celebrações dominicais. Primeiramente, se fazia a memória de todos os fatos acontecidos durante a semana, dentro e fora do acampamento. Se compunha o roteiro da celebração tendo presente estes fatos. Desenvolvia-se o conteúdo de cada parte do roteiro e se repartia partes a cada líder da equipe para a celebração. Uma vez pronto todo o roteiro e conteúdo, era ensaiado, imaginando à sua frente uma grande assembleia de 4 mil pessoas. Todos aprendiam e ensaiavam o tom da voz, a oratória, o olhar dirigido à assembleia, para que todos pudessem ouvir e participar. Ensaiar a postura física, o papel nunca devia esconder o rosto, ler bem e falar com alma. Aprendiam a sintonizar, empaticamente, com as pessoas. Deviam sentir o que liam e comunicavam.

Nem sempre havia microfone. Aliás, os ensaios eram sem microfone para se ouvirem e se fazerem ouvir, principalmente o coordenador que conduziria a celebração, aquele que proclamaria a Palavra, aqueles que rezariam as preces. Sempre havia oferta de símbolos, escolhidos para a celebração, conforme os fatos da semana. Os violeiros e músicos eram convidados para animarem a celebração, com os cantos escolhidos e ensaiados antes da celebração.

Nesta equipe participavam várias denominações religiosas. Ali se alimentava a Mística do movimento, dentro do acampamento. Devia animar, fortalecer, agradecer tudo o que acontecia de bom, pedir coletivamente o bem comum, manter o olhar no horizonte, lá onde estaria a terra, aguardando a chegada de todos.

Esta equipe da religião participava da formação bíblica, com o estudo do Livro do Êxodo, como formação obrigatória para a equipe, e aberto para todos do acampamento, se quisessem participar. Este estudo acontecia uma vez por semana. Eu e o Pe. Paulo Cerioli éramos responsáveis por este estudo.

É bom dizer que desta equipe, por causa da formação prática da palavra e da comunicação, saíram grandes dirigentes de massa para o Movimento. Esta equipe da religião era a alma do acampamento.

11. **A equipe da saúde.** Para esta equipe eram escolhidas algumas pessoas para atenderem o todo do acampamento. Casos de saúde mais complicados e partos, a equipe da saúde conduzia para um posto de saúde ou hospital mais próximo do acampamento.
12. **A equipe da farmácia.** Para esta equipe eram escolhidas duas pessoas, líder e vice-líder, para o atendimento do seu núcleo. Todo povo era tratado com a fitoterapia. Os chás de ervas, que eram buscadas e encontradas na terra que cercava o acampamento. Geralmente as mulheres eram as maiores conhecedoras das ervas medicinais. A equipe se reunia, uma vez por semana, para recolher as ervas medicinais. Aprendia-se as propriedades de cada erva, para que servissem, como secá-las, a quantidade para um chá e como fazer o chá. Quem orientava tudo isso, era uma indígena acampada, de grande conhecimento sobre ervas. Todos os que participávamos, aprendíamos muito sobre a natureza das ervas com essa indígena. A farmácia ficava em atenção 24h por dia.
13. **A equipe da lenha.** Esta, com seus líderes, devia providenciar a lenha para todo o acampamento. Os líderes da lenha de cada núcleo, deviam informar quantos metros de lenha eram necessários trazer ao acampamento, para cada família. Cada

núcleo devia pedir somente o necessário. Quando chegava o caminhão trazendo a lenha, alguns mais espertos, levavam alguns metros a mais com medo que faltasse, e isso vinha a faltar para os outros. Esta equipe, tinha uma especial tarefa de formar, exortar para a partilha, a solidariedade, para que não acumulasse individualmente.

Era notório ver quantos metros de lenha escondidos debaixo das supostas camas, quando levantamos o acampamento. O medo de ficar sem e a necessidade de acumular, garantindo o “meu”, ainda acontecia, apesar da insistência dos líderes. Sabe-se o quanto é difícil formar para o repartir, para a solidariedade, para o bem comum, para o coletivo, a socialização. Eram atitudes a serem continuamente trabalhadas para a construção de uma nova sociedade, projeto do MST. Isto era muito importante aprender, a socialização dos bens, tomar consciência do sistema acumulativo e individual que é o capitalismo.

14. A equipe da alimentação. Juntamente com a coordenação executiva, tanto interna como externa, deviam estar sempre atentos para que não faltasse comida, e que também não fosse acumulada por ninguém. Esta era uma das tarefas difíceis dos líderes da alimentação, assim como o da lenha. Deviam vigiar continuamente enquanto as consciências iam se abrindo a esta questão. Era preciso e necessário aprender a partilhar. Mas, quando faltava comida, e que não vinha do governo, era preciso voltar às bases e comunidades de origem, para fazer coletas e trazê-las ao acampamento. Recordo, que uma família que vinha de serem escravos ou capatazes de fazendas, ficaram no acampamento, enquanto a grande maioria voltou às suas bases buscar comida e trazê-la para todos.

Muitas vezes o Estado retinha a alimentação para fazer pressão, a fim de que os acampados desistissem, pois sabiam que um povo sem comida, não resiste. Era preciso pressionar o Estado, pelo direito à comida. Em Tupanciretã, perto de Cruz Alta, onde estávamos acampados, o governo fez esta pressão. Aprisionou os alimentos numa cooperativa.

Equipe Executiva da atividade externa, sabendo que os alimentos estavam detidos na cooperativa de Tupã, foi negociar, interceder, buscar os alimentos com os responsáveis, mas sem solução. Então, em equipe, reunindo todos os acampados, foi tomada a decisão de buscar na marra estes alimentos. E foi assim: silenciosa e organizadamente, em fila, mais de 3 mil pessoas, com sacolas, enxadas e facões nas mãos, nos dirigimos até à cooperativa, atravessando a cidade, cantando. Chegando lá, o portão estava com cadeado, e nos fundos da cooperativa, alguns de seus responsáveis. O cadeado foi rompido, a ordem foi dada: metade vamos entrar, e metade fica cuidando do portão. Sem nenhum confronto, nem resistência, por parte de ninguém, cumprindo as ordens dadas, os nossos responsáveis buscaram a comida, por direito, e todos ajudando, levávamos os alimentos para o acampamento, mantendo a organização, em fila e cantando.

Era emocionante poder medir a força coletiva, ordeira e pacífica, carregada de certeza e de esperança, pois, o que nos pertencia por direito, era nosso! Não tínhamos o que temer. Só buscar! Mas, infelizmente, nem sempre foi assim!

Ao atravessar a cidade, era interessante perceber o medo que as pessoas tinham e manifestavam. Ao ver a marcha, dessa multidão, em direção à cooperativa, fechavam portas, baixavam cortinas das lojas, espiando pela fresta, tanto na ida como na volta! Para esta região, éramos temidos, um espinho para a economia e a sociedade Tupanciretense e Cruz-altense. Terras de grandes fazendeiros.

15. **Equipe das lonas.** Esta equipe era responsável para manter comprada a quantidade de lona para cobrir as necessidades do acampamento. Era através das famílias de cada núcleo que a equipe sabia desta necessidade. Era tarefa desta equipe, distribuir a lona para as barracas, para os banheiros, para os sanitários e encaminhar os pedidos de compra de lonas, quando rasgadas, danificadas pelos ventos ou quando faltasse.
16. **Equipe da comunicação.** Esta equipe era responsável por toda a comunicação interna e externa do acampamento, todas as suas movimentações, marchas, conquistas, resistências

etc. Era responsável pelo bom funcionamento dos aparelhos do som, devia aprender, ensinar, saber usar, cuidar e manter em bom funcionamento. Todas as comunicações que eram feitas durante o dia, desde uma simples comunicação como, chamar alguém, comunicar algo para o bem comum, algo emergencial para todo o acampamento, fazer convocações, dar avisos, dar notícias do interesse coletivo, e especialmente, para a realização de uma assembleia, das celebrações, animações, músicas, ou qualquer evento de serviço interno para mais de 4 mil pessoas.

Esta equipe ainda devia estar informada da conjuntura política, econômica e social, de tudo o que se passava, dentro e fora do acampamento, pois os avanços envolviam esta realidade e, essa equipe devia informar a todos, as notícias que vinham das rádios das cidades próximas ao acampamento e as movimentações que implicavam a Organização do MST. Quando o acampamento fazia uma ocupação, esta equipe devia ir para as rádios e dar a notícia da ocupação: onde aconteceu, quando, e a situação que se encontravam os acampados. Também devia organizar, escrever e enviar as notícias para o Jornal do MST, o meio nacional de comunicação das bases.

- 17. Equipe da segurança.** Esta equipe era uma ferramenta, um meio, era muito importante para a segurança de todos. Devia atuar num ponto estratégico do acampamento. Importante para manter a ordem, dentro e fora do acampamento. Esta equipe era responsável para vigiar, observar, cuidar, proteger e assegurar a tranquilidade do acampamento e o cumprimento do regimento. Devia organizar tudo o que era necessário, para o bom funcionamento das marchas, das ocupações, evitando acontecimentos desagradáveis, atuar diante de qualquer problema, dentro e fora do acampamento. Era tarefa desta equipe bem articulada com as demais equipes, a saída de um lugar e a chegada em outro. Devia ficar atenta, se alguém indesejado ou suspeito, se infiltrasse entre as pessoas do acampamento, tinha a autoridade de atuar em favor da ordem e o bem comum, podendo até levar à expulsão de alguém nocivo e perigoso para o coletivo.

Esta equipe devia buscar todas as informações, investigar todas as possibilidades de segurança, a eficácia e a tranquilidade para qualquer ação. Organizar o passo a passo de uma ocupação, desde o início até o fim.

- 18. Equipe do transporte.** Devia ter motoristas que soubessem dirigir com responsabilidade, entender da mecânica do carro e manter os carros em situação de uso. Deviam dispor-se a prestar seu serviço a qualquer hora do dia ou da noite para atividades externas ao acampamento, como levar ou buscar pessoas ao hospital, à rodoviária, buscar ou comprar algo, necessário, para o acampamento.
- 19. Equipe da animação, lazer e esporte.** Estas equipes eram de grande importância para manter o alto astral, distensionar, relaxar, alegrar, aumentar a integração, os bons relacionamentos entre todos. Era muito importante movimentar este povo todo, organizar competições, não deixar abater o espírito destes caminhantes. Organizar atividades para os sábados à noite, ou domingos à tarde: esporte, futebol, diversões, dança, jogos, gincanas, teatro, cantorias, brincadeiras, de modo que envolvessem a todos, homens, mulheres, jovens e crianças. Parecia nascer daí um novo espírito.
- 20. Equipe dos jovens.** Os jovens eram muitos e cheios de vigor, entusiasmo, dispostos a tudo, desafiando-se para qualquer situação. Esta equipe os reunia para uma formação de valores, princípios e qualidades humanas e da própria Organização. Despertar, clarear e fortalecer seus sonhos e metas. Comprometer-se com a organização a que queriam participar, e fortalecer a militância juvenil. Tratar de assuntos e temas de sua idade, seu interesse, convidando-os a tomarem os espaços próprios para eles, e participarem de todas as atividades e programações dentro do acampamento, e também fora, nas bases, quando solicitados. Era uma juventude vibrante e entusiasta.
- 21. Equipe das mulheres.** Eu aprendi muito com elas! Esta equipe era formada por uma mulher de cada núcleo. As mulheres são sensíveis, intuitivas e práticas. Elas eram

importantes para toda organização no acampamento. Na família, melhor percebiam o que necessitavam para encaminhar aos líderes dos diferentes serviços, e em que o núcleo precisava avançar. Entre companheiras, ajudavam-se a superar as dificuldades, esclarecerem-se, mutuamente, no processo da caminhada.

Para preparar a ocupação, elas assumiram a tarefa de preparar com detalhes e com praticidade o passo a passo desta tarefa. Na reunião dos líderes de núcleos, elas eram as que davam as coordenadas práticas e globais do que era preciso pensar, fazer, preparar, organizar, levar para a ação da ocupação, O que cada pessoa devia levar, minimamente, como necessidade pessoal, básica e indispensável dos seus pertences. E o que era indispensável para o coletivo de cada núcleo, carregar no caminhão: quantas painéis, baldes, chapas de fogão, colchões. Elas chegaram a tal sensibilidade, de como proteger a mulher nas paradas da longa caminhada de nove quilômetros, para fazer xixi, até chegar na estrada geral. Como subir nos caminhões, de forma ordenada, rápida e silenciosa. Pensar no que não podia faltar às crianças e aos idosos. Como organizar uma chapa de fogão sobre pedras. Caso chovesse, fizesse muito frio, ou fossem longos os dias de permanência na ocupação, ou se acontecesse algo desagradável, como proceder, como se fortalecer, prevendo, objetivamente, tudo isso.

A Assembleia Geral. Toda esta forma de viver e congregação o conjunto maior de todo o acampamento, incluía, quinzenalmente, a realização de uma Assembleia Geral, para avaliar questões levantadas no dia a dia, nos núcleos, avaliar os próprios núcleos, suas funções, suas lideranças, as responsabilidades assumidas, rever e avaliar o regimento interno, tomar decisões de encaminhamentos feitos desde a base dos núcleos, até a Comissão Executiva. A assembleia era importante para animar todo o acampamento, prosseguir a caminhada, erguer os olhos para o horizonte, onde se avistava a terra de assentamento, e ficar com vontade de chegar lá! Entusiasmar a todos!



CAPÍTULO 4

4

NOVAS ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO A PARTIR DOS ANOS DE 1990

Passados 20 anos dos envios missionários para o Centro-Oeste do Brasil, abrindo comunidades MSCS inseridas em contextos novos e desafiadores, com foco no atendimento socio pastoral junto a comunidades, paróquias e dioceses, impulsionadas pelo espírito renovador do Concílio Vaticano II e pelo serviço aos mais pobres e marginalizados, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas alargaram a tenda, para incluir novas realidades de migrantes sem-terra, urbanos e rurais, onde fizeram a diferença com sua presença e atuação. Algumas registraram relatos sobre esse período.

4.1 Depois do acampamento, seguimos com eles

No Rio Grande do Sul, a presença itinerante morando junto com os sem-terra fechou um ciclo em 1991, mas a colaboração da Ir. Elda, especificamente com o MST – Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra, teve continuidade por décadas, com assessorias na arte, na mística e, sobretudo, na formação.

Eu, Ir. Elda, segui acompanhando o MST depois do acampamento, em 1989, contribuindo com as artes, a mística, a formação, o cuidado e a saúde alternativa e com arteterapia, no ITERRA - Escola Josué de Castro, em Veranópolis RS, de 2001 até 2009, e no Setor de Gênero, com a arte, a mística e a arteterapia, nos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Santa Catarina. Fui convidada para falar desta organização dos migrantes sem-terra, nos Estados Unidos, no Equador e na Itália. Segui ao longo destes anos, contribuindo com desenhos e assessorias. Retornando da

Argentina, oito anos depois, contribuí em alguns assentamentos na regional de Porto Alegre, com arteterapia e saúde Alternativa, até a pandemia.

Em 1991, recebi uma viagem aos Estado Unidos, a convite do Serviço de Justiça e Paz da América Latina (SERPAJ), para falar sobre como os pobres se organizam na luta pela terra. Não sabia e não sei falar em inglês. O jeito de me comunicar foi através de um grande painel (2m x 6m), com a palavra de ordem para o Congresso Nacional do MST deste ano: “Ocupar, Resistir e Produzir”, mostrando as diferentes etapas de luta até chegar na posse da terra: a organização nas bases, a ocupação de uma terra, a resistência sobre ela, até o assentamento. A conquista da terra, fortalecidos com a Mística!

Em 1996, participei de uma viagem à Itália junto ao MARCA (Movimento de Artista da Caminhada), com tema “Exclusão Social”, em escolas, praças, igrejas, grupos sociais. Era o mês de abril vermelho pelo massacre dos sem-terra no Eldorado dos Carajás, Pará. Prestava ali uma profunda e sentida homenagem aos sem-terra e à sua luta por terra e vida.

Em 2010, outra viagem, desta vez a Quito, para participar do encontro Latino Americano da CLOC, Via Campesina, convidada para ajudar na construção das místicas do encontro.

Muitas Artes foram criadas para a Organização com a finalidades de visualizar e compreender melhor através das imagens, os seus objetivos e projetos.

Os Direitos Humanos em São Paulo, lançaram para o Prêmio Nobel da Paz, Dom Evaristo Arns. Muitas foram as organizações, Movimentos Sociais, convidados a participarem criando um cartaz que representasse este concurso. O MST também foi convidado e me pediu para fazer uma arte para este fim. Eu estava acampada, e assim que me propuseram a atividade, esta arte surgiu assim. E este meu cartaz foi o vencedor entre duzentos outros.

O Setor da Cultura e Comunicação do MST promovia a formação em artes para militantes, na qual eu tinha a tarefa de ensinar a desenhar. O convite para estes militantes participarem, era aprender a desenhar cenas e situações ocorridas nas bases, junto com as notícias. Minha tarefa inicial, foi o que chamo de “alfabetização em desenho”! Até chegarem a produzir coletivamente grandes painéis para grandes

encontros, marchas e congressos, faixas, cartazes, desenhos e artesanatos, produzindo estas artes a nível local, estadual e nacional.

Em Fortaleza desde 1995 a 2001 nossa ação era com os migrantes em movimento: chegada, fixação e saída. Também acompanhei alguns assentamentos no Estado do Ceará. Em Fortaleza, nossa comunidade de irmãs: Ir. Evanete dos Santos, Ir. Idalina Pellegrini, Ir. Angélica Berardi, que participou no início da missão, e eu Ir. Elda Broilo, nossa ação era com os migrantes em movimento: na chegada, na fixação e na saída. Na fixação, atuamos em alguns assentamentos do MST nas regiões do Ceará, próximos a Fortaleza.

Era o dia 12 de março de 2006. Mais de 2 mil mulheres nos reunimos para uma ação contra as empresas multinacionais de celulose, com a plantação de eucaliptos em vários estados do Brasil. O protesto era que esta monocultura danifica as águas do subsolo, o Aquífero Guarani. A ação se deu no horto florestal Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro... na região de Porto Alegre! E eu estava nesta ação.

4.2 Relato de Ir. Idalina Pellegrini – atuação em Fortaleza, com o MST

Do Ceará, a Ir. Idalina Pelegrini¹ faz memória da atuação que as Irmãs MSCS desenvolveram a partir de 1996, em apoio a uma população indígena na luta pela terra e solidarizando-se com o MST, em lutas pela terra, em Fortaleza e região.

Ano de 1995 a 2002, na coordenação da Pastoral dos Migrantes na Arquidiocese de Fortaleza. A missão Scalabriniana iniciou-se a convite de Dom Aloisio Lorcheider à Congregação. Fomos enviadas nesta missão: Irmãs Evanete dos Santos (+1998), Elda Broilo e Idalina Pellegrini, com a migração interna.

Em 1996, após a realização de um Seminário, a missão se definiu com três áreas de atuação, na época com a migração interna: a) Migrantes sendo expulsos na área de construção do CIPP – Complexo

¹ PELEGRINI, Idalina. Relato de vivencias com MST – Movimento Sem Terra no Ceará, de 1995 a 2002. Relato enviado ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Fortaleza, 21 de agosto de 2022

Industrial e Portuário do Pecem; b) Migrantes sendo atraídos nas áreas de polos industriais na região do Ceará; c) Migrantes na fixação no campo, em parceria com o MST.

A Comunidade missionária Discípulas de Emaús; eu, Irmã Elda Broilo e Irmã Evanete dos Santos, escolheu morar no Genibaú, periferia de Fortaleza, formada por migrantes do interior do estado e para uma vivência mais próxima das culturas, dos saberes e da realidade do povo nordestino. A comunidade era nossa fonte, lugar de mística e espiritualidade para a partida e chegada de toda a ação missionária. Este espaço era a tenda de acolhimento também aos militantes, na maioria mulheres jovens do Movimento Sem Terra – MST. Nossa tenda era o espaço aonde elas chegavam cansadas, para lavar a roupa, se alimentar, descansar e rezar conosco, permaneciam uns 3 ou 4 dias e depois seguiam sua missão nos acampamentos no interior do estado. Lembro de Cosma, que dizia: “eu quero ser irmã, mas para ficar atuando no movimento”. Quando aconteciam as mobilizações na cidade, onde em torno de mil camponeses acampavam na avenida Bezerra de Menezes, para a conquista de projetos para os assentamentos na área da produção, saúde e educação, estávamos nós lá também. Naquele momento a Igreja local, especialmente as pastorais sociais, éramos presença forte e atuante junto aos movimentos sociais. Nós irmãs, na escuta atenta da palavra de Deus e com os pés na realidade, tínhamos clareza que aquele era nosso local de atuação, na itinerância com os migrantes em movimento, onde era nossa experiência concreta, pois aprendemos de Scalabrini que onde estiver o povo que trabalha e sofre, aí está a Igreja.

Minha atuação nas mobilizações do MST, era contribuir com a equipe de Saúde Itinerante, assim chamada pelo MST, uma lona preta, uma prateleira com produtos naturais, uma mesinha, dois banquinhos de madeira. A noite toda estava presente, com outras jovens da pastoral, cuidando da saúde das pessoas, que depois de um longo dia de sol, reuniões, calor debaixo das lonas, dormiam para se refazer para o outro dia de luta e mobilização na cidade. Lembro bem o que tínhamos para oferecer a quem tinha dor de cabeça, problemas intestinais ou cansaço excessivo ali era acolhido e atendido. Um espaço para a escuta de quem precisasse falar de cansaço, saudades e de sonhos de uma vida melhor para todas as pessoas do campo e da cidade.

Uma outra atuação era no Pecém, distrito de São Gonçalo do Amarante, a 50km de Fortaleza, onde o Governo do Estado, na época Tasso Gereissati, estava iniciando o CIPP – Complexo Industrial e Portuário do Pecem, com o programa de governo da industrialização. As famílias nativas, sem documentos da área onde moravam há muitos anos, passaram a se amedrontar e muitas pessoas idosas a morrer. O motivo é de que os agentes do governo chegavam e diziam: “Vocês têm um mês para sair daqui, vou te dar este valor pela casa e benfeitorias”. Lembro que uma planta de coqueiro produtiva era paga em torno de RS 1,50. Sr. Vivente, dono de um pequeno sítio com bananeiras, graviolas, atas, macaxeira, coco, mangas foi buscar na Pastoral da Arquidiocese ajuda para a comunidade se organizar e buscar seus direitos de permanecer na terra. Isso ocorreu em 1996, quando chegamos para iniciar a missão em Fortaleza.

A partir desta data iniciamos um trabalho de base, de escuta e conhecimento da situação que as famílias estavam vivendo. Convidamos os militantes do MST para contribuir na organização e mobilização destas comunidades. Minha presença era mais permanente, com a mochila e a rede, eu permanecia de casa em casa, na escuta e nos finais de semana, a equipe missionária, jovens da igreja por nós convidadas, chegavam e faziam o mesmo em cada comunidade. Solicitamos ao Bispo, na época Dom Claudio Humes, um sacerdote que se somou à Equipe para o acompanhamento espiritual às comunidades. A presença do MST era no sentido de construir estratégias de resistência das comunidades. Foi um trabalho de 3 anos de muita persistência de minha parte, com o apoio de pastorais e movimentos para a consciência das famílias do direito à terra. Mulheres jovens, eram as que lideravam a resistência diante de um projeto que ameaçava a vida de todas as comunidades nativas.

Várias atividades eram realizadas com as famílias e comunidades: visitas de escuta, reuniões com a mística e espiritualidade da terra, encontros de formação Fé /Vida e Bíblia/Análise de Conjuntura, Acampamentos missionários, oficinas de arteterapia, Gincanas com as histórias dos pais e avós, assembleias e mobilizações com todas as comunidades. Tudo era uma construção coletiva com as comunidades e a equipe missionaria que atuava em todas às comunidades atingidas pelo projeto CIPP.

Lembro de uma oficina de bordado, onde cada mulher era convidada a lembrar sua história, identificar cicatrizes no corpo, como marcas do passado e cicatrizes que estavam dentro de si, não vistas externamente. A partilha era de acolhimento, muito amor e dor em cada participante. Após o relato de cada uma, a história era traduzida em símbolo-desenho e feito o mesmo para ser bordado na bolsa, que cada uma construía com sua história de vida. Essa bolsa com arte, passava ser o símbolo de resistência e acompanhava em todas as atividades.

Uma atividade importante foi da Gincana “Construindo Nossa História”, onde os jovens entrevistavam os pais e avós, escreviam suas histórias de vida. Destas histórias foi feito uma cartilha e a partir daí a comunidade foi se reconhecendo na sua identidade como povo indígena. Até então ninguém falava desta identidade. As histórias trouxeram as raízes, a identidade de seus ancestrais e, portanto, a consciência de que a terra a eles pertencia desde muitas gerações, embora não tivessem o documento que a lei exigia, como cadastro da terra. Foi a partir desta descoberta que a luta e resistência tomou uma força ainda maior, como garantia de direitos que a Constituição garante aos povos originários. As comunidades organizadas com a Comissão da Terra foram em busca de seus direitos nos órgãos competentes, até Brasília, por várias mobilizações, junto à luta de outros povos indígenas.

No ano de 2003 fui transferida pela Congregação, para outra missão, também aconteceu a mudança do Pároco, fez com que as lideranças assumissem por si mesmas a luta pela terra, e que relatado por eles foi muito duro.

No retorno à missão em Fortaleza, em 2018, novamente enviada pela Congregação, participei da missa de posse da terra de 163 famílias com a identidade de Indígenas Anacé, que desta mobilização permaneceram unidas e na resistência. Esta comunidade de povos indígenas passou a ser a 15ª etnia reconhecida no estado do Ceará e que continua na resistência pela garantia de seus direitos. O Relato das lideranças é de que o trabalho realizado pela pastoral e articulado com outros movimentos fez com que a comunidade tivesse consciência e resistência pelo direito à terra. O Reassentamento se chama hoje Taba Anacé, com escola com professores indígenas, posto de saúde, produção coletiva e individual. A organização interna continua sendo

com a Comissão da Terra, assim como se iniciou, diferente de ter um cacique líder, como é nas outras comunidades indígenas.

O MST foi um grande agente mobilizador, parceiro da pastoral e da igreja local, para a consciência e realização de ações coletivas para a construção do direito à terra. Foi assim com as primeiras 4 comunidades que foram desapropriadas, sem garantia de direitos. A partir desta construção coletiva, a resistência pode ser visibilizada e resultou mesmo sem permanecer no local, mas em nova área, com um reassentamento com a estrutura para permanecer na terra. A participação do MST junto à pastoral da Igreja, coordenada por nós Irmãs Scalabrinianas, fez o resgate da identidade e contribuiu na resistência das comunidades e na conquista de um novo reassentamento.

4.3 Ir Elda Broilo, do Sul ao Nordeste – parcerias com o MST

Sobre a atuação juntos ao MST e na luta pela terra, no relato da Ir. Elda também constam registros de memórias e vivências de sua atuação, mais tarde, na diocese de Fortaleza.

Participamos da acolhida de 600 sem-terra que vinham de diferentes pontos do estado para a capital, Fortaleza, caminhando mais de 180 quilômetros a fim de fazer suas reivindicações por terra e benfeitorias, educação, saúde...

Os organizadores conseguiram providenciar as refeições de janta, café e almoço. Mas não tinham conseguido um lugar para abrigá-los na noite.

Como Deus caminha com seu povo, também lhe dá abrigo, muitas luzes e inspirações.

Havia uma celebração ecumênica na frente da catedral por sua chegada. Eram umas 16h. E a celebração foi linda, junto com a mística dos Sem Terra. Terminada a celebração, aos poucos, as mulheres com crianças e demais pessoas foram entrando na catedral para descansar da longa caminhada, e ficando para “rezar”.

A noite chegou. Já eram 22 h e os sem-terra ali estavam todos. O sacristão esperava que saíssem. Como não saíam e alguns cansados da longa caminhada, já estavam se deitando no chão da catedral, o sacristão decidiu chamar o pároco da catedral para decidir o que fazer. O padre veio às pressas, nervoso, e chamou os responsáveis pelo grupo. Nós irmãs fomos junto aos responsáveis para defender estes migrantes que estavam em “sua casa sagrada”. O Padre nos perguntou se não sairíamos daí.

- Para onde irão, Padre a estas horas da noite, depois de caminharem 180 quilômetros?
- Que vão dormir fora da catedral, mas não aqui dentro.
- Lá fora estão os moradores de rua, os bêbados, os drogados, gente desconhecida e com outra forma de ser e viver. E eles não se conhecem, e mais, eles não têm a experiência de dormir na rua.
- Então quem se responsabiliza por tudo o que há de sagrado aqui dentro se algo faltar ou acontecer? A sujeira que fizerem quem vai limpar?
- Padre, nós irmãs nos comprometemos com eles, pois os conhecemos. Eles só querem descansar da longa caminhada.
- Nem comida, nem água eles têm? Mas que antes das 07h da manhã estejam saindo da igreja e quero a igreja limpa como estava.

Nós irmãs assumimos tudo e tivemos que assinar um termo de compromisso, por mais que disséssemos que estes trabalhadores tinham muito respeito pelo sagrado, por todos e por tudo. Só queriam dormir e tirar o cansaço de dias de caminhada até ali.

Sem muita boa vontade, sem nenhuma sensibilidade, nem compaixão em reconhecer a Pessoa de Jesus nestes pobres como o mais sagrado de tudo o que ali havia nesta casa, teve que deixar-nos ficar ali. Nós irmãs Evanete dos Santos, Angélica Berardi, Idalina Pellegrini e Elda Broilo passamos a noite junto com eles. Eles só queriam realmente dormir e descansar da caminhada.

As mães com as crianças acomodavam os bancos fazendo uma cama para não dormirem no piso frio.

Precisamos providenciar água para tomar durante a noite toda, bem como, e foi o grande desafio, utilizar um banheiro apenas para

600 pessoas. Foi difícil pois tínhamos que buscar água para tomar e para jogar no banheiro durante a noite toda. E essa água ficava no porão da catedral.

Mas o edificante foi o sacristão ter ficado conosco a pedido do padre. Ele ficou sensibilizado e com alegria nos servindo a todos com carinho, dedicação, presteza em tudo, a noite toda. Ele não dormiu! Ele entendeu quem eram estes pobres!

Bem cedo, foram se levantando todos e arrumando e limpando tudo. Ficou mais limpo que antes.

Antes das 07h já estávamos na porta da Catedral para sairmos. O padre se quer veio nos ver. E fomos até um determinado lugar onde ia ser servido o café.

Atendemos o Assentamento Antônio Conselheiro para celebrarem seus 2 anos de assentamento. Formamos várias equipes entre os assentados para preparar a festa. Então se formaram as equipes: do teatro de fantoches, do teatro, do desenho e pintura, da música, do canto e da poesia, de contar a história desta migração até chegar na terra. As crianças deviam entrevistar os pais para contarem como foi esta saída de onde nasceram, a travessia até chegarem na terra do assentamento. Deviam escrever o que seus pais contavam e na escola, contar a história de seus pais para os seus colegas.

Esta preparação integrou todos estes trabalhadores, fortaleceu a comunidade e a organização. Isto acontecia em fins de semana, faça chuva ou faça sol, durante alguns meses, para no final fazer a grande festa!

Houve uma linda integração entre as escolas e os assentamentos. A festa culminou um especial almoço com todos os assentados e convidados, uma linda apresentação dos desenhos e pinturas, painéis, músicas, poesias, teatros. A comunidade ficou fortalecida.

4.4 Relato de Ir. Luciana Pitol – Assentamento em Campos Novos, SC

Enquanto na diocese de Bagé, RS; em Naviraí e mais amplamente na Diocese de Dourados, MS; em Cariacica, ES; na Diocese de Presidente Prudente, SP; em Goiás e nos acampamentos e assentamentos do Rio Grande do Sul,

a atuação das Irmãs MSCS junto aos migrantes sem-terra acompanhava e apoiava pessoas, grupos e comunidades na luta pela terra e por vida com dignidade, seja em contextos urbanos que rurais. Articulações de apoio e colaboração com o MST continuavam, se ampliavam e se diversificavam. Na virada do milênio, passos novos foram dados pelas Irmãs MSCS nessa missão. Da Ir. Luciana Pitól², o relato vem de Campos Novos, SC.

Período de fevereiro a julho de 2001 – estágio de noviciado, no Assentamento 30 de Outubro, Campos Novos, SC. O período de permanência no assentamento foi durante o estágio de noviciado, o qual ocorreu junto com Irmã Anna Fascina (*1927 +2013). Depois de meu retorno à casa do noviciado, Ir. Melanie Marie Hester (*1954 +2013) foi transferida para esta missão. As condições em que morávamos eram um pouco melhores do que as do povo assentado: morávamos em uma casinha de madeira, de chão batido, enquanto o povo vivia em barracas. Nossa casinha dispunha de uma pequena capelinha, aberta ao povo, um quarto pequeno e uma cozinha. O banheiro utilizado era o disponível para o uso das mulheres do assentamento. Depois de 6 meses, foi construído um banheiro privado, em apêndice da nossa casinha. A água para cozinhar, limpar, lavar, tomar banho, era a do rio onde todos os assentamentos buscavam, também para seu uso. Tínhamos um pequeno fogão à lenha, enquanto o povo cozinhava no chão. Como não tinha luz no assentamento e, conseqüentemente, geladeira, conservávamos a comida fazendo buracos no chão de terra, na cozinha. Tínhamos, também, um fusca que passou a ser o meio de transporte das famílias do assentamento para a cidade e para outros assentamentos e acampamentos.

Ir. Ana Fascina me ensinou a amar aquele lugar e aquele povo como se fosse meu. Nós duas abrimos aquela missão a pedido dos padres da paróquia, que também eram (e são ainda hoje) Scalabrinianos. Pelo que ainda tenho na memória, nossa presença scalabriniana tinha o objetivo de fortalecer a fé do povo peregrino que estava se instalando naquela região. Éramos responsáveis em

² PITOL, Luciana. Presença das Irmãs MSCS no assentamento 30 de outubro. Relato enviado à Ir. Luce Signor. Passo Fundo, 08 de junho de 2019.

coordenar toda a ação pastoral (pastorais da liturgia, catequese, grupos de família, preparação dos sacramentos e tudo o que envolvia a organização pastoral de uma comunidade), bem como, fomos indicadas pela secretaria da educação da região para coordenar a Educação no assentamento. Trabalhávamos na escola na parte da tarde, como professoras de 1ª a 4ª série.

Nosso trabalho não se limitou ao que era específico de nossa presença, mas acabamos por assumir a causa do povo assentado, os quais sofriam ameaças e perseguições dos grandes fazendeiros da região. Começamos a organizá-los em grupos e lutar por seus direitos. Na época, os assentamentos estavam começando a se formar e grandes extensões de terras estavam sendo desapropriadas para o MST. O grupo denominado “30 de Outubro” (por que foi apropriado pelo Movimento MST nesta data) era um dos primeiros assentamentos a serem formados. Ainda existiam muitos acampamentos com promessas de assentamento, o que estava causando muito medo e revolta nos grandes fazendeiros. Acreditávamos que era essa a razão de os assentados receberem muitas ameaças de morte e tentativa de desmantelamento, como grupo organizado. O “Assentamento 30 de Outubro” era considerado o mais bem organizado da região tornando-se espelho e modelo para outros grupos que estavam se organizando.

Ir. Ana Fascina foi uma presença forte e corajosa na luta pela paz entre fazendeiros e assentados, bem como, pela dignidade e liberdade deste povo. Além de ajudar o “30 de Outubro”, foi procurada por líderes acampados em outras sedes, a fim de que ela pudesse orientá-los a se organizarem para conseguirem suas terras. Ela passou a fazer encontros de formação de lideranças dos assentamentos e acampamentos e, com a ajuda dos líderes do “30 de Outubro”, passava em todas as sedes, formando, capacitando e organizando o povo. Por outro lado, nunca deixou de ser presença entre os fazendeiros, tentando sempre conscientizá-los sobre a realidade deste povo migrante. Ir. Ana tinha uma grande estima e respeito pelos dois lados, que a reconheciam como instrumento de paz entre realidades tão distantes, porém sempre tomando o partido do lado dos mais pobres.

Lembro que em uma das grandes ameaças sofridas, os “capangas” (assim chamados) das fazendas vieram em grande número ao final da tarde, a cavalo e com rifles, ameaçar os assentados (inclusive de

morte), por uma situação de roubo de búfalos que havia acontecido em uma das fazendas. Estávamos na escola com as crianças. Chegaram e começaram a atirar para o alto. Todas as famílias correram com medo e se agruparam na escola onde estávamos, como que procurando refúgio e proteção. A escola foi rodeada por eles. Ir. Ana me mandou ficar na sala com as famílias, chamou todas as crianças e, de mãos dadas, fez uma barreira entre cavalos e escola. Disse: “Antes de entrarem na escola, vão ter que passar por cima de mim e das crianças”. Em questão de minutos, os cavaleiros se foram ateando fogo com seus fuzis, em direção ao céu. Neste dia, todo o povo do assentamento de refugiou na escola e lá ficamos, até o outro dia. Irmã Ana e eu éramos, nesta noite, as que saíamos para providenciar água e comida para o povo, que estava “escondido e com medo”, na escola.

O povo amava as Irmãs. E isto se percebia na relação de respeito, amizade e companheirismo que existia com o povo. O povo reconhecia em nossa missão a presença de Deus. Não lembro as palavras textuais que diziam por ser muito tempo passado, mas não esqueço do que foi nossa presença junto a este povo. Sempre se referiam à nossa presença como presença de Deus para aquela região. As Irmãs eram sinal de compromisso com os mais pobres, sinal de paz e tranquilidade para as famílias. Diziam também que até que as Irmãs estivessem ali, não haveria conflitos e brigas entre classes.

Hoje posso dizer que foi esta a experiência que me fortaleceu e firmou na Vida Consagrada, especialmente nos primeiros anos de profissão, pois foi ali que passei a entender o sentido de ser religiosa e de dar a vida pelos mais pobres. Foi esta experiência missionária que me impulsionou a assumir outras mais que vieram, nos anos seguintes. Ali aprendi o que significa fé e vida. Percebi como a vida influencia na espiritualidade e como as duas se entrelaçam em uma só realidade. Fui sentindo Deus verdadeiramente pobre e peregrino.

4.5 Solidariedade na luta por terra e dignidade em Rondônia e Mato Grosso do Sul

Da Ir. Ana Maria Delazeri³, a narrativa faz memória do resgate da prática pastoral junto a migrantes sem-terra, especificamente na atuação a nível de coordenação diocesana da pastoral do migrante, coordenando, apoiando, articulando, assessorando, animando e participando de ações concretas, como foi também a experiência de outras irmãs em outros estados, como Maria Tonello, Rosa Maria Smaniotto, Dinair Xavier, entre outras, especialmente em Mato Grosso do Sul. Este tipo de serviço na causa pela terra para quem dela necessita, além de marcar o perfil da presença MSCS de Dourados e Naviraí, também foi a estratégia da atuação em Teresina, em parte em Goiás, e em Porto velho – RO.

Minha atuação com migrantes sem-terra aconteceu nos anos de 2001 a 2011 na Diocese de Dourados, MS, mais especificamente na fazenda Itamarati – Ponta Porã, MS, onde estavam sendo assentadas cerca de cinco mil famílias, e em um acampamento de sem-terra em Itaquirai, MS. E, mais recentemente, nos anos de 2012 a 2017 em Porto Velho, RO, na Ocupação Rural do Setor Chacareiro/ Porto Velho, RO e na Ocupação Rural Boa Sorte Município de Candeias, também em Porto Velho, RO.

No assentamento Itamarati, em Ponta Porã, MS coordenei e colaborei em atividades tais como visitas às famílias, presença de escuta, orientação para integração das famílias e formação de comunidades, reuniões para discutir os problemas, as necessidades e encaminhamentos das demandas através de reuniões e/ou audiências públicas junto aos órgãos constituídos para resolução, reivindicação de serviços básicos.

No acampamento em Itaquirai, MS foi uma presença de acolhida, escuta, fornecimento de alimentos, celebrações da Palavra e/ou Eucarística e fortalecimento da resistência para a luta pela terra e pelos direitos básicos.

³ DELAZERI, Ana Maria. Respostas ao questionário. Documento enviado ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Porto Velho, 06.10.2022.

Na Arquidiocese de Porto Velho, na Ocupação Rural do Setor Chacareiro e na Ocupação Rural Boa Sorte Município de Candeias, a atuação aconteceu com presença solidária, profética, ecumênica, fraterna, afetiva, de constante escuta, com uma sistemática estratégia de trabalho que permitia contemplar as diversas dimensões humanas e organizativas dos grupos, tais como encontro com as mulheres fortalecendo o cultivo pessoal e auto cuidados, celebrações e reflexões da Palavra de Deus, serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas, para estimular e reforçar seu protagonismo. Nesse chão amazônico, a missão é de Amazonizar, defendendo os territórios e a vida dos povos da terra, das águas e das florestas.

Outro eixo norteador tem sido a defesa de direitos, sendo que as comunidades tradicionais, posseiros/as, trabalhadores/as rurais sem-terra articulados/as em redes resistem pela posse da terra e território. Os grupos articulados nas suas redes regionais implementam ações de incidências política no âmbito das instâncias do Estado em defesa de seus direitos; as denúncias e a sistematização dos casos de violência em apoio a comunidades tradicionais, posseiros/as, trabalhadores/as rurais sem-terra articulados/as em redes que resistem pela posse da terra e denunciam as violências e os casos de violação de direitos, de ameaças e de crimes, quer seja contra o ser humano ou os crimes ambientais, etc.

Em Dourados trabalhei mais diretamente com a Igreja, integrando a Coordenação Diocesana de Pastoral, através das Pastorais Sociais e da Caritas Diocesana, que ajudei a iniciar na diocese. Em Porto Velho, a atuação junto aos sem-terra também foi com a Igreja local, mais especificamente junto à Comissão Pastoral da Terra, em nível Regional.

Da Ir. Idalina Pelegrini e da Ir. Elda Broilo, um relato singular, para resgatar a memória de uma atuação itinerante que elas viveram no Rio Grande do Sul, junto a mulheres migrantes sem-terra, em 2008⁴. Por iniciativa e proposta

⁴ PELEGRINI, Idalina; BROILO, Elda. RELATO II de vivencias com MST – com mulheres nos acampamentos e assentamentos no RS – Ano de 2008 e 2009. Relato enviado ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM. Fortaleza, 28.08.2022.

de Ir. Idalina e Ir. Elda, foi apresentado ao Governo Geral, na época Ir. Maria do Rosário Onzi, o desejo de realizar o “Projeto: Vida e Missão Itinerante”.

Foi apresentado com este objetivo geral: Renovar e fortalecer a identidade da Irmã MSCS com fidelidade ao carisma no contexto migratório rural e urbano, assumindo com criatividade de mulheres consagradas, missionárias scalabrinianas, a acolhida, a comunhão na diversidade, a itinerância apostólica e a profecia. A justificativa do projeto trazia a carta escrita por São João Batista Scalabrini ao Pe. D. Vicentini em 09.09.1893, que manifestou o desejo de constituir uma missão itinerante. Scalabrini dizia

uma casa de missionários ambulantes onde seria a coisa mais útil do mundo, que não tivesse outro compromisso que o de ir por todos os lugares onde existem colônias italianas, este é um meu antigo desejo, um desejo que me foi expresso também pelo Santo Padre, e de boa vontade realizá-lo-ei assim que tiver os meios⁵.

Nós queríamos realizá-lo com prazer e alegria de missionárias motivadas a estarmos com estes migrantes internos, e o realizamos em parte e por pouco tempo.

A proposta era no sentido de integrar as ações da Pastoral Vocacional com a missão Scalabriniana, a fim de proporcionar às jovens experiências concretas junto aos migrantes e despertar para o compromisso com o carisma Scalabriniano.

Como a proposta não foi viabilizada a nível Congregacional na época, o Projeto – Missão Itinerante, concretizou-se em parte, atendendo ao pedido do Coletivo de Gênero do MST no Rio Grande do Sul, com mulheres nos acampamentos e assentamentos do MST na região de Santo Ângelo – Fazenda da Barra, São Gabriel, Alegrete, Tupanciretã, Bagé, Canguçu e Palmeira das Missões.

⁵ CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS – MISSIONÁRIOS E MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS (Org.). *SCALABRINI Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 438.

Os encontros se realizavam durante uma semana por mês. As mulheres se organizavam por proximidades de assentamentos nas regionais, e se reuniam numa das sedes do assentamento da localidade de melhor acesso para todas.

Os temas desenvolvidos eram: Análise da Conjuntura, Gênero, Saúde e Arteterapia, Artesanato. Os objetivos eram:

Ampliar a participação das mulheres e homens na busca da formação humana.

Suscitar atitudes de relações humanizadas entre homem e mulher e incentivar a participação nas lutas pela conquista da justiça social.

Conhecer a importância e a prática da Arte Terapia para o cuidado e a cura física, emocional, mental e espiritual.

4.6 Metodologia e a vocação na atuação MSCS junto aos sem-terra

O testemunho das Irmãs que viviam em acampamentos ou assentamentos, assim como o compromisso das que assumiram a luta por terra, pão e dignidade junto a trabalhadores sem-terra, rurais ou urbanos mobilizou muitas Irmãs e formandas MSCS, que recebiam motivação e inspiração de sua atuação missionária. Com apoio da Superiora Geral, um projeto específico itinerante envolvendo formadoras e formandas foi desenvolvido no Rio Grande do Sul, como narrado pela Ir. Idalina Pellegrini.

A metodologia previa estudo, aprofundamento e oficinas de temas sobre saúde, relações de gênero e formação humana, assim como oficinas de artes com a utilização de recursos expressivos, fazendo perceber a importância de transformar o reciclado como cuidado da Casa Comum, prática de exercícios físicos e dança circular sagrada (meditação ativa), e também meditação e relaxamento.

Eu, Ir. Idalina, era encarregada da Pastoral da Animação Vocacional na então Província Imaculada Conceição, morando em Caxias do Sul, e Ir. Elda em Farroupilha, no Bairro 1º de Maio. Saíamos no amanhecer do dia com o carro carregado de retalhos,

que recolhíamos nas malharias para serem utilizados nas oficinas de artesanato, e tudo o que implica no uso em arte com tecidos, com as mulheres, onde no momento da criatividade o lixo se transformava em luxo, produzindo colares, brincos, flores, bordados, bordando “Retalhos da Própria História”. Levávamos toda a infraestrutura necessária para uma semana, desde aparelho de som, CDs, grandes painéis da Reforma Agrária produzidos pela Ir. Elda, nossos pertences pessoais, lençóis e cobertas. A estrutura do local, a alimentação, os gastos da mobilização eram por conta do Setor de Gênero do MST.

Geralmente o encontro acontecia na antiga sede da fazenda, agora do movimento. As condições sempre muito simples e precárias. Quando era muito frio se acendia uma lareira para aquecer e secar a umidade da casa (o ambiente) durante a noite, pois quando chovia ficava tudo muito molhado. A sede estava muito deteriorada ainda. Não havia camas para todas dormirmos, o chão se fazia cama! Não havia colchões, um amontoado de roupas era o colchão. Não havia cobertas para afastar o frio, a roupa do corpo nos cobria. Muitas vezes a comida não alcançava para todos pois as mães traziam suas crianças e os cuidadores da Ciranda, não previstos. Mas em tudo e sempre quem não nos abandonava era a alegria de estarmos em missão com estes migrantes Sem Terra.

As oficinas, o estudo, as dinâmicas em Arte Terapia proporcionavam um ambiente de confiança entre as mulheres. Era fazer uma viagem ao passado, uma viagem por dentro de si, buscando os sonhos que estas mulheres carregavam, e os relatos de histórias de vida eram acolhidos por todas e todas se sentiam retratadas em cada experiência, e o fortalecimento se dava na troca de saberes entre elas.

O Aprendizado inesquecível foi poder descer, pisar, experimentar, conviver, sofrer junto com estas mulheres, atravessar os limites juntas, aprender e ensinar juntas, alimentar a Utopia e a Mística da terra, trabalhar e Viver, com tudo o que a boa MÃE-TERRA dá a seus filhos que a buscam com ternura, determinação e entrega! Eu, Nós, nos sentimos Congregação VIVA, Presente como Scalabrini queria. Foi desafiador, mas foi muito enriquecedor. Recordar agora, é sentir outra vez a presença daquele que sempre quis que estivéssemos lá, com elas e eles Sem Terra, agora, iniciando seus passos na posse da Terra-Vida. Vida em Abundância!

Talvez, se tivéssemos dado uma presença continuada, dando-nos a conhecer mais e melhor às famílias e juventudes, Deus poderia ter suscitado vocações para cuidar dos migrantes hoje!

Conto um fato pitoresco onde estivemos no assentamento de Manuel Viana, ainda no início onde as famílias estavam se organizando há alguns anos, onde a abundância já se fazia tanta. Não tinha estradas para escoar a produção caseira, nem comércio para consumir tanta produção, e as famílias comiam com fartura. Então, era tamanha a produção de ovos que as galinhas produziam por família, recolhidos a baldes, que eram dados aos porcos para comerem, e da manteiga, faziam sabão! O que conseguiam vender era o leite, 11mil litros por semana.

Recordamos os imigrantes italianos vindos ao Brasil lá no início, nas regiões do Sul do Brasil, faziam a festa “de la cucanha”, ainda hoje é feita em Veranópolis, RS, festa da fartura! Assim era, e é hoje nos assentamentos. O povo Sem Terra não passa fome!

Como Animadora Vocacional, não podia levar as jovens que eram de menor, mas toda a vivência desta semana com as mulheres, me ausentava por um mês, na casa de formação e, era compartilhada e rezada com as jovens formandas e as irmãs da comunidade, Sagrada Família – Caxias do Sul. A formação com as jovens também se dava com esta metodologia, com a arteterapia e elas faziam a experiência a partir do aprendizado, com mulheres no centro de atenção ao migrante, em Caxias do Sul, durante este período de formação.

Faço a relação hoje, que as jovens que não seguiram a Vida Religiosa, retornaram à família com melhor saúde e, seguiram com cursos na linha de cuidado, psicologia, biodança, arteterapia, enfermagem. A formação no cuidado integral da pessoa humana e integração do conhecimento com a realidade transforma a vida. Isso se percebeu no trabalho com as mulheres, como também com as jovens no processo de formação.

Ainda hoje, temos este desafio, como instituição, de dinamizar a formação num processo de unir a fé e a vida, conhecimento e aproximação da realidade dos migrantes. Viva Scalabrini, que nos deixou este legado com seu exemplo de itinerância no caminhar com os/as missionários/as, migrantes e sendo profecia na igreja e sociedade de sua época.

Em 1999, na Diocese de Goiás, a Ir Zenaide acolhia a Ir. Maria Ozânia da Silva, que deu continuidade, por mais 9 anos, a atuação MSCS junto ao povo daquela diocese que lutava pelo direito a estar no campo e pela conquista da terra. Em sua partilha ao ser convidada para fazer memória de sua atuação junto aos migrantes sem-terra, a Maria Ozânia relembra como essa missão se concretizava.

Essa missão se concretizava da seguinte forma:

1. Fortalecer a luta pela terra e a permanência das famílias na terra, buscando contribuir na organização dentro dos acampamentos ou assentamentos, com a construção e vivência em grupo, na formação da conquista e valorização da terra no Brasil, na formação agroecológica, no trabalho coletivo, na garantia de educação de qualidade nos assentamentos ou transporte seguro para os filhos e filhas dos assentados, bem como apoio e contribuição na EFAGO – Escola Família Agrícola, essa escola foi criada para garantir educação de qualidade aos filhos de assentados, etc.
2. Fortalecer a Fé: Através de escolas Bíblicas nos assentamentos, celebrações da palavra e/ou missa, as romarias, as festas da colheita, etc.
3. Fazer acontecer a acolhida: Constatamos que 95% das famílias assentadas ou vivendo nos acampamentos, eram de outros municípios, assim sendo, quando tinham que ir à cidade para resolver questões de saúde, documentos e articulações políticas, não tinham onde ficarem; ficavam na rodoviária, ou no corredor de hospitais, assim sendo, em 2000 inauguramos uma casa de acolhida para os migrantes, possibilitando assim uma acolhida digna, com alimentação e afeto. Essa casa funcionava com o apoio da diocese, comunidade local, município e o estado. Muitas histórias, vivências e recuperação das energias para seguir a vida foi construída nesse espaço.

Foram 9 (nove) anos de vivência missionária nessa Diocese, com muito aprendizados. E ser presença Scalabriniana nesse chão, foi tentar dar testemunho do amor de Jesus aos mais vulneráveis, aos

que não tem para onde ir, aos que buscam uma vida melhor para suas famílias, aos que só tem a coragem, a fé e a esperança para seguir em frente. Sempre acreditei que se Madre Assunta, Scalabrini e Pe. José Marchetti estivessem vivendo e sendo missionários naquela realidade, não fariam diferente, pois o compromisso com Reino que eles tiveram, no tempo em que viveram foi o da promoção da vida, da acolhida, alimentar a fé, a esperança e lutar por vida digna para os migrantes, que encontravam em seu caminho.

O que dizer? Só Gratidão!

“Tudo o que aconteceu é bom porque vem de Deus”
(madre Assunta)⁶.

4.7 MST – Movimento Sem Terra e a fixação do camponês na terra

Sobre a atuação MSCS a partir dos anos 1990, especificamente junto ao MST, a Ir. Elda registrou notas sobre seu compromisso de assessoria e apoio ao Movimento, em diálogo com Lourdes Vicente, do próprio MST.

Peregrinos nas estradas de um mundo desigual,
Espoliado pelo lucro e ambição do capital,
Do poder do latifúndio enxotado e sem lugar, já não sei pra
onde andar.
Na esperança eu me apego ao mutirão!

O MST – Movimento Sem Terra articula famílias que vivem no campo, mas sem o acesso à terra para viver e trabalhar. São os denominados ‘Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra do MST’. Organizados de maneira coletiva, buscam diferentes formas de luta (ocupações de terras improdutivas, marchas, ocupações dos órgãos governamentais, como INCRA e SDA), para chamar a atenção da sociedade para o grave problema social, que afeta a essa população

⁶Maria Ozania da Silva. Goiânia, 25 de janeiro de 2024.

e que é resultado da concentração da propriedade da terra, nas mãos de poucos proprietários, denominados de latifundiários. A luta do povo Sem Terra é pela garantia do acesso à terra, a realização da reforma agrária e a transformação social, por um mundo de justiça e igualdade social.

Uma das experiências de viver junto aos sem-terra das Irmãs Scalabrinianas se deu nos acampamentos na região sul do Brasil, onde debaixo de lona preta, diversas famílias sonhavam com a terra para viver e trabalhar. E esse envolvimento se transformou em arte-engajamento onde podemos colocar a serviço dos trabalhadores a pintura de painéis, como forma de divulgar os sonhos, os projetos, as metas, a mística da luta, a resistência do Povo Sem Terra, e a utilização da natureza-viva, em forma de arte-mandalas, para um profundo diálogo com as sementes como patrimônio da humanidade.

Vale lembrar, também, a colaboração em materiais educativos como um dos painéis elaborados para encontros nacionais de educação, com destaque para o Caderno de Formação Ocupando a Bíblia e a cartilha infantil: estórias de Rosa voltada para as crianças Sem Terrinha. Foi importante também desenvolver outras habilidades com os alunos, como bordar suas roupas para a formatura em Pedagogia.

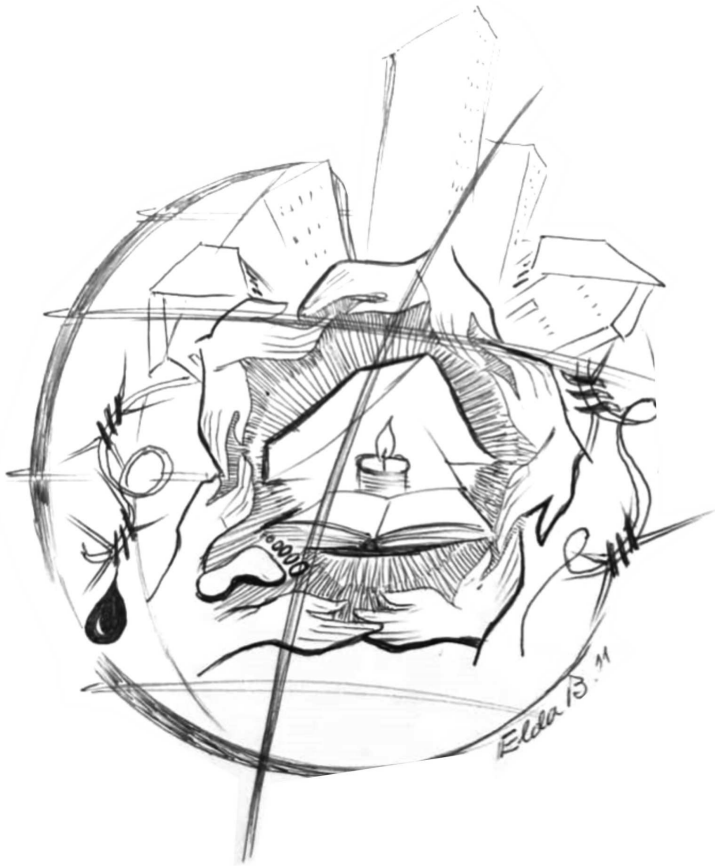
Um importante marco na nossa Congregação, foi a ida para Itália onde lá apresentamos e denunciemos essa realidade e, tivemos a oportunidade de anunciar a esperança, que vem da terra, através de um painel que fizemos, utilizando o desenho.

No caso do Ceará, a pastoral se fez presente no apoio às mobilizações desses camponeses, que aconteciam na cidade de Fortaleza. Uma das contribuições era a presença-solidária na Barraca da Saúde, um coletivo criado para cuidar da saúde dos trabalhadores, de forma preventiva, com medicina alternativa. No meio do acampamento era criado um Espaço para o Cuidado que foi denominado de “Saúde Itinerante”.

Também, nessas vindas para a capital, ao montar os acampamentos em plena Avenida de Fortaleza, podemos colaborar com os momentos celebrativos com atos ecumênicos e a oportunidade de envolver a juventude com diferentes oficinas, como de arte, de desenho e pintura.

As maiores colaborações na formação do Sujeito Coletivo Sem Terra foram as vivências denominadas de “mística da terra”. Eram momentos de cultivar a fé, a esperança e a rebeldia pela CAUSA da Luta pela Terra e da Reforma Agrária e toda a simbologia, que envolvia os momentos de resistência, para permanecer na luta diante dos conflitos; coragem e sabedoria para lidar com as adversidades, confraternização e festividades na conquista da terra.

Consideramos relevante, também, nesse resgate do acompanhamento e vivência com o povo sem-terra, a nossa participação nas atividades nacionais, como os Congressos Nacionais do MST e a participação na Marcha Nacional, que ocorreu do Rio à Brasília, em 1999 e que deu surgimento ao Movimento da Consulta Popular. Nessas atividades, colocamos a arte ao serviço da luta. Os painéis passaram assim a fazer parte da cultura do MST.



CAPÍTULO 5

5

PARTILHANDO VIDA E FÉ JUNTO AOS SEM-TERRA

A partilha das Irmãs traz pensamentos que interpretam os significados que aquela atuação representava para quem a vivia. Os textos do testemunho da Ir. Elda Broilo são permeados da mística que motivou, sustentou e fez sua atuação junto aos migrantes sem-terra desabrochar em vitalidade e frutos duradouros.

5.1 Mística na luta

É importante salientar que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, herdeiro das CEBs e da CPT, carrega desde o seu berço a prática e a vivência do Mistério da Vida, a MÍSTICA.

O MST tem como projeto a construção de uma sociedade igualitária, justa e fraterna, o Reino de Deus. Em sua estrutura e organização, tem como prática e cultivo de valores que lhe dá a força mística que o move, anima, orienta, discerne em todas as suas ações. O projeto é vivido com um dinamismo novo, na forma de desejo, impulso, paixão, amor pela vida, esperança e expansão. É a força da mística que sustenta o seu projeto, o socialismo, entendido, aqui, como Projeto de Deus, causa maior do Movimento. É esse dinamismo que leva a pessoa a níveis elevados de consciência, não medindo esforços pela sua apaixonante missão. É um modo de saborear a vida, a utopia, pessoal e coletiva.

De acordo com Ranulfo Peloso, quem vive em estado de paixão permanente, não vê a hora passar, nem se sente cansado. Essa afirmação brota pela sua experiência, militância e compromisso pelo projeto de Jesus Cristo. O mesmo se pode dizer do engajamento revolucionário de Che Guevara: “Deixe-me dizê-lo, sob o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor”.

Ela se expressa através de poesia, teatro, expressão corporal, palavras de ordem, música, imagens, e toda simbologia dos

movimentos sociais. Da memória de grandes lutadores e lutadoras da humanidade, da análise de conjuntura e dos símbolos do MST. Dessa forma, vira celebração que visa envolver todos os presentes em um único movimento, vivenciando um mesmo sentimento como membro de uma identidade coletiva de lutadores e lutadoras do povo que vai além deles mesmos, que é o recordar a história dos lutadores pelo bem comum, olhar para a realidade de hoje que precisa resgatar a vida com todos os seus cuidados, e o respeito a ela, e estender a visão ao futuro, como sonho de garantir a igualdade social, a partilha dos bens com sabedoria, inteligência, determinação, solidariedade e carinho que os fortalece na luta.

Mística é um conjunto de ideias, de convicções e de experiências que é geradora de comportamento e de hierarquia de valores. São essas convicções que formatam os valores e que engendram o conjunto de realidades simbólicas. Os elementos simbólicos que mantém viva a mística do MST, opção feita pela causa da luta pela reforma agrária, cuja essência é diminuir a pobreza desse país, desenvolver a dignidade humana e tornar homens e mulheres sujeitos de cidadania, que expressam sentimentos, emoções, ideias, gestos, símbolos e fé.

São elementos simbólicos: a Terra, a Cerca, a Tenda, a Semente, a Foíce, a Enxada, a Bandeira, a Flor, a Moradia, o Estudo, o Sol, o Caminho, os Pés, etc.

Falar de Mística é falar daquele “algo” mais profundo que habita o humano, ou o Mistério pelo qual o humano é atraído por ele. Quando esse Mistério toca o íntimo, o mais profundo do ser humano, provoca nele o desejo de proximidade, prazer, atrativo. Mística é um segredo que está por trás de tudo. Alimenta a relação com a vida social e pessoal.

Estar com os migrantes sem-terra rurais. Nosso objetivo junto ao MST ficou assim definido: Ser presença solidária da Igreja junto aos migrantes sem-terra, na busca da construção de uma nova sociedade de relações igualitárias, fraternas, por mais vida, por terra, pão e dignidade, num serviço de integração entre fé e vida¹.

¹ Outros documentos de arquivo atestam que houve muita reflexão acerca dos objetivos a que a atuação das Irmãs MSCS junto aos migrantes sem-terra se propunha. Um documento elaborado em Caxias do Sul pelas Irmãs Clotilde Pellegrini e Iracema Pietrobiasi, junto com o Governo Provincial da então Província Imaculada

No início de 1987 como disse, eu retornava de Goiânia onde lá estive por dez anos, inserida nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e me dedicando à Formação. Irmã Adélia retornava de Goiás, fins de 1987, a qual também passou muitos anos atuando na Pastoral do Migrante em diferentes municípios da Diocese de Goiás de Dom Tomás Balduino, inserida junto às CEBs.

Quando fui ao encontro de vocês, fui para anunciar-lhes o mistério de Deus, Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado. Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus. Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria. Como diz as Escrituras: “O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração não percebeu, foi isso que Deus preparou para aqueles que o amam”. Pois o Espírito Santo sonda todas as coisas até mesmo as profundidades de Deus. (1 Cor 2,1-10)

Partilho uma das orações que durante o tempo de acampada nos animou, nos acompanhou e nos sustentou na vivência, desta realidade, de acampamento:

Bendito sejas Deus, Pai-Mãe, Ternura!
Hoje me apresento livremente para dizer-te que aceito o desafio que me propões de viver de Fé e de Esperança junto com este teu povo.
Desejo ter apenas o necessário para viver, e ter um grande amor!

Conceição, com data de 03.02.1991, assim formulada o objetivo do “Projeto único – Acampamento de Bagé”: “Ser presença religiosa missionária-scalabriniana entre os Sem Terra, a fim de cultivar a fé e construir a nova sociedade”. Mais tarde, entre 2003 e 2005, As Irmãs Elda Broilo, Idalina Pelegrini e Eleia Scariot, com a assessoria da Ir. Albertina Pauletti, elaboraram um projeto intitulado “Uma nova “estação” de Milão 2005-2007”. O objetivo definido foi assim formulado: “Responder à realidade migratória dos acampados e assentados da zona rural, no contexto inter-cultural à luz do carisma scalabriniano, sendo presença transfiguradora de Jesus Cristo Peregrino, para construir relações novas, humanizantes e fraternas que levem a uma sociedade justa, igualitária, gerando o Reino de Deus” (p. 2).

Viver pobre, ser um sinal visível de Ti, Deus da vida, ser sinal de presença da Igreja junto a estes migrantes empobrecidos, que lutam por terra, vida e dignidade.

Amar a todos estes que me dás, manifestando meu amor por eles, fazendo-me solidária à sua luta e à sua organização. Feliz, renuncio a ter uma família particular, por causa do Teu Reino que acontece, aqui e agora.

Quero obedecer a ti, Deus Criador do céu e da terra, que a cada dia me mostras o caminho, através dos acontecimentos e pessoas que me cercam.

Contigo, Maria, Mãe de Jesus, dá-me viver com firmeza e coragem o poder que liberta, dignifica e amplia o espaço da vida, e rejeitar ao poder que marginaliza, oprime, explora, domina e mata a vida todos os dias.

Confio em Ti, meu Deus, Espírito libertador, confio na força revolucionária desta comunidade de fé, e na Congregação para os Migrantes a quem pertenço.

Vivo este meu compromisso de estar aqui com estes pobres que se organizam, e confiante, de que Tu, Deus Trino e Providente, caminhas conosco.

Amém! Assim Seja!”

(Acampamento, 1988).

5.2 Caminhar com amor junto com o povo que canta sua fé na luta

A mística da luta, a fé no Deus que caminha com seu povo que luta, a missionariedade scalabriniana em ação. Nas memórias da Ir. Zenaide, o testemunho, de que uma fé que compartilhada, se fortaleceu.

Transcrevo aqui partes apenas de uns versos que me lembro. O Povo canta com alegria a sua luta e sua conquista.

- **Prédio de amor:** Meus amigos lá da roça e todos os trabalhadores, com suas mãos calejadas, também sinto a mesma dor. Hoje eu moro na cidade, também sou um lavrador, quero construir um prédio pra morar todos os irmãos. “Quero um bom material pra fazer esta construção, um concreto de amor - paredes de união”.
- **Quero entoar um canto novo** de alegria, ao chegar aquele dia de chegada em nosso chão. Com meu povo celebrar a alvorada, minha gente libertada, lutar não foi em vão. . .
- **Romaria da terra faz o povo reunir**, numa luta sem guerra, nos lutaremos por ti. A terra é sagrada feita por Nosso Senhor...
- **Nossa alegria é saber que um dia**, todo este povo se libertará, pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo, Nossa esperança realizara...
- **Somos um povo de gente/ somos o povo de Deus**
- **Queremos terra na terra / já temos terra no céu.**

Queremos plantar a roça onde plantamos o amor
 Lavrador a terra e nossa/ de um afã e um só Senhor
 Retirantes chega o dia/de assentar o pé no chão
 Com fé em Deus e teimosia/ e na força da união.

Temos braços e esperança/somos gente hoje e aqui
 Se a pobreza é nossa herança/ Na justiça está o porvir.
 Conhecemos a verdade/ e sabemos ver e amar
 E exigimos liberdade/ Pra viver e melhorar.

Conhecemos a verdade/ e o Direito de ser mais
 E exigimos liberdade/terra e casa, mesa e paz. (bis)
 Lavradores vida nova/ gente unida em mutirão
 Gente unida a toda a prova/ de uma fé e um coração.

Essas matas pra lavoura/ Água clara e puro ar
 Mão na enxada e pé na espora/ e um bom céu pra esperar.

A mística vivida e celebrada pelas comunidades e pelos grupos que se organizavam para a conquista da terra, realmente era a força que impulsionava a famosa caminhada, seja eclesial, seja específica

na luta pela terra. Esta espiritualidade, fundamentada na Palavra de Deus era a confiança, a esperança, enfim, a fé que sustentava a coragem de seguir em busca do sonho almejado. O Povo cantava com alegria sua esperança e luta.

Na dimensão espiritual, eu creio que houve uma compreensão significativa sobre o Reino de Deus, o valor da Palavra de Deus conhecida e vivida, que sempre esteve presente na caminhada. Animou a fé de uns e fortaleceu o modo de viver a fé de outros. Eu fui enriquecida pela vida de fé de muitos, sobretudo mulheres, pelo seu testemunho de vida espiritual diante das situações e desafios, que se apresentavam e a gratidão diante de tudo o que trazia benefícios. Aprendi, com eles, a confiar mais na Providência Divina.

Ninguém se mantém numa luta se não tem esperança no que está buscando, pois o caminho é árduo e exigente. Não é para qualquer pessoa. A necessidade lança na luta, mas algo mais forte há de se ter para ir até o fim, visto que, nem todos os que iniciaram conseguiram chegar até a vitória.

Essa esperança que nasce da fé, estava presente desde o início da caminhada de cada pessoa, porém, ela se fortaleceu no estar junto e, mesmo no alimentar a própria fé e vendo a caridade, a solidariedade acontecer entre o grupos, com as pessoas que ajudavam. Eu vejo tudo isso como um fruto espiritual e por algumas expressões que ouvi em alguns encontros, que estão bem presentes em muitas pessoas até hoje. Mulheres e homens de fé, que entenderam que Deus tem um projeto, que é o de que “todos tem direito à vida, e vida em abundância” (Jo 10, 10). Por tudo isto damos graças a Deus. *Deo Gracias!*

Envolver-se nesta luta com fé é realmente ajudar os outros, é mesmo um ato de amor, que se torna também um Amor Político, uma relação de doação de vida num sentido mais integral. Esta experiência eu levo como atitude de vida a serviço do Reino.

Vale também destacar como fruto espiritual o respeito, a participação nos momentos celebrativos comuns, entre católicos e evangélicos. Na luta não havia separação. A mesma fé, a mesma esperança e caridade eram vividas, respeitando sempre as diferenças que existiam. Muitos momentos ricos, vivenciando esta diversidade religiosa.

5.3 Nossa atuação como Irmãs MSCS junto aos acampados do MST

No registro das memórias sobre a atuação junto aos sem-terra, a Ir. Elda também partilhou um trecho da reflexão em que se encontrava o registro da caminhada das Irmãs MSCS nessa missão, no final dos anos de 1980, que traz como título: Nossa ação pastoral junto aos migrantes sem-terra, como Irmãs Scalabrinianas. Ser presença solidária.

Desde o primeiro momento, de março até o final de maio de 1988, a inserção e a nossa enculturação, processo este através do qual, nós fomos aprendendo as exigências da cultura do MST, na qual estávamos nos inserindo, e adquirindo valores e comportamentos que são necessários para viver no acampamento, foi se realizando gradativamente.

Objetivo: “Ser presença solidária da Igreja junto aos migrantes sem-terra, na busca da construção de uma nova sociedade de relações igualitárias, fraternas, por mais vida, por terra, pão e dignidade, num serviço de integração entre fé e vida”.

Finalidade: O serviço de integração entre fé e vida.

Objetivos iniciais quando foi acertada nossa presença com a comissão executiva, foram:

- Ser presença solidária de Igreja e de Congregação, junto ao Movimento migratório dos Sem Terra;
- Ser presença na equipe da Religião.
- Preparar e formar lideranças para atuarem nas celebrações litúrgicas, na primeira eucaristia, batismos e casamentos.
- Formação e reflexões bíblicas.
- Presença na equipe de educação, e levar adiante a proposta da escolaridade para as crianças.

Desafios e Dificuldades que enfrentamos:

- Rotatividade dos membros das equipes.
- Viver com e como eles (acampar com eles).
- Como atender sem fazer proselitismo (ecumenismo).
- Medo de ficar sem lenha, comida, incertezas...
- Propriedades (barraca, água, alimentação, fogão, liquinho de gás e baú como único armário).
- A rapidez de mudança da conjuntura.
- Adaptação (nossa vida de irmãs é muito diferente da do povo), alimentação, acomodações, etc.
- Deslocamento: trocas contínuas de acampamento, localidade, insegurança diante do desconhecido. Ex. montar e desmontar a barraca, o que vamos encontrar, enfrentar, o que precisamos abandonar, se despedir sempre.
- Entrar e sair de uma diocese para a outra.

Coisas boas e bonitas construídas no MST:

- A partilha da alimentação, da lenha, de remédios, a cama e roupas.
- Os ensaios da vida comunitária (pobreza, obediência, castidade).
- A solidariedade com os doentes e necessitados a qualquer hora.
- Nada desanimava. Experiência de fé (fidelidade), de confiança, de compaixão.
- Disponibilidade das pessoas (pertença ao todo). Ser para os outros.
- Abertura: **pobreza**: partilha de si mesma, dos bens, do espaço, do tempo, dos dons...; **Obediência**: ao serviço, sempre prontas, despojamento, descer ao fundo do ser, ouvir, para poder caminhar com eles; **Castidade**: amar o outro como ele é, querer bem sem distinção, sem discriminação, amar e deixar-se amar, criar empatia.

Criamos relacionamentos com as famílias e as crianças, com a organização do Movimento e aprendemos a acolher suas vidas, sua história, sua consciência, sua luta e sua fé, e abrindo nossa consciência a esta realidade nova e desafiadora, sempre atentas e abertas para o momento certo prestar o nosso serviço, pelo qual fomos enviadas, a estes migrantes.

O estar com eles, sem nenhuma atuação foi importante para darmos tempo, a nós mesmas, a conhecer a rotina de um acampamento, sua estruturação, suas normas, objetivos, como se movimenta toda organização, perceber suas necessidades, e darmos espaço para que, a seu tempo, nos pedissem para participar no que necessitavam que fizéssemos. Assim, como nós estávamos conhecendo quem eram eles e o que queriam, eles estavam nos conhecendo, também, e o que queríamos, no estar ali, com eles.

As necessidades do acampamento aumentavam, e a confiança em nós também crescia, levando-nos a assumir outros serviços como: atuar na equipe da educação, que além de dar continuidade aos estudos das crianças, era preciso organizar, ampliar, formar, acompanhar as educadoras, a fim de ocuparem a maior parte do dia o estar com as crianças, para que nenhuma criança ficasse fora da escola itinerante. Criar materiais e condições criativas para atuarem no acampamento, bem como criar artes adequadas para responder às necessidades que surgiam,

Manter permanentemente as visitas às famílias, escutar seus desabafos, necessidades, problemas, dificuldades, animá-las a seguir com fé e esperança, aliviando cansaço, depressão, ansiedade, medo, insegurança, pois viviam numa situação limite em tudo; tomar um chimarrão com alguma família que precisavam apaziguar-se, reestabelecer relações novas como casal; manter a memória viva e presente de tudo o que acontecia no acampamento para celebrarmos todos juntos.

Conservar a fé e alimentar a esperança, levantar o ânimo para seguir a caminhada até à meta final.

Era significativo para nós, irmãs ouvir: “elas eram uma honra para o movimento”! Durante os momentos de nossa oração diária no barraco, bem cedinho, a porta do mesmo ficava fechada como sinal de que “as irmãs estão rezando”. Isso era maravilhoso, e nos animávamos na nossa itinerância com eles.

Organizou-se a equipe das mulheres, espaço para estas falarem das suas dificuldades, seus sonhos e descobrirem suas qualidades, poderes e potencialidades. Participarem das discussões internas da coordenação.

Com a equipe da comunicação, preparar o material de propaganda, criar um fundo de sustentação com o artesanato a ser vendido nas marchas e visitantes ao acampamento, despertando talentos e cultivando saberes.

5.4 O que nos sustentou nesta missão

A longo de quase meio século de presença e atuação, em 11 estados do Brasil, em diferentes momentos da caminhada na luta por terra, pão e dignidade, com diferentes caminhos, etapas, estratégias e contextos, as Irmãs foram tendo a oportunidade de pensar, aprofundar o significado e partilhar o sentido e a aprendizagem da missão vivenciada junto a trabalhadores sem-terra, pelo Brasil afora.

Na missão das Irmãs MSCS em solidariedade com a luta por terra e dignidade, especificamente, junto a migrantes sem-terra, a partilha e a comunhão entre as Irmãs favoreceu a identificação das razões da caminhada e dos referenciais que animaram a jornada.

O que nos sustentou nesta missão foi:

- Primeiramente o fato de pertencer à Congregação, que nos enviou a esta Itinerância junto aos migrantes internos.
- A acolhida das irmãs da minha comunidade João Paulo I, em Porto Alegre, às mães e seus filhos acampados na Secretaria da Agricultura, e que necessitavam de banho quente pois era inverno, frio e chuva, e lavarem suas roupas, oferecer um lanche à tarde. Foi um gesto lindo de comunhão, da comunidade.
- O apoio da Igreja por onde passamos.
- O apoio e presença que nos vinha das irmãs, nossa formação da consciência, nossa fé em Jesus Cristo Peregrino, amoroso, compassivo...

- A ter abertura, acolhimento e inserção na realidade cotidiana de sermos acampadas com os acampados;
- Ter consciência onde estávamos colocando nossos pés, nosso coração, nossas vidas.
- Colocarmo-nos dispostas a ouvir com atenção os lamentos, as histórias de vida, as aflições, as dores, a saudade, as angústias, os sofrimentos, a ansiedade, o medo, os problemas, e diante desta realidade, silenciar! Depois, ajudar.
- A oração pessoal contemplativa, a oração partilhada entre nós duas irmãs, a oração do povo-comunidade, a preparação das orações e das celebrações, que nos remetia ao Senhor da Vida e da História. Ele estava sempre ali!
- Os sinais visíveis da presença de Deus na travessia para a ocupação; na cruz que revelava a verdade; na organização que animava a caminhada da CRB, dos sacerdotes, Apoios sociais das CEBs, o carinho com gestos concretos, dos acampados, os avanços e conquistas sem violência.

Mais tarde, depois da etapa de acampamento, conhecendo melhor a realidade e a proposta do Movimento, eu Ir. Elda e a Ir. Idalina Pellegrini somamo-nos ao Setor de Gênero, onde atuamos junto às mulheres das diferentes regionais, acampadas e assentadas, desenvolvemos uma prática de formação em arteterapia, buscando materializar o Projeto de Vida dessas mulheres, que tem a ver com o projeto de vida social e coletivo do Setor de Gênero, em nível nacional. Com elas desenvolvemos atividades organizadas, criativas e planejadas, com vivências, partilhas, sensibilizações, danças, exercícios físicos e a construção de uma linda Mandala com os elementos que compõem parte do projeto de vida das mulheres da Organização: formação, educação, produção, saúde, artesanato, lutas. Esta atividade representa a forma feminina e criativa de ser e a força política que a mulher sabe ter, com energia e para brilhar.

O fato de sermos mulheres, femininas e, consagradas, nossa prática pastoral creio que revela muito o rosto feminino da migração.

Eu, Ir. Elda, fui convidada a participar da equipe de propaganda e comunicação. Coordenei a obra do 1º painel, construído, coletivamente, para os militantes do MST para o Congresso nacional.

Depois daquele, outros foram sendo produzidos. O último painel que ajudei a construir foi para o Congresso Nacional de 1999.

A força viva da Oração. O Espírito Santo de Deus, a certeza da Palavra, “Eu Estou com vocês, todos os dias” (Mt 28,20), iluminava todas as nossas ações no dia a dia de todos nós. Muitas vezes o Acampamento entrava num desânimo, num impasse do que fazer, como prosseguir, que atitude tomar para seguir adiante e sair do marasmo em que nos encontrávamos. A oração ao pé da cruz com o povo, ou a oração pessoal, abria caminhos novos clareando ideias, que com segurança percebíamos ser a luz divina a iluminar para qual ação, ideia, situação, ou atitude tomar, nos conduziria para uma saída, um avanço feliz.

Ainda bem cedo, em cada novo dia, a porta da barraca (porta de lona) fechada, eu e a Ir. Adélia fazíamos nossa oração da manhã, nosso encontro pessoal e comunitário com o Deus do Êxodo. Recordávamos como foi o dia anterior, retomávamos as pendências que ficaram do outro dia, e organizávamos o novo dia, conforme a conjuntura atual.

A nossa barraca, normalmente montada num canto do acampamento, servia como ponto neutro para certas reuniões, especialmente da coordenação geral.

As pessoas que nos buscavam na barraca por alguma necessidade, e a porta (de lona) estivesse fechada, sabiam que as irmãs estavam rezando, ou programando o dia, ou se alimentando, ou estudando, ou escrevendo. Nós tínhamos avisado que seria assim e que a gente não atenderia, até abrirmos a porta, e então, esta ficaria aberta até meia noite para quem precisasse. Recordo aqui, que as pessoas cedinho se aproximavam da nossa barraca, e vendo-a ainda fechada, diziam: “Elas estão rezando, ainda!”. E saíam.

Os desenhos do painel da Lectio Divina, que foi reproduzido muitas vezes e amplamente utilizado na congregação e também nas pastorais, são uma expressão deste momento vivido pessoalmente, celebrado entre nós irmãs como comunidade, e com o povo de Deus. Esta é uma expressão da vivência espiritual nascida com os sem-terra e confirmada por Frei Carlos Mesters.

Feita esta primeira etapa do dia, saíamos para estar presente nas diferentes reuniões das coordenações dos serviços e atividades diárias do acampamento.

O desaparego e a Providência Divina. Quando saíamos para participar das atividades do acampamento, atávamos com uma corrente e um cadeado, o pau da porta de plástico com o pau mestre da barraca. Com isto, queríamos dizer que não estávamos em casa, e significar um certo cuidado com os nossos poucos pertences. Mas era preciso quebrar este e muitos paradigmas. Precisávamos despertar em nós o acreditar que o “nosso” era cuidado por todos. A tal ponto que, um dia, ao voltarmos na barraca para preparar o almoço, alguém havia colocado dentro da nossa barraca um pão, umas raízes de mandioca, uma latinha de açúcar mascavo, um pedaço de carne da caça da noite, frutas, verduras, ovos. A cada dia nos surpreendiam com sua gratuidade e carinho.

Quando alguém ia para suas comunidades, quando retornavam, tinham este lindo e delicado gesto de partilhar algo conosco, irmãos. Nós nunca sabíamos quem eram estas pessoas que partilhavam do seu pouco, trazido de longe, ou caçado de noite. Não tínhamos a quem agradecer porque não sabíamos quem eram. Era pura gratuidade e gentileza! Este povo nos queria muito bem!

Recordo que num destes dias, enquanto estávamos no serviço, alguém decidiu fazer lenha, ou melhor, cortar lenha para o nosso fogãozinho de boca pequena. Não podendo colocar a lenha dentro da nossa barraca, porque estava com o cadeado, arrumaram a pilha de lenha cortada, prontinha para queimar, fora da porta. Então nossos olhos se abriram! Nos damos conta que a corrente e o cadeado não mais combinavam ali. Jogamos longe. Nunca mais o colocamos, e se perdeu. Aprendemos a lição do cuidado amoroso, coletivo. Tudo o que nos restava era, alegremente guardar a lenha dentro do barraco.

Que maravilha! Restava-nos agradecer à Divina Providencia, por tanto carinho e cuidado. Esta era a surpresa da Providência Divina que nos cuidava delicada, terna e amorosamente! Os pobres são assim de lindos! Eles são o gesto concreto da ação de Deus na sua manifestação. É maravilhoso caminhar nesta certeza do seu amor presente, gratuito e providente. **MAS ENFIM, O QUE FOMOS FAZER LÁ?**

Viver e Conviver com os migrantes. Partir para viver e conviver com os migrantes Sem Terra, assumindo a possibilidade de sermos rejeitadas, criticadas, questionadas por estarmos com eles, uma vez

que os meios de comunicação social distorciam a verdade e a razão dos fatos, criando e divulgando uma má fama deles, dividindo a opinião da sociedade. Tanto é que a minha família, da Ir. Elda, a questionava muito. Meu irmão, João foi até o acampamento, para ver em que condições nós vivíamos. Muitas das nossas irmãs não entenderam também o porquê viver acampadas com os sem-terra. Afinal, este movimento de camponeses, com tal jeito de ser e atuar, “roubando a terra dos outros”, não era bem-visto, por alguns setores da igreja e da sociedade. Eu carregava e vivenciava um sofrimento por não poder falar, contar o que e como era a vida junto aos sem-terra a ninguém! E se o fizesse, era com muito cuidado. Salvo, quando nós irmãs voltávamos para a província a fim de passar alguns dias a descansar. A provincial, Ir. Amélia reunia as irmãs para que se contasse a convivência e experiência junto aos Sem-Terra. Isto era confortante!

Era um desafio, uma grande aventura, e uma experiência única de fé e confiança entregada ao Espírito de Deus, de estar com eles. Em certos contextos mal-informados, era prudente não falar deles, para que não fossem criticados!

Nós somos loucos por causa de Cristo; e vocês, como são prudentes em Cristo! Nós somos fracos, vocês são fortes! Vocês são bem considerados, nós somos desprezados! Até agora nós passamos fome, sede, frio e maus tratos; não temos lugar certo para morar; e nos esgotamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos amaldiçoados, e abençoamos; perseguidos, e suportamos; caluniados e consolamos. Até hoje somos considerados como o lixo do mundo, o esterco do universo. (1 Cor 4,9-13)

5.5 Aprendizagem para a vida e a missão

No testemunho da Ir. Elda Broilo, as palavras tentam expressar, com o olhar retroativo e com fé cheia de gratidão pelo caminho percorrido, algo do que significou aquela vivência para sua vida e para a comunidade religiosa que participou, de alguma forma, da experiência.

Eu aprendi a amar esta parcela migratória, amei e os amo muito. Eles são o espaço sagrado onde toquei a Deus Pai e Mãe; Deus Filho Jesus; Deus Espírito Santo de Amor. Segui o Caminho, a Verdade e a Vida! Foi para mim, Elda uma das maiores experiência de Encarnação como Consagrada a Deus na vivência do Carisma aos Migrantes. “Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito” (Rom 12,2).

Uma vivência de valores e verdades como Projeto de Deus no cuidado à Vida:

- Repito dizendo: “CONVIVER com eles, hóspede na TENDA e peregrina no CAMINHO”,
- vivenciar a mística da terra, no serviço evangélico da formação e da arte;
- aprender a contemplar a Palavra e a Vida;
- resgatar, respeitar e valorizar ecumenicamente as culturas;
- construir relações novas e humanizadoras;
- ajudar a juventude a responder à sua vocação;
- cuidar das fontes da vida: o corpo, a alma e o espírito, o visível e o invisível.”

Foi a grande experiência de encarnar, seguir e testemunhar a Jesus Cristo, vivendo na provisoriedade, nas surpresas de cada dia, dando passos ora seguros e ora inseguros em cada nova situação, enfrentando desafios, confiando na amorosa Presença Divina e Providente, na certeza de ser este um grande sonho desejado por Deus: estar com os migrantes caminheiros para a terra prometida, por direito sagrado de filhos do Pai Nosso!

De pés descalços, nos aproximamos da Sarça Ardente. Por ser sagrado o chão onde pisaríamos, pois Deus se revelou, em tudo, neste lugar.

Diante da Sarça. Fomos aprender a descer, juntar nossas raízes migrantes com as deles, os migrantes, sentir o que sentiam, viver o que viviam e reaprender a ser aquelas que ali estavam para consolar,

animar, encorajar e empoderar estes migrantes a alcançar sua meta, chegar na posse do direito de viver.

Fomos aprender a descer, a pisar o chão deles, a ver, a ouvir, a sentir, a experimentar o que é a falta de tudo e a luta para conquistar algo fundamental.

Fomos escutar as histórias de dor, de sofrimento, de sonhos por eles contadas.

Fomos aprender a ter uma paciência ativa de esperar chegar, quando chegasse o que buscavam, a enfrentar e superar os inúmeros obstáculos com fé e determinação o poder dominante e todas as suas mazelas e consequências!

Fomos ensinar pouco e aprender muito! Nossa mochila estava leve quase vazia, quando fomos, e quando retornamos estava plena da novidade de Jesus Cristo Encarnado, único, Ressuscitado.

Fomos oferecer nossa presença gratuita de simplesmente estar com eles, de atender no quê e quando precisassem, podíamos ajudar.

Fomos vivenciar o Espírito deste Carisma tão grande para a Igreja, para a Congregação como Consagradas, fomos vivenciar a vocação pessoal de Pobreza, Castidade e Obediência.

Fomos ativar e entrelaçar com eles a nossa fé, a nossa confiança, a nossa esperança e o nosso amor!

Fomos rezar com eles ora individual, ora comunitariamente nas surpresas da vida cotidiana, especialmente nos momentos de conflito, de tensão, mas também de vitória e alegria, chamando carinhosamente a Deus, em seus tantos nomes, que nos dava tanta força: “EU SOU”, “EU ESTOU”, Deus Fonte Criadora de Tudo o Que É, Deus Libertador, Deus Providente, Deus Curador, Deus Protetor, Deus Amor, Deus Compaixão, Deus Servidor, Deus Caminho, ou simples e plenamente: Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo!

Fomos perceber como o Espírito Santo de Deus atua nos pobres, os move com sabedoria e coragem!

Fomos escutar, no mais profundo, o que a Palavra de Deus revela aos que a ouvem com Alma e espírito solidário!

Fomos aprender a perceber, cotidianamente, as infinitas manifestações e possibilidades no cuidar da VIDA! Ali, com eles, aprendemos a usar as plantas que curam!

Fomos experimentar quanto forte e corajoso é o povo quando tem liderança, planos, metas, direção definida, determinação e unidade no caminhar, perdão e misericórdia, compaixão, bondade, partilha, companheirismo, superam as maiores dificuldades!

Fomos experimentar o que é a partilha, o que é viver da provisoriedade, o que é viver com pouco ou nada!

Fomos exercitar o desapego, a partilha e a solidariedade!

Fomos aprender a exercitar, com eles, o sacrifício, caminhar na madrugada congelada, levantar de madrugada fria e fazer uma mamadeira para acalantar crianças, que choravam de fome e de frio.

Fomos aprender a superar limites, quebrar paradigmas, superar o medo, resistir sem nunca desistir, seguir com os olhos fitos no horizonte, lá onde a terra é promessa de VIDA.

Fomos conhecer e constatar a imensidão de terra que existe no Brasil, improdutiva, para criar gado e soja de exportação, obter lucros sem pagar imposto, acumular riqueza e fazer-se rico em detrimento dos pobres!

Fomos aprender a ter consciência do cuidado, não ser descartável e de agradecer cada novo dia vivido, carregado de infinitos benefícios e possibilidades! “Laudato Si”.

Aprender, que os sonhos que o povo carrega, deixando tudo para trás, são possíveis de serem realizados e, mais facilmente, quando se caminha juntos.

Fomos aprender a ser presença, e apoio na caminhada destes migrantes: manter viva a memória do caminho feito desde a saída das suas bases; recordar as conquistas, os desafios e os fracassos superados para avançar; agradecer bendizer e celebrar cada criança que nascia, abençoar os alimentos conquistados e repartidos, e tudo o que nos mantinha no caminho, a Palavra de Deus, fonte de orientação, alimento e celebração!

Fomos viver nossa vocação, converter-nos, tentando entrar e construir o Reino de Deus!

5.6 Sobre a grandeza da missão junto aos sem-terra

No testemunho da Ir. Idalina, sobre sua experiência junto e em favor de migrantes sem-terra, mais partilha do sentido e da grandeza daquelas vivências.

Minha presença nesta missão foi de quem se colocou como aprendiz, foi minha primeira experiência missionária com maior aproximação na vida das comunidades. Escutar, socializar com a comunidade das irmãs, equipe missionária, pastorais sociais, igreja local e junto às lideranças organizadas entre si, buscar instituições públicas de Defesa dos Direitos Humanos. Foi um grande aprendizado, caminhar no tempo da comunidade, reconhecer que é melhor caminhar um passo com mil pessoas, do que me apressar e caminhar mil passos sozinha. Este foi um grande desafio a mim mesma, com traços fortes da cultura sulista de querer fazer e resolver tudo no meu tempo.

Aprendi a ser ponte, construir rede, acender uma pequena luz e me juntar a outras tantas que já estavam aí esperando se unir para uma luz maior, uma consciência do direito diante da vida, que está acima da lei. Aprendi que o sonho de Deus, o Reino de Deus estava ali muito antes de eu chegar, e que eu também precisei deste espaço para me reconhecer na missão como cristã, missionária consagrada, com a missão de estar como Discípula de Emaús, reconhecendo a presença de Jesus Peregrino aí, nesse caminhar, na jornada e não necessariamente na chegada. Aprendi que a missão Scalabriniana se atualiza na Congregação e no mundo dos migrantes, na medida em que acontece o encontro da Vida e da Palavra, que ilumina a mente e o coração e se traduz em ação com as mãos e os pés em missão, a exemplo de Scalabrini, que no rosto do migrante sabia ver o rosto de Cristo.

Gratidão à Congregação e à equipe do CSEM, pela oportunidade de socializar esta experiência, que deu muito sentido ao meu ser missionaria Scalabriniana junto aos migrantes.

Nos testemunhos das Irmãs que falaram e escreveram sobre a atuação MSCS na luta por terra e dignidade, também a Ir.

Lucia Boniati, Superiora Provincial da Província Imaculada Conceição entre 1993 e 1999, deixou a narrativa de sua memória sobre o significado daquela missão.

Nosso trabalho com o Movimento dos Sem Terra foi assertivo, foi um ir ao encontro, ir buscar esses migrantes no caminho deles... Naquela época foi uma ajuda inexplicável da nossa congregação. Era gente sem-terra e que queria terra para trabalhar. As Irmãs ajudaram a construir o movimento, construir hortas, construir o que eles precisavam. A Ir. Elda foi a mentora de tudo. Ela e a Ir. Adélia Werner conduziam a educação, e isso foi muito importante, teve resultados. A nossa congregação fez um trabalho muito importante pelos sem-terra. Eu sempre procurei acompanhar essas irmãs, para que fizessem um atendimento humanizado a essas criaturas, especialmente apoiar as mães, pois muitas vezes não tinham nem o que dar de comida para as crianças. Foi um momento muito bonito...

A grande sacada de nossas irmãs com o Movimento Sem Terra ,foi criar a questão da educação, organizar a educação, através da arte, da catequese, da liturgia dominical, formar com o foco em como aquelas pessoas podiam se tornar protagonistas nesse tipo de vida e poder sustentar suas famílias. A Adélia fez um belo trabalho, a Rita Zanotto também. Outra, que na sua simplicidade e dedicação extrema fez um lindo trabalho foi a Clotilde Pellegrini, que se entregou de corpo e alma para trabalhar com os sem-terra, ela tem uma capacidade muito grande de acolher as pessoas, de trazer as pessoas para ela e de trabalhar com elas, ela é um testemunho de uma irmã que tem a simplicidade, humildade e transmite grande bem com as capacidades que Deus deu a ela. Essa criatura ajudou muita gente! “A Ir Clotilde é uma mãe pra nós e para nossos filhos!”, foi o que uma mãe me disse! A Adélia foi muito desafiada, ela enfrentou, foi perseguida, buscada pela polícia, tanto que a gente teve que afastá-la de lá porque ela estava sendo marcada, e ela assim mesmo, como se nada fosse continuava atendendo, ela correu risco de vida para salvar vidas, acho que isso é a grandeza de nosso carisma em nossas irmãs simples, eu admirava muito.

A própria Ir. Elda, com todos os dons que Deus deu a ela, arte, música, pintura, ela nunca deixou os dons adormecidos, ela colocou isso a serviço para que outros tivessem mais vida. No momento em

que elas estavam lá no acampamento talvez a gente não percebia, mas na verdade isso tudo acontecia através da consistência na vida deles, do que foi passado pelas irmãs, eles viram que isso era importante, assumiram o protagonismo, desenvolveram o que a Irmã passou e se tornaram agentes de sua própria história, em buscar seu próprio chão. As irmãs foram iluminadoras em seu trabalho. Elas não foram na política, elas estavam entregando a vida delas para que outros tivessem mais vida e buscassem uma forma diferente de viver a própria vida.

Eu volto a dizer: elas nunca estavam lá como protagonistas delas mesmas, estavam caminhando junto com eles, buscando a partir deles. Eu acho que o Movimento Sem Terra é um dos serviços que a congregação assumiu, realizou nos anos passados, que partiu da própria realidade dos migrantes. As irmãs não foram lá impor normas, elas foram lá, a partir deles, para ver o que era possível fazer com eles e a partir deles.

5.7 Lembrando e escrevendo hoje sobre aquela atuação

A Ir. Maria Tonello² exprime sentimentos de gratidão e reconhecimento, que também foram manifestados por todas as Irmãs MSCS escutadas durante a coleta de testemunhos sobre a atuação MSCS junto aos migrantes sem-terra.

Sinto paz e alegria por haver ajudado a tantos: mães, crianças, jovens. Muitos viviam em barracos de palha à beira da estrada, à espera de uma oportunidade de trabalho. Sinto alegria e paz no dia a dia do meu viver como Irmã scalabriniana. Renovo sempre minha consagração por padecer junto a tantos irmãos, irmãs e crianças, muitos sem o que comer ou pouco para saciar a fome, homens e mulheres sofridos... mas o que me edificava era a esperança que tinham e a alegria... Muitos eram expulsos pelos fazendeiros e/ou a polícia. Aprendi a renovar a fé e a esperança com os mais pobres.

² TONELLO, Maria. Experiência Pastoral. Relato enviado do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM. Farroupilha, 21 de setembro de 2022.

Ir. Ana Maria Delazeri concluiu seu relato sobre a atuação pela causa dos migrantes sem-terra testemunhando a importância dessa experiência missionária para sua vida e vocação.

Para mim, as experiências e vivência junto às famílias e comunidades dos migrantes sem-terra, na luta em busca de condições humanas e dignas de sobrevivência, me oportunizaram fortalecer o chamado-consagração no seguimento a Jesus Cristo, reconhecendo-O na pessoa dos pobres e excluídos; elas e eles favoreceram a retomada das minhas raízes, pois sou filha de pequenos agricultores que também lutaram pela conquista de um pedaço de terra, de onde tirávamos o sustento para sobrevivência da família. Nesse sentido, em mim, cresceu a simplicidade de vida, a capacidade de resistência na luta, o amor, o compromisso e a consciência do anúncio do Reino de Deus, Reino de justiça e fraternidade, e também de denúncia das situações de violação dos direitos e da dignidade humana.

Ao finalizar seu relato, a Ir. Zenaide se pergunta sobre resultados e desafios da atuação na luta pela terra, tão importante em sua trajetória pessoal, vocacional e missionária.

Resultados. Eu creio que os resultados, os frutos da pastoral e do movimento, nem todos são mensuráveis, mas muito pode ser visualizado do que os assentamentos rurais trouxeram de movimento e produção no município. É grande o reconhecimento por toda a população, a tal ponto que são muito reconhecidos os seus produtos. O que era contestado, criticado no tempo da luta, hoje é valorizado, pois os frutos falam por si. Trabalho honesto, produção mais orgânica, natural e a prova do valor da agricultura familiar que tem dado uma nova cara aos produtos na cidade.

O que eu posso dizer como fruto social na caminhada para a conquista da terra é a formação de uma compreensão social, onde a consciência dos direitos humanos é meta de ação em favor da justiça, do direito de todos, sobretudo dos pobres.

Creio também, que como resultado foi e espero continue sendo a compreensão do valor de trabalhar em unidade, que ajuda a concretizar ações favoráveis a si próprios e a outros que necessitam de ajuda. Vários foram os projetos comunitários que, na grande maioria dos assentamentos, foram realizados como experiências que deram certo.

Desafios. Muitos desafios foram enfrentados e superados, quer pelas Irmãs MSCS, quer pelos migrantes.

Posso dizer que assumir uma missão na época junto aos que se organizavam para fazer acontecer a Reforma Agrária, através da pressão e ocupação, era um grande desafio.

Recordo-me do dia em que se fez o lançamento da luta pela Reforma Agrária em um ginásio de esporte, em Goiânia. Naquele dia, recebemos bombas de gás, para dispersar o povo que ali estava. Foi um tanto assustador para quem nunca havia vivenciado um momento de repressão dessa forma. Mas de todo o modo, o evento aconteceu. O fato de falar em Reforma Agrária era um desafio grande e realmente nos sentíamos todos desafiados a realizar algo para isto acontecer, pois a situação das famílias do campo que migravam para as cidades e o avanço do latifúndio, da terra improdutiva era muito grande. “Muita Gente sem terra e muita terra sem gente”.

É certo, o desafio exige sempre uma resposta e, uma vez iniciada a caminhada, os desafios iam aparecendo, mas a motivação e a necessidade ajudavam a enfrentar e buscar alternativas.

Um desafio era o de ter coragem diante de tudo o que acontecia, emboscadas, impedimento de ir para uma celebração ou reunião em fazendas. Telefonemas anônimos nas madrugadas. Viver o desafio das ameaças, daquilo que mandavam dizer e seguir em frente com a missão de ajudar diante das necessidades que se apresentavam. Era a fé viva no Deus da vida, que fazia superar e não temer diante do que acontecia, e do que também se ouvia dizer.

Um grande desafio vivido e superado era buscar tanto do lado dos migrantes como da comunidade das Irmãs e de outras pessoas da pastoral, alimentação, remédios e outras necessidades no tempo dos acampamentos. Mas isto se superava com campanhas de ajuda nas paróquias, gincanas culturais e bíblicas com a juventude, solicitando também tarefas de recolher vários tipos de alimentos. Como isto despertava a solidariedade!

Era desafiador trabalhar nos grupos acampados a formação nos diversos âmbitos, sobretudo no que se tratava das relações fraternas. Havia grupos mais harmoniosos, outros se apresentavam com mais dificuldades. Mas sempre a partir da Palavra de Deus que se buscava fundamentar o valor do amor fraterno, bem como a riqueza da diversidade, acentuando muito o valor da UNIÃO para alcançar os objetivos, as metas. Os momentos celebrativos ajudavam a crescer na unidade.

Realmente um desafio dos migrantes sem-terra e mesmo para nós que os acompanhávamos, era ajudar a viver um novo estilo de vida no acampamento. É algo exigente. Só quem participa sabe entender. Não era fácil para ninguém definir normas, cumpri-las ou fazê-las cumprir. O respeito que devia existir entre todos. O compromisso de todos nos serviços estabelecidos. A confiança com a equipe encarregada da negociação e a importância de ajudar um ao outro a manter a esperança, diante da demora em conseguir o que esperavam. Todavia, o tempo ajudava a encontrar saídas onde era mais difícil.

Em alguns grupos, se realizava a avaliação das pessoas que às vezes desobedeciam a normas mais graves; essas pessoas deviam ser avaliadas pelo grupo de forma pública. Esta era uma prática da coordenação do MST.

O que posso dizer que tenho recebido pela própria missão, pelos migrantes sem-terra, pelo Movimento? A vida é um aprendizado constante. Sobre minha missão na Diocese de Goiás, quero dizer que tenho dado sentido mais profundo de minha consagração a Deus como Missionaria Scalabriniana, pois iniciei esta caminhada sedenta de uma missão que desse sentido à minha opção de religiosa. Com a graça de Deus e a ajuda espiritual, partindo de uma experiência missionária junto aos pobres, com uma metodologia que iluminava a realidade, a partir da Palavra de Deus, foi a melhor preparação que podia ter feito para professar meus votos perpétuos, meu SIM DEFINITIVO a Deus, na Congregação, como tenho escrito no início desta minha história, ao iniciar minha caminhada, na Igreja de Goiás.

Ainda hoje, agradeço profundamente a Deus por ter sido enviada na Diocese de Goiás, pois fui para evangelizar e fui evangelizada, fui para ensinar e aprendi muito. Formei-me na Escola da vida e

do Evangelho. Aprendi a ler a vida do povo com os olhos de Deus. Recebi da missão a alegria de amar e servir a todos, mas de modo especial aos pobres e, mais concretamente ainda, os pobres migrantes sem-terra. Descobri de maneira mais profunda minha consagração a Deus no carisma, que Ele me chamou a viver, amar e servir.

O que tenho recebido deles, dos migrantes sem-terra? A coragem de lutar, de perseguir um sonho, sempre contando com a ajuda e a presença de Deus, vivendo a mística cristã, na perspectiva scalabriniana. Aprendi deles que na vida não necessitamos de muitas coisas, o desapego, a solidariedade, que Deus se revela nas pequenas coisas e que a oração verdadeira é a encarnada na realidade que se vive, seja ela comunitária ou no colóquio pessoal com Deus.

Aprendi, da história sofrida do povo da terra, que não posso ficar indiferente diante do sofrimento do migrante, das injustiças. A experiência me fez compreender mais o significado de ver na pessoa do migrante sem-terra e hoje mesmo do migrante internacional na pessoa do Cristo peregrino, que chega desprovido de tudo. Despertou bem forte em mim a indignação e ao mesmo tempo a compaixão, a misericórdia com os que necessitam de ajuda em todos os sentidos.

Diria, agora que estou numa missão mais específica, com migrantes internacionais: vivo na mesma intensidade o amor do Cristo presente, especialmente no migrante mais vulnerável, no refugiado precisando de tudo, sobretudo necessitados de serem acolhidos e reconhecidos em sua dignidade.

Do Movimento dos Sem Terra, posso dizer que foram fortes na organização. As lideranças contribuíram, sobretudo, nas ocupações, na organização durante acampamentos, com assessoria na negociação.

É bom lembrar que a grande maioria dos líderes do movimento eram fruto das comunidades de base, dos grupos de Evangelho da própria Diocese, que receberam também formação dentro da metodologia do Movimento. Algumas lideranças vieram de outros estados em momentos pontuais, para formação dentro dos princípios do movimento nacional.

Atualmente não tenho ligação com membros da Direção do Movimento MST. Desde que saí da cidade de Goiás minha missão voltou a ser mais em nível urbano, com os migrantes internos, em Goiânia, e alguns imigrantes.

Tive a graça, em 1999, de criar a Pastoral dos Migrantes, com a autorização de Dom Antonio Ribeiro Oliveira³, Arcebispo de Goiânia, abrindo depois de muita negociação, um Centro de Acolhida aos migrantes no Terminal Rodoviário de Goiânia. Uma experiência, também, muito significativa de minha vida missionaria. Até hoje existe, porém já se transportou por vários lugares, pois o terminal rodoviário está dentro de um Shopping, embora no mesmo local. Depois de dois anos fui para serviços de coordenação da Congregação, por uns anos em Cuiabá e, também seis anos em Roma. Assim que, me distanciei muito do trabalho específico exercido como missionaria scalabriniana, na luta pela terra, junto aos migrantes sem-terra.

Tenho encontrado alguns membros do Movimento em um encontro da Semana Dom Tomás, em 2018, como já narrado mais acima. Revivi este dia com muita alegria, participando do momento cultural, da partilha de comidas trazidas dos assentamentos para todas as pessoas que compareceram para abrilhantar um dia especial da semana Dom Tomás, dedicado à luta e à conquista da terra. Sou muito agradecida de modo especial à equipe da CPT, pelo convite e a homenagem recebida. Muito me alegra ver que a CPT segue com firmeza apoiando e acompanhando o povo do campo em todas as áreas, freando a migração para a cidade.

Tenho lido de **que a sabedoria é a arte de saber viver** e somos sábios quando vivemos bem, temos a capacidade de ser felizes e ajudar os outros a serem felizes.

Encanta-me ver a alegria, a felicidade de alguém que por uma palavra encorajadora, um gesto de compaixão, um olhar de carinho e acolhida, expressa sua felicidade de ser reconhecido. Tem muitos outros modos de fazer o outro feliz, que também me faz feliz. É sempre gratidão, por menor que seja a ajuda, o encontro.

Tenho tido momentos muito fortes de felicidades, de alegria na caminhada junto ao povo na busca por um pedaço de terra para viver e trabalhar. Quanta felicidade. Quantas partilhas ricas de vida e de fé. Oh! Como era grande a alegria de conseguir as ajudas

³ Arcebispo goiano que apoiava muito a luta do povo das periferias de Goiânia e um grande promotor das comunidades de Base, ou seja, uma Igreja como comunidade.

nas campanhas, para saciar a fome e ajudar os que necessitavam, sobretudo as crianças.

É claro que teve muitos momentos tensos e difíceis, mas fortalecidos pela fé, esperança e a confiança que Deus estava muito presente, fazia superar os medos.

Quando a conquista se realizava era uma alegria contagiante e o louvor a Deus acontecia de forma maravilhosa, onde eram esquecidos todos os percalços do caminho. Nestes momentos, a força da união para uma causa comum era valorizada e enaltecida. “Povo Unido Jamais será Vencido” era o lema durante a luta e na conquista.

Creio que pude registrar algo que me pareceu importante, embora muitas outras situações tenham merecido a memória, mas penso ser suficiente para um registro histórico desta caminhada junto ao povo migrante da terra, da terra prometida, da terra de Deus.

Sinto muito não ter podido escrever esta história em um tempo próprio e contínuo. Não foi fácil, em meio à missão, em outro país, aproveitando uns momentos para escrever. Por isso peço perdão, porque certamente quem leu pode ter percebido que não foi uma escrita continua. Mas valeu a intenção⁴.

Recordando os feitos de outrora à luz da fé

Com alguns versos quero terminar esta memória:

O Senhor conduz nossa história
Somos em suas mãos instrumentos
E na hora oportuna vem a vitória.

Abençoados encontros que constroem caminhos
O direito de sonhar por justiça e vida
Faz o povo buscar, lutar e conquistar.
Na nobreza da irmandade a vida abraçar

Louvado seja o canto das cigarras e dos pássaros.
Em meio às matas, os ranchos, os rios.

⁴A pandemia, sobretudo estando fora do país, me impediu de realizar visitas em loco para relembrar os grandes feitos, as proezas, como diz o salmo, junto ao povo com o qual vivi um tempo muito rico de minha vida missionária, com as pessoas, as quais podiam ter me ajudado a reconstruir memórias.

Celebrando a fé, a esperança da conquista.
Vivendo com ousadia, vendo a terra à vista.

Louvado seja Senhor pelo Pão repartido
Bendito seja Senhor pela Terra Partilhada
Abençoada a solidariedade e a alegria cantada
Gratidão Senhor pela vida e dignidade conquistada.

Oh Maria, Mãe dos Migrantes!
Abençoa os filhos teus no caminho da migração
João Batista Scalabrini sê força e luz
A um mundo novo sem fronteiras nos conduz.

Gratidão oh Deus da vida!
A esperança não será abatida!
A Fé nunca será confundida!
A vida jamais será vencida.

Amém. Assim seja!
Gratidão pelo dom da VIDA e por esta partilha!

5.8 Com a palavra, amigas/os e colaboradoras/es

Quando atenderam ao convite de escrever memórias da atuação missionária junto a migrantes sem-terra na luta por terra, pão e vida com dignidade, algumas irmãs alargaram o convite a pessoas com as quais atuaram para que pudessem, também, registrar seu testemunho.

Lourdes Vicente, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Fico extremamente emocionada de lembrar as vivências de momentos tão fortes da nossa caminhada em que podemos sentir de perto o Deus-Vivo em nossa luta com a presença das irmãs scalabrianas no nosso meio. Eu conheci a Irma Elda no Acampamento Antônio Conselheiro em Ocara. Nos dias de dureza do sol escaldante debaixo da lona preta, ali, alimentávamos a esperança de dias melhores na nossa busca por um pedaço de chão. O lugar não poderia ser outro para reconhecermos a verdadeira face de Deus acampado, no meio de nós: “Eu vi o sofrimento do meu povo e descí para libertá-lo da

escravidão”. Estar com os que caminham, comungar seus sonhos e sua luta, dessa forma nos alimentávamos de esperança para seguirmos firmes nossos passos em busca da terra prometida. E elas estavam lá, sendo UMA conosco.

Lembro-me bem dos momentos duros da militância e Genibaú – casa das irmãs, era NOSSA CASA-ABRIGO, que nos acolhia sempre, da melhor forma e oferecendo o que realmente precisávamos: um bom banho, comida, silêncio, oração, descanso, palavras de ânimo. Saíamos dali Cosma e eu com o coração vibrando de alegria! Quantas vezes a ESCUTA-SOLIDÁRIA permitiu-se desabafar do cansaço, das angústias, mas acima de tudo, da força que vinha da própria luta! Era a própria vivência mística que nos unia em um só espírito.

A presença, era sempre uma presença-CAMARADA, COMPANHEIRA de todas as horas e, até nas mais difíceis que vivenciamos como no caso da ação truculenta da polícia do governo Tarso Jereissati em plena avenida Bezerra de Meneses. Naquele dia em que apanhamos bastante em frente a Assembleia Legislativa com diversas pessoas feridas, depois caminhamos até cansar o corpo ao máximo e sermos impedidos de seguir adiante rumo ao Cambé (Palácio do governo) e, frustrados, voltamos para a Bezerra no auge da exaustão. Tivemos que buscar força nas ancestralidades para enfrentar uma noite de horrores com 1.200 policiais, bombas de jato d’água, cavalaria, cachorros, a tiraria estampada, diante de nós. Fomos cercados, amedrontados, mas resistimos e do outro lado, lá estavam elas, também de mãos dadas, num verdadeiro gesto do AMOR-FRATERNAL! Naquela manhã, depois de uma noite em que nos deparamos com o projeto de morte, o *Amor Venceu o Medo*. E corremos para nos abraçar! Foi festa, alegria e acalanto vivenciarmos juntos o poder da fé, da esperança e da união dos pobres do campo e da cidade. Era próximo ao Natal, a renovação da fé, da vinda do Deus Libertador, e não teve melhor celebração da FESTA DA VIDA.

Foi com esse espírito de entrega e compromisso à *causa que nos une* que é o amor pelos preferidos de Deus e pela defesa da vida que fortalecemos nossos laços de união e amor ao povo e sua luta e que nos levou a assumirmos junto à Pastoral, a luta das comunidades camponesas do Pecém para permanecerem na terra, defendendo sua história e sua cultura. Foram muitos momentos de mística, de fortalecimentos da unidade coletiva, de debates políticos, atos,

formação, estratégias de negociação, encontros de fortalecimento da cultura de PERTENCIMENTO ao LUGAR, amor ao TERRITÓRIO. Foi uma construção coletiva que deixou muitas marcas e que talvez, possa ter contribuído para o processo de reconhecimento do povo como uma etnia. Quantas vezes não choramos juntos, vendo a destruição da paisagem? Quantas vezes não comungamos do sofrimento de quem perdeu a terra e teve que se reconstruir nos reassentamentos? Quantas lembranças fortes de resgate mesmo de seres humanos.

Testemunho de Maria das Dores da Silva⁵ – LMS. Conheci a Irmã Zenaide da seguinte forma. Fui à Igreja do Rosário pedir para preparar a Eucaristia e Frei Marcos⁶ me mandou procurar a Irmã Zenaide, que morava no bairro João Francisco. Mamãe tinha ido embora e eu estava me arrumando para ir também. Achava que não ia aguentar. Me admirei quando vi uma mocinha simpática acolhedora que me deu tanta atenção e foi logo me dizendo: Vamos começar uma comunidade lá na roça. Já foi me passando livros de cantos, marcou uma escola bíblica para daí 15 dias... vim embora sem saber o que estava acontecendo, mas eu tinha muita sede de Deus e ali estava ajuntando a fome com a vontade de comer.

Chamei vizinhos, parentes e fizemos dois encontros e veio a primeira escola bíblica. Todo mundo interessado e a nossa comunidade se chamou Santana dois. Durante o tempo que fiquei na roça preparei 23 jovens para a primeira eucaristia. A Irmã Zenaide e frei Domingos dos Santos foram celebrar a missa. Foi a época mais forte do êxodo rural. Ela insistia pra gente não vir pra cidade, mas os patrões iam nos empurrando e foi por isso que começou a luta para a conquista da terra, com apoio da CPT, Direitos Humanos e Movimento dos Sem Terra. Foi muito bonito o crescimento das comunidades por

⁵ Maria das Dores da Silva- LMS, Leiga Missionaria Scalabriniana, que nos deixou em 2021, vítima de Covid. Uma grande perda para do povo da caminhada, da Igreja de Goiás, sendo muito expressiva sua presença nas CEBS, na luta das Mulheres e na luta pela terra e na Pastoral dos Migrantes.

⁶ Frei Marcos era da comunidade do Convento Dominicano, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Rosário da cidade de Goiás. Uma voz também profética diante a realidade dos pobres e dos sem-terra. Marcava presença em momentos pontuais da caminhada da luta pela terra.

toda a região na terra dos coronéis. Nos encontros de comunidade se esclarecia sobre os direitos dos lavradores e o Deus da vida protegia.

As Irmãs Carlistas vieram para a Diocese para evangelizar e como fizeram bem! O Carisma pelos migrantes foi também passado para nós. Os sem terra encontraram grande apoio, pois todos eram migrantes. Através delas e do Ir. Celso Carpenedo⁷, fomos nos adiantando na religião: cursos bíblicos, muito amor, participação e, muito importante, a conscientização.

Irmã Zenaide ia por todas as áreas rurais, ensinando e pregando. Os esforços dela eram tantos, surgiram tantas comunidades que na visita pastoral ela foi chamada a Mãe das comunidades! Se ela não fosse à missa por algum motivo as pessoas diziam: Hoje a missa estava ruim. Irmã Zenaide não estava.

Junto com ela, comecei a acompanhar as reuniões com os sem terra. Ah! Não demorou que eu também fazia as reuniões. Quando estava na roça começou a luta por uma terra perto da Barra, onde os posseiros foram mandados embora. Irmã Zenaide acompanhou esta luta. Teve vários acontecimentos com o que se dizia dono da terra, pistoleros⁸... Mas ganharam a terra. Aconteceu ainda no Rancho Grande que eu acompanhei também com as mesmas consequências, mas ganharam a terra. Também no Mosquito ela ajudou na organização, lutaram muito, foram até para Goiânia, acamparam na porta do INCRA, mas conseguiram a terra! Não assim como um toque de mágica. No Assentamento São Carlos a luta foi ainda maior. Não se esquece de que era terra de coronéis... Antes, a gente achava impossível, mas hoje temos mais de 24 assentamentos, sendo que o último tem o nome de Ir. Zenaide. Quando ela saiu de Goiás parecia que tínhamos perdido o chão! Me envolvi com as Carlistas que se tornaram minha família: Irmãs Ester, Pia, Flavia, Inês, Nair e Osânia,⁹

⁷ Celso Carpenedo naquele tempo era Monge Beneditino, com formação bíblica em Jerusalém, muito comprometida com a caminhada da Igreja e na luta do povo sem-terra. Foi Ordenado padre na Diocese e atualmente é pároco da Paróquia de Itapuranga.

⁸ Conhecidos como pistoleros os homens contratados por fazendeiros, sobretudo grileiros, muitas vezes com apoio de pessoas do poder público, para amedrontar, ou matar pessoas, neste caso envolvido na luta pela terra, em defesa dos direitos humanos do povo.

⁹ Ir. Ester Chini: Terminado seu mandato de Provincial da Província Cristo Rei chegou à Diocese de Goiás em 1972, precisamente em Britânia e depois foi transferida para

que ficou aqui conosco no mandato de um prefeito. Era cargo de confiança. Fazia um trabalho voltado para os menos favorecidos, ou seja, dando apoio aos pobres. Fez um trabalho muito bonito, mas difícil, pois ir contra as injustiças e a corrupção não é fácil. Ela entrou mais tarde na luta pela Reforma Agrária, nos defendendo e ajudando a buscar nossos direitos de ter um pedaço de terra para plantar.

Fizemos um bom trabalho com os migrantes. Criamos a Pastoral dos Migrantes em Carmo do Rio Verde com os catadores de Cana e duas vezes por mês os visitávamos. A Casa das Irmãs Carlistas fechou e depois fechou também a Casa do Migrante. Mas uma coisa tenha certeza, a Diocese de Goiás tem grande gratidão por Ir. Zenaide. Ela pode dizer a frase de Paulo: Combati o bom combate...

Testemunho de Joaquim Fidelis. Falar de Irmã Zenaide é sempre importante. Em 1994, nós decidimos entrar em uma terra, onde tivemos o apoio da Diocese de Goiás que fazia um trabalho voltado para os sem-terra. Eu me lembro de que nesta época recebemos o apoio no acampamento de São Carlos. Em 1995 fui

a cidade de Goiás. Mulher consagrada, batalhadora na missão de Evangelização, fazendo a diferença na Igreja, sobretudo na educação, no longo tempo que morou em Britânia. Em Goiás atuou mais na Catequese Diocesana e apoiava em momentos pontuais a luta pela terra.

Ir. Pia Ana Piccinini: Missionaria da visitação e oração, animando, sobretudo os enfermos e as famílias que visitava. Participava dos grupos de comunidades. Irma companheira que me ajudou a viver momentos mais fortes de oração, de espiritualidade em meio minha vida ativa.

Ir. Flavia Zampese (+2008): Acompanhava as comunidades de base, ajudava na área da saúde popular. Permaneceu pouco tempo. Não convivi com ela nesta comunidade.

Ir. Inez Franceschet: Trabalhava na pastoral da saúde através do método Bio energético e acompanhava também as comunidades do interior, entre elas os assentamentos ou acampamentos nos momentos celebrativos. Grande motivadora do cuidado com a saúde a partir das plantas. Ensinava também nos assentamentos.

Ir. Nair Dametto: Não viveu no meu tempo, mas o que sei é que acompanhava o serviço de evangelização nas comunidades, seja da periferia e do interior.

Ir. Osânia da Silva: A Irmã foi para Goiás, para dar continuidade em minha saída. Integrou a equipe da CPT e conseguiu junto ao bispo a liberação de uma Casa para acolhida a migrantes internos, assentados ou acampados e internacionais. Era administrada pela Irmã, mas coordenada com presença diária de Leigas e Leigos Scalabrinianas/os. Foi uma presença muito ativa na Igreja acompanhando migrantes temporários no corte da cana em alguns municípios.

morar lá com minha família, onde estou até hoje. A luta dela pela nossa sobrevivência e direitos era incansável. Lembro bem o dia que vieram os policiais para o despejo e nós não quisemos carregar nossos pertences. Ela teve forte ajuda com Dom Tomás para impedir o despejo, com uma intervenção no governo estadual.

Irmã Zenaide enfrentou Liminar de Despejo junto conosco, recebendo ameaças de morte. Através dela e de toda a equipe da Diocese de Goiás conseguimos impedir o despejo. Irmã Zenaide não media esforços para ajudar os pobres. Era tudo e mais um pouco. Vou dizer o nome de alguns que faziam parte da equipe da Irmã Zenaide: José Pedroso e Luizmar e um bispo, Dom Tomás que os apoiava¹⁰. Ela enfrentou policiais, pistoleiros, jagunços, grileiros de terra...

Testemunho de Gervasio Cardoso Gomes. Falar de Irmã Zenaide é difícil, pois é memória que está alojada no coração, por isso é muito difícil, é Irmã de muito zelo na obra Evangelizadora que faz. Na história do acampamento São Carlos, tudo começou pela organização no salão do Hangar, setor aeroporto, cidade de Goiás. Irmã Zenaide dando seu apoio a Maria Toro para coordenar as reuniões em prol da luta pela terra, que teve a ocupação na Fazenda São Carlos.

Na madrugada de 15 de maio de 1993, reocupamos a fazenda e fomos para um lugar chamado furnas, lugar de difícil acesso. Nesse período nós tínhamos o apoio da Diocese de Goiás: dom Tomás, da CPT de Goiás e de Ir. Zenaide, Pedroso, Luizmar e Luiz Orio¹¹. Nesse tempo tivemos um trabalho grande com a juventude. Éramos 82 jovens que morávamos no acampamento e todos estes jovens tinham seu trabalho de Evangelização acompanhado por mim e coordenado por Ir. Zenaide. No início de 1994 tivemos uma resistência a um

¹⁰ José Pedroso era leigo que apoiava voluntariamente a luta pela terra e marcava presença ativa em vários momentos e especialmente nos de ocupação da terra. Homem corajoso que animava o povo. Luizmar era seminarista e na época ajudava muito na formação na área da espiritualidade.

¹¹ Luiz Orio, leigo, ex seminarista, casado e trabalhava na Equipe da Pastoral da Terra, em nível diocesano e regional. Colaborava na formação, sobretudo na área sindical e política. Infelizmente um acidente de carro o levou tão cedo para a eternidade. Deixou um vazio muito grande.

despejo, grande graça de Deus, e logo em seguida tivemos o decreto de desapropriação assinado. Nesse momento aconteceu uma grande festa. Foram somente três dias. Grandes louvores a Deus pela conquista da terra e o apoio incansável dessa irmã que nunca cansa ou cansou, Irmã Zenaide.

Nessa luta eu estou até hoje aqui no meu pedaço de chão. Casei com Eva, dentro da Igreja. Temos um casal de filhos. Isso é o meu maior orgulho. É um pouco da nossa história. Foram muitas batalhas, muitas lutas em comum e 90% destas histórias, lutas, nós tínhamos uma grande mulher de Deus, chamada Irmã Zenaide, da qual quem participou da luta sabe do que estou falando ou escrevendo.

5.9 Compromisso e testemunho de libertação

O relato da Ir. Rosa Maria Smaniotto incluiu um testemunho, uma mensagem de um migrante sem-terra do Mato Grosso do Sul, onde além dela, também outras Irmãs atuaram, especialmente com acompanhamento das comunidades e apoio institucional à luta pela terra, a partir da Coordenação diocesana de Pastoral migratória, tais como Ir. Dinair Xavier e Ir. Ana Maria Delazeri.

Querida Ir. Rosa

Espero que esta te encontre com saúde, paz e felicidade, juntamente com seus familiares. Quanto a nós estamos todos bem, graças a Deus.

Irmã, há muito tempo a gente está sabendo que a senhora não voltará mais a trabalhar em Naviraí. Tanta gente está sentindo muito a sua saída, mas se for para alguns destes fariseus daqui lhe fazer algum mal é melhor que se cumpra o que Cristo disse: quando te perseguirem numa cidade, fuja para outra. Tenho a lhe dizer: acautele o seu coração e alegre-se porque a senhora teve a coragem de plantar a semente no mundo dos “sem voz e sem vez” e creia, esta semente já germinou e tenha a certeza que nós a irrigaremos constantemente. Igualmente à senhora teremos a coragem de nos doarmos para que realmente aconteça o reino de Deus aqui na terra.

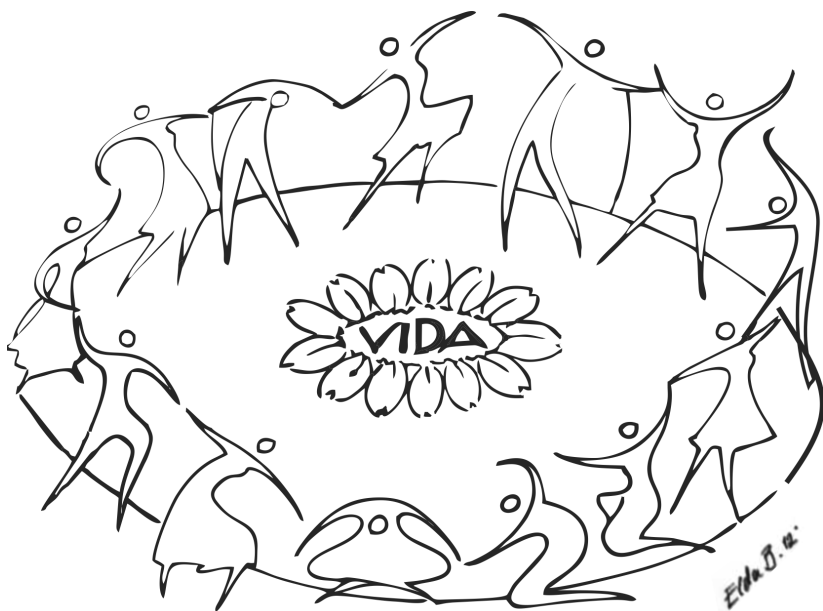
Creia, Ir. Rosa, que depois daqueles encontros de lavradores,

comunidades de base que vocês nos proporcionaram, uma nova força brotou em nós. Estaremos unidos à senhora e a todos os que lutam por um mundo igualitário, onde todos tenham um pedaço de pão, em oração e trabalho. Depois daqueles encontros que formaram em nós uma nova consciência, depois dos resultados da última eleição e depois do dia em que os capitalistas religiosos, puros, sem pecado, de nossa cidade resolveram mandar as irmãs e os irmãos embora, a gente conheceu bem melhor em que terreno estamos pisando e pudemos perceber a aproximação do Senhor em cada um de nós. Pela opressão que acontece também em todas as casas compreendemos que quando o Senhor chegar a divisão acontece... só quero lhe assegurar que estamos do seu lado, aconteça o que acontecer, conte conosco. Hoje, na missa faremos os nossos pedidos a Jesus, para que seja realizado o seu plano aqui na terra e que a senhora tenha as bênçãos e as graças deste Deus, que é nossa alegria.

Conte com nossas orações. Sou seu amigo que muito lhe quer bem.

Ítalo.

Naviraí, 04 de fevereiro de 1984.



CAPÍTULO 6

MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS DA ATUAÇÃO MSCS JUNTO AOS SEM-TERRA Elementos de análise

*Carmem Lussi**

Introdução

Carpe diem!

No final da década de 1960 e, em especial, nos primeiros anos da década de 1970 a igreja católica viveu um *kairós* único e privilegiado, pelo significado e relevância dos resultados do Concílio Ecumênico Vaticano II¹. A vida religiosa, por sua vez, participou com muito dinamismo daquele momento histórico, impulsionada pela renovação que o Concílio promoveu, descobrindo ou redescobrando a força e vitalidade de seus carismas. Não foi diferente para a Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas. Efetivamente, “a história da recepção do Concílio Vaticano II na América Latina é inseparável do caminho que as comunidades cristãs de nosso continente foram percorrendo, primeiro na direção dos pobres, depois junto aos pobres, e finalmente a partir dos pobres” (Campana, 2007, p. 58).

* Carmem Lussi. Especialista em Formação de Formadores para Migrações e Intercultura; Missióloga pela Pontifícia Universidade Urbaniana e Doutora em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Assessora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM. ORCID: 0000-0002-5666-7870.

¹ “Em Medellín (1968) e depois em Puebla (1979) a Igreja latino-americana, consciente da pobreza injusta do continente, “recepcionou” o Vaticano II, fazendo sua releitura desde a perspectiva dos pobres: Escutou seu clamor, denunciou as estruturas injustas, que qualificou de estruturas de pecado, e propôs a opção preferencial pelos pobres, ao mesmo tempo que assinalava seu potencial evangelizador” (Codina, 2007, p. 71).

Em janeiro de 1971 a então Superiora Geral Ir. Idalina Baratter², autorizava a abertura de uma comunidade da então Província Imaculada Conceição³, em Crixás – GO, no Centro Oeste do Brasil. A decisão fazia parte de um processo mais amplo, em que os governos provinciais das províncias Imaculada Conceição e Cristo Rei, com sede no Rio Grande do Sul, avaliavam os apelos de alguns Bispos, sobretudo de Goiás, para abrir comunidades inseridas no Centro Oeste do país.

Nos anos e décadas a seguir, novas presenças missionárias inseridas em contextos de pobreza e, especialmente de êxodo rural e migrações internas, foram abertas no Centro Oeste, Norte e Nordeste do Brasil⁴. A província Nossa Senhora Aparecida ampliou também suas presenças no Sudeste, especialmente em São Paulo, no Pontal do Paranapanema e no Espírito Santo, junto aos povos atingidos por barragens, aos migrantes sazonais que trabalhavam no corte da cana e aos migrantes sem-terra.

Depois de quase 2 décadas de atuação das Irmãs MSCS junto a migrantes sem-terra, especialmente no Centro-Oeste, em 1988, a missão se expandia especificamente numa presença que se tornou parceria longa e colaborativa com migrantes-sem-terra organizados e articulados no Movimento dos Trabalhadores Sem terra – MST. A narrativa da Ir Elda no I Seminário MSCS de Pastoral Migratória resume bem aquele momento:

² Carta de 11.01.1971, endereçada à Ir. Mafalda Seganfredo, então Superiora Provincial da Província Imaculada Conceição e às Conselheiras Ir. M. Clarência Dall’Agnol e Ir. M. Ligia Manica.

³ A partir do processo de reorganização da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas, realizado por decisão do Capítulo Geral de 2013, as 4 províncias com sede no Brasil – Nossa Senhora Aparecida, com sede em São Paulo; Imaculada Conceição, com sede em Caxias do Sul; Cristo Rei, com sede em Porto Alegre e Maria, Mãe dos Migrantes, com sede em Várzea Grande, convergiram na em uma única Província, com sede em São Paulo, intitulada Província Maria Mãe dos Migrantes.

⁴ Foram anos em que no Brasil foram realizados grandes esforços sobre a posse e a distribuição da terra, com foco na necessidade da Reforma Agrária no país. “A reforma agrária tem como marco o ano de 1985, quando foi promulgado o I Plano Nacional de Reforma Agrária, um documento elaborado entre estado, movimentos sociais e diferentes setores da economia brasileira” (Minozzo, 2021, p. 72).

A Província Imaculada Conceição é interpelada pelo Espírito do Senhor sobre as diferentes realidades, pelas quais os migrantes são envolvidos. Uma destas é a situação dos trabalhadores rurais “Sem Terra” no estado do Rio Grande do Sul. [...] Padre Pedrinho Kramer, refletindo com as Irmãs sobre o Êxodo e outros livros da Bíblia, falou do grito dos oprimidos e fez referência também aos trabalhadores acampados em Palmeira das Missões, apresentando a necessidade da presença e atendimento da Igreja e especialmente das Congregações Carlistas-Scalabrinianas. Desde então, a proposta foi tomando cada vez mais significado até que a Província assumiu marcar presença com o serviço evangélico e missionário junto aos mais necessitados, os Migrantes Sem-Terra. Regaçou-se as mangas e procurou-se, a partir daí, dialogar e confirmar Irmãs que estariam dispostas a assumir tal proposta de trabalho. No dia 27 de março de 1988, as Irmãs Elda Broilo e Adélia Werner partiram para o acampamento em Palmeira das Missões, uma nova missão junto aos Sem-Terra. O Objetivo: Ser presença solidária da Igreja junto aos migrantes Sem-Terra na busca da construção da fraternidade, da vida, da terra e do pão (Broilo, 1995, p. 338).

Aquele movimento missionário da Congregação foi vivido intensamente pelas Irmãs que foram chamadas e enviadas a participar das novas presenças e, sobretudo, pelas que pediram e foram confirmadas para fazer parte das novas comunidades inseridas, mas cada uma das Irmãs fez seu caminho e se configurou como missionária do seu jeito, nos mais diferentes contextos onde elas foram atuando.

Algumas testemunham que ‘nasceram de novo’, num profundo processo existencial, espiritual e missionário e foram se reinventando em sua vida religiosa e em seu compromisso com a vocação missão que viviam na igreja e junto aos migrantes internos mais pobres e necessitados. O Espírito concedido aos corações abarcava, naquele movimento, toda a instituição, que participava do processo e se revitalizou em percursos diversificados através de suas Irmãs e das respectivas igrejas locais onde elas atuavam.

Contextualizada na realidade eclesial brasileira e latino-americana da época, a experiência de vitalidade carismática e de itinerância que as Irmãs Missionárias Scalabrinianas viveram nas

últimas décadas do século XXI e no início do II milênio na luta por terra, pão e dignidade, foi uma forma de participação aos processos de renovação eclesial, dos quais a Congregação recebeu e para os quais contribuiu. “Vivemos o tempo oportuno, o Kairós, para revisões de vida, de métodos de trabalho, de enfoques. Diferentes setores das igrejas - os que trabalham com populações empobrecidas, com jovens ou com outros grupos específicos - têm buscado novos rumos” (Ribeiro, 2007, p. 104). Segundo Ribeiro, é mesmo o caso de participar desse dinamismo seguindo, por atitude gratuita e de fé, a direção do vento do Espírito de Deus.

Para a Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, presente no Brasil e ativamente participe do que foi o compromisso da igreja junto à sociedade e aos próprios trabalhadores e trabalhadoras na luta pela terra, seja em contextos urbanos que, sobretudo no campo, nos quase 50 anos a que se referem as memórias desta obra, houve o *carpe diem*, colhendo a oportunidade proporcionada pelo Espírito naquele momento histórico. E essa atuação missionária mudou para sempre quem dela participou e deixou um legado que toda a congregação acolhe, valoriza e conserva.

A narrativa das participantes na atuação MSCS junto aos migrantes sem-terra, em suas lutas, buscas, conquistas e derrotas, sinaliza também dons e aportes importantes que a congregação pode oferecer aos homens e mulheres, famílias e lideranças sem-terra, assim como à igreja e aos demais atores sociais e do setor público por onde passaram e onde seguem atuando.

A memória daquelas vivências e a riqueza das partilhas das Irmãs MSCS e das leigas, que eram membros da congregação, estimula a reflexão sobre o tema do feminino na igreja e na reflexão teológica, pastoral e espiritual. Cabe citar a teóloga argentina Virginia Raquel Azcuy, que fala do ‘lugar teológico das mulheres’. Em um texto de 2001, ela afirma que “é necessário especificar que a experiência das mulheres enquanto tal não constitui uma fonte de teologia “em sentido estrito”, mas é um “lugar teológico em sentido lato”, ou seja, um “lugar hermenêutico” ” (Azcuy, 2001, p. 20) Trata-se de um aporte único e nunca negligenciável, porque nasce de baixo, a partir da experiência em que mulheres, na vivência plena de sua fé e de sua vocação enraizada no próprio batismo, respondem à revelação, interpretam a fé e a configuram modos de ser igreja.

É uma reflexão que traz novidade na compreensão da fé e, portanto, da missão, por fornecer elementos novos de uma hermenêutica que responde à Palavra e ao Espírito. A autora vai mais além, ela sustenta e sua reflexão ecoa nas falas dos testemunhos das Irmãs MSCS, que “uma vez que a própria memória tem uma estrutura narrativa intrínseca, o primeiro passo é reconhecer e elaborar a biografia cristã das mulheres como fonte explicativa e interpretativa, ou seja, como ‘lugar teológico’ e ‘existência teológica’ que funda uma palavra ou uma história sobre Deus e a humanidade” (Azcuy, 2001, p. 25). Este volume traz muitos ensaios dessas autobiografias.

Os elementos de análise propostos a seguir se concentram em 3 aspectos: a dimensão eclesial da experiência vivida, a missionariedade nutrida e fomentada por aquela atuação e a espiritualidade que animou e anima a atuação missionária das Irmãs Missionárias Scalabrinianas e ex-Irmãs MSCS ouvidas durante o percurso de desenvolvimento desta obra. O capítulo fecha com um breve aprofundamento da itinerância, como traço característico do jeito MSCS de ser e viver.

6.1 No coração da igreja – uma eclesiologia libertadora

As narrativas das Irmãs que fizeram memória da atuação junto aos migrantes sem-terra abrem um leque de expressões de amor pela missão, pela igreja e pelas pessoas, sempre em comunhão, identificando-se com processos de vitalidade e dedicação incondicionada em articulações com a igreja local, e, em particular, com os atores locais com os quais a missão era compartilhada, sonhada, defendida, celebrada. Muitas falas das testemunhas ouvidas transmitiram aspectos de uma dimensão eclesial marcante daquela atuação.

Um trecho da carta de Dom Tomás Balduino, bispo da Diocese de Goiás, GO, de 03.05.1973, endereçada à Ir. Jacira Onzi, então Superiora Provincial da Província Imaculada Conceição, merece destaque:

As Irmãs estão bem integradas na pastoral regional que é uma peça importante na comunhão delas com o povo e com

os padres que trabalham por lá [em Heitoráí]. Para mim essa afinidade de pontos de vista é essencial. O resto, vida, interior, presença integrada na comunidade é consequência desta fundamental encarnação na Igreja local, sentindo com os demais agentes de pastoral os problemas e partindo junto para suas soluções.

A eclesialidade marcada pela configuração da comunidade e da atuação missionárias no coração da igreja local, que dom Tomás chama de ‘encarnação na Igreja local’, é uma constante nas falas das Irmãs. A Ir. Elena Vígolo e a Ir Idalina Pellegrini, por exemplo, exprimem bem essa dimensão da eclesialidade da missão vivida: “inspiradas nos exemplos de Dom João Batista Scalabrini, Padre José Marchetti e Madre Assunta Marchetti, voltadas para a vida e a libertação do migrante, protagonizamos mudanças na realidade em que estamos inseridas... Procuramos ser uma presença profética que desafia e sensibiliza a própria Igreja Local” (Vígolo, 1997, p, 28).

A gente entrava numa caminhada de igreja local. As pastorais sociais estavam aí e a gente ia fazendo o nosso caminho, como pastoral, como presença scalabriniana, a partir da nossa espiritualidade, nós íamos inventando o nosso jeito de ser local, aqui. Nós optamos por morar em uma periferia aqui de Fortaleza. Nossa casa era tenda dos militantes do MST. Quando eles estavam muito cansados, esgotados da luta, eles tinham onde descansar... A nossa casa era muito simples, como as do povo, era uma casa de portas abertas, onde a gente acolhia... Quando eles estavam muito cansados eles passavam em nossa casa dois ou três dias para se refazerem, para lavar sua roupa, para tomar banho, e a gente cuidava deles! Até hoje essa memória existe. Era uma tenda de acolhimento para essas jovens, eram mais mulheres, mas tinha homens também. Elas se sentiam acolhidas e toda a comunidade acolhia. [...] Para a gente que vivia essa experiência, era o Evangelho, assim, vivo, era a presença de Cristo peregrino ali conosco, onde a gente podia tocar, tocar essas mulheres, esses militantes, onde a gente acompanhava nas mobilizações e eles nos assessoravam quando precisávamos... eles iam para a nossa casa para se refazer fisicamente, espiritualmente e mentalmente. [...] A

gente era esse abrigo, essa tenda missionária. Nós fomos uma presença de vida religiosa muito, muito especial, isso era importante e significativo tanto pra eles quanto pra nós. Havia essa troca⁵.

Foi um momento histórico fundamental de renovação eclesial, a partir dos mais pobres e necessitados. Naquele momento foi-se consolidando nas diferentes instâncias eclesiais, e também na Congregação MSCS, a compreensão de que os pobres “não são apenas objeto da ética social, mas lugar hermenêutico e teológico da fé, ponto focal para a estruturação de toda a teologia. Na América Latina, começa-se a falar dos pobres como um lugar teológico privilegiado para, a partir deles, ler a Palavra de Deus e a própria tradição da Igreja” (Codina, 2007, p. 72). Alguns testemunhos recentes das Irmãs que fizeram memória de sua atuação naquele período são eloquentes. A Ir Zenaide, que morava em Bento Gonçalves no início dos anos de 1970, chegou ao conhecimento que havia uma lista de Irmãs que gostariam de se inscrever para as missões que estavam para ser abertas no Centro-Oeste. Ela se inscreveu e foi enviada em 1971:

Fomos para trabalhar com os pobres, que eram migrantes expulsos do campo, eram do êxodo rural, dentro da perspectiva do Vaticano II de estar com os pobres. [...] Tenho um agradecimento tão forte a Deus por ter vivido a experiência na diocese de Goiás, porque realmente foi muito forte. Transformou minha vida. Deu sentido àquilo que eu buscava, realmente, realmente de ser missionária, de estar a serviço dos pobres. Logo após nossa chegada, na V Assembleia da diocese, em 1972, assessorada por Dom Pedro Casaldáliga, foi oficialmente adotada a opção pelos pobres por toda a igreja local⁶.

⁵ Entrevista concedida pela Ir. Idalina Pellegrini a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 09.08.2022.

⁶ Entrevista concedida pela Ir. Zenaide Ziliotto a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 03.08.2022.

A missão MSCS junto ao povo que se organizava em busca de terra, pão e dignidade foi marcadamente eclesial, foi uma experiência de comunhão e participação com as igrejas e atores, sociais e eclesiais junto aos quais as Irmãs foram se inserindo. A alavancar esta missão, a radical transformação e conversão pessoal, institucional e eclesial que o Vaticano II e Medellín⁷ fomentaram. Segundo Ir Zenaide Ziliotto, é possível que “algumas não entendiam verdadeiramente essa vida, eu estava numa diocese que tinha realmente uma opção radical”⁸.

Nas palavras da Ir Elda Broilo, a missão das Irmãs MSCS era participação na vida da igreja local e de seu povo:

A gente vivia o todo da diocese. Era a vida de trabalho pra gente sobreviver, era a vida das comunidades e tinha que prestar atenção a toda uma realidade... Era o ano de 1971 quando eu fiz o curso no Mundo Melhor: chega a espiritualidade pós-conciliar, a gente descobre, eu descobri que existe pobres. Ainda não se falava de migrantes, era dos pobres na igreja. Passados uns anos, me pediram para ir para o Centro Oeste, sempre nesse movimento interior de que existem os pobres e eu sou para os pobres, eu vou com os pobres, aí fui para Goiânia. [...] A realidade de Goiânia foi impressionante: 3 a 4 mil famílias, com enfrentamento à máquina pública. Tínhamos a força da união do povo e da diocese, com o apoio do bispo, e do outro lado a força das autoridades políticas e do latifúndio. Era no Bairro Palmito (Bairro Vila Nova). [...] Essas situações [de famílias sem terra em contexto urbano] começaram a aparecer... tínhamos as comunidades eclesiais de base; fazíamos todo um trabalho de reflexão, cada mês tinha um tema... Comecei a fazer o trabalho de ilustração, e como os textos eram a partir da realidade, eu participava da realidade e interpretava com desenhos os textos. ...Fazíamos os círculos

⁷ A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Medellín no ano de 1968 é considerada o maior evento eclesial do continente no século XX. Medellín foi um marco na apropriação do Concílio Ecumênico Vaticano II pela América Latina, onde foi adotada pela igreja do continente a opção preferencial pelos pobres, depois sigilada na Conferência realizada em Puebla, em 1979.

⁸ Idem.

bíblicos. Fazíamos as reuniões semanais em torno dos temas que a diocese sempre preparava... para fazer crescer as comunidades, durante todo o ano⁹.

O dinamismo das presenças era muito diversificado, pois se configurava de acordo com o contexto específico, socioeconômico, cultural e eclesial onde elas se inseriam. Para algumas Irmãs MSCS, a opção preferencial pelos pobres e o compromisso de solidariedade com as causas dos mais empobrecidos foi o maior legado recebido, ao chegarem nas novas missões para onde foram enviadas; para outras, o legado foi por elas deixado em locais onde, junto com as pessoas mais pobres na busca pela terra, aprenderam e ensinaram como ser igreja junto ao povo de Deus a caminho. Nos mesmos percursos, ajudaram a formar comunidades libertadoras, sensibilizaram e capacitaram lideranças, contribuindo para a construção do Reino em realidades concretas que, também graças à sua dedicação, se transformaram.

Um traço eminentemente característico de toda atuação junto aos sem-terra foi o amor, o cuidado, a proteção da vida das pessoas, especialmente as mais pobres e necessitadas. Emergem com maior relevância quatro modalidades dessa atuação:

1. Equipes itinerantes, presentes junto ao povo na luta pela terra. Foram equipes que adotaram diferentes configurações: desde presenças individuais ou em duplas, nas famílias e localidades durante a semana, para retornar à sede da comunidade nos finais de semana, até equipes fixas domiciliadas em assentamentos ou ocupações, morando junto por meses, sem interrupção.

Nós morávamos em Fortaleza e a gente se deslocava para as ações do MST. ...nós tínhamos um trabalho no período da construção do Complexo Industrial Portuário do Pecem onde eu passava a semana. Eu andava com a minha rede e ficava nas casas do povo; porque eram comunidades indígenas. Então ali eu desenvolvia o trabalho nessa região. A Pastoral tinha um trabalho de base nessa região e o MST nos assessorava na estratégia de mobilização e articulação

⁹Entrevista concedida pela Ir. Elda Broilo a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 09.08.2022.

do povo. Foram 6 anos, de 1996 até 2003. [...]Voltei em 2018 e fui aonde essas comunidades estavam, que foram retiradas pelo governo e foram reassentadas... A partir do trabalho que a gente fez, eles identificaram o nome da etnia indígena – Povos Anacés, como resultado daquele trabalho de mobilização de 20 anos na luta pela terra. [...] Essa experiência itinerante possibilitou essa proximidade de sentir de perto. Cada noite eu ficava em uma casa, eles me acolhiam...¹⁰.

Foi uma experiência de 2 anos de acampamento – 1991 e 1992, depois de sair da faculdade de Serviço social. No acampamento eu trabalhei no núcleo da religião, trabalhamos muito a fé e a vida junto com o livro do êxodo. Foi em Cruz Alta, no ano de 1990, depois fomos para Bagé onde fiquei mais um ano. Moramos no acampamento. [...] Fui pra lá, no primeiro momento participei das reuniões e dos encontros, e depois participei do núcleo da religião, fé e vida, coordenar catequese, liturgia... Primeiro fui convidada ao aprendizado, aprender como eles se organizam, conhecer, nos primeiros meses, depois comecei a fazer parte do núcleo da religião, só depois. Admirei muito a organização deles, era um movimento muito democrático. Tinha uma coordenação no acampamento, tinha os núcleos, os coordenadores as decisões não eram de cima para baixo, tudo era decidido em assembleias, ainda hoje esse é um dos movimentos que mais luta pela democracia. O Movimento tem uma estrutura muito boa, isso mexeu comigo. Mexeu com o jeito de pensar a religião, ali aprendi muito a ver a fé com a vida. A celebração era muito numa linha ecumênica, respeitando, trabalhava muito a questão da Bíblia, da Palavra de Deus¹¹.

2. Coordenação diocesana da Pastoral do Migrante, através da qual e como parte integrante do serviço, as Irmãs também asseguravam apoio, acompanhamento e colaboração com o MST

¹⁰ Entrevista concedida pela Ir. Idalina Pellegrini a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 09.08.2022.

¹¹ Entrevista concedida pela Ir. Clotilde Pellegrini a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 18.08.2022.

e com as comunidades de migrantes sem-terra mesmo sem relação com o MST, em ocupações, assentamentos e acampamentos, assim como em articulação com outras pastorais sociais e paróquias, em cujos territórios ou âmbitos de atuação, pessoas, famílias e grupos sem-terra se organizam na luta por terra, pão e dignidade.

Esse registro das memórias da atuação junto ao sem-terra não poderia ser completo sem incluir o Mato Grosso do Sul. Foi uma fase e um monte de gente que foi envolvida na comunidade MSCS de Naviraí, da diocese de Dourados em apoio aos sem-terra. Nas 36 paróquias da diocese tinha migrantes sem-terra em ocupações e em assentamentos e nós, como Pastoral do Migrante, sempre presentes. Eu era coordenadora da Pastoral do Migrante na Diocese de Dourados, e eu ajudava, visitava o pessoal que estava nos acampamentos e assentamentos. [...] A gente estava sempre com eles, e como pastoral do migrante, como todos eram migrantes internos e brasiguaios, tínhamos uma conexão muito grande, éramos uma presença que ficava o dia todo com eles, fazíamos mutirões... [...] Era uma atenção origem-destino. No destino a gente dava toda essa atenção como Pastoral do Migrante¹².

3. Serviço de atendimento direto junto a comunidades locais, assentamentos, acampamentos, paróquias no atendimento socio pastoral, junto a núcleos de migrantes sem-terra, como foi Cariacica, no Espírito Santo; Euclides da Cunha, na diocese de Presidente Prudente, SP; Assentamento 30 de Outubro, em Campos Novos, SC; no Piauí, entre outros.

Eu nunca morei com os sem-terra, mas eu trabalhei com eles na luta para organizar ocupação e conseguir as terras, de 2001 até 2017. Antes disso, nos tempos da ocupação da Fazenda Annoni, eu participava dos protestos e eventos, quando morava no Bairro Planalto, onde também havia gente chegando porque não tinha terra. A Fazenda Annoni

¹² Entrevista concedida pela Ir. Dinair Xavier a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 30.08.2022.

me despertou muito a luta pela terra, sempre fomos nas lutas deles, nas Romarias, ali que me despertou essa grande preocupação da missão também pra isso, principalmente a migração que se dava pelos motivos da terra, migração forçada daquele povo que tinha as terras, mas como não tinha o registro, tinha que migrar... e outros que queriam trabalhar e eram peões, tinha que migrar para não ficar sem nada, sempre como peão. [...] No Piauí, entre migrantes do Maranhão e do interior do estado, agente acompanhou direto, na organização, na ocupação, nas terras. Fizemos grupos para trabalhar com a coletividade na agricultura, com a paróquia, com a diocese, com a Cáritas... e nós da Pastoral do Migrante¹³.

4. Assessorias em serviços de assistência espiritual, formação ou colaboração em projetos específicos, que seguem acontecendo, sobretudo pela Ir Elda Broilo, em colaboração com o MST.

Em um mundo “onde as pessoas morrem antes do tempo, passam fome, não têm trabalho, não têm escolas nem saúde, nem casa, são obrigadas a emigrar... o Reino de Deus deve começar de baixo, defendendo a vida concreta e material, uma vida humana e digna, que é a primeira mediação do Reino” (Codina, 2007, p. 75). Nesse sentido, entende-se que o projeto de Deus no qual as Irmãs MSCS se consagram para viver e servir, é antes de tudo amor que cria comunhão através da acolhida, no sinal da atenção preferencial ou prioritária, daqueles que o mundo exclui e que, muitas vezes, também na igreja estão às margens. Nessa atuação as Irmãs MSCS foram presença ativa, com os traços de sua espiritualidade e nas características da missionariedade scalabriniana feminina.

Cabe ressaltar a sensibilidade das Irmãs MSCS para com a realidade migratória dos sem-terra. É interessante notar como emerge, dos testemunhos registrados nesse volume, como elas atuavam na Pastoral do Migrante, colocando em evidência a questão da migração forçada, na busca por uma vida mais digna. Foi um momento histórico em que o carisma retoma força e visibilidade, a identidade scalabriniana ganha sentido na missão direta com

¹³ Entrevista concedida pela Ir. Darcila Antonioli a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 01.09.2022.

os migrantes, na experiência de viver junto e compartilhar da provisoriedade, da vulnerabilidade, da inerência. É reconhecível, com o olhar a partir dos ensinamentos constantemente sublinhados pelo papa Francisco, a atenção para aqueles que se encontram na periferia, uma espiritualidade encarnada, de olhos abertos, com uma teologia e uma espiritualidade de “baixo”, uma igreja povo de Deus, uma igreja em saída.

O resgate que esta obra favoreceu, expressa bem o Espírito do carisma que moveu as Irmãs MSCS a darem essa resposta à realidade dos migrantes sem-terra. Foi um modo de despertar a sensibilidade pelos migrantes e como Igreja, povo de Deus em caminho, fazer a experiência de ser companheira de viagem, viver na provisoriedade, na itinerância, na flexibilidade da tenda. Foi um evento importante o de deixar as estruturas seguras e sólidas, como escolas e hospitais, para se instalar na estrada, tocar as periferias existenciais e propor um novo modelo de scalabrinianidade, mais missionário e menos conventual. Esse foi um passo importante para a revitalização do carisma e sua expressão junto aos migrantes. Essas irmãs foram pioneiras, derrubaram as fronteiras entre obras, estruturas e missão.

6.2 A missionariedade scalabriniana em ação

A abertura para o novo que o Espírito sugeria e sugere à Congregação ao responder Sim ao chamado da Igreja e dos migrantes/refugiados para iniciar uma nova missão, ontem não diferentemente que hoje, é um processo de discernimento que vai além de uma atividade específica.

A maioria das Comunidades MSCS que atuaram junto aos migrantes sem-terra no Brasil foi aberta respondendo ao apelo, especialmente de Bispos, em direção a regiões necessitadas da presença e do serviço da vida religiosa e, nesse berço, o carisma scalabriniano fez a diferença, impulsionando as missionárias para a obediência criativa e responsável, que ama e se coloca a serviço da igreja, dos pobres e é capaz de sensibilizar e desenvolver respostas de atenção específica a migrantes, refugiados e outras categorias de pessoas em situação de mobilidade.

A missionariedade vivida pelas Irmãs MSCS, radicada no estilo de vida próprio da vida religiosa que abraçaram, é intrinsecamente comunitária. Segundo Ribeiro, há que se reconhecer “que a vida em

comunidade, por ser fonte privilegiada de utopia, se torna elemento de combate às diferentes formas sectárias, violentas, individualistas ou idolátricas do agir humano, e nos leva a exercer a vontade de Deus no mundo”. Por isso, pode-se afirmar que a missão junto aos sem-terra exercida pelas Irmãs tem a marca da comunhão que, de acordo com Ribeiro, tem ao menos quatro dimensões: “koinonia (a comunidade como lugar fraterno), diálogo (a comunidade como espaço de autenticidade), utopia (a comunidade como espaço de expressão devocional e lúdica) e a diakonia (a comunidade como canal de solidariedade, partilha e serviço)” (2007, p. 118). Uma missionariedade desenvolvida na fé para ser vivida em comunidade, na vida religiosa e na igreja local.

Da mesma forma que a primeira comunidade dos cristãos se sentia feliz em partilhar os bens e a vida, na marca do amor fraterno (Atos 2.43-47; 4.32-37); a gratuidade do amar, partilhar, fazer-se corresponsáveis uns pelos outros por causa da fé, é tarefa, e ao mesmo tempo, dom concedido aos que nela vivem. A inserção e atuação junto aos migrantes sem-terra implicava, muitas vezes, em conflitos com quem sentia seus privilégios ameaçados, até mesmo ao ponto de sofrer ameaças pela própria vida, como as narrativas atestam. Mas o envio missionário e a doação da vida, radicalmente, por vocação e por opção concreta, sempre falou mais alto, não sem momentos de dúvidas e até incompreensão.

Nós que estávamos numa missão mais específica, foi uma vibração, era vida, realmente era algo muito importante. E quando nós íamos para o Sul, contávamos a experiência com toda vibração com que vivíamos essa missão, mesmo tendo perseguições em nosso trabalho. [...] Pessoas infiltradas participam dos grupos de Evangelho que fazíamos na periferia, disfarçados de pobres. Ameaças... [...] Nunca tive medo, era uma força que sentia, uma espiritualidade muito forte, era crer realmente que Deus estava presente nessa história. A congregação entendia, mas como a gente ia com toda essa vibração, algumas sentiam que éramos nós que estávamos fazendo...¹⁴.

¹⁴ Entrevista concedida pela Ir. Zenaide Ziliotto a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 03.08.2022.

Animadas pelo zelo missionário e pela vocação scalabriniana, as Irmãs se envolveram e se comprometeram com pessoas e comunidades pobres, migrantes, marginalizadas, no cuidado pastoral, em serviços de saúde e educação, e também na luta por direitos, políticas públicas e reconhecimento de identidade e cultura daquelas populações. Algumas vezes são as Irmãs MSCS que mobilizam as dioceses para onde são enviadas, e em outros casos, são as igrejas locais revitalizadas, que fazem desabrochar a missionariedade nas Irmãs MSCS, envolvendo-as na luta por terra, pão e dignidade junto ao seu povo, como testemunha a Ir. Claudina Scapini:

A opção por este povo me fez entender, amar nossa Congregação e assumir, de fato, o fim específico: serviço ao migrante mais pobre e abandonado. A Palavra de Deus foi se tornando mais luz, mais força, mais coragem, enfim mais Vida. Comecei, com mais garra, a ler e aprofundar a reflexão sobre Scalabrini e Madre Assunta e, assim, assumir e encarnar seu testemunho de Vida e tê-los como companheiros de caminhada. Foi uma escola que me despertou para o compromisso com o migrante sem terra para morar e trabalhar. Assumir de lutar ao seu lado para a conquista deste chão tão sagrado; assumir de estar ao seu lado para apoiá-lo na conscientização de sua dignidade, de seus direitos, de seus deveres e, acima de tudo, que é filho de Deus. De um Deus que é Pai, misericórdia, mas também, Justiça e Verdade (Scapini, 1995, p. 519).

Uma missionariedade que é jeito de ser e estilo de atuação comprometida em nome do Evangelho, fortalecida pelo discernimento e pela reflexão humilde e corajosa, na partilha e colaboração autêntica com irmãs e irmãos de caminhada. De acordo com a Ir Elena Vígolo, a marca da acolhida distinguiu a atuação, ao ponto de fazer da Comunidade MSCS um ponto de referência, experiência esta destacada também pela Ir Luciana Pitol¹⁵, ao referir-se à herança da presença MSCS no Assentamento 30 de Outubro, em Campos Novos, onde ela atuou, junto com a Ir Anna Fascina. “A

¹⁵ Entrevista concedida pela Ir. Luciana Pitol a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 16.09.2022.

casa das Irmãs é um ponto de referência onde a Comunidade sempre vai solicitando ajuda, uma palavra, esclarecimentos, informação, conforto e apoio” (Vígolo, 1995, p. 250).

Em seu modo de pensar estrategicamente e desenvolver seu serviço junto aos migrantes sem-terra, as narrativas mostram que as Irmãs MSCS se distinguiam por uma abordagem integral, capazes de aproximação, imersão, escuta e respostas adequadas, que se construíam a partir das realidades concretas, com os recursos possíveis, especialmente quando eram demandas prioritárias que o povo identifica e solicitava. A narrativa da Ir Luciana Pitol traz um exemplo dessa experiência:

Nós fomos destinadas para o 30 de Outubro, era o único assentamento em que tinha Irmãs, foi escolha dos padres scalabrinianos da paróquia. [...] Foi pela atuação na animação vocacional ... que atuava muito naquela região. Nós chegamos lá, em primeiro lugar, era para coordenar a questão pastoral no acampamento. Os padres não davam conta, moravam a mais de 50km de distância da cidade, com difícil acesso. Quando nós chegamos lá, eu recém tinha concluído o magistério. Quando a Secretaria Municipal da Educação de Campos Novos soube ... pediram se a gente não queria coordenar a escolinha do assentamento. Assumimos a educação, o que era uma forma de a gente se manter... Assumimos então a pastoral e a educação de 1ª a 4ª Série – duas turmas cada, uma escolinha com duas salinhas, de alvenaria. Foi construída para o assentamento. Ali a gente tinha a liturgia, a catequese, a escola, era tudo ali. Virou um centro de pastoral. E nós assumimos a escola com essa condição – que a escola fosse esse centro de encontros do assentamento, e os padres vinham para a celebração uma vez por mês. Teve um grande movimento de formação de lideranças no assentamento. Isso se expandiu para os demais assentamentos e acampamentos ao redor. [...] A nossa casa se tornou o centro do movimento na região¹⁶.

A releitura das atividades, dos projetos e vivências do longo período desde primeiros anos de 1970 até, ao menos, o ano de 2017,

¹⁶ *Idem.*

revela que a missionariedade e eclesialidade no modo de atuar, foi progressivamente se configurando e se reinventando, no decorrer dos anos e do caminho que a Igreja do Brasil, seus bispos e lideranças percorreu, não sem altos e baixos, e até mesmo incoerências. Vários textos escritos pelas Irmãs que atuaram junto aos sem-terra foram publicados, especialmente pelo CSEM, com memórias e interpretações que merecem leitura integral. Algumas referências são retomadas neste texto para salientar traços daquela missionariedade, que nutre e impulsiona a missão MSCS ainda hoje¹⁷.

A missão requer um estilo de vida pessoal e comunitário, marcado pelo despojamento e pela ação solidária, que tem como fundamento a noção do “mundo como espaço do Reino de Deus” (Ribeiro, 2007, p. 124). Em um texto escrito em 1995 sobre sua atuação com os sem-terra, a Ir Elena Vígolo citava entre os objetivos alcançados em seu trabalho missionário, com destaque para as vivências: “nas comunidades já existe um clima de acolhida e uma sensibilidade de perceber aquele que chega; a formação de uma equipe específica de Pastoral Migratória; [...] a organização e resistência do povo pela conquista da terra; e o fato que houve conversão do povo na vivência da fé, da solidariedade com o outro, participação litúrgica e da Palavra e no partilhar a vida e os bens” (Vígolo, 1995, p. 254). Já a partilha da Ir Deonilda Vígolo é mais extensa:

Eu trabalhava com os sem-terra. Foram feitas várias reuniões e teve também uma ocupação em que participaram várias pessoas que trabalhavam com os sem-terra. [...] Percebi que o pessoal sem-terra era um pessoal que não tinha vez, não tinha voz, chegavam lá passando fome, não tinham roupa, não tinham comida, tinha muita criança com vermes, muita mulher grávida. Muitas crianças até morreram por causa das condições em que viviam, muitas mães que davam à luz... e

¹⁷ Nas referências bibliográficas ao final do capítulo encontram-se citadas todas as publicações que foram encontradas durante as pesquisas de fontes para este estudo sobre a atuação MSCS junto aos migrantes sem-terra. Além das publicações, dezenas de fontes de arquivo e as 10 entrevistas gravadas, além de textos enviados pelas Irmãs consultadas, são conservados em formato digital em um dossiê sobre o tema, junto ao CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios e no Arquivo Geral da Congregação.

a gente ajudava muito. [...] A gente tinha também catequese, tinha formação com as lideranças, tinha essa questão de saúde, a gente trabalhava nessa situação e encaminhava os doentes para Teodoro Sampaio, onde tinha um hospital que dava assistência, e quando eram as Irmãs que encaminhavam eles eram assistidos. Nós formamos comunidades de base, e foi muito bom, e as lideranças ajudavam em todos os sentidos lá dentro. Era diocese de Presidente Prudente: Primeiro abriu Teodoro Sampaio, depois Euclides da Cunha e depois Rosana.

Eu sempre fui uma irmã que nunca tive medo de enfrentar qualquer coisa, então eu, na verdade, fazia porque sou missionária, quando é uma verdadeira missionária, não vai atrás de tanto nhénhénhé. Eu lembro que a igreja não era muito a favor disso, mas as Irmãs, elas enfrentavam tudo isso, se tinha bispo ou se não tinha, se tinha padre ou não, elas iam fazer os trabalhos¹⁸.

Na revista congregacional *Entre dois Mundos*, que precedeu a *Scalabriniane nel mondo*, da qual surgiu a atual *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, em 1993, a Ir Zenaide Ziliotto apresentou um Projeto Pastoral que ela estava desenvolvendo no Acampamento, que depois se tornou Assentamento São Carlos, na diocese de Goiás. O objetivo e os resultados indicam o perfil do trabalho realizado, com atenção integral, fazendo-se próximas, partilhando a vida e dando atenção privilegiada às mulheres e às crianças:

Este projeto de ação pastoral tem por objetivo maior ser presença amiga, acolhedora, para uma evangelização, que parta da necessidade do grupo [de famílias], no que diz respeito à vida, à organização, formação nas diversas dimensões, para que se sintam protagonistas, sujeitos na história de conquista para uma partilha justa da terra.

Nesse período de vários meses, houve iniciativas de formação e encontros com o grupo. Nasceu o grupo de jovens muito animado, catequese para a primeira Eucaristia

¹⁸ Entrevista concedida pela Ir. Deonilda Vígolo a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 15.08.2022.

e Encontro da Comunidade com seus animadores. Todos os animadores desses serviços participaram de curso de formação e reuniões a nível de município, numa integração e presença muito gratificante. Organizou-se também nesse período o grupo de mulheres 'São Carlos', com o objetivo de valorizar a própria mulher, que normalmente é marginalizada no acampamento. É muito gratificante ver a mulher descobrindo seu valor e ocupando seu espaço no grupo. Já estamos organizando a Associação das Mulheres, onde pleiteamos através da LBA ajuda para montar uma fábrica de sabão e posteriormente a farinha de mandioca. Conseguiu-se Escola para as crianças e um postinho de saúde (Ziliotto, 1993, p. 52).

Segundo reflexões partilhadas pela Ir Zenaide Ziliotto, na entrevista já citada, esse ciclo de atuação com os sem-terra foi se fechando, foi a migração como tal que foi emergindo e foram vários os fatores que fizeram esse ciclo encerrar. A ideia de migrações internacionais foi tomando corpo e as migrações internas foram ficando de lado. A compreensão é que foi um deslocamento de compreensão da migração e das respostas prioritárias da Congregação MSCS às migrações no contexto brasileiro, além da diminuição dos membros na Congregação.

6.3 Uma espiritualidade encarnada

As falas e os textos escritos pelas Irmãs MSCS que viveram a missão junto aos migrantes sem-terra têm duas constantes que merecem destaque quanto à espiritualidade que animou, sustentou, fecundou e segue impulsionado a vida das Irmãs e da Congregação MSCS.

Primeiramente, a conversão que aquela experiência produziu nas mentes, nos corações e no jeito de ser irmã missionária scalabriniana, assim como na compreensão da missionariedade nos traços do carisma scalabriniano, da dimensão eclesial e da incidência social e cultural da sua atuação.

Eu me dei conta... de que eu realmente tinha mudado com essa experiência, foi quando eu voltei para o noviciado,

porque eu voltei diferente. Isso gerou uma crise muito grande. Crise mais de fé que de vocação. Foi aí que eu me decidi realmente o porquê eu queria ser irmã. Foi a partir daí que encontrei muita falta de compreensão pelo estilo que eu queria ser irmã, como instituição. Tu passas a ver as pessoas diferente, a tua estrutura diferente, e isso cria muitos conflitos internos... [...] Tinha essas Irmãs que estavam fazendo essas experiências, onde eu pude realmente dizer: é por aí! Eu não estava perdida, porque eu sabia aonde queria chegar, eu tinha essas irmãs no meu horizonte. Eu sabia que não estava errada e que eu podia seguir por aí. E realmente, acho que foi essa experiência do assentamento que me deu muita força e muito ânimo para seguir a vida religiosa de uma forma diferente. Inclusive, em outros trabalhos missionários que eu fiz, eu sempre me reportava àquela experiência do passado. Acho que foi ali o grande momento que eu tive o privilégio de olhar pra vida religiosa e pra fé de uma outra forma. [...] As Irmãs que viveram essas experiências impulsionavam, animavam aqueles que teriam ido, mesmo sem oportunidade de participar pessoalmente... [...] Tínhamos Irmãs na época que não faziam essas experiências de movimento com os sem-terra, mas que elas eram muito das comunidades de CEBs, o que também ajudava muito. Era um tempo da teologia da libertação... isso tudo foi criando uma curiosidade muito grande até em nós, as formandas. E a gente queria fazer parte! [...] A gente não consegue explicar isso pra quem não viveu essa experiência¹⁹.

A seguir, sem ser após, o amadurecimento humano e espiritual que aquelas vivências fizeram acontecer nos atores envolvidos, especialmente nas próprias Irmãs que MSCS partilharam a vida e a fé, o tempo e o espaço, os riscos e os sonhos, as lutas, por terra e dignidade para todos e todas, com os respectivos fracassos e conquistas.

¹⁹ Entrevista concedida pela Ir. Luciana Pitol a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 16.09.2022.

Eu aprendi muito. Espiritualmente foi a força, a garra, a fé e a perseverança daquele povo que ainda não tinha alimentação, muitas vezes não tinha roupa, dormindo debaixo de barracas... que me fortaleceu. Um tentava ajudar os outros. Trabalhávamos em equipe, com padres da diocese de Presidente Prudente. Nossa casa era lugar de passagem, a gente acolhia ali, era realmente uma família. [...] Foi um tempo de trabalho mesmo em equipe. Ardor missionário e responsabilidade como diretora do Centro Social, comecei a visitar e acompanhar os sem terra. Dar suporte, trabalhar com a secretaria de assistência social – Provincial era Ir Clair e Ir Romilda, que apoiaram. Foi uma atuação sem um planejamento prévio, foi a própria realidade que foi fazendo acontecer. Foi a Urgência, eles chegaram e a cada dia chegavam mais. [...] Foi uma experiência muito forte, espiritual, como o povo no deserto. Foi de muito envolvimento. Estou aqui em nome de Jesus, em nome da congregação, em nome da missão. A atuação foi junto com as comunidades eclesiais de base, foi junto com os jovens. Criamos comunidades eclesiais de base nos acampamentos. [...] Não éramos somente nós, eram os jovens, as famílias, as comunidades. A juventude do grupo de jovens, o pessoal da paróquia acolheu muito esse projeto, tanto que a gente tinha muito respaldo. A metodologia dos círculos bíblicos de reunir o povo para temas sociais e escuta da palavra funcionou. A gente não fazia só o espiritual nem só o social, mas através do espiritual entrava no social e através do social entrava no espiritual.

Se em contato com a realidade você não faz uma revisão da sua vida, como é que faz? Eu aprendi muito mais com eles do que eles comigo na parte da esperança, da confiança e da partilha. Isso ajudou muito no meu crescimento espiritual, de relativizar as coisas... ah! Porque não tem aquilo! Não, eu tenho o necessário. Me ajudava muito nos meus momentos de oração, os salmos eu rezava diferente, a gente reza de outra maneira, a eucaristia tem outro significado.

Daquela experiência eu carrego a esperança, carrego a alegria, carrego a fé, a paz com Deus. Aquela experiência me ajudou muito no meu caminho de fé²⁰.

²⁰ Entrevista concedida pela Ir. Maria Helena Aparecida a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 11.08.2022.

As testemunhas narram de processos de consolidação da vocação e de fortalecimento da fé, em processos contínuos de configuração a Jesus Cristo e aos valores que emanam e determinam a identidade carismática e que ajudaram a configurar as respectivas Comunidades MSCS. Um trecho do artigo da Ir Ester Chini, de 1998, mostra o largo respiro que animava a atuação das Irmãs MSCS em Mato Grosso do Sul naquele momento:

A grande perspectiva sócio-política-econômica é que a construção da comunidade não seja árida e puramente teórica, mas ardente, inspirada na prática, tornando a Palavra de Deus vida, eficaz, ‘mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes’. Queremos somar forças para que a fé se torne vigorosa nesta realidade de luta e sofrimento. Em 98, surgiram cinco assentamentos novos. Aí a comunidade vai começar se organizar para celebrar, ter uma caminhada. Nos demais, continuidade da Evangelização e lutar vivenciando a mística do êxodo e saindo das nossas casas (sacristia) à nossa estação de Milão, conforme nos impulsiona a espiritualidade Scalabriniana. Em todos eles, celebrar a vida, recriando a sua cultura, seus momentos festivos... Isto é vida, é espiritualidade scalabriniana! (Chini, 1998, p. 54).

Em alguns dos artigos escritos pelas Irmãs que atuaram com os migrantes sem-terra, elas falam explicitamente da espiritualidade que as animava. A Ir Zenaide Ziliotto, na entrevista de 2022, já citada, falou que “foi um tempo em que rezei bastante. Se rezava diferente. Era uma oração fé e vida muito forte”. Interrogada sobre o que alimentava sua espiritualidade, ela tem palavras claras: “Para mim era a Palavra de Deus que iluminava a realidade. Eu escutava essa palavra: o que Jesus quer me dizer diante dessa situação? Tenho que defender a vida! É o chamado que Deus me faz para defender a vida das pessoas. A experiência em Goiás foi o impulso da vida missionária na minha vida”.

Já a Ir. Darcila Antonioli, também na entrevista já citada, refere sobre o significado que hoje ela atribui àquela atuação como Irmã MSCS; “Isso, para mim, deu sentido à vida consagrada. Foi onde que eu senti a vida consagrada ter sentido e porque eu fiquei na congregação. [...] Se me perguntas o que podemos aprender hoje

dessa missão com os sem-terra, minha resposta é: Se me pedes – Onde queres ir – Eu quero ir lá de novo!”

A Ir. Aires Scapini também deixou seu testemunho sobre a experiência religiosa e espiritual da atuação junto aos sem-terra:

A minha vida em Bagé foi sofrida. Senti o que é ser perseguida e detestada pelas autoridades. Agradeço a Deus por ter tido esta oportunidade em que muito aprendi junto a este povo pobre e sofrido, mas que no sofrimento confia e espera em Deus. Esta foi a experiência que me abriu para a vida scalabriniana. Lutar pelos pobres, porque neles, embora com falhas e pecados, a esperança e confiança em Deus é um fato gritante. Ser pobre para nós scalabrinianas é manter viva essa esperança e confiança em Deus. Acreditar no difícil, complicado e que tudo é possível com a fortaleza do Senhor e com Ele realizar (Scapini, A., 1995, p. 451).

Na generosidade da Ir. Elda, em um de seus testemunhos sobre a atuação junto aos sem-terra e ao Movimento MST, ela entoava um canto de louvor narrando sobre a experiência de Deus que viveu, pessoalmente e como equipe MSCS itinerante, pois, segundo a Ir. Idalina, tratava-se de uma “experiência vivenciada com a equipe missionária e a comunidade alimentava a organização e a luta pela vida, pela terra” (Pellegrini, 2005, p. 318). No mesmo texto em que partilhou a experiência de Deus que vivia, a Ir. Elda também elencava as coisas boas e bonitas em tom de gratidão pelos frutos que já estavam colhendo e ressignificava os votos religiosos: “Pobreza: partilha de si, dos bens, do espaço, do tempo; Obediência: ao serviço, sempre prontas, despojamento, descer ao fundo, ouvir para poder caminhar com eles; Castidade: amar o outro como ele é, querer bem sem distinção, discriminação não existe. Deixar-se amar” (Broilo, 1995, p. 340).

Experiência de Deus que fizemos:

- Experiência de um Deus que está epidermicamente sempre presente na vida dos pobres “Ele está com nós”, na ocupação, no confronto com a Brigada Militar, nas barreiras, na queda do avião, na tempestade que

poupou o acampamento, na meningite que poupou o acampamento, no confronto da Fazenda Santa Elmira, na dignidade humana apesar da repressão.

- Experiência de um Deus servo e sofredor que apesar de toda maldade não abaixa a cabeça, rabisca palavras de ordem com o próprio sangue, faz a dor virar resistência na esperança de um novo amanhã.
- Experiência de um Deus ressuscitado, que emerge do massacre, que inflama o pavio que queima em elevar um pouco de fumaça, que revela que após o calvário, há ressurreição.
- Experiência de Deus que é companheiro, que é sabedoria para os analfabetos, para escapar dos interrogatórios da polícia, que dá força e coragem ao seu povo para proteger os companheiros e companheiras apesar de toda violência, que congela a UDR, branqueando os campos de geada para proteger o seu povo que caminha para a Terra Prometida, que dá força para resistir à tortura, à maldade, à humilhação por causa da ressurreição, que acompanha e protege o seu povo na insegurança das ocupações (coluna de nuvem).
- Experiência de um Deus que encoraja, que leva a resistir, a não desanimar.
- Experiência de um Deus encarnada no humano, tão humano que nos revela a imagem de Deus.
- A vida compartilhada entre as duas Irmãs e a oração pessoal e comunitária eram o sustento, a força e a luz para seguir este caminho duro, obscuro e provisório, indeterminado nos seus passos, apesar de ter clareza para onde deveríamos chegar” (Broilo, 1995, p. 352).

A compreensão que a espiritualidade marcada pelo carisma scalabriniano é uma espiritualidade encarnada, traço descrito pelo padre Mario Francesconi (1991) ecoa nas narrativas das Irmãs, que – parafraseando Dom Tomás Balduino – se encarnaram na igreja local, configuraram-se a Jesus Cristo e ao povo de Deus a caminho junto ao qual marcharam no campo ou na cidade, na luta e na celebração.

Na entrevista concedida pela Ir Idalina Pellegrini, já citada, ela testemunha: “Eu tinha um desejo na minha cabeça e no meu coração de ser uma missionária, mas quando eu coloquei os pés aqui nessa

realidade, quando eu coloquei os pés na realidade, a minha vida missionária passou a ter um novo sentido”. A missão e a imersão na vida da igreja e dos pobres, transforma as missionárias porque são vivências que se impõem pela profundidade do envolvimento existencial que exige e proporciona. “Somos servidoras, junto aos pobres, aos migrantes na mística do caminho, vivendo dia a dia, vivendo a utopia da construção do Reino, onde todos têm voz e vez” (Ziliotto, 2005, p. 369).

Os testemunhos dão conta de uma radicalidade, que é próprio da vida consagrada, que tem a herança da santidade de Scalabrini e dos co fundadores e que foi contagiando também a Congregação, para além das Irmãs que concretamente participaram da atuação direta. A animação vocacional recebeu e colheu frutos da vitalidade e coerência vocacional e missionária. A então noviça Luciana Pitol, na entrevista já citada, fez memória da importância do testemunho das Irmãs que atuavam com os sem-terra, em seu processo vocacional:

Eu escutava essas irmãs que, na época, eram os nossos modelos de irmãs, era aquelas irmãs a quem a gente olhava com muita curiosidade, com muita expectativa. Eu era formanda e elas já eram irmãs. Eu queria realmente ver o que tinha naquilo que elas falavam, que elas diziam, que elas queriam, elas falavam com tanta, com tanta vivacidade disso tudo, eu também queria fazer essa experiência. [...] Eu queria ver o que tinha naquilo que deixava essas irmãs tão contentes, tão entusiastas, tão animadas.

Uma espiritualidade encarnada, que além de se tornar modelo de vida a missão para as Irmãs e formandas, também representou o impulso de abertura de mentalidade e de visão de Deus e da missão que a congregação viveu no Brasil naqueles anos. E que influenciou um modo de ser igreja e de se modelar para a missão que continua ainda hoje. O testemunho da Ir. Idalina Pellegrini, na entrevista já citada, explica melhor esse legado:

A espiritualidade, como herança da congregação, carisma, é uma bagagem muito forte, que me dá condições... Os migrantes necessitam, eles nos procuram e a gente vai

construindo nesse contexto o que está na alma, no coração, nos olhos, nos ouvidos e nos pés, a gente vai vivendo a profecia, vivendo a experiência dessa concretude, dessa experiência forte com eles. [...] Eu tenho uma bagagem, do carisma, que me faz ir fazendo meu caminho... É um movimento circular, não é estático, o contexto vai mudando, o contexto político vai mudando, os migrantes trazem outras situações, eu acho que nada é estático e a gente vai fazendo a dança da profecia no meio desse contexto, a gente vai ter muita sabedoria, muita sensibilidade, muita escuta e uma comunidade... quando a comunidade está atenta a gente é mais fiel. Aqui a gente procura sempre não se achar que a gente sozinha vai fazer... a gente vai se articulando com as pessoas que tem esse sonho que as pessoas tenham mais dignidade humana. A gente vai se articulando, fazendo com os migrantes, somando com quem acredita na causa. A gente precisa ter um ouvido atento, um coração atento, a confiança no espírito de Deus que vai nos conduzindo para caminhos de mais vida e mais dignidade, especialmente para os migrantes.

6.3.1 A itinerância propulsora de vida e de fé

Enquanto caminham cumprindo sua missão e realizando sua vocação, as Irmãs MSCS carregam na mente e no coração, nas estratégias e na motivação, a comunhão com toda a congregação, seus anseios e projetos, com um carinho especial pelas vocações, sempre! E na ordem de ‘maior incidência’ dos valores que marcaram e significaram a missão, a Ir Zenaide responde com clareza: “A itinerância, expressa concretamente no ‘estar com os migrantes’, o ser migrante com os migrantes; viver a mística do caminho, a provisoriedade, assumindo o êxodo como elemento fundamental da vida, o ser peregrina. Sair de si para encontrar o outro, armar tendas no caminho e beber na fonte do Deus Trinitário que se faz caminheiro com seu povo” (Ziliotto, 2005, p. 366).

A itinerância, na vida e no jeito de ser das Irmãs MSCS é um traço característico que as configura enquanto scalabrinianas e missionárias para os migrantes, pois a mobilidade humana “foi e continua sendo uma prática construtiva em diversas esferas da vida das pessoas, por fornecer meios e mecanismos para aprender a lidar

com as alteridades e as interculturalidades. [...] ...migrar vai além de um ato, de um percurso, de um trajeto, de um deslocamento no tempo e no espaço” (Joseph, 2018, p. 9). A itinerância é também um elemento que integra a *Tradio Scalabriniana* (n. 3,b): “A consciência de sermos peregrinos nos permite juntar-nos aos migrantes[...]. O caminho implica disponibilidade para o sacrifício, liberta-nos dos nossos fechamentos, abre novos horizontes.”

Em estudo sobre o Serviço Itinerante MSCS, apresentado à Assembleia Geral de 2023, a itinerância é apresentada como traço característico da espiritualidade e da identidade da Irmã MSCS.

O carisma interpela a irmã MSCS “a viver a acolhida e a solidariedade, a assumir a itinerância apostólica sendo ‘migrante com os migrantes’ e a testemunhar a comunhão na diversidade” (NC 03). Assim sendo, a itinerância marca a identidade da irmã MSCS e afeta as modalidades de inserção da Congregação no mundo das migrações. A vivência da itinerância perpassa a vida espiritual das consagradas, açambarca suas relações cotidianas e a vida prática das comunidades onde vivem, também essas chamadas a ser comunidades itinerantes. Apresenta-se como característica indelével do apostolado que as irmãs MSCS assumem nos diversos contextos em que se inserem, não podendo ser resumida à prática rotineira da obediência nas solicitações de transferências de funções e comunidades. Ou seja, a itinerância é assumida pela Irmã MSCS como “um elemento essencial, da missionariedade scalabriniana” (NC 40). Ela integra o estilo missionário que identifica a presença das irmãs MSCS, caracterizado também pela acolhida, humildade, compaixão, comunhão na diversidade, esperança e confiança na providência de Deus, conferindo “fidelidade dinâmica ao Carisma Scalabriniano” (cf. NC 116) (Gonçalves; Marinucci, 2023).

Compreendida como traço espiritual de despojamento e disponibilidade para desinstalar-se e manterem-se espiritual, física e mentalmente prontas para partir e repartir sempre que o Senhor chamar, a itinerância foi também entendida, pelas próprias Irmãs missionárias Scalabrinianas nos itinerários junto aos sem-terra,

como contingência que determina um estilo concreto de logística, de mobilidade e de flexibilidade, que vivenciada junto ao povo retorna para a congregação como contribuição de um estilo pobre, humilde e corajoso de viver a missionariedade, com foco no outro, na dedicação incondicionada, que prima pela vida, pelo serviço em nome de Deus e que, por isso, é capaz de relativizar estruturas, formas mentais e até regras institucionais.

Nas memórias da Ir. Dinair Xavier, partilhadas em 2022, por exemplo, o destaque foi para casos de equipes itinerantes em atuação com os sem-terra, por exemplo com as mulheres sem-terra que vinham das carvoarias, no Mato Grosso. Ela morava com eles, na periferia da cidade, alguns dias por semana, num barracão onde recolhiam migrantes para trabalho socio pastoral, a 150km de Campo Grande. Equipes, por vezes uma só irmã, itinerante tendo a comunidade religiosa como referência, para atender à missão.

Também nas memórias partilhadas pela Ir Clotilde Pellegrini, na entrevista de 2022, as condições físicas, de alojamento e de precariedade se transformaram em oportunidade e legado, para uma vida marcada pela disponibilidade e adaptabilidade que a missão demanda.

Nossa presença era uma força para alimentar a fé no acampamento, ligando com a Palavra de Deus e ligando muito com a caminhada deles. A gente era uma força pra eles. Nós morávamos no acampamento mesmo, em barracas. As Irmãs que estavam em Bagé nos ajudavam. A gente se cuidava, para que a polícia federal não descobrisse que a gente estava lá dentro. As dificuldades nos desafiavam a continuar na luta com o povo oprimido. Eu como religiosa podia continuar. Aquela atuação fortaleceu mais a minha vocação.

Sobre a estreita relação entre um modo de atuar e um jeito de ser missionárias, na perspectiva de uma atuação ‘itinerante’, um texto de ... faz memórias da origem longínqua desse estilo:

A experiência marcou nossa vida e vocação. Houve reciprocidade e troca de entusiasmo na caminhada. Por isso,

não cansamos tanto. Todos os desafios foram encarados com alegria e fé. Bendito seja o Senhor pela história construída! Bendito o Deus da Vida pelas oportunidades e possibilidades oferecidas. Caminhamos, é verdade, mas resta longo caminho a percorrer. A mão de Deus Peregrino saberá conduzir os passos. No centenário da visita pastoral de Dom João Batista Scalabrini, reconhecemos ter vivido um dos seus sonhos. Desde a fundação, Scalabrini sonhou e desejou formar uma ‘equipe itinerante’, está expressa na carta escrita ao Pe. D. Vicentini em 09.09.1893, dizendo: “uma casa de missionários ambulantes seria a coisa mais útil do mundo [...], que não tivesse outro compromisso que o de ir por todos os lugares onde existem colônias italianas, este é o meu antigo desejo, um desejo que foi-me expresso também pelo Santo Padre, e de boa vontade realiza-lo-ei, assim que tiver os meios (*Uma voz atual*, p. 438).” E quem experimentou, vivenciou a virtude da mobilidade itinerante em favor dos irmãos pobres e abandonados, sabe o quanto é difícil deixar de sê-lo (Pellegrini, 2005, p. 322).

Mais tarde, em 2022, convidada a escrever sobre suas experiências itinerantes na luta pela terra com dignidade para quem nela quer trabalhar, a Ir Idalina²¹ compartilhou algumas reflexões, com o olhar de quem analisa os passos percorridos e como seguem marcando o caminhar ainda hoje.

É um espaço de muito desafio. É uma experiência totalmente diferente daquela vivida dentro da instituição, da estrutura em que tu tens tudo, toda proteção. É uma experiência muito radical; eu acho que a pessoa chega a se questionar em vários sentidos, tem um questionamento, sim, a possibilidade de viver uma inserção, olha como os discípulos viveram, os primeiros cristãos....! [...] A gente precisa ter uma espiritualidade muito forte para saber qual é o seu lugar dentro desse movimento, precisa ter uma espiritualidade muito forte pra ver sentido em estar aí como religiosa. [...] É um desafio se colocar nessa experiência, é

²¹ Ir. Idalina Pellegrini, em e-mail enviado para assessoria@csem.org.br em 26.08.2022.

um desafio muito concreto, se desafiar a si mesmo para uma fê concreta e prática daquilo que você acredita.

Este é um modo de ser na vida religiosa, não uma exceção na vida religiosa. É um modo de ser que é fora de uma estrutura, mas muito próximo da vida do povo, e às vezes experimentando as inseguranças que o povo vive.

Além de ser um processo de transformação do jeito de atuar, a atuação junto aos sem-terra, especialmente aquela que tomou forma de presença efetiva itinerante em projetos e trajetórias dos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra determinou também processos de conversão, no sentido de mudança, de mentalidade e de compreensão do sentido e da fisionomia da vida religiosa.

Os novos traços identitários de uma vida religiosa desinstalada, a caminho, despojada, humilde e comprometida aparecem em muitos relatos das testemunhas reais daquela experiência. Para a Ir. Zenaide Ziliotto, com a reflexão sobre as vivências, foi possível perceber logo que era necessário “manter a consciência da missão, ou seja, não se fechar aos resultados obtidos, mas manter a consciência de que a missão continua e não é apenas de uma missionária. A comunidade é parte integrante da missão. É lugar para o chamado de novas missionárias” (Ziliotto, 2005, p. 366). A experiência itinerante era tão importante, que devia se tornar uma estratégia de animação vocacional permanente; por isso, As Irmãs Elda Broilo e Idalina Pellegrini, com autorização da então Superiora Geral, Ir. Maria do Rosário Onzi, desenvolveram por um período um projeto itinerante, envolvendo inclusive as formandas.

Não lembro bem, 2008-2009, tínhamos um projeto itinerante de Arteterapia, gênero e saúde com mulheres do MST nas regiões de São Gabriel, Uruguaina e Bagé. Uma semana por mês, essa presença missionária junto às mulheres do MST fazia parte do programa da formação das jovens que se preparavam para a vida religiosa em nossa congregação. Ir. Elda e eu, com um Gol cheio de retalhos de lixo para transformar em luxo... !²²

²² Entrevista concedida pela Ir. Idalina Pellegrini a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 09.08.2022. Entre os documentos

Mas o que é relatado com mais força pelas Irmãs MSCS quanto à experiência itinerante vivida imersas efetivamente na vida do povo e adotando seus ritmos, seu lugar de domicílio e participante, simbolicamente, de seu lugar social e até eclesial, foi o impacto na percepção de si, de sua missão e da configuração da própria vida consagrada scalabriniana, da missionariedade e da própria função de liderança – ou não – junto ao povo para o qual é enviada. Um verdadeiro processo de conversão, narrada de diversas formas pelas Irmãs protagonistas daquela atuação. A Ir. Aires Scapini nos deixou seu testemunho, partilhando a palavra de Lucas 4,18-21, sobre o programa da atividade de Jesus onde seus destinatários são os pobres porque são abertos à fraternidade e à partilha: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa Notícia aos pobres...”.

Isto sentíamos tão real e concreto, porque vivia-se como pobres, às vezes, semanas inteiras, comendo somente arroz, pois nós morávamos com as famílias, embora nós fizéssemos comida, não podíamos ter mais do que eles. Conforme o evangelho era preciso viver a partilha e a fraternidade... No tempo em que eu permaneci sozinha, o meu alimento era leite em pó que recebíamos com a merenda escolar. Depois de 4 meses passei a morar com as Irmãs da Comunidade Betânia e fazia o trabalho de coordenação escolar”²³ (Scapini, A., 1995, p. 448).

coletados no estudo que deu origem a este volume, está um Projeto Itinerante, sem data nem assinatura, enviado pela Ir Elda Broilo, que fundamentava sua justificativa no “Documento do XII Capítulo Geral: No modo de atuar e atenta aos apelos deste, acolhedora e solidária com os migrantes, promotora de diálogo, portadora de esperança, geradora de comunhão na diversidade e disponível à itinerância física e mental”. O texto trazia como título Projeto de vida e missão itinerante, e se propunha como objetivo geral: “Renovar e fortalecer a identidade da irmã mscs com fidelidade ao carisma no contexto migratório rural e urbano assumindo com criatividade de mulheres consagradas, missionárias scalabrinianas, a acolhida, a comunhão na diversidade, a itinerância apostólica e a profecia”.

²³ “Em 2010, com a aprovação do Decreto no 7.352/2010, regulamentaram-se os objetivos, os beneficiários e as formas de celebração de contratos e convênios, inclusive com instituições educacionais sem fins lucrativos, para assegurar à população do campo o direito à educação” (Minozzo, 2021, p. 80).

Já a Ir. Cristina Zanchet, em texto escrito em 2001, registrou o sentido de outro tipo de projeto itinerante que foram os acampamentos missionários, que, de acordo com a ir Elda Broilo, foram “acampamentos criados e organizados por nós Scalabrinianas: Ir. Evanete, Idalina, eu quem iniciamos. Eram realizados uma vez ao ano, com os migrantes “por atração” em Fortaleza. Os missionários eram convidados para responder a um chamado, para quem quisesse missionar por 3 dias, com formação no acampamento, visitas às casas, convite para participação às diferentes oficinas oferecidas, e no último dia mostrar as construções das oficinas em forma de show e depois a missa bem festiva”²⁴.

O acampamento missionário é uma imagem bíblica que lembra a presença de Deus no meio de seu povo. ‘Ele armou sua tenda no meio de nós’ (Jo 1). A tenda, no AT continha a Arca da Aliança, expressão de amor de Javé com seu povo. Era a aliança entre Deus e o povo escolhido que se comprometeu em aceitar e seguir os mandamentos de Javé. No acampamento, o convívio entre irmãos, o clima de festa revive e traz presente o amor do Pai que se faz sentir entre os migrantes, os pobres, os portadores da esperança e construtores do Reino. Migrante vive a mística do caminho. Sua razão de ser é aquele que caminha, que vai em busca de novas possibilidades, de uma vida melhor – o migrante. Aquele que vem de fora, do interior, de outro lugar, a procura de dignidade, e de cidadania. Deixa para trás dificuldades, sofrimento, opressão e parte movido pela esperança. O Acampamento Missionário é também a Igreja peregrina que vai ao encontro desse migrante. Acampar é deixar as quatro paredes do comodismo e ir até onde está o povo dos pobres, dos migrantes, colocar-se junto e celebrar a vida. A tenda é armada em local aberto, onde há sombra de árvores, torna-se o centro das atenções. O espaço de oração, de encontro com a Palavra de Deus. Reza-se pelas necessidades de todos, e de cada um, canta-se o louvor irmanados pelo olhar de Deus (Zanchet, 2001, p. 43).

²⁴ E-mail da Ir. Elda Broilo, para Carmem Lussi, em 15.02.2024.

A Ir Elda, que para muitas Irmãs é a principal referência da atuação e do compromisso das Irmãs MSCS junto aos sem-terra, além de partilhar sobre a grandeza do envolvimento e dos resultados daquela missão, sinalizou em sua partilha sobre dificuldades enfrentadas, relacionadas especialmente com a presença itinerante imersa em ocupações ou acampamentos de trabalhadores e trabalhadoras sem-terra. Na entrevista já citada, ela lembra que “ter Irmãs junto aos sem-terra, para muitas Irmãs era um escândalo. Para algumas irmãs era forte isso. Até para minha família foi difícil entender que eu estava com estes que eram tão mal falados (pela televisão)”. Ela reconhece que sim, houve momentos difíceis; que pensou sim em desistir daquela caminhada, mas foi Carlos Mesters, em uma fala, que a reconduziu ao seu lugar: “Elda, não feche a porta porque depois outros não podem passar. Isso passa. Se você fecha a porta, depois outras não podem passar”. A relação intrínseca do Carisma Scalabriniano com essa situação dos sem-terra “era uma coisa que vinha de dentro e que era confirmada naquilo que a gente sentia, vivia, buscava, rezava... sentia que era por aí! Isso realizava o meu ser consagrada”²⁵.

Para a congregação aquele momento histórico [da presença itinerante junto aos sem-terra] foi um momento de uma riqueza muito grande, porque era um novo olhar para a igreja, a partir do concílio. O Concílio nos trouxe e nos levou com o pé no chão. Ver como é que nós, como religiosas carlistas, somos e podemos ser para os migrantes... ainda não se falava, mas sentíamos que éramos atraídas para essa realidade. Foi um momento muito forte, muito grande. Era um momento muito diferente que quebrou até paradigmas

²⁵ Entrevista concedida pela Ir. Elda Broilo a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada via Plataforma Zoom, em 09.08.2022. Em email de 15.02.2024, a Ir Elda reconhece que “sim, houve momentos difíceis; que pensou sim em desistir daquela caminhada, mas foi Carlos Mesters, em uma fala, que a reconduziu ao seu lugar: “Elda, não feche a porta porque depois outros não podem passar. Isso passa. Se você fecha a porta, depois outras não podem passar”. Este texto aconteceu na experiência em Goiânia, ao iniciar minha missão por lá, na luta pela terra urbana, em confronto com o estudo bíblico que fazia com Carlos Mesters, por causa da formação que eu carregava desde a Instituição. Quando fui aos Sem-Terra eu já havia superado esta crise”.

em nós!. ...Como rezar aquela oração toda prontinha com aquela oração da vida, como fazer? É uma situação que implica todas as nossas dimensões!²⁶.

Considerações finais

O compromisso da fé pela vida com dignidade para todos e todas, sem nenhum tipo de exclusão ou parcialidade é intrínseco ao batismo e, portanto, à missionariedade scalabriniana e à vivência eclesial em sentido amplo. Porém, declinar essa dimensão intrínseca da vida cristã em termos de corresponsabilidade pela proteção da vida, defesa dos direitos humanos e promoção de uma nova sociedade, onde reine o amor e a justiça, nunca foi tarefa fácil; sempre foi desafiadora, complexa e sim, possível. Atuar junto aos sem-terra representa compromisso missionário, para com os sujeitos diretamente envolvidos, mas também aporte efetivo na construção de um mundo melhor, participativo e progressivo, um “um processo de aprender a desconstruir uma mentalidade pacóvia, posta no *status quo*, de que há pessoas melhores do que outras, seja por qualquer critério pascácio escolhido, etnia, dinheiro, país, convicção política, etc. Nada do que é humano nos pode ser indiferente” (Bresolin, Starck, 2022, p. 61).

A atuação missionária das Irmãs MSCS junto aos migrantes sem-terra, com ou sem a colaboração direta ou indireta com os movimentos sociais, em geral, e com o MST – Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra, mostrou e ainda mostra que é missão MSCS possível, necessária e exitosa. Efetivamente, direitos humanos e vida com dignidade não são dados, na sociedade atual, portanto

entende-se que se devem estabelecer e consolidar espaços de lutas pela dignidade humana, pois os direitos humanos são construídos nas mobilizações por meio da organização dos atores sociais, a partir da lógica do rompimento com a naturalização da desigualdade. Assim, compreender os direitos humanos, a partir da teoria crítica e da percepção teológica de justiça e paz, consiste em inserir a sociedade civil, os múltiplos atores sociais, no protagonismo

²⁶ *Idem.*

desta construção, tendo em vista efetivação da utopia da fraternidade universal, que, em linguagem teológica, entende-se como o processo de construção e instauração do Reino de Deus numa Terra Sem Males (Nobre, Klasura, 2022, p. 91).

Toda a dedicação, inclusive os riscos assumidos pelas Irmãs na luta pela terra, foi um compromisso assumido pessoalmente por cada um, pelas suas comunidades, na maioria dos casos, e pela própria instituição, nas 4 Províncias com sede no Brasil, como era configurada a presença da Congregação no período. Foi um movimento que, mais tarde, o Papa Francisco ensinou a chamar de ‘igreja em saída’, apoiando e fortalecendo o protagonismo das pessoas junto às quais as Irmãs MSCS souberam fazer-se próximas, reconhecendo que “a luta pela construção dos direitos humanos efetiva-se a partir de práticas sociais e de ações humanas que empoderem os sujeitos, buscando sua autonomia enquanto sujeitos sociais” (Nobre, Klasura, 2022, p. 91).

Como fundamento dessa compreensão está a dignidade humana, que para a filosofia “não faz referência só ao sentimento pelo próximo, nem de honestidade com os outros, mas do valor que esse ato possui em relação às pessoas envolvidas nele. Com efeito, a dignidade humana está relacionada com a capacidade do ser humano de não ser um meio para alguma coisa, mas sempre um fim em si mesmo (Peretti, Guebert, 2022, p. 133). Já para as Irmãs MSCS, para além disso, comprometer a vida servindo pessoas que atravessam situações de vulnerabilidade tem sobretudo raízes bíblicas, teológicas e espirituais e, intrinsecamente, configura seu jeito de ser e viver a vocação e a missão.

A inserção das Irmãs MSCS em processos, tarefas, projetos, atos e movimentos junto a outros atores na causa pela terra para quem nela trabalha, acompanhou e cresceu com um esforço e compromisso eclesial, que abraçou e se fortaleceu conjuntamente com outras forças – lideranças e organizações, especialmente as pastorais e os movimentos sociais.

Um destaque nessa específica missão junto aos sem-terra, foram a Pastoral do Migrante, a Pastoral da Terra e o MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Segundo C. Kuzma, aquele dinamismo

favoreceu o desenvolvimento da “Ecoteologia, entendendo que o grito da Terra também é o grito dos pobres (BOFF, 2015), o que traz o despertar de uma nova consciência planetária” (Kuzma, 2022, p. 158), que foi crescendo no sentido da cultura do encontro, inclusiva do cuidado pela casa comum, que a *Laudato sii* nos convoca a amar. Nas palavras da Ir. Joana Gasparin, entende-se que a experiência de uma Irmã MSCS exorta e mobiliza todas as demais: “Pelo testemunho de João Batista Scalabrini, São Carlos, Pe. José Marchetti, Madre Assunta e as primeiras irmãs, que saibamos ler os sinais dos tempos, e com coragem e profetismo assumamos nossa missão de verdadeiras Scalabrinianas, a partir da realidade onde estamos inseridas (Mc, 16, 15)” (2006, p. 262).

A partilha da Ir Elena, na entrevista concedida em ocasião d estudo que originou esse volume, em 2022²⁷, fecha o texto e (re)abre à missionariedade scalabriniana:

Cariacica, ES foi um assentamento onde não existia nada e que nós, praticamente, junto com o povo, fomos construindo as comunidades, fomos construindo as benfeitorias para o povo.... Foi uma missão muito linda lá, mas antes de lá eu tive por 4 anos em Teodoro Sampaio.

Pra mim [atuar com os sem-terra] foi uma realização. Ali você vê a miséria em que o povo vive, eles não têm onde gritar, para quem gritar, o que fazer, e eles continuam insistindo e perseverando naquela insistência em ter melhores condições de vida, para mim foi uma experiência muito linda de ver aquele povo persistindo e correndo atrás. /[...] Um sofrimento gradíssimo deles e para mim foi uma dor imensa também, porque você acaba assumindo e vivendo junto com eles aquela dor, então a gente acaba não medindo sacrifícios para ir, fazer... A medida do possível, e nos finais de semana a gente ia lá, para ficar com aquele povo.

Eu desenvolvia aquilo que eu era enviada para fazer, mas a atuação com o povo sem-terra a gente fazia nos finais de semana...éramos consideradas Irmãs de inserção, apesar

²⁷ Entrevista via Plataforma Zoom, concedida a Carmem Lussi e Sergio Coutinho, gravada em 23.08.2022.

de trabalhar na obra social, por toda aquela situação de sofrimento, porque envolvia os pais das crianças que estavam na creche do Centro Social.

Os fazendeiros queriam minha cabeça e a cabeça do padre... porque a gente ia muito lá, e fazia o trabalho de conscientização, a gente era uma ameaça para eles. Eu não sentia medo, mas a gente se cuidava um pouco. Nunca deixei de ir lá por causa de medo.

Na luta, fundamos comunidades, organizamos... fomos aos poucos organizando outras comunidades. É claro que junto com a participação da comunidade, entravam as reuniões para reivindicações, conscientização, fazíamos grupos de reflexão, muitas reuniões com a imprensa... Foi uma missão lindíssima.

Estes eram Migrantes sem-terra urbanos: fizemos uma pesquisa no Bairro, em que a gente fez todo o apanhado, passamos de casa em casa com um questionário, fazendo uma pesquisa de migração. Eram pessoas que estavam chegando, muita gente do Maranhão, de Minas, eu nem me lembro bem, além daqueles de Rosa da Penha, que foram para lá.

Eu ficava impressionada de ver, como nestas reivindicações que fazíamos, era Jesus que andava no meio do povo... aquilo me dava uma sensação de uma paz tão grande, de uma fé tão grande, de uma força! Eu nunca falei 'tô cansada'... eu sempre me senti muito feliz, eu nunca me senti fora da congregação, eu acho que nunca teria vindo nesses lugares. Graças à congregação eu tive tanta riqueza na minha vida.

Eu acho que isso também fortaleceu a província, a congregação; fortaleceu muito, porque na verdade foi uma riqueza que aconteceu com os membros da província, membros da congregação, é uma riqueza imensa. Eu vi assim, por exemplo, o pessoal tinha alguma coisa, o povo ia lá: Irmã, tem tal coisa, vocês vão? Sim! Então vamos!

A confiança que o povo tinha nas Irmãs, isso é uma riqueza para a congregação, eu acho que é uma riqueza enorme. Não sou eu, mas eu fui mandada pela congregação. Não para fazer aquilo, mas eu fui lá para aquela missão e é eu que tenho que descobrir na missão o que precisa ser feito.

Referências bibliográficas

- AZCUY, Virginia Raquel. El lugar teológico de las mujeres. *Proyeto*, v. 39, p. 11-34, 2001.
- BROILO, Elda. Movimento dos migrantes sem terra em acampamentos – Palmeira das Missões, RS – Brasil. In: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO – SCALABRINIANAS (Org.). *O rosto feminino do Carisma Scalabriniano. Primeiro seminário congregacional de Pastoral migratória*. Brasília: CSEM, 1995, pp. 335-354.
- BRESOLIN, Keberson; STARCK, Gilberto. Para uma sensibilização dos direitos humanos no brasil: desafios e possibilidades(?). In: GELAIN, Itamar Luís; PEREIRA, André Phillipe (Orgs.). *Direitos humanos. Filosofia, teologia e direito*. Pelotas: Dissertatio Filosofia, 2022, p. 46-54.
- CAMPANA, Oscar. Jesus, os pobres e a teologia. In: VIGIL, José Maria (Org.). *Descer da cruz dos pobres. Cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 58-69.
- CHINI, Ester. Ação pastoral desenvolvida nos assentamentos rurais da Diocese de Campo Grande, MS. In: *Scalabriniane nel mondo*, v. 6, n. 11, p. 51-54, 1998.
- CODINA, Victor. Os pobres, a igreja e a teologia. In: VIGIL, José Maria (Org.). *Descer da cruz dos pobres. Cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 70-79.
- CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO, SCALABRINIANAS (Org.). *Província Cristo Rei. Uma abordagem sócio-pastoral*. Porto Alegre: Renascença, 1993.
- CPT. *Conflitos no Campo Brasil 2020*. Goiânia: CPT, 2021.
- ESPITIA VIASÚS, Javier. La sistematización de experiencias, un campo de acción del ‘nuevo comunicador’, gestor de procesos de desarrollo y cambio social. In: CADAVID BRINGE, Amparo; GUMUCIO DAGRON, Alfonso (Ed.). *Pensar desde la experiencia. Comunicación participativa en el cambio social*. Bogotá: Uniminuto, 2014, p. 167-196.
- FONTELES, Babi. *Entrevista a Zilma Pereira dos Santos*. 1998.
- FRANCESCONI, Mario. *João Batista Scalabrini. Espiritualidade da encarnação*. São Paulo: Congregações Scalabrinianas, 1991.
- GASPARIN, Joanna Caetana. Formação de catequistas que atuam no contexto migratório. In: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO SCALABRINIANAS (Org.). *Expressão de um carisma a serviço dos migrantes*. III Seminário Congregacional de Pastoral das Migrações. Caxias do Sul – RS – Brasil, 25 a 30 de novembro de 2005. Brasília: CSEM, 2006, pp. 255-262.

GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; MARINUCCI, Roberto. Serviço Itinerante MSCS: notas para reflexão. Texto relativo à apresentação realizada na Assembleia Geral MSCS, em Caixas do Sul, RS, Jan/2023.

JOSEPH, Handerson. Prólogo. In: GAVIRIA MEJÍA, Margarita Rosa (Org.). Migrações e direitos humanos. Problemática socioambiental. Lajeado: Univates, 2018, p. 9-12.

KUZMA, Cesar. Teologia e direitos humanos: aproximações, entendimentos e desafios. In: Itamar Luís Gelain; André Phillipe Pereira (Orgs.). *Direitos humanos filosofia, teologia e direito*. Pelotas: UFPel, 2022, pp. 152-165.

MINOZZO, Ivoneide T.; MENEGAT, Alzira S. O curso de Ciências Sociais/ PRONERA da UFGD e seus resultados na vida de mulheres assentadas. In: MENEGAT, Alzira Salete; CASTILHO CRESPE Aline; MUCEDULA AGUIAR, Marcio (Orgs.). *Práticas de ensino em ciências sociais: entre experiências, desafios e possibilidades*. São Carlos: Pedro & João editores, 2021, p. 69-102.

NOBRE, José Aguiar; KLASURA, Marcos Antonio. Direitos humanos e teologia: reflexões contemporâneas. In: GELAIN, Itamar Luís; PEREIRA, André Phillipe (Orgs.). *Direitos humanos filosofia, teologia e direito*. Pelotas: UFPel, 2022, pp. 87-108.

PELLEGRINI, Idalina. Cuidar da vida do migrante. In: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO SCALABRINIANAS (Org.). *A presença das Irmãs Missionárias Scalabrinianas na saúde*. I Seminário Congregacional de Saúde Scalabrinianas. Caxias do Sul – RS, 29 de outubro a 1º de novembro de 2004. Brasília: CSEM, 2005, pp. 315-322.

PERETTI, Clélia; GUEBERT, Mirian Célia Castellain. Liberdade religiosa e direitos humanos. In: Itamar Luís Gelain; André Phillipe Pereira (Orgs.). *Direitos humanos filosofia, teologia e direito*. Pelotas: UFPel, 2022, pp. 130-151,

PROVÍNCIA MARIA, MÃE DOS MIGRANTES – IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO SCALABRINIANAS (Org.). *Profecia itinerância caminho. 15 anos de serviço aos migrantes*. Brasília: CSEM, 2006.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Entrar na Igreja por outra Porta: Reflexões Eclesiológicas para os Dias de Hoje. *Revista de Cultura Teológica*, v. 15, n. 61, p. 103-127, 2007.

SCAPINI, Aires. Presença junto aos colonos do movimento sem terra – Bagé, RS – Brasil. In: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO – SCALABRINIANAS (Org.). *O rosto feminino*

do Carisma Scalabriniano. Primeiro seminário congregacional de Pastoral migratória. Brasília: CSEM, 1995, pp. 447-451.

SCAPINI, Claudina. Posseiros urbanos: sofrimento... luta... conquista... Goiânia, Goiás, Brasil. In: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO – SCALABRINIANAS (Org.). *O rosto feminino do Carisma Scalabriniano. Primeiro seminário congregacional de Pastoral migratória.* Brasília: CSEM, 1995, pp. 519-530.

SIGNOR, Lice Maria. *Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas 1971-2001.* Vol. III. Brasília: CSEM, 2015.

SIGNOR, Lice Maria. *Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas 1934-1971.* Vol. II. Brasília: CSEM, 2007.

SLOMP, Ivo Albino; BARBIERI, Lia (Orgs.). *Percorrendo caminhos. Província Imaculada Conceição.* Caxias do Sul: Lorigraf, 1997.

VÍGOLO, Elena et al. Experiência pastoral com os menores migrantes em Nova Rosa da Penha, Cariacica, ES. *Scalabriniane nel mondo*, v. 5, n. 9, p. 25-30, 1997.

VÍGOLO, Elena. Pastoral migratória, Itanhanga 2 Cariacica, ES, Brasil. In: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO – SCALABRINIANAS (Org.). *O rosto feminino do Carisma Scalabriniano. Primeiro seminário congregacional de Pastoral migratória.* Brasília: CSEM, 1995, pp. 245-255.

ZANCHET, Cristina. Acampamento missionário. *Scalabriniane nel mondo*, v. 9, n. 17, pp. 41-45, 2001.

ZILLOTTO, Zenaide. Eclesialidade, missionariedade e scalabriniedade. In: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO SCALABRINIANAS (Org.). *Expressão de um carisma a serviço dos migrantes.* III Seminário Congregacional de Pastoral das Migrações. Caxias do Sul – RS – Brasil, 25 a 30 de novembro de 2005. Brasília: CSEM, 2006, pp. 364-369.

ZILLOTTO, Zenaide. Projeto Comunidade São Carlos. *Entre dois mundos*, v. 2, n. 3, pp. 49-55, 1993.

ZILLOTTO, Zenaide. *Uma experiência de luta e vitória.* Livreto inédito de poemas. 1984.



CSEM

**Centro Scalabriniano
de Estudos Migratórios**

 @csembrasil

 @csembrasil

 CSEM


humilitas

SCALABRINIANAS

**Humilitas
Scalabrinianas**

 @missionariescalabriniane

 Suore Missionarie Scalabriniane

 @scalabriniane

ISBN 978-65-85775-07-6



9 786585 1775076